

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

RENATO PACHECO FILHO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - 50 anos de criação do Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro

Entrevistado – Renato Pacheco Filho (RP)

Entrevistadores – André de Faria Pereira Neto (AP) e Sérgio Luiz Alves da Rocha (SR)

Data – 25/11/1994 a 16/01/1995

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 11h02min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

PACHECO FILHO, Renato. *Renato Pacheco Filho. Entrevista de história oral concedida ao projeto 1995: 50 anos de criação do Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro, 1994-1995*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 296p.

Resenha biográfica

Nasceu em 1910, no Rio de Janeiro. Seu pai, Renato Pacheco, foi um importante líder médico, tendo atuado no Sindicato Médico Brasileiro nas décadas de 1930 e 1940. Ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1926, tendo concluído seu curso em 1931.

Em sua passagem pela faculdade, foi estagiário na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, no Serviço de Cirurgia do professor Augusto Paulino, em 1927 e interno voluntário da cadeira de propedêutica médica no Hospital São Francisco de Paula, no Serviço do professor Rocha Vaz, em 1929. Apesar de ter tido experiência na área da saúde pública, ainda como estudante, participando da campanha antivariólica de 1929 a 1930 como auxiliar acadêmico do Departamento de Saúde Pública, não abandonou a sua opção pela formação de cirurgião. Desta forma, tornou-se interno efetivo da cadeira de clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sob o comando do professor A. Figueiredo Baena, de 1930 a 1931.

Depois de formado, entre os anos de 1931 e 1934, continuou trabalhando como assistente do professor Figueiredo Baena, tanto no Hospital São Francisco de Assis quanto na Santa Casa da Misericórdia. Entretanto, a maior parte da vida profissional de Renato Pacheco foi desenvolvida no Serviço de Assistência Pública do Distrito Federal, onde foi nomeado cirurgião auxiliar em 1933. Como médico da Assistência Pública do Distrito Federal, trabalhou de 1933 a 1936, em 1938 e de 1940 a 1952, no Hospital Souza Aguiar, onde se aposentou como chefe de cirurgia.

Em 1936, foi cirurgião do Hospital Rocha Faria, localizado em Campo Grande. Trabalhou também como cirurgião do Hospital Paulino Werneck de 1936 a 1937. Durante os anos de 1937 e 1938, atuou como chefe de clínica do Serviço de Cirurgia do Hospital Carlos Chagas, em Marechal Hermes. Em 1938, atuou como cirurgião do Hospital Getúlio Vargas, hospital que viu ser inaugurado. Trabalhou ainda como cirurgião do Dispensário do Méier de 1939 a 1940. Foi também responsável, como redator, pela publicação da Revista Médica Municipal de 1940 a 1943.

Foi presidente do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, no biênio 1955-1957. Durante sua atuação no Colégio Brasileiro de Cirurgiões esta entidade experimentou um considerável crescimento. Por sua iniciativa, o Colégio deixou de ser uma entidade fechada, democratizando-se. Ao invés de ter apenas sua sede no Rio de Janeiro foram estabelecidos também várias representações em todo o território nacional.

Participou da Associação Médica Brasileira (AMB), tendo feito parte de seu Conselho Deliberativo no período de 1957 a 1959. Teve também destacada atuação como membro da Associação Médica do Distrito Federal, tendo ocupado, entre outros cargos, o de presidente. Sua gestão à frente da Associação Médica do Distrito Federal (AMDF), entre 1957 e 1959, coincidiu com o momento de aprovação do novo Código de Ética Médica e com a redefinição administrativa dos Conselhos de Medicina, que se transformaram em autarquias com autonomia administrativa e financeira (Decreto-Lei n° 3.268/57).

Sumário

Fita 1 - Lado A

O trabalho de seu pai como médico de família; a morte de sua mãe; as brigas entre seu pai e a família de sua mãe; sua infância; suas experiências na escola Sarmiento; as influências na sua opção pela medicina.

Fita 1 - Lado B

Suas impressões sobre o Rio de Janeiro durante o período de sua infância no Jardim Botânico e Leblon; a atuação de seu pai como médico de família durante a gripe de 1918; referência ao seu pai como um homem preparado tecnicamente, ético e trabalhador; os problemas enfrentados por Renato Pacheco Filho para ingressar na faculdade de medicina; os primeiros anos na faculdade de medicina; o perfil socioeconômico dos estudantes de medicina em fins da década de 1920 e início de 1930; o sistema de aulas; as modificações introduzidas pela Reforma Rocha Vaz; as diferenças entre a Academia Nacional de Medicina e a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; sua experiência no quarto ano da faculdade como acadêmico vacinador da Saúde Pública; o trabalho no quinto ano como interno "de clínica cirúrgica na faculdade de medicina".

Fita 2 - Lado A

Sua experiência como vacinador da Saúde Pública; a situação da assistência médica no Rio até 1907; os concursos públicos realizados por seu pai; a vida do estudante de medicina; a origem profissional dos pais de seus colegas de faculdade; como eram as aulas na faculdade; o cotidiano de um estudante de medicina (locais de estudo); o grau de dificuldade do curso; sua participação como secretário do Clube Atlético e como diretor da Federação Acadêmica; Santiago Dantas e a solidariedade a Washington Luís; suas relações com pessoas de 'esquerda' e de 'direita'; a Revolução de 1930 e o Movimento Integralista; o debate ideológico no meio estudantil; as atividades por ele desenvolvidas durante o estágio no serviço de Paulino Werneck; o segundo e o terceiro anos de faculdade; o seu primeiro vencimento como acadêmico vacinador da Saúde Pública.

Fita 2 - Lado B

O internato de propedêutica no quarto ano com Rocha Vaz; as diferenças entre os hospitais São Francisco de Paula, São Francisco de Assis e a Santa Casa; suas experiências como 'peru' (aluno que, por decisão pessoal, desenvolve trabalho com o professor sem ter vínculo institucional ou remuneração) na Santa Casa com Augusto Paulino; sua primeira experiência na sala cirúrgica como estudante; a personalidade do professor Rocha Vaz (1929); as modificações introduzidas no ensino após a reforma Rocha Vaz; a dinâmica das aulas; o número de internos por professor e o valor que recebiam; os internos e os internos voluntários.

Fita 3 - Lado A

Sua experiência como interno de clínica cirúrgica (1930/1934) com o Professor Figueiredo Baena; a personalidade deste professor e como ele atingiu a cátedra; sua experiência como 'peru' de Aldair C. Figueiredo; o trabalho com o Professor Figueiredo Baena: a remuneração e as atividades desempenhadas; como conciliava as atividades na profilaxia, na faculdade e no internato; a organização do ensino nas várias clínicas; o perfil profissional dos médicos que participavam da Academia Nacional de Medicina e do Sindicato dos Médicos; as diferenças entre estas duas instituições; a atuação de seu pai no SMB e na Confederação Brasileira de Desportos; o surgimento do Colégio Brasileiro de Cirurgiões; as instituições médicas dos anos 1920: a Academia Nacional de Medicina, a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, o Sindicato Médico Brasileiro e o Colégio Brasileiro de Cirurgiões; as faculdades de medicina existentes quando de sua formatura; sua explicação para a existência de várias entidades representativas dos médicos; como ocorreu sua filiação ao SMB; algumas considerações sobre a representatividade do SMB; a visão do SMB sobre o processo de assalariamento.

Fita 3 - Lado B

As obrigações do médico assistente; seu desinteresse pela carreira do magistério; como conciliava o trabalho na faculdade e na Santa Casa (1931-1934); o trabalho com Figueiredo Baena em sua clínica privada; o funcionamento do serviço social da Santa Casa; sua opção pela cirurgia; os pré-requisitos, na época, para o trabalho do cirurgião (técnica versus habilidade); a delimitação da competência entre clínicos e cirurgiões; o conflito entre os cirurgiões e os leigos; o SMB e o combate às práticas médicas condenadas; sua nomeação (1933) para o cargo de cirurgião auxiliar da Prefeitura do Distrito Federal (Hospital do Pronto Socorro); a Reforma Pedro Ernesto e a carreira médica da Assistência; a situação dos hospitais antes da reforma; as diferenças entre os cargos de cirurgião auxiliar, adjunto, assistente e chefe de serviço; como os médicos conciliavam suas atividades na Assistência com sua clínica privada; como conseguiu montar o seu consultório particular e a constituição de sua clientela.

Fita 4 - Lado A

O consultório no Hospital São Francisco de Assis; seu tempo de trabalho no consultório; o trabalho com seu pai; a formação de sua clientela; o relacionamento com seus clientes; as características de sua clientela; seu período livre; a diferença entre o trabalho no hospital e na clínica privada; sua atuação no Souza Aguiar (1933); as origens do Souza Aguiar; a organização de seu espaço físico; sua importância para o atendimento de urgência na época; a organização dos seus serviços médicos (equipes ou serviços); a organização do trabalho dos acadêmicos neste hospital; a remuneração paga pelo paciente; o salário; a carga horária do hospital; a relação entre os médicos auxiliares e os assistentes; a sua ascensão dentro da Assistência; a perseguição da "cúpula" da Assistência a Dr Aldair Figueiredo; a volta dos 'carcomidos' depois da prisão de Pedro Ernesto; a comissão do Departamento Geral da Assistência; a prisão de Aldair Figueiredo.

Fita 4 - Lado B

A prisão de Aldair Figueiredo e a perseguição da 'cúpula' da Assistência; a participação na Comissão Organizadora do Formulário da Secretária Geral da Assistência (1938); a amizade com Pedro Nava; a obtenção do prêmio "Doutorandos de 1900" promovido pela ANM; a competição no meio médico da época; a atuação de Aldair Figueiredo na Revolução Constitucionalista de 1932; suas críticas ao então secretário da Assistência Pública, Irineu Malagueta, e a Monteiro Autran, seu chefe de gabinete; os motivos que levaram Getúlio Vargas a perseguir Pedro Ernesto.

Fita 5 - Lado A

A popularidade de Pedro Ernesto depois da Reforma; a eleição de Pedro Ernesto para a Prefeitura do Distrito Federal em 1934; a origem do dinheiro utilizado nas obras da Reforma Pedro Ernesto; as críticas feitas a Pedro Ernesto; o contato de Pedro Ernesto com Luiz Carlos Prestes; a Intentona Comunista (1935) e a participação de alguns auxiliares de Pedro Ernesto; Carlos Lacerda e a queda de Getúlio Vargas em 1955; a prisão de Pedro Ernesto; sua saída da prisão; o Dispensário Rocha Faria em Campo Grande: sua organização física e a composição das equipes; sua ida para Campo Grande e o acesso até lá naquela época; a clientela atendida; o tempo de serviço; sua transferência para o Paulino Werneck na Ilha do Governador; a inauguração dos hospitais construídos por Pedro Ernesto; a localização do Hospital Rocha Faria; o Hospital Paulino Werneck: a organização interna técnica do espaço; as especialidades existentes; o acesso até lá; o número de leitos; o serviço; sua convivência com Pedro Nava; porque Pedro Ernesto fez os hospitais em locais onde não havia pacientes.

Fita 5 - Lado B

Sua convivência com Pedro Nava; a experiência no Hospital Carlos Chagas como chefe de clínica; os motivos de sua saída.

Fita 6 - Lado A

O Hospital Souza Aguiar (1933): as ocorrências, as especialidades e a organização dos serviços (equipes); as modificações introduzidas pela Reforma Pedro Ernesto; o critério de nomeação dos chefes de serviço; as ampliações no Hospital Souza Aguiar depois da Reforma Pedro Ernesto; as atribuições dos chefes de serviço, o relacionamento entre clínicos e cirurgiões no Souza Aguiar; a clientela atendida; a remuneração paga pelo paciente; a Assistência Médica antes da Reforma Pedro Ernesto; a reação popular ao funcionamento do Pronto Socorro quando de sua inauguração; a faixa etária de seus colegas de trabalho; o Souza Aguiar como uma grande escola; como compatibilizava o seu horário no Souza Aguiar com o de seu consultório; a clientela de seu consultório; as diferenças entre a clínica privada ontem e hoje; as razões de sua saída do Souza Aguiar; as referências a Aldair Figueiredo; sua opinião sobre a Revolução de 1930.

Fita 6 - Lado B

Seu relacionamento com Pedro Ernesto; o serviço no Hospital Rocha Faria: o espaço físico, o número de equipes, sua constituição e clientela; sua ascensão de cirurgião assistente a chefe de serviço no Carlos Chagas; o serviço no Paulino Werneck; a

comparação entre as clientela do Souza Aguiar, do Paulino Werneck e do Rocha Faria; o motivo de sua saída do Paulino Werneck; como se tornou chefe de clínica do Carlos Chagas; quando começaram a ser construídos os hospitais Paulino Werneck, Carlos Chagas e Getúlio Vargas; a administração posterior à de Pedro Ernesto; o posto de afogados do Lido: os motivos para a sua fundação; a visão do SMB sobre a Reforma Pedro Ernesto; a atuação de Pedro Ernesto como interventor do Distrito Federal.

Fita 7 - Lado A

O posicionamento do Sindicato diante das reformas promovidas por Pedro Ernesto; a Faculdade de Ciências Médicas fundada por Rolando Monteiro; o relacionamento entre as faculdades e o SMB; o impacto das idéias de Pedro Ernesto sobre a assistência pública e sobre o mercado de trabalho médico; a posição do Sindicato com relação à criação do Conselho de Medicina; a proposta de fundação da Ordem dos Médicos; a reação da opinião pública à Reforma Pedro Ernesto; a saída de Pedro Ernesto da prisão; os motivos da popularidade de Pedro Ernesto; a posição de Pedro Ernesto em relação ao integralismo e ao comunismo; o trabalho na Ilha do Governador; os médicos da Assistência e seus consultórios particulares; o desvio de clientes para o consultório particular ontem e hoje; o status alcançado pelo trabalho na Assistência; sua nomeação para chefe de clínica do Hospital Carlos Chagas; o espaço físico do hospital; a organização das equipes.

Fita 7 - Lado B

O Hospital Carlos Chagas: a organização técnica do espaço, o número de leitos, a clientela, o número de médicos; a transfusão de sangue neste período; referências a Aldair Figueiredo e a sua saída e posterior reintegração na Assistência; o seu salário na assistência; a sua dedicação à profissão como exemplo herdado de seu pai; a atitude mercenária dos médicos de sua época; seu retorno ao Souza Aguiar e as diferenças em relação ao período anterior; seus atritos com os diretores do Hospitais Souza Aguiar e Carlos Chagas; sua transferência para o Méier.

Fita 8 - Lado A

Seu período como médico da Beneficência Portuguesa (1937-1941); o trabalho no ambulatório; o relacionamento entre diretor e médico do ponto de vista da determinação do número de clientes a serem atendidas; sua atuação na Revista Médica Municipal; as revistas médicas existentes no início da década de 1940; o Hospital Getúlio Vargas, o espaço físico e sua organização técnica, as especialidades, a constituição das equipes, o número de leitos e o sistema de trabalho; a criação da Associação Médica Brasileira; a fundação da AMDF.

Fita 8 - Lado B

As disputas entre a AMB e a AMDF; a origem do Conselho de Medicina e o concomitante refluxo do SMB; a AMB e a defesa dos interesses dos médicos paulistas; as relações entre a AMB, a AMDF e o Sindicato dos Médicos; sua candidatura à presidência da AMDF (1955); sua atuação como presidente da AMDF; suas relações com o presidente Juscelino Kubitschek; sua indicação para a comissão de estudos para a

confeção do decreto presidencial que reconhecia o risco de vida para os médicos; a censura da AMB às iniciativas tomadas pela AMDF.

Fita 9 - Lado A

O pedido de prisão contra ele e os demais membros da AMDF sob a acusação de serem todos comunistas (1964); as disputas entre a AMDF, a AMB e a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; de que maneira a SMCRJ tornou-se representante da AMB no Rio de Janeiro; os motivos da proliferação institucional no movimento médico; o SMB e a oposição à criação do Conselho de Medicina; a proposta de criação da Ordem dos Médicos; o achatamento salarial dos médicos de 1940 a 1952; a AMB e a palavra de ordem: "emprego único para os médicos"; as distorções do comportamento médico como efeito da baixa remuneração; os cargos que ocupou no Colégio Brasileiro de Cirurgiões; como se tornou presidente do CBC; a relação entre a participação em associações médicas e o status; sua atuação como presidente do CBC e suas principais contribuições ao CBC; o CBC hoje; a sua atuação no movimento da greve da letra 'O'.

Fita 10 - Lado A

A participação em entidades médicas; sua entrada para o Colégio Brasileiro de Cirurgiões (1932); o Colégio Brasileiro de Cirurgiões neste período; sua atuação como relator nas reformas estatutárias do Colégio; as diferenças entre o Colégio e a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; o Colégio de Cirurgiões hoje; as diferenças entre o Colégio e as demais instituições médicas do período; os benefícios; por que não participou de maneira ativa do Sindicato; a clientela do Sindicato; como se tornou sócio do Sindicato; que tipo de relacionamento seu pai tinha com Álvaro Tavares; a atuação de Álvaro Tavares à frente do Sindicato; a posição do Sindicato com relação à entrada do Estado na Assistência Médica; as relações do Colégio com os professores das faculdades de medicina; sua participação em entidades médicas internacionais.

Fita 10 - Lado B

O perfil da profissão na década de 1940; as relações entre os médicos; as estratégias para angariar clientes; a importância do trabalho no serviço público; o seguro saúde e o credenciamento dos médicos como solução para os médicos; as relações entre a prática médica e a política; a constituinte de 1933 e a eleição do candidato dos médicos: Cumplido Sant'Anna; onde se formavam os médicos que atuavam no RJ; como eram as relações entre alopatas e homeopatas na década de 1940; a origem social de seus colegas de turma na década de 1930; a presença da medicina na imprensa leiga - os anúncios médicos; a posição contrária do SMB à criação do Conselho em 1945; as razões da demora da tramitação do Projeto 7.955 na Câmara; o Código de Ética de 1945.

Fita 11 - Lado A

O Código de 1945; as funções de um código de ética; como eram as relações entre os médicos na década de 1940; as conferências médicas: o que eram e como eram realizadas; a especialização da medicina e os dilemas éticos; as diferenças entre o médico assistente e o médico perito (1945); as relações entre os médicos e os

farmacêuticos na década de 1940; a mercantilização da farmácia depois da Segunda Grande Guerra; os tipos de charlatanismo; o relacionamento do doente com o charlatão; a posição do Colégio Brasileiro de Cirurgiões em relação ao charlatanismo; os avanços técnicos na medicina; o desenvolvimento das lentes de contato depois da grande guerra; a posição do Conselho com relação ao charlatanismo; o segredo médico; os anúncios médicos e a indústria dos agradecimentos; o seguro saúde e a proletarização dos médicos; as consultas pelo rádio e pelos jornais; a entrada do Estado na Assistência Médica e as suas consequências para a prática médica.

Fita 11 - Lado B

A criação do seguro saúde no Brasil, na França, nos Estados Unidos e na Inglaterra; o funcionamento do seguro saúde no Brasil; sua relação com a autonomia profissional e com o mercado de trabalho médico; o trabalho gratuito; a transferência de pacientes da clínica pública para a clínica privada; o caso do "Dr. Pulha".

Fita 12 - Lado A

O perfil profissional do médico na década de 1950; a atuação do médico de família no início do século; as modificações no ensino prático da medicina na década de 1940; os limites de atuação do SMB; a atuação de Álvaro à frente do Sindicato; como o Sindicato via a opção dos médicos pelo serviço público; as faculdades existentes na época em que se formou; as razões para o declínio da clínica privada; sua opinião sobre o assalariamento e sobre a autonomia; o Sindicato e a crítica à Reforma Pedro Ernesto; a Reforma Pedro Ernesto e a ampliação do mercado de trabalho do médico carioca; a relação ambígua do Sindicato com relação a Pedro Ernesto; a verificação da indigência nos Hospitais da Assistência; as diferenças entre o Hospital do Pronto Socorro e o Dispensário do Méier.

Fita 12 - Lado B

O movimento de criação da AMDF; o perfil dos médicos participantes da AMB; a proposta de fundação de uma associação de bases nacionais; a criação da AMDF; a discriminação aos médicos cariocas da AMDF pela AMB; a participação dos médicos 'comunistas' na AMDF; as relações entre a AMDF e a greve da letra 'O'; os motivos da greve da letra 'O'; o veto ao projeto que criava a letra 'O' e a reação da AMDF; como foi obtido o aumento dos médicos pela AMDF; a repercussão da greve na imprensa.

Data: 25/11/1994

Fita 1 - Lado A¹

AP - Bom, então hoje é dia 25 de novembro de 1994, eu, André de Faria Pereira Neto, pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz, junto com Sérgio... Rocha, nosso auxiliar de pesquisa, estamos aqui na casa do Dr. Renato Pacheco Filho, para conversar um pouco com ele sobre a fundação do Conselho de Medicina e a atuação dele neste sentido. Nós vamos começar hoje a nossa primeira entrevista, tratando exatamente sobre o que a gente chama de “origem familiar”. Então nós perguntaríamos ao Sr., Dr. Renato, se só Sr. poderia falar um pouco para nós sobre o ano que o Sr. nasceu, o local que o Sr. nasceu, a sua infância, a sua família, a sua casa na sua infância, as suas relações com seus amigos de infância, seus pais, não é? Um pouco, vamos chamar assim, da sua história anterior à sua opção pela faculdade de medicina. Este seria nosso primeiro momento.

RP - Pois não, eu nasci na cidade do Rio de Janeiro, na Rua Paulino Fernandes número 15, número 35, já errei. Quer que eu repita?

AP - Não, pode continuar.

RP - Número 35. Sou filho, de um, meu pai era médico daquele tempo que havia médico de família, naquela época, na época do lançamento, nasci no dia 9 de outubro de 1910, não havia Assistência Municipal, tinha sido fundada em 1907, só tinha um posto da Rua Camerino. Não havia Serviço de Ambulância, não havia INPS, existiam, dando assistência médica, apenas os médicos de família. O médico de família, era, era o tipo do sujeito que fazia quase que tudo, até pequena cirurgia ele fazia. Era característica da época que o médico de família tinha uma placa afixada na porta da sua residência. Atendia a qualquer hora do dia ou da noite. Meu pai foi um médico de família. E como médico de família, vivendo exclusivamente da, dos proventos da sua clínica pessoal, ele tin..., era dono praticamente da clínica de Botafogo.

AP - Da Policlínica?

RP - Não, da clínica Particular de Botafogo. Era um homem que fazia, entre trinta e cinco, entre quarenta a cinquenta visitas domiciliares por dia, para atender doente. Era um tipo dum médico, ele como outros tantos que faziam e viviam nessa época, e eram amigos da família mesmo, porque não tinham pra quem recorrer, tanto que resultou como disse, que ele teve cento e tantos afilhados, tornou-se padrinho de batismo de cento e tantos filhos de clientes dele que tornaram-se verdadeiros amigos. Era um médico verdadeiramente amigo da família... A história do meu pai, ele formou-se em 1908, 908, pela Faculdade de Medicina do Rio. Era originário do Rio Grande do Sul. Nasceu no dia 24 de janeiro de 1882, 1882 e veio estudar Medicina, depois de trabalhar algum tempo, depois de seu curso primário, seu curso secundário, veio frequentar a Faculdade de Medicina, onde ingressou em 1902. Eram seus colegas de turma eminentes figuras que depois atingiram ao professorado médico, como: Figueiredo

* **LEGENDA:**

PI: Palavra incompreensível

TI: Trecho incompreensível

Baena, Pedro da Cunha, Renato Souza Lopes, Pedro Augusto Pinto e outros. A turma dele, foi uma turma muito amiga sempre, durante todos os anos, eles comemoravam sua formatura, e isso, foi uma característica que eu herdei dele, porque também a minha turma de trinta e um, até hoje comemora o seu nascimento, o seu, a sua formatura, embora já esteja, esteja, eu estou falando sobre a história do meu pai. Meu pai veio para o Rio de Janeiro, estudar medicina, a princípio com a mesada de seu pai, que era comerciante em Porto Alegre, sua cidade natal, depois, aí, ele conheceu e apaixonou-se por uma jovem filha de uma família muito rica, da alta sociedade do Rio de Janeiro, ele era um estudante pobre, teve a resistência da família da apaixonada dele, mas, minha mãe gostou dele, namorou muito, esperou completar vinte e um anos, para resolver o seu destino, contra a vontade da família. Isso, nasceu que, daí resultou, que eles só estiveram casados dez meses, eles se casaram no dia 8 de dezembro de 1909 e eu nasci no dia nove de outubro de 1910. Por causa do meu nascimento e de outras coisas que já antecediam ao casamento, eles romperam, ele rompeu relações com a família de minha mãe, então isso resultou um grande prejuízo pra mim, por que eu podia ser um homem rico, mas também foi um grande benefício pra mim, por que eu me habituei a não negar o dinheiro, tanto que até hoje na minha vida, eu só digo pra quem tem a volúpia de guardar dinheiro, que dinheiro foi feito redondo para rolar e foi feito de papel para arrumar, não sou ganancioso, aprendi isso com meu pai.

AP - Mas, o senhor viveu com a sua mãe ou com o seu pai quando o senhor nasceu?

RP - Eu fiquei vinte dias na casa que eu nasci, que foi na casa da minha mãe, dos pais de minha mãe.

AP - Qual era o nome da família dela?

RP - Pereira Pinto.

AP - Eles moravam onde?

RP - Eles moravam na Paulino Fernandes, 35.

AP - Eles moravam na Paulino Fernandes também.

RP - É, o meu pai, tinha com ela alugado uma casa na Rua Dezenove de Fevereiro, 158.

AP - Sim, e aí o senhor nasceu e..

RP - Eu nasci, porque naquela época, não havia as maternidades de hoje. A briga do meu pai com a minha, com a família da minha mãe, prende-se ao fato deles quererem que eu nascesse lá, na casa deles, que eles tinham, uma casa mara.., um palacete, na Rua Paulino Fernandes, 35 e achavam que podiam dar maior aconchego, ele e ela concordaram que eu fosse nascer em casa, ninguém nascia, todo mundo nascia na residência e ela morreu, vitimada com endocardite, infecciosa, originária de uma infecção puerperal, feita pelo Professor Catedrático da Faculdade de Medicina e Obstetrícia da faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

AP - Ela morreu quanto tempo depois?

RP - 20 dias depois. Eu fiquei com 20 dias, filho órfão, com 20 dias.

AP - E aí depois?

RP - Aí eu fiquei, eu fiquei, algum dos primeiros tempos eu fiquei na casa de minha, meus avós, mas, eles reclamavam muito de meu pai, porque eu eu chorava muito, a criancinha chorava muito, eu tinha ama de leite. Ela tinha morrido, né? Tiveram que contratar uma mãe de leite e meu pai ia todo dia lá, até que recebeu um recado que me tirasse de lá, porque eu não deixava ninguém dormir em casa e na casa residia o meu avô, a minha avó e uma tia solteirona, solteira, era mais moça do que minha mãe, só, o casal só tinha, o casal de avó só tinha isso. Meu pai se indignou-se e me levou pra casa que ele ia morar com a mulher, que ela não chegou a viver lá, com a minha mãe. Onde estava em viajatura no Rio de Janeiro, uma irmã dele, então com vinte anos de idade, chamada Marieta Pacheco Chaves de Castro. Minha tia, que tinha se formado em professora em Porto Alegre, tinha vindo a passeio, pra conhecer o Rio de Janeiro, que naquele tempo não tinha avião, como tem hoje, não, era uma viagem de 7 dias, navio da costeira que se fazia, a minha tia disse a ele que não se preocupasse com isso, porque ela abandonaria o cargo dela de professora em Porto Alegre, onde ela tinha se diplomado, pra me criar. Foi a mãe que eu tive na realidade. Foi uma mãe amiga e orientadora e a ela eu devo eu poder me matricular aos sete anos de idade na escola pública, na escola primária. Ela era professora, já inteiramente alfabetizado e sabendo ler e escrever, com sete anos de idade, porque tendo nascido no segundo período... do ano, no segundo semestre do ano, eu só podia me matricular depois que completasse sete anos. Tenho comigo guardado os boletins, eu sempre guardo, sou um guardador emérito de papel velho. Tenho comigo guardados os meus boletins escolares.

AP - E aí ficou morando o senhor a sua tia, na mesma casa?

RP - Aí, aí, fiquei morando, eu e minha tia e meu pai na casa, até que morreu meu avô, paterno, em Porto Alegre, então ele resolveu que era muito mais fácil, embora tivesse começando a sua vida, formado que era em 1908, isso acontecesse em 1910, ele resolveu trazer a família de Porto Alegre. Então eu tive uma família..

AP - A sua mãe...

RP - A minha mãe morreu..

AP - Não, não, a sua avó..

RP - Minha avó, uma tia-avó... é... a minha tia-mãe, que me criou, solteira. Tive a minha família, como qualquer pequeno burguês tem e fico muito satisfeito com isso. Tive aqueles exemplos todos, e que se... antigamente fui criado numa casa onde não se ouvia palavrão (TI).

AP - Qual a escola que o senhor... (TI)

RP - Naquela época, era a na Rua Dona Mariana, em Botafogo e depois hoje está no Engenho Novo, Engenho de... perto do Méier, por lá, para o subúrbio. A minha tia aliás, foi professora da Escola Sarmiento, aqui...

AP - A Marieta?

RP - A Marieta, e depois, mais tarde na carreira profissional dela, ela chegou a ser diretora da Escola Sarmiento, já no subúrbio.

AP - E a Marieta não veio a se casar com ninguém?

RP - Veio a se casar muito mais tarde, já depois dos trinta e cinco anos. Enquanto eu era pequenininho, ela não fez o curso normal, tinha feito em Porto Alegre, mas não reconheciam o curso normal feito no Estado, ela então teve que esperar eu ficasse já em idade de andar tendo muito trabalho com o bebê, para se matricular novamente numa escola norma e fazer pela segunda vez o curso normal dela, quando eu tinha uns sete anos, ela deve ter terminado o curso normal. Ela teve que fazer duas vezes o curso normal, aqui e em Porto Alegre.

AP - E depois o seu pai não se casou de novo?

RP - Meu pai teve uma união, veio a se casar muito mais tarde, já velho. Ele teve uma união, mas ele tinha uma veneração por minha mãe, que ele até velho, já casado, ele ia todo dia ao Cemitério São João Batista. Ele era muito religioso. Isso era o regime dele, eu sou agnóstico (risos).

AP - E a família da sua mãe? Como é que foi a sua relação com ela, depois que ela morreu?

RP - Eu nunca tive relação com a família. Meus avós me procuraram, quando eu fiz quinze anos, meu avô materno, era um homem muito rico. Tinha várias propriedades, e ocupava um cargo de muita importância que existia na época, tesoureiro geral vitalício da prefeitura do Distrito Federal. Chamava-se Eugênio Pereira Pinto, não era mau homem não, a ruim da família era minha avó..

AP - Ah, sim, porquê?

RP - Porquê era contra o casamento e foi contra o casamento. Mas engoliu, porque minha mãe disse: “Eu caso contra a vontade da família, caso de qualquer maneira, quando eu fizer vinte e um anos”. No dia em que ela fez vinte e um anos, no dia 29 de outubro, se casou, marcou o casamento, para o dia oito de dezembro de 1909. Essa, a minha história primitiva é essa... de modo que eu nunca conheci a família... (TI).

AP - E ele não deixou nada pro senhor também?

RP - Não, não deixou nada.

AP - Nenhuma propriedade, terrenos, tudo isso?

RP -(TI), ele ficou Só com uma filha, solteira... iam a cartório fazer doação à minha tia Odete.

AP - Que o senhor também, não teve relação com ela.

RP - Também não tive. Eu conheci a Tia Odete, muitos anos mais tarde, pra vender uns títulos do Jockey Clube e do Fluminense Futebol Clube, que ela precisava da minha assinatura, eu conheci. Só vi uma vez na vida, eu já formado médico, graças à intervenção de um primo que era amigo dela e que me levou lá.

AP - Agora, então o seu pai sendo...

RP - Tive que ir e aí eu tinha que fazer, assinar, porque eu era herdeiro, nunca fizeram inventário.

AP - O seu pai sendo um médico de família, como o senhor estava falando, a sua casa, era, era, sempre, tinha sempre visitas de pacientes? ou não?

RP - Não, não tinha. Ele tinha consultório, naquele tempo ele davam consultas gratuitas em farmácias do bairro e de tarde ele tinha um consultório no centro da cidade. Mas o movimento dele era de domicílio..

AP - Ele é que ia na casa dos doentes?

RP - Ele é que ia na casa dos doentes. Ele e todos os médicos da época dele, que eram chamados médicos de família.

AP - Qual era a especialidade dele?

RP - Ele era... clínica geral.

AP - Sim.

RP - Tinha a placa de médico, registrada na porta da casa, dizia o seguinte: Dr. Renato Pacheco - Médico, e ele chamava-se Renato Pacheco Chaves de Castro, mas era um nome muito grande, de modo que ele abreviou o nome dele e registrou-se, legalizou-se depois junto à Saúde Pública, pra assinar, se nominar Renato Pacheco, por isso é que ele foi... que eu sou Renato Pacheco Filho. Porque quando eu nasci, não era como hoje que quando nasce a criança, já dava o nome que vai usar, durante a vida toda. A certidão de idade minha, diz: certifico que nasceu Renato, filho de fulana, com fulano, era assim que se fazia nessa época, mas, quando eu me matriculei na Escola, é que , eu era filho do Renato Pacheco, de modo que eu fui, Renato Pacheco filho, foi aí que eu realmente, tomei a minha verdadeira identidade, na Escola Sarmiento em que eu fui matriculado.

AP - E nessa Escola Sarmiento, onde o senhor estudou, que tipo de lembranças, de influências o senhor sofreu nessa época?

RP - Eu tenho boas lembranças para recordar. Primeiro, me democratizou, primeiro, conheci a democracia, porque existia em Botafogo, os colégios dos grã-finos, o Santo

Inácio que existe até hoje, mas, eu era aluno de Escola Pública, convivía com gente de toda espécie. Eu tenho uns retratos aí, com mulatas na minha turma, habituei a isso, e tive uma outra formação democrática muito boa, que me ensinou muito, em toda a minha vida, que foi jogar futebol no meio da rua. Eram moleques de rua como eu, meus vizinhos (tosse), que jogavam comigo na rua. Muitos deles cresceram, subiram na vida, foram generais do exército, e tiveram outras profissões, mas tinha muito moleque, moleque, que eles nem sabia o nome direito. Isso me tornou um sujeito aberto, democrático, democratizou, a escola. Eu costumo dizer, a escola pública e o fato de eu ser moleque de rua, me tornou verdadeiramente democrático. Comecei aí a não ser um grã-fino... e sem nada disso

AP - Essa convivência, né?

RP - É.

AP - E em termos assim de, tá funcionando aí agora? Então vamos lá. Mas nós estamos exatamente tentando recuperar um pouco na sua memória, a sua vida nessa Escola, que o senhor falou que foi aí que o senhor aprendeu a democracia, como o senhor falou, a convivência com as crianças, de classes sociais diferentes..

RP - De classes sociais diferentes..

AP - ... e a Escola Pública. Agora eu perguntaria ao senhor, e em termos de professores, ou alguma coisa assim, que tenham...

RP - A diretora da Escola, era Dona Alice Ferreira, e tive três professoras na escola primária: D. Regina Lopes, D. Juracy Camargo e a minha Tia, Marieta Pacheco Chaves de Castro, foram professoras que me... Mas, eu quando entrei para a escola, já sabia ler e escrever, com sete anos de idade. Naquele tempo, só se podia frequentar a escola pública, depois dos sete anos de idade, porque ela me ensinou em casa. E, depois disso, o ensino da escola primária, era tão bom, naquela época, que eu fiz os meus primeiros quatro preparatórios do ginásio no Pedro II, só com o ensino da Escola Pública. Comecei a fazer meus exames no Pedro II, lentamente, com onze anos de idade. Espere aí, onze ou doze anos de idade. Fiz a primeira vez, no Pedro II, Geografia e História do Brasil. No segundo ano, no outro ano, eu fiz, História Universal, aritmética e fui ao pau em Português. No outro ano, eu fiz, Álgebra, Geometria e Português, aí eu passei. No outro ano eu fiz, Inglês, Francês e físico-química, que eram juntos, os exames eram feitos juntos, e no último ano, Latim e Português, assim, eu atingi com quinze anos de idade, o chamava-se na época de preparatório necessário para poder fazer vestibular para Medicina. Os quatro primeiros, exclusivamente com o que aprendi, o que foi ensinado na escola pública, o ensino era muito bom. Hoje é que tá degradingolado tudo, tá em decadência. Depois disso, quando eu saí da Escola Pública, pra completar os novos preparatórios, eu comecei, com onze, doze, treze, quatorze anos, é, com quinze, é, comecei em 1911, comecei com onze anos, aí é que eu fui frequentar alguns Colégios. Frequentei, o Colégio Resende, onde não me adaptei, que era na Rua Bambina, acho que aliás, acho que ainda existe até hoje, era um bom Colégio, mas eu não me adaptei não, frequentei o Colégio Botafogo, que foi extinto, hoje tem o edifício de Furnas no lugar dele na Rua Real Grandeza e frequentei o Curso Normal de Preparatórios, onde conheci um grande professor chamado Juruena de Matos, era Instituto... chamava-se de

Instituto Normal de Preparatórios, eu fui aluno de Juruena, que ensinava História Natural e de Jonatas Serrano, da parte de Filosofia, Latim e Filosofia, uma grande figura. Juruena era um professor muito interessante, porque era um homem prático, não se limitava a dar aulas teóricas só. Ele nos levava aos museus, a turma toda aos museus, levava ao Jardim Zoológico, levava ao Jardim Botânico, pra dar Botânica, tudo isso. Levava a turma, nos domingos e nos sábados, ou nos sábados pra isso, quando não tinha aula, fora das aulas... o Curso Normal Preparatório, era no fim da Rua do Ouvidor, 15, lá perto do Mercado, e tive colegas importantes. Não sei se vale a pena citar o nome...(DR. Renato folheia os originais de seu livro)

AP - O senhor está recorrendo ao seu último livro, não?

RP - Estou recorrendo.

AP - Não, mas, Doutor Renato...

RP - Mas, não precisa não...

AP - É, eu acho que não há necessidade, eu queria mesmo era que o senhor falasse um pouco assim, de como que o seu pai sendo médico, influuiu na sua opção pela carreira da Medicina.

RP - Como que influuiu... pelo exemplo dele. Ele era um médico, profundamente ético, não ambicioso, com uma clínica fabulosa. Já digo e repito agora, ele usava umas pequenas cadernetinhas de bolso, ele tinha uma letra miúda, onde anotava as visitas diárias que ele fazia. Eu vi essas cadernetas, era a média de quarenta a cinquenta visitas por dia, que ele fazia. Era uma vida exaustiva. Apesar disso tudo, ele tinha um forte espírito associativo. Nunca... dava conta das atribuições de médico, médico profundamente dedicado, quando meu pai chegava mal-humorado em casa é porque tinha algum doente passando mal. Ele sofria, quando o doente passava mal, fora disso, era um homem folgazão, gostava de música, assobiava perfeitamente, coisa que eu não faço até hoje (risos), nem pra vaiar, não consegui fazer, assobiava, trechos assim com... trechos completos de óperas líricas, era um brincalhão, só ficava de mal-humor, quando tinha um doente passando mal..

AP - Ele teve passagem em vida associativa também?

RP - Ele participou ativamente da vida associativa, o espírito associativo dele era desenvolvido, esse eu herdei dele. Porque ele fundou voluntariamente, uma instituição, que chamava-se Guardas Noturnos de Botafogo. Era um órgão particular, que dava cobertura as casas do bairro, a clínica dele, ganhava predominância em Botafogo, mediante o pagamento de cinco mil réis, para cada família ou estabelecimento comercial que desejasse assistência noturna. Eram guardas que andavam a pé ou de bicicleta, por determinadas ruas e com esse dinheiro eles pagavam os guardas e fardamento dos guardas, apito e revólver. Eram guardas armados, que circulavam por determinados trechos de ruas, três ou quatro ruas assim, apitando longamente três, quatro vezes, durante a noite, a partir das dez horas da noite (Dr. Renato pergunta sobre a fita), a partir das dez horas da noite, até as seis horas da manhã. Isso foi de iniciativa dele, ele foi presidente da casa, ele fundou a Guarda Noturna e foi o presidente da Guarda Noturna de Botafogo. Isso depois acabou, acabou, quando a Polícia cresceu,

criaram, a Polícia Militar foi criada...Eles tinham guardas civis. Mas, eu guardo muitas recordações da infância na rua em que eu morei, que eu morei muito tempo na Rua Dezenove de Fevereiro.

AP - E como é que era a Rua Dezenove de Fevereiro, na sua época, de infância?

RP - Na minha época, o Rio de Janeiro mudou muito depois disso. Era uma rua calçada com paralelepípedos. Eu morei na Rua Dezenove de Fevereiro, no 154, no 168, no 116, no 129, no 166, até que meu pai conseguiu dinheiro em 1916, pra comprar a primeira casa dele, que era uma casa no 178, sempre levando com ele a placa que ele punha na porta da casa. A plaquinha dele era de mármore, ele exercia a atividade médica, predominantemente em Botafogo, mas, a fama dele, foi se estendendo, que ele tinha cliente do Leme, Copacabana, no precaríssimo Leblon, no precaríssimo Ipanema, Laranjeiras, Flamengo e a todo o canto.

AP - E o bonde passava onde?

RP - Ah! o bonde, só tinha asfaltado em Botafogo, na minha infância, só tinha iluminação elétrica, onde passava o bonde. Rua General Polidoro, Rua da... Rua Voluntários da Pátria e Rua São Clemente. Pela General Polidoro, passava o bonde elétrico- Copacabana e Leme, pela Voluntários da Pátria, passava, Jardim Botânico e Leblon, que dava onde era o Bar Vinte, hoje não existe mais..

AP - Ainda continua chamando Bar Vinte.

RP - Tem Bar Vinte, aquele é o Largo do [Anfidicão], eu conheci Ipanema como um matagal.

Fita 1 - Lado B

RP - ... com poucas casas, mas, pra ver como eu conheci isso, quando eu era escoteiro da tropa do Botafogo, com onze anos de idade ou dez anos de idade, cinquenta e duas tropas de escoteiros do Rio de Janeiro, acamparam num matagal do Leblon, durante uma semana, ele disputavam uma taça chamada de “Jambre”. Ficamos acampados lá, com barracas, armamos barracas, tudo lá, e depois em 1926, quando eu fiz os exercícios do Tiro de Guerra da Faculdade de Medicina, eu fiz combate simulado no mesmo matagal matagal do Leblon, no mesmo, matagal do Leblon, era matagal, o bonde ia do Leblon e dava a volta no Bar Vinte, onde hoje ainda existe um Bar Vinte lá, inteiramente diferente, e onde também vinha ter o bonde de Copacabana que dava a volta, esse vinha pelo, pela zona sul e o outro pela Rua Jardim Botânico. A Rua Jardim Botânico, era limitada pela Lagoa Rodrigues de Freitas, quem vinha do Leblon para cá, quando a Lagoa enchia, na enchente da Lagoa, não podia saltar na parada, que molhava o pé na água. Todo aquele trecho, existente, onde se construiu o hipódromo da Gávea, e se construiu do Hipódromo da Gávea pra cá, até onde hoje é a Fonte da Saudade, e tem aquela igreja de Santa Margarida Maria, aquilo tudo era a Lagoa, era a Lagoa. Os passageiros de bonde, não podiam saltar, porque molhava os pés na água, quando tinha enchente na Lagoa. O motorneiro parava o bonde fora da Lagoa, fora, onde era seco. Só havia praticamente casa na Rua Jardim Botânico, quem vai hoje em direção Leblon, de Botafogo pro Leblon, somente, praticamente casa do lado direito, porque do lado de cá

era mar, era água. O Rio cresceu muito, mudou muito. Mudaram o centro da cidade, as ruas do bairro de Botafogo, exceto as principais, onde tinha passado a eletricidade que permitiu o tráfego de bonde, eram todas iluminadas à gás, com pequenos postes de um metro e meio, dois metros e meio de altura, onde vinha às seis horas da manhã, às seis horas da noite, da tarde, passava o acendedor de gás, da Companhia do gás e às seis horas da manhã, passava o mesmo apagador de gás. Depois é que a Light, o povo canadense, como era apelidada a Light na época que controlava tudo, a Light forçou a Prefeitura a asfaltar as ruas, esse asfaltamento das ruas, não representa progresso, mas representa um aumento de calor, porque o paralelepípedo das ruas transversais, não permitiam grandes enchentes nas ruas, quando chovia forte, porque entre o paralelepípedo crescia um capinzinho, eram camadas de tijolos de pedra, de granito, ainda tem muito paralelepípedo por aí, você conhece. E eram colocados em cima de terra, de uma camada de terra, que nascia capim, de vez em quando, vinha um cavouqueiro, limpar aquelas gretas todas, (Dr. Renato troca as palavras) para ele limpar rua, pra não crescer mato na rua. Depois aí também foi mudando tudo isso. Agora, a rua era... tráfego de carros era tão pequeno, era tão reduzido, que a gente jogava futebol no meio da rua, naquele campo de pedra, a molecada toda e eu inclusive, jogava futebol, até a hora de acender a luz. Eram pernas de pau, ruins a beça, mas a garotada era educada, porque quando passava pela calçada algum morador, carro era difícil passar, primeiro porque havia pouco carro e segundo porque... (a fase fundamental era essa, que havia, o frota de carro era muito pequena) mas, parava-se quando passava um carro, ou passava algum morador pela rua que eram todos conhecidos. A molecada era educada...(risos)

AP - O seu pai tinha carro?

RP - Meu pai tinha carro.

AP - Ele passou a ter carro, a partir de quando?

RP - Ele teve carro a partir de mil e novecentos... eu devia ter uns três anos de idade.

AP - E telefone?

RP - Telefone ele sempre teve, sempre teve por causa de médico, zero quatro quatro dois..

AP - Era o número do telefone?

RP - Era o número do telefone..

AP - Era aquele que usava manivela assim, rodava assim a manivela?

RP - Não..

AP - Rodava assim a manivela..

RP - Ele, quando, que eu me lembro, já não era manivela. Era difícil, ele passava cada esporro na telefonista, porque tinha que atender uma telefonista assim, “Que número faz

favor”. O número da minha casa, era sul, quatro, quatro, dois, depois é que a telefônica botou, meia dúzia, quatro, quatro, dois, depois botou dois, meia dúzia, e dois, dois, meia dúzia. Eram os números dos telefones. Foram aumentando os telefones, foram aumentando as coisas, bom. (TI) evidentemente eu não peguei ainda o tele... Eu vi o telefone de manivela, eu vi esse telefone de manivela em outras casas, na minha casa não tinha, tive o privilégio de não ter telefone de manivela.

AP - Agora, Dr. Renato, é... a sua casa lá, com seu pai e a sua tia Marieta, ela era como? Ela era grande? Como é que ela era?

RP - Era uma casa de família tipo médio, de classe média. Uma casa com sala de visita, quarto, o velho nunca deu consulta em casa..

AP - Ah, não?

RP - A não ser, durante a “gripe de dezoito” que ele já morava na novecentos e sessenta e oito, a casa que ele tinha comprado, e que a chamada “espanhola”, e que ele botou... abriu a porta da casa dele. Ele morava numa casa achaletada, feito chulé, com uma porta no centro e duas janelas laterais, afastada do terreno, da frente da rua, uns dez metros talvez, ele como estava muito doente, não podia atender doente, estava gripado também, vitimado pela “espanhola” (tosse) ele botou a cama dele, na sala de visitas e com a porta aberta. Deixou a porta aberta, porque os doentes que o consultava em casa, que ele não podia visitar, iam visitar ele deitado na cama, e ele receitava lá. Era um sujeito, que sabia receitar. Naquele tempo, um médico de família, tinha que receitar, formular. Eu me lembro perfeitamente, que ele dominava, ele, como todos os médicos contemporâneos dele, médicos de família, eram obrigados a receitar. Não é como hoje, que a gente receita, eu, por exemplo, formei em trinta e um, eu não sei receitar. Receita remédios de farmácia, remédio de drogaria, de farmácia. A indústria farmacêutica, apareceu e firmou-se, né? Mas, meu pai sabia formular, dava lições até em farmacêuticos, porque às vezes, eu me lembro perfeitamente, que um dia, um farmacêutico telefonou pra ele, Dr. Renato, o senhor receitou uma fórmula aqui, que tem escrito: cafespirina dissolvida, xarope de... Benzoato de sódio e não sei mais o que... eu não me lembro. Eu não consigo dissolver a cafespirina, ele virou-se pra ele e disse assim: Não tem benzoato de sódio, dissolve no benzoato de sódio. A cafespirina, não dissolvia com água, nem álcool, nem éter, nada disso. Esses macetes, ele e todos os médicos depois dele, sabiam. Nesse ponto, a Medicina, evoluiu por um lado e involuiu por outro lado.

AP - Agora o senhor quando resolveu fazer medicina, o senhor havia pensado em seguir uma outra carreira, além da medicina, ou sempre pensou na Medicina?

RP - Não, quando eu fiz quinze anos de idade, que eu não tinha ainda, eu já estava determinado a ser médico, no exemplo de meu pai. Admirava muito ele, a dedicação dele aos seus doentes, o cuidado ético que ele tinha de não examinar doente de outro colega, sem a presença do colega, o colega tinha que telefonar pra ele dizer que queria que ele desse opinião. Porque era comum, um médico de família, se tinha dúvida sobre um caso, chamava um colega que ele acatasse, para pedir, chamar uma conferência médica. Ele nunca, foi a ca... a paciente, quando chamado em conferência, sem a presença do colega que estava lá. Então eles discutiam o caso, opinavam e resolviam a medicação em conjunto. Isso e que chamava conferência médica. Geralmente era um

pouco mais cara que o preço da consulta, pra qualquer médico da época. Mas eu, fui criado nesse exemplo, admirava meu pai, e resolvi estudar Medicina. Quando eu fiz quinze anos, meu avô materno, com quem eu não me dava, não o conhecia, e que era Tesoureiro Geral da Prefeitura, mandou, mandou um colega, um amigo dele, amigo comum dele e de meu pai, me oferecer um cargo de Fiel de Tesoureiro da Prefeitura, com quinze anos de idade. Meu pai me chamou, e me disse, olha, teu avô é um homem rico, não quero depois que você me acuse de eu que não sou um homem rico, ...ele ganhava muito dinheiro, mas gastava muito.. gastava muito meu pai, eu não quero que você me acuse disso, talvez o seu futuro esteja garantido. Pois eu quero estudar Medicina, não quero saber de cargo burocrático não...

AP - Foi a única vez que uma outra opção apareceu na sua vida?

RP - Foi.

AP - Essa vez, com quinze anos.

RP - Com quinze anos.

AP - Depois..

RP - Recusei,

AP - Recusou..

RP - Com quinze anos, tive um problema real..

AP - Qual o problema?

RP - Eu precisava ter dezesseis pra fazer o vestibular para a Faculdade de Medicina, meu pai só teve casado dez meses, ele não quis aumentar minha idade, porque me daria forçosamente casa... nascido antes do casamento dele, em respeito à memória de minha mãe. De modo que eu tive que ter uma licença especial pra fazer vestibular com quinze anos. Eu fiz quinze anos, dia nove de outubro, e o vestibular era no ano seguinte em março. Eu acabei meu preparatório em dezembro, com quinze anos, e não tinha quinze anos completos, quando eu fui, tinha que fazer o vestibular, então eu tive a sorte, meu pai era bem relacionado, era amigo do Professor Rocha Vaz, que era cunhado do Presidente da República Arthur Bernardes...

AP - Quem, o Rocha Vaz, ou o seu pai?

RP - O Rocha Vaz.

AP - O Rocha Vaz.

RP - O Rocha Vaz, é cunhado do Arthur Bernardes, o Presidente da República, e tinha um prestígio imenso, como acontecia com o nepotismo, que existia, sempre existia no Brasil, existe até hoje, né? Rocha Vaz, era o Diretor da Faculdade, era Reitor da Universidade, era Professor da Faculdade, e era Diretor do Departamento Nacional de

Ensino. Então, quando o meu pai foi procurar o Rocha Vaz, expondo o caso dele, ele disse, Renato eu quero te ajudar. Vou te ajudar, eu tenho prazo, para inscrever o rapaz... o garoto no vestibular, e isso não dava tempo. Ele disse, não, vê que eu vou resolver tudo, porque eu tenho que propor como diretor da Faculdade ao diretor do departamento de ensino que sou eu, ao Reitor que sou eu, e ouvir o diretor do departamento de ensino que sou eu e em dois dias despacho, e despachou.

AP - Eu mando pra mim, que eu assino...

RP - Assino e depois devolvo pra mim...

AP - Bacana..

AP - E assim o senhor fez vestibular... com menos de dezesseis anos..

RP - Fiz vestibular com quinze anos de idade, eu fiz vinte e um anos de idade no dia nove de outubro e fui diplomado em médico no dia vinte e quatro de outubro comemorando a Revolução de Trinta, trinta e um... vocação.

AP - E na Faculdade? Que o senhor pode nos rememorar dos tempos de faculdade...

RP - Na Faculdade eu queria ser, me passou uma idéia maluca quando eu entrei na Faculdade, de ser psicanalista..

AP - Idéia maluca porque Dr. Renato?

RP - Porque naquela época a psicanálise engatinhava, engatinhava, então não dava dinheiro como dá hoje. Hoje um psicanalista ganha mais do que qualquer médico. Não dava dinheiro eu também não me preocupava com dinheiro, eu queria ser cirurgião, de modo que no primeiro ano eu comecei a freqüentar o serviço do Professor Paulino de cirurgia, no segundo e terceiro ano eu fui estudante vagabundo pra burro. Foi a época do esporte. Eu remei, nadei muito, remei muito, tentava jogar futebol, mas sempre fui um perna de pau (risos), nunca dei pra futebol, fazia esporte, fazia a vida noturna da cidade,

AP - Ah sim, o senhor gostava das noites...

RP - Gostava, gostava das noites...

AP - Esse aspecto também é importante..

RP - Não estudei nada, fui péssimo aluno...

AP - O senhor se casou em que ano?

RP - Eu casei em 35, já formado, eu formei em 34...

AP - O ano universitário, foi...

RP - O segundo ano universitário foi péssimo, o segundo e o terceiro, mas o quarto eu entrei nos eixos.

AP - O senhor era um belo rapaz?

RP - Eu tenho minhas retratos aí, posso te mostrar depois..

AP - Era muito namorador?

RP - Eu era meio tímido pra esse aspecto, embora gostasse de mulher.

AP - Sim, mas tinha muitas pretendentes..

RP - Tinha, tinha...

AP - Mas, e na Faculdade, voltemos à faculdade.

RP - No tempo da faculdade só tinha, naquele tempo a mulher não estudava medicina, tinha turma de quatrocentos e vinte..

AP - De quatrocentos e vinte alunos?

RP - Tinha quatrocentos e vinte alunos na minha turma, formaram-se trezentos e oitenta, uns sobraram pelo caminho, outros morreram, outros perderam o ano, só tinha uma mulher, vinda do Pará...

AP - Mas como é que cabiam quatrocentos e vinte alunos numa sala?

RP - Ah! cabiam...

AP - Era uma aula para quatrocentos e vinte alunos...

RP - Não, a aula teórica era no anfiteatro grande, cabia, cabia todos os quatrocentos e vinte...

AP - Sim, e a aula prática?

RP - A aula prática era dividida em turma, mas havia a frequência obrigatória, porque a minha turma, foi a turma da Reforma Rocha Vaz, feita em vinte e seis, e era obrigado a frequência obrigatória em aulas teóricas e em aulas práticas..

AP - E como é que eles cobravam a frequência?

RP - Eles cobravam a frequência com provas parciais de dois em dois meses, tudo o que tinha sido dado, de três em três meses, começava em março, repetia em junho. Três provas parciais. Quem tinha passado nas provas parciais, era dispensado no exame oral. Quem não tinha exame oral, quem não tinha aprovação nas provas parciais, tinha que fazer. Isso pelo menos nas cadeiras básicas, nas cadeiras clínicas não, nas cadeiras clínicas era obrigado a fazer. As cadeiras clínicas eram depois do quarto ano...

AP - E como era assim mais ou menos desses quatrocentos e vinte que o senhor falou, o perfil sócio-econômico dos seus colegas?

RP - Gente de todo o tipo. Tinha gente, havia em cada turma, cada turma, havia gente que não podia pagar. Todo mundo pagava, tinha uma matrícula, pagava-se todo ano para renovar essa matrícula..

AP - Só a matrícula, o resto era de graça?

RP - Não o resto era de graça, só a matrícula...

AP - Sim, mas..., e como eram seus colegas do ponto de vista..

RP - Os que não tinham dinheiro nenhum, a turma elegia aqueles mais necessitados, dois ou três, se não me engano, então havia disputa de ser o pobre da turma..

AP - E esse eleito, o que acontecia com esse eleito?

RP - Esse não pagava nada..

AP - Vocês pagavam a matrícula deles, vocês mesmo pagavam..

RP - Não, a Escola dava de graça..

AP - Ah! tá...

RP - Dava de graça...

AP - Agora e a origem regional, eram só do Rio de Janeiro?

RP - Não, tinha gente de todos os estados. Tinha gente do Pará, porque só tinha Faculdade aqui no Rio de Janeiro. Naquela época só tinha duas Faculdades de Medicina, a Nacional na Praia Vermelha e outra parte na Santa Luzia, na Rua de Santa Luzia, e o, e a Hannemaniana, que hoje é Faculdade de Ciências Médicas, Instituto Hannemaniano, na Rua Moncorvo Filho. Hoje nós temos na cidade do Rio de Janeiro, seis Faculdades de Medicina, seis ou sete não sei, de modo que esses alunos vinham de fora. Tinha a Faculdade da Bahia, tão idosa quanto a daqui do Rio, já tinha sido criada uma Faculdade em Porto Alegre, uma em São Paulo, Paraná não tinha Faculdade ainda, e outra em Pernambuco, e outra no Pará também..

AP - Esses quatrocentos e vinte estudantes, quantos, que tinham se candidatado no vestibular, qual era a relação candidato-vaga no vestibular no seu tempo?

RP - Bom, eu não sei informar exatamente...

AP - Era muito mais candidatos que o número de vagas? Como é que era? Qual é idéia que o senhor tem?

RP - Era mais candidatos que o número de vagas. Não, não havia vaga não, quem fosse aprovado passava.

AP - Ah! Sim...

RP - É.

AP - Não era que nem...

RP - A minha turma tinha quatrocentos e vinte, a turma anterior a minha tinha menos gente, a turma que veio depois de mim tinha menos gente...

AP - Não era com um número de vagas limitado não...

RP - Não tinha número de vagas limitado...

AP - Essa não era uma das reivindicações do movimento médico da época?

RP - Não havia movimento médico naquela época...

AP - Não havia movimento médico naquela época?

RP - Não havia movimento médico...

AP - Já existia...

RP - Eu entrei para a Faculdade em 1926...

AP - Isso...

RP - ...Não tinha nenhuma entidade médica, a não ser a velha Academia Nacional de Medicina que foi fundada no tempo do Império, estava aí, no tempo do império, que era uma Academia com membros escolhidos e a Sociedade de Medicina e Cirurgia que fez cem anos em oitenta e seis, agora...

AP - E como que ela atuava no tempo em que o senhor era estudante, a Academia?

RP - A Academia era científica, puramente científica, e ainda é até hoje, e a Sociedade de Medicina era também científica, só que tem que a Sociedade de Medicina é para o pé de chinelo e a Academia é para o bom aluno, tinha disputa de vaga, só havia vaga, quando... como até hoje é assim um número limitado de vaga. A Sociedade de Medicina era democrática, basta ser médico formado...

AP - Acabou...

RP - E especialista não existia ainda, a especialidade médica não existia..

AP - O senhor acha que a origem ...

RP - O Colégio Brasileiro de cirurgiões, quando foi fundado em 1929, portanto quando eu estava no terceiro para quarto ano de Medicina, só tinha cinco especialidades cirúrgicas: Oftalmologia... Tinha cirurgia geral, que fazia tudo, Oftalmologia, Otorrinolaringologia, Obstetrícia era junto com Ginecologia a Traumatologia com a

Ortopedia e a Urologia, isso era considerado os especialistas. Havia gente que só fazia isso, embora também fizessem cirurgia geral. Pois bem, hoje no Colégio brasileiro tem dezoito sessões especializadas. Alguns membros do Colégio, hoje, que entraram muito tempo depois, entraram ainda no Colégio como cirurgiões gerais assim como o Pitanguy. Depois com a evolução verificada na Medicina isso foi se modificando e foram transferidos de sessão.

AP - Muito bem, quer dizer que a Academia nem a Sociedade, estavam muito interessadas na formação do Médico?

RP - Não , não estavam. Não estavam interessadas...

AP - Agora, no seu entender, hoje em dia, como é que o senhor...

RP - Não havia Ministério da Educação.

AP - Sim...

RP - ...havia Ministério do Interior e Justiça, que supervisionava. O meu diploma de trinta e um foi registrado de, no Ministério da Justiça, no Departamento Nacional de Saúde Pública, que era subordinado ao Ministério da Justiça. O Ministério da Educação e Cultura foi criado em trinta, depois da Revolução de trinta, Educação e Cultura, Educação e Saúde foi criado na Revolução de trinta, e depois em 1932 foi desdobrado em Ministério da Saúde e Ministério da Educação, pelo Governo Federal...

AP - No seu entender hoje, como é que o senhor vê, porque é que se... a categoria médica criou duas Sociedades Científicas? Não manteve apenas uma, a Academia e a Sociedade de Medicina e Cirurgia?

RP - Como era dos grã-finos, a Academia era fechada, A Sociedade de Medicina e Cirurgia, a Academia foi fundada no tempo do Império, no tempo da Regência, o Imperador Pedro II, com a presença do imperador menino no Hospital da Ordem, no salão do Hospital da ordem de São Francisco de Paula, que era naquela época tinha um Hospital no Largo de São Francisco. Foi criado em trinta e dois. Quando houve mais tarde na República, com a proclamação da República, transformou-se a Academia Nacional de Medicina, Ela chamada-se Academia Imperial de Medicina, sempre com aquela constituição da velha Academia Francesa, isso. A Sociedade de Medicina, foi fundada em oitenta e seis, já com os ares da República e da democracia, República em oitenta e nove, Sociedade de Medicina fez centenário em oitenta e seis (você viu o livro que o Júlio Sanderson mostrou ou deu não sei. De modo que o (PI) freqüentava a Medicina e Cirurgia, na Academia só entrava aquele sujeito já feito na vida, geralmente professores, ou homens bem vitoriosos na profissão, o outro, qualquer pé de chinelo, que tinha o seu diploma de médico podia entrar.

AP - Certo. Doutor Renato, vamos falar um pouco, o curso naquele tempo durava quatro anos...

RP - Seis anos...

AP - Seis anos a Faculdade de Medicina. Durante esses seis anos, a Faculdade era de graça, mas a aula era o dia inteiro, era só meio período...

RP - Pagava uma inscrição, de assinatura de cento e vinte cruzeiros, mil réis, cento e vinte mil réis...

AP - Por ano...

RP - É...

AP - Todo ano, agora, e o curso durava o dia inteiro ou só meio período?

RP - Dependia dos professores e do ano que estava...

AP - O senhor conseguiu trabalhar enquanto estudava, ou não?

RP - Eu trabalhei enquanto estudei...

AP - O senhor trabalhava com que?

RP - Como acadêmico vacinador da Saúde pública, quando passei para o quarto ano...

AP - Sim, e antes do quarto ano?

RP - Eu estava na boa vida...

AP - Seu pai dava mesada pro senhor...

RP - Dava mesada...

AP - Pro senhor na Faculdade...

RP - É.

AP - Comprava os livros.

RP - Não, meu pai não me dava mesada! Mesada não. Eu trabalhava também, trabalhava na clínica do meu pai, dando injeção nos doentes dele...

AP - Ah! sim o senhor já estava fazendo uma prática de dar injeção nos doentes do seu pai...

RP - Dando injeção nos doentes do meu pai.

AP - Era em casa...

RP - Em casa.

AP - O senhor ia visitar os pacientes...

RP - Quando eu tinha tempo pra ir eu ia em casa.

AP - E isso o paciente dava o dinheiro pro senhor, ou o seu pai ...

RP - Dava pra mim...

AP - Uma gorjeta ou um dinheiro já...

RP - Era uma taxa estabelecida. Qualquer dois mil réis assim (risos).

AP - Isso como auxiliar do seu pai...

RP - É...

AP - E o senhor ficou trabalhando como auxiliar do seu pai durante quanto tempo?

RP - Até ter meu primeiro emprego público, que foi acadêmico vacinador do Serviço de profilaxia da Saúde pública.

AP - Isso já no quarto ano...

RP - Já no quarto ano de Medicina...

AP - Então do primeiro ao quarto ano...

RP - No quinto ano, eu tive outro emprego que foi interno de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina.

AP - Perfeito, mas a Faculdade não dava bolsa de estudo nada disso...

RP - A mim, me pagava como interno...

AP - Como interno pagava também pro senhor...

RP - Pagava...

AP - O senhor falou, que o senhor foi...

RP - Na Saúde Pública, eu ganhava trezentos e dez cruzeiros e na Faculdade, ganhava duzentos cruzeiros, como interno. Eu fui dois anos interno da Faculdade e fui três anos vacinador da Saúde Pública. Por isso eu conheci o Rio todo, o subúrbio todo por que a Saúde pública, vacinava por período, por trechos, então eu dizia, tínhamos, escolhia a rua, tinha-se que se fazer uma quota diária de dez, de dez. Tinha uma folha de papel grande, onde a gente relacionava até trinta, trinta endereços batidos onde já não se precisava se vacinar ninguém, ou sete vacinas novas, ou sete revacinações, isso constituía um dia, mas isso, no primeiro dia, eu levei... trabalhei pra burro o dia inteiro, depois aprendi os macetes, né...

AP - Quais eram os macetes?

RP - O macete... eu chegava numa casa de cômodos, procurava o encarregado da casa de cômodos, dava quinhentos réis, um mil réis, mandava reunir a criançada que não estava vacinada e era fácil, então eu fazia dez, vinte vacinas numa casa de cômodos, valia um dia...

AP - Ao invés de ir em casas diferentes...

RP - Não, eu corria casas diferentes, corria casa, batia na porta, atendeu, não tem vacinação, visitas feitas...

AP - O senhor teve essa experiência...

Fita 2 - Lado A

AP - Doutor Renato, o senhor estava falando de sua experiência como vacinador da Saúde Pública, essa opção foi assumida pelo senhor porque foi a oportunidade que surgiu, ou...

RP - Não, era um bom emprego para estudante na época.

AP - Ah tá, era um emprego para estudante

RP - Só tinha para estudante de Medicina, só a Saúde dos Portos,

AP - Além da de Vacinação...

RP - Só trabalhava Saúde do Porto, mas Saúde do Porto era pouca gente...

AP - Pouca vaga...

RP - Hein?

AP - Era pouca vaga?

RP - Era pouca vaga.

AP - Entendi.

RP - Eram estudantes que iam junto com o médico visitar os navios ancorados na entrada da Barra.

AP - Que era onde isso?

RP - Era onde é até hoje...

AP - Na Praça XV?

RP - Na Praça XV.

AP - Ou lá na Praça Mauá?

RP - Na Praça XV.

AP - Praça XV, Ali na Praça XV, ia lá visitar os barcos, ver se tinha algum doente, alguma coisa...

RP - Eu não fui, eu preferia a Saúde dos Portos, ganhava oitocentos mil réis...

AP - E como vacinador ganhava quanto?

RP - Ganhava Trezentos réis...

AP - Puxa! menos da metade...

RP - O Gilberto Cardoso, que foi presidente do Flamengo e é nome de rua aqui, meu colega de turma o pai dele era Deputado pelo Estado do Rio, ele era de Campos, foi quem foi nomeado para a Saúde do Porto...

AP - Pra conseguir uma vaga na Saúde do Porto, também tinha que ter ..

RP - Pistolão.

AP - Pistolão.

RP - Pistolão.

AP - E o senhor não teve pistolão. Aquele, aquela influência que o senhor teve pra entrar na Faculdade não funcionou nessa hora?

RP - Não funcionou nessa hora.

AP - Mas o senhor pleiteou, através das suas influências?

RP - Não eu não cheguei a pleitear, porque eu não tinha conhecimento nenhum.

AP - Certo. Agora o senhor teve esta experiência, mas o senhor ganhou dinheiro com essa experiência, ou o senhor num certo momento pensou em seguir a carreira de higienista?

RP - De que?

AP - Higienista. Trabalhar com a saúde pública?

RP - Não. Higienista eu nunca pensei.

AP - Nunca pleiteou...

RP - Nunca pleiteei.

AP - Apesar de ter tido essa experiência como vacinador.

RP - É

AP - E o senhor acho que teve uma outra experiência profissional também na área da Saúde Pública não é?

RP - Olhe, até 1907, aqui no Rio, quando foi fundado o Posto da Rua o primeiro Posto da Assistência na Rua General Camerino, só havia o médico de família e o médico fazia aquilo que era do Sanitarista, cuidava da saúde pública, que também fazia clínica de família, mas ele tinha emprego, e além disso os professores universitários das duas Escolas de Medicina. Não havia mercado de trabalho para médico não, a não ser este. Meu pai foi médico de família exclusivamente, porque quando ele foi, ele fez um primeiro concurso, que perdeu, perdeu porque só havia uma vaga e ele tirou em segundo lugar. Fez o segundo concurso, que ele ganhou mas foi roubado, porque a banca protegeu um outro, um candidato deles que foi nomeado, e o terceiro lugar que ele ganhou e não levou. Foi pra médico escolar da Prefeitura, eram vinte vagas, ele já exercia interinamente o cargo, tinha preferência. Entre as vinte vagas, ele ficou classificado em oitavo lugar, portanto tinha direito. O Prefeito, não nomeou. O Prefeito usou, se prevaleceu de um artifício, pra ver como esse mau caratismo existe desde aquela época, e não foi só ele que foi prejudicado, inscreveram-se cinquenta e tantos candidatos pra vinte vagas, nem todas as vinte foram nomeadas não, o Prefeito escolheu os classificados, dentre os classificados, mas não entre os vinte primeiros classificados. De modo que meu pai foi pra justiça, tomou a decisão, vou fazer o resto da minha vida na minha Clínica, de família, mas não faço mais concurso. Tomou a decisão de não fazer mais concurso. Levou na Justiça de 1913 a 1933, ganhando aqui, ganhando lá adiante em várias instâncias, acabou como um recurso extraordinário no Supremo Tribunal Federal e ganhou. A Prefeitura reintegrou ele, foi obrigada a reintegrar, pagaram os atrasados todos,

AP - Vinte anos...

RP - De vinte anos, era uma porcaria naquela época, ganhava dois mil e poucos(palavra)depois de muitos aumentos chegou, tinha chegado a dois mil, dois mil e quinhentos, dois contos e quinhentos, não deu pra ficar rico,....Ele embolsou uns trezentos mil, uns trezentos contos de réis.

AP - Os outros colegas do senhor na Faculdade, eles também, trabalhavam na vacinação...

RP - Não, não tinha porque não tinha tanto lugar pra tanta gente...

AP - Como é que eles faziam, como é que ...

RP - Cada um fazia a sua organização...

AP - Como é que eles conseguiam...

RP - A sua maneira...

AP - Como é que era, quais são as outras alternativas?

RP - De colega de turma? uns não faziam nada que eram, gente de família boa. Um colega meu de turma é o Professor Carlos Chagas Filho, era filho do Prof. Carlos Chagas, portanto tinha dinheiro outro era o Nuno Magalhães, filho do Prof. Fernando Magalhães, também tinha dinheiro, tinha a família aqui, vivia às custas da família, outros se viravam dando plantões nas poucas Casas de Saúde que apareceram na época, dando plantões em Casa de Saúde... ou dando aulas em Colégios particulares, ou

buscando é (PI) como é que chama opúsculos de aulas de professores, revendendo para os colegas (PI), ou trabalhando em outros lugares, mas trabalhando primeiramente.

AP - Os seus amigos em geral, eram pessoas que também como o senhor eram filhos de médicos?

RP - Não a maioria não era filho de médico. Na turma de... os amigos, tinha o Chagas, tinha o Nuno Magalhães...

AP - O Nuno Magalhães é vivo ainda?

RP - Morreu já... O Carlos Chagas tá vivo, é membro da Academia, almocei noutra dia, quando nós fizemos vinte e quatro anos de aniversário de formatura, ele deu um almoço na casa dele, Carlinhos Chagas, mas ele tá de cadeira de roda, tá ruim. E tinha alguns filhos de médico, mas a maioria não era, não

AP - O senhor lembra de algum caso curioso, que o senhor tenha guardado na sua memória, da sua experiência na Universidade?

RP - Na Universidade?

AP - É.

RP - Que tipo de caso?

AP - Não sei.

RP - Eu tenho casos, (PI). Nós tivemos um professor. Eu tenho que pensar...eu tenho que pensar o que é (PI) tempo de Universidade. Tem um o caso, que não é para citar...

AP - Pode citar, porque não? do que é que o senhor está lembrando?

RP - O professor Adelino Pinto, professor de Química...

AP - Adelino Pinto...

RP - ...de química orgânica...

AP - Sim...

RP - Era médico da assistência, era professor e médico da assistência. Um dia, o Adelino, na assistência ele usava o anel de grau dele no dedo polegar, ele foi fazer em domicílio, uma lavagem vesical num doente...

AP - Lavagem de que?

RP - Lavagem estomacal num doente. Eu disse vesical né?

AP - Eu não entendi direito...

RP - Estomacal. E o doente engoliu o anel dele. Anel de grau, daqueles anéis que usavam com pedra, de esmeralda verde e brilhante em volta...

AP - Enorme o anel...

RP - Enorme. Ele então, prendeu o doente. Trouxe o doente para o velho Hospital Souza Aguiar, na Praça da República e ficou vigiando, esperando que ele evacuasse o anel. Deu purgante a ele. Então, como Adelino era muito chato como professor, ele chegava na porta do anfiteatro então se sentava na aula e ficava, Adelino cadê o anel? ele ficava louco da vida.

AP - Essa estória, toda a turma ficou sabendo..

RP - Todo mundo sabia disso.

AP - Mas esse exame, como é que faz esse exame?

RP - Exame em química?

AP - Não esse exame, é a de...

RP - Esperar, quando o sujeito evacue..

AP - Não, enfiar o dedo na boca?

RP - E, tocar um tubo pela garganta abaixo pra lavar o estômago

AP - Quando ele enfiou o tubo o anel caiu...

RP - O anel caiu...

AP - Dentro da garganta do cidadão...

RP - Do doente...

AP - O cidadão engoliu o...

RP - Engoliu o anel...

AP - E depois afinal de contas ele evacuou o anel?

RP - Ele evacuou, dois ou três dias depois ele evacuou o anel..

AP - Como é, puxa vida, atravessou o...

RP - Deu purgante. Ele levou pro pronto socorro e prendeu o doente. Estória jocosa que eu saiba é essa, assim. Então havia também, então gritava, Adelino, cadê o anel?

AP - Depois todo ano, o pessoal ficou fazendo...

RP - E ele subia a escada que vai pra sala, e quando estava dando aula e ele parava e você esperava, porque naquela época o médico, o estudante de medicina, tinha que freqüentar de chapéu, de gravata e chapéu.

AP - Todo de branco?

RP - Não, de branco nada, não era como hoje não aquilo apareceu mais tarde, era de gravata e chapéu. Havia professor que reclamava, julgava desrespeitoso eu ir de gravata. o Adelino era um deles, o Adelino não era simpatizado (PI). Então quando se viu que o Adelino era assim, se escondia. Eu lembro perfeitamente, que um dia ele subia a escada para ir dar aula, a aula dele era no primeiro andar, da velha Faculdade de Medicina..

AP - Era onde, no Largo de São Francisco, não...

RP - Não, Faculdade de Medicina era a da Praia Vermelha, demoliram, demoliram, demoliram, um prédio histórico, o culto pela história que tem o povo brasileiro é esse, formou gerações de médicos, de dezoito, até pouco tempo, formou lá, eles demoliram. Mas, o (PI), então o sujeito chegou e gritou, Adelino, pensava que o Adelino ia na frente dele, cadê o anel? (TI). Ele virou-se... tá aqui, covardaço!..

AP - O que é que ele fez?

RP - Não fez nada, o sujeito, o estudante é que correu...

AP - Agora o senhor começou a falar um pouco dessa do estudante de terno, de chapéu, eu diria ao senhor, como é que era assim, o cotidiano de um estudante de medicina da sua época? Do dia-a-dia.

RP - Eu saía, eu morava na Rua dezenove de fevereiro, no cento e setenta e oito, ia a pé até a Rua da Passagem, esquina da General Polidoro, tomava o bonde Praia Vermelha que me deixava lá, custava cem réis o Praia Vermelha, ficava, depois tinha aula de manhã e ficava lá, na Faculdade, quando assistia outra aula de tarde, voltava de tarde... de tarde, a aula de anatomia era dada no Instituto Anatômico, na Rua de Santa Luzia, que era a antiga Faculdade de Medicina, só funcionava Anatomia e a cadeira de Técnica Cirúrgica lá, porque precisava do cadáver, era o Instituto Anatômico, eu tinha aula no Instituto Anatômico, de tarde... isso foi no primeiro e segundo ano, Anatomia era lá, e a cadeira de Química, de Física de Parasitologia era na Praia Vermelha. A cadeira de Microbiologia, era na Praia Vermelha, Histologia era na Praia Vermelha. Uns professores davam aula de manhã, outros davam de tarde, de modo que tinha que voltar as vezes de tarde outras vezes, porque tinha que se dar frequência, pra aula teórica também. Era isso. Quando se passou para as cadeiras clínicas, aí foram as frequências para os hospitais.

AP - O curso era muito exigente? tinha que estudar muito...

RP - O curso...

AP - Porque o senhor acha isso...

RP - O curso tinha que estudar, pra não ter que fazer exame final. Tinha as provas parciais, como eles chamavam, eram de três em três meses, três vezes. O exame final era em dezembro, mas durante o curso tinham três provas parciais, quem tinha uma média boa, era dispensado do exame final, era considerado aprovado na matéria, mas precisava ter uma média boa...

AP - E quem não tivesse média boa?

RP - Fazia exame final...

AP - E ia à prova oral também...

RP - E se fosse, prova prática e oral, no exame final...

AP - Ah! tá.

RP - Se por acaso, ele perdesse, fosse reprovado, no exame final, tinha uma segunda época, que era feita em março. Acho que até hoje ainda é assim... não tenho certeza não...

AP - Durante a Faculdade, o senhor, o seu currículo faz menção às suas primeiras experiências associativas.

RP - Ah! eu herdei do meu pai isso...

AP - No Clube Atlético Acadêmicos de Medicina e na Federação Acadêmica do Rio de Janeiro...

RP - Eu fui da Fede... Meu pai era esportista, depois da guarda noturna, já contei, ele foi Presidente do Botafogo, Presidente da Confederação Brasileira de Desportos. De modo que eu me mirei no exemplo dele, entrei pra Faculdade, para o Clube Atlético Acadêmicos de Medicina, que era uma unidade particular, pra Caixa Miguel Couto, que era outra, que emprestava dinheiro pra estudantes que não tivessem recursos para pagando juros modíssimos.

AP - Caixa de que o senhor falou?

RP - Caixa de Beneficência Miguel Couto, e tinha o Diretório, que era o órgão político, e tinha o Diretório Acadêmico que era o órgão político. O Diretório era filiado à Federação Acadêmica do Rio de Janeiro.

AP - E não ao Diretório Central dos Estudantes.

RP - Não existia Diretório Central, existia Diretório Acadêmico, Diretório...A Federação Acadêmica do Rio de Janeiro...

AP - Certo...

RP - Isso caiu com a Revolução de Trinta.

AP - Então vamos falar um pouquinho de cada uma dessas três experiências.

Essa aí do, do...

RP - Clube Atlético?

AP - Clube Atlético.

RP - O Clube Atlético tinha no Instituto Anatômico uma sala grande, onde se jogava xadrez, se jogava dama, se jogava pingue-pongue e se promoviam os torneios esportivos de basquetebol, de voleibol, de tênis, de futebol em campos arranjados.

AP - Esse era o Clube Atlético Acadêmicos de medicina...

RP - Clube Atlético Acadêmicos de Medicina.

AP - A sua atividade lá era mais recreativa...

RP - Recreativa. Eu ia lá jogava pingue-pongue, jogava xadrez mal, mas jogava, e fazia meus esportes acadêmicos. Era aberta a inscrição, futebol, quem quisesse se inscrevia, depois era sorteado, os times eram sorteados. Se tinha cinquenta dava para fazer quatro times, se tinha trinta inscritos, dava pra fazer três times, de acordo com o número de inscritos, evidentemente fazendo uma certa orientação, pra escolher aqueles que já eram bons de bola, entendeu? Eu era ruim de bola, sempre fui ruim de bola, mas apesar disso eu jogava. No Clube Atlético eu fui eleito secretário no Clube Atlético Acadêmico de Medicina, fui secretário dois anos. (TI) no quarto ano, não, no terceiro ano, fui segundo secretário, depois primeiro secretario (TI) fui vice-presidente do Clube Atlético Acadêmico de Medicina, no ultimo ano. Mas é era isso. Como presidente, como esportista eu representava , eu tinha que ter um representante do Clube Atlético, nos Departamentos de Desportos e Xadrez junto a Federação Acadêmica do Rio de Janeiro, o representante era um colega meu, não de turma, uma turma antes de mim, o Lourenço Pereira da Cunha. Quando Lourenço foi se formar, eu me formei em trinta e um ele se formou em trinta, na época da Revolução, o Lourenço estava preocupado com (TI) pra casar, ia casar também ia se formar e ia se casar, indicou meu nome para substituí-lo lá e eu fui diretor do Departamento de Desportos e Xadrez da Federação Acadêmica do Rio de Janeiro, durante dois anos.

AP - E, quer dizer essa... tanto a Federação Acadêmica era da mesma instituição apenas recreativa, ou não?

RP - Não, era uma instituição de defesa de classe estudantil. Tinha sede na Escola de Politécnica do Largo de São Francisco, e tinha uma diretoria de sete membros. Era presidida por Santiago Dantas, e tinha mais o Hélio Vianna não sei em que funções, Américo Lacombe, então geralmente um representante de cada entidade subordinada talvez ela tivesse, tinha Medicina, Politécnica, Direito, (TI), Belas Artes, tudo isso, e quando Lourenço representava a Medicina, era da Medicina, não quis continuar eu entrei pra lá e foi dois anos, presidente, diretor do Departamento de Desportos e Enxadrismo.

AP - O senhor se lembra nessa época que o senhor foi diretor desse Departamento, quais eram os debates ideológicos enfim, que se travavam dentro da Federação?

RP - Debate ideológico era um reacionarismo primoroso.

AP - Como é?

RP - Reacionarismo primoroso. Dentro da Federação?

AP - Sim.

RP - Dentro da Federação, o presidente era o Santiago Dantas, que depois foi integralista e depois passou a ser democrata, ele morreu democrata,(risos), depois de ser camisa verde, Santiago Dantas. Santiago Dantas estudava Direito. Santiago Dantas quando veio a Revolução de Trinta, eu estava em Porto Alegre, a Revolução de Trinta, ele hipotecou a solidariedade da Federação Acadêmica do Rio de Janeiro ao Governo Washington Luiz, o lado político da questão que interessa você, não é? Pois bem, mas, a Revolução foi vitoriosa, vinte e quatro de outubro ganhou a Revolução, no dia vinte e sete ou vinte e oito, houve uma revolta das massas acadêmicas contra a Federação. O único sujeito da diretoria da Federação, que contestou essa solidariedade a Washington Luiz fui eu. De modo que houve acusações severas contra o presidente, Santiago renunciou, passou para o vice-presidente que renunciou, atacavam todo mundo atacava, numa assembléia na Faculdade de Direito, até que sobrava eu, ninguém me atacou, eu assumi a presidência, fui presidente meia hora da federação Acadêmica (risos). Fui presidente meia hora da Federação, quer dizer, que convoquei uma sessão, outra sessão, encerrei a sessão e convoquei para dentro de meia hora se eleger a nova diretoria, de modo que eu fui presidente por meia hora.

AP - E essa nova diretoria o senhor não participou?

RP - Não.

AP - Porque?

RP - Porque não quis.

AP - Queriam que o senhor participasse?

RP - Aliás...foi em trinta, foi em trinta, você falou... eu continuei no Departamento de esporte e enxadrismo, eu fui eleito na diretoria, fui eleito.

AP - Mas o debate neo, o debate fascista...

RP - Fascista não..

AP - Estava presente dentro da Federação?

RP - Não, existia então um medo de falar em fascismo. Santiago, os que depois se tornaram integralistas, falavam, mas a massa, a massa estudantil não só médica era profundamente libertária e anti-fascista. Não havia simpatizantes. O integralismo foi fundado em trinta e dois,...

AP - Nós estamos na véspera da fundação da Ação Integralista.

RP - Quando foi fundada a Ação Integralista, o Santiago foi um dos próceres da Ação Integralista.

AP - O Lacombe também?

RP - O Lacombe também.

AP - E o Hélio Vianna?

RP - O Hélio Vianna Também.

AP - Historiadores.

RP - Hein?

AP - Historiadores.

RP - Então eram seus colegas.

AP - Isso. Lacombe, Lacombe me deu aula.

RP - Quem?

AP - Lacombe deu aula pra mim.

RP - Lacombe não era historiador não.

AP - Mas ele deu aula pra mim.

RP - Ah! ele foi diretor do Museu Imperial.

AP - Foi. E do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, também, e da Casa de Rui Barbosa. Me deu aula de História econômica do Brasil. Na PUC.

RP - De modo que eles já traziam na cabeça aquele negócio do Hitler..

AP - Eles traziam negócio do Hitler, e como é que essas idéias chegavam ao senhor? essas idéias do Hitler, do Mussolini...

RP - Eu vivia num outro meio.

AP - Qual era o meio em que o senhor vivia?

RP - Eu vivia num meio de esquerda (risos). Naquele tempo não havia esquerda ainda.

AP - Sim, mas como é que era esse meio de esquerda que o senhor esta falando que o senhor vivia?

RP - Meio de esquerda aqui.

AP - Daquela época, na década de, início da década de trinta, final da década de vinte e nove.

RP - Olhe, colegas de turma meus, se sacrificaram e perderam o ano, porque aderiram ao Partido Comunista.

AP - Quem foram esses seus colegas, o senhor pode lembrar o nome deles?

RP - Alguns já morreram, outro, eu não sei se ele está vivo, mas ele tornou-se um líder católico hoje, eu não quero revelar.

AP - Sim, o senhor também foi militante do Partido Comunista?

RP - Não, nunca fui, (PI) a partido nenhum. Sempre respeitei a minha autonomia, para resolver os meus casos.

AP - Sim, mas o senhor era próximo ao Partido Comunista..

RP - Eu simpatizava com a ação dos comunistas.

AP - Com Prestes...

RP - Sim, simpatizava com Prestes.

AP - O senhor teve algum contato pessoal com Prestes?

RP - Mas nunca entrei para um Partido Comunista, porque não aceitava aquela rigidez disciplinar. Eu vi colegas meus de turma que perderam o ano, porque foram destacados pelo partido, quando eu estava no primeiro ano ainda, no segundo ano, pra irem alfabetizar operários, em Niterói. Mas isso não era função do Partido Comunista. Mas naquela época era assim, mil novecentos e vinte e seis, vinte e sete, havia o jornal A Nação, dirigido pelo Leônidas Rezende, que tinha um título todos os dias no alto, “companheiros... trabalhadores de todo o mundo uniu-vos”. Todo o jornal do Leônidas Rezende, que depois foi professor da Faculdade de Direito e foi cassado, foi demitido...

AP - Esse jornal tinha distribuição semanal?

RP - Saía diariamente.

AP - Diariamente..

RP - Tinha venda diária.

AP - E o seu circuito, era esse circuito de esquerda, o senhor circulava, freqüentava essas pessoas...

RP - Eu freqüentava a direita também.

AP - Freqüentava a direita também?

RP - Freqüentava a direita também... mas, sem discutir política.

AP - Uai! freqüenta sem discutir?

RP - Se eu vivia, no meio que a direita era a maioria, o que é que eu ia fazer, não ia me isolar só com os comunistas? Mas discutir política não. Eu discutia esportes...

AP - Futebol.

RP - Futebol.

AP - O senhor como um bom botafoguense...

RP - Fui criado dentro do Botafogo. O que mais que você quer saber?

AP - Vamos falar então um pouco então das suas experiências que o senhor fez já alguma menção em algum momento da nossa conversa de hoje, sobre o seu estágio na..., com Doutor Paulino, no serviço do Doutor Paulino.

RP - Ah! quando eu estava na Faculdade?

AP - Isso ainda na Faculdade. Como é que foi essa experiência?

RP - Quando eu passei pro terceiro ano, no primeiro ano de medicina eu queria ver cirurgia, eu era muito amigo de um colega que era interno do serviço do Professor Paulino, eu te levo lá. O que é que fazia um interno de primeiro ano, que não sabia cirurgia nenhuma, fazia, tratava de ferida, fazia curativo. Era um enfermeiro graduado. Eu tive um ano lá no serviço do Paulino. Depois no segundo e terceiro ano, eu não freqüentei o Hospital, caí na farra e no esporte...

AP - Sim, e no serviço do doutor Paulino como é que era isso, o que é que exatamente o senhor fazia?

RP - O serviço do Professor Augusto Paulino, o velho Paulino, tem pai e tem neto, o pai já morreu também, o filho dele já morreu, mas tem um neto que é cirurgião e tá vivo ainda. E fazia curativo em ferida, exclusivamente isso, ajudava curativo, às vezes segurava uma máscara de oxigênio para dar anestesia, uma anestesia num doente, não tinha tanto, não tinha envergadura, nem preparo para ser um anestesista, segurava a máscara, ficava, mas o controle era do cirurgião.

AP - O senhor ganhava alguma coisa com isso?

RP - Hein?

AP - Ganhava alguma coisa com isso?

RP - Não ganhava nada, era inteiramente gratuito. Eu fui ganhar o primeiro vencimento como acadêmico, quando entrei no terceiro ano na Saúde Pública.

Fita 2 - Lado B

RP - Eu freqüentei o Hospital quando passei pro quarto ano de Medicina, aí fiquei lá.

AP - não! O senhor falou do internato na cadeira de Propedêutica.

RP - A cadeira de Propedêutica foi o Rocha Vaz, dava um bom curso, foi o melhor professor que nós tivemos no curso.

AP - O Rocha Vaz.

RP - E ... eu, que precisava aprender propedêutica.

AP - Porque é que o senhor achava, que o senhor queria, precisava aprender Propedêutica?

RP - Porque eu queria ser médico...

AP - Propedêutica, o senhor acha importante para Medicina?

RP - E ele estava dando uma, deu um ano muito bom. Tanto é que ele foi paraninfo da minha turma. Não foi influência minha não, por ser beneficiado por ele na matrícula não (rindo).

AP - Agora, no seu tempo, existia o São Francisco de Paula,

RP - O São Francisco de Paula..

AP - O São Francisco de Assis e a Santa Casa.

RP - O São Francisco de Paula, não era da Escola, não.

AP - Sim, mas eu estou falando em termos de lugares aonde um estudante de Medicina fazia uma espécie de...

RP - Santa Casa e São Francisco de Assis.

AP - E o São Francisco de Paula?

RP - O São Francisco de Paula, era da Ordem de São Francisco de Paula.

AP - Sim, mas não era um lugar onde os estagiários, os estudantes de Medicina freqüentassem?

RP - Não, não. No meu tempo de estudante, não.

AP - Era ou a Santa Casa, ou o São Francisco de Assis.

RP - Ou São Francisco de Assis...

AP - Que era ali na...

RP - Ainda é...

AP - Ainda é ali na, no Mangue...

RP - A santa Casa ainda é no lugar dela lá.

AP - Isso. E a, o São Francisco de Paula, onde era?

RP - São Francisco de Paula, era ao lado aqui da Quinta da Boa Vista, Rua Almirante Baltazar.

AP - Lá no Alto da Boa Vista?

RP - Ao lado da Quinta da Boa Vista.

AP - Ah! sim.

RP - São Cristóvão.

AP - Certo. Agora, qual era a diferença entre essas três instituições, naquele tempo?

RP - A Santa Casa era o órgão puro, pertence à Irmandade, a Santa Casa, tem uma rede de Hospitais imensa no Rio de Janeiro.

AP - Atendia as camadas carentes?

RP - Atendia, quando eu estava lá, atendia, hoje não está atendendo tanto assim a carentes...

AP - Sim, mas vamos falar lá da década de trinta...

RP - Atendia. Atendia...

AP - Final da década de vinte, início da década de trinta...

RP - Atendia, atendia de graça.

AP - Exclusivamente as camadas carentes?

RP - Exclusivamente as camadas carentes, não, muita gente driblava isso, e era atendido na Santa Casa, com seu anel no dedo, e com a sua jóia no canto da cabeça.

AP - E o São Francisco de Assis...

RP - A pobreza envergonhada, ia à Santa Casa, tirava as jóias pra não escandalizar...

AP - E o São Francisco de Assis?

RP - O São Francisco de Assis, era um Órgão do Ministério, do Ministério da Saúde. Primeiro foi um Órgão do Ministério da, do Interior, de Justiça e do Interior, quando foi criado o Ministério da Saúde e da Educação, passou a ser do Ministério da Saúde e Educação e quando foi criado, desdobrado como Ministério da Saúde, passou a ser Órgão do Ministério da Saúde.

AP - Existiam, é assim áreas de especialização diferentes, num lugar tinha cirurgias, num outro não tinha?

RP - Não, na Santa Casa, tinha tudo, a Santa Casa durante muito tempo foi o grande Hospital de Clínicas do Rio de Janeiro. Só deixou de ser Hospital das Clínicas, quando criaram, botaram algumas Cadeiras de Clínica no São Francisco de Assis, algumas cadeiras de clínica no São Francisco de Assis, e alguns professores, por comodidade, passaram a dar aulas, noutros Hospitais.

AP - Por exemplo?

RP - Por exemplo: Prof. Luiz Barbosa, que era professor de Pediatria, dava aula na Policlínica em Botafogo.

AP - Como era essa Policlínica de Botafogo?

RP - Como é até hoje.

AP - Sim, eu estou falando, ela era uma instituição privada?

RP - Uma instituição privada, com contribuições, tinha contribuintes e tinha subvenções oficiais. Todas essas instituições privadas, tinham subvenções oficiais. A Santa Casa, tinha uma grande subvenção, que era a exploração do enterro, né, o patrimônio dos enterros.

AP - O seu pai, chegou a trabalhar na Policlínica de Botafogo?

RP - Meu pai, ele foi sócio da Policlínica, mas nunca trabalhou não.

AP - Sim, então a diferença entre o São Francisco de Assis e a Santa Casa era o senhor disse que a Santa Casa era mais Clínica mais abrangente, abrangia áreas...

RP - A Santa Casa, fazia, fazia, atendimentos gratuitos, pra todas as coisas. Não havia diferença, a Santa Casa, era um Hospital de uma Ordem e o São Francisco era um Hospital do Governo, era hospital do...

AP - Agora, o que dava mais prestígio naquela época, fazer estágio na Santa Casa..

RP - Santa Casa...

AP - Ou no São Francisco?

RP - Depois de uma certa fase... No começo foi a Santa Casa, todo mundo era louco pra ter um serviço lá na Santa Casa, como tem gente até hoje que tem desejo.

AP - Pega bem pro currículo.

RP - Pega.

AP - Pegava bem?

RP - Dá prestígio ao médico

AP - Na formação do médico, ter uma passagem pela Santa Casa, era uma coisa..

RP - É. eu na Santa Casa, fui interno do Prof. Figueiredo Baena, como interno, e depois fui assistente dele,

AP - Figueiredo Baena, mas e o Augusto Paulino?

RP - Augusto Paulino eu fui peru.

AP - Peru?

RP - Peru. não era interno, era gratuito, sem responsabilidade. Frequentava os serviço dele, olhava, fazia curativo...

AP - O senhor ficou, em mil novecentos e vinte e sete com o Doutor Augusto Paulino como peru...

RP - Peru.

AP - E depois?

RP - Depois...

AP - Em vinte e oito...

RP - Em vinte e oito eu continuei fazendo...

AP - O senhor caiu na esbórnia...

RP - Vagabundagem. Vinte e oito eu estava no terceiro ano não é?

AP - É!

RP - Vagabundagem...

AP - Vinte e nove...

RP - Eu adoeci até... em 1929.

AP - Adoeceu com o que? O que é que o senhor teve, em 1928?

RP - Tive uma mula aqui, um cancro venéreo...

AP - Cancro venéreo, tanta vagabundagem que... (risos)Tira isso rapaz (rindo).

RP - Muito bem, em vinte e nove, aí o senhor, aí...

RP - Eu queria fazer Clínica, eu fui freqüentar o serviço Rocha Vaz, que exigia muito...

AP - Que era no São Francisco de Paula..

RP - O serviço, não, São Francisco de Assis.

AP - Era no São Francisco de Assis?

RP - Era...

AP - O serviço do Rocha Vaz... isso em vinte e nove

RP - Vinte e nove...

AP - Certo. E o senhor não chegou a freqüentar o São Francisco de Paula, também?

RP - São Francisco de Paula fui já como médico...

AP - Ah! já formado...

RP - Já formado.

AP - Ah! tá. então no nosso, no seu currículo, parece que tá qualquer...

RP - Tira esse negócio da mula... Hein?

AP - Ah! tá bom deixe esse negócio, isso é besteira...deixe o cancro venéreo pra lá, não se preocupa com isso não, isso faz parte da vida de todos nós. Não se preocupe com isso não. O senhor então fez esse estágio de peru, como o senhor diz, na Santa Casa, com o Prof. Augusto Paulino, em vinte e sete...

RP - Em cirurgia, primeira vez que eu entrei na sala cirúrgica...

AP - Sim, como é que foi?

RP - Eu vi aquele sangue todo Paulino operando, fiquei, totalmente mariado . Antes de cair no chão, eu peguei um amigo meu, e disse me leva pra fora pra respirar, preciso respirar, ele me pegou, eu respirei, tomei um café, respirei, piorei um pouco, voltei, tornei a sentir tonteira, aí voltei e ele me deu um cafezinho. Aí voltei e fiquei até o fim da operação. Controlei, dominei ali o meu temperamento. Tinha que ver sangue, porque se eu queria fazer cirurgia, como é que não podia ver sangue? tinha que ver.

AP - E depois, o senhor conseguiu controlar os nervos.

RP - Controlei e assisti o resto da operação. A operação sangrava muito...

AP - Era operação de que?

RP - Não me lembro. Feita pelo Prof. Augusto Paulino...

AP - Lá na Santa Casa?

RP - Na Santa Casa, na décima oitava.

AP - Aí depois, na décima oitava. Aí depois, quando o senhor vol.., em vinte e nove, o senhor foi trabalhar na, em vinte e nove ainda na Faculdade, foi trabalhar no São Francisco de Assis, não é isso?

RP - No São Francisco de Assis com Rocha Vaz.

AP - E lá, como é que foi a sua experiência lá?

RP - A experiência foi boa. O Prof. Rocha Vaz, era um bom professor, muito meticoloso, porque minha turma era a primeira turma da reforma Rocha Vaz, feita por ele, em vinte e seis, e é lógico que ele caprichou muito, era um bom didata...

AP - Ele era cirurgião também?

RP - Ele tinha uma equipe de cirurgiões, de assistente muito, ele não era Cirurgião, não ele era Clínico, professor de Clínica Médica, Cadeira de semiologia Médica, Propedêutica Médica, ou semiologia Médica, a mesma coisa, ele tinha um excelente corpo de assistentes, mas era um sujeito muito rude, Rocha Vaz. Ele distribuía a turma

em grupos em determinados dias para as aulas práticas, grupos de seis alunos incumbido de cada leito da sua enfermaria, cada um com um assistente, e tinha assistente como Luis Caprioni, (TI) Manoel Rocha, todos de grande gabarito, todos gente que foi muito boa na Medicina, que criou muito relevo? As vezes ele passava, passava a tarde ele passava pelo corredor, a enfermaria tinha leito de um lado e do outro, ele passeava para um lado, ele parava quando via, pra assistir o que o assistente estava dando, e ele não tinha fair play não. Tá sendo gravado isso? Ele esculhambava o assistente. Tá ensinando errado aos meninos.

AP - Na frente de todo mundo...

RP - Na frente de todo mundo, de modo que tinha esse aspecto desagradável lá.

AP - Não tinha papas na língua...

RP - Não tinha papas na língua...

AP - Falava mesmo...

RP - Mas era um sujeito bom, foi um bom professor...

AP - E quando nesse período com Rocha Vaz, o senhor chegou a receber algum dinheiro por esse trabalho, ou...

RP - Não, esse era inteiramente voluntário...

AP - E o senhor aprendeu muito com essa experiência?

RP - Aprendi, aprendi. Aprendi muito.

AP - Mais, que na época do Paulino...

RP - Ah! sim, porque Augusto Paulino, eu estava no primeiro ano de Medicina..

AP - Estava ali olhando...

RP - Estava ali olhando, peru, peru, como se chamava.

AP - Na época se chamava peru, e com o doutor Rocha Vaz o senhor chamava o senhor de que? Não era peru não.

RP - Não, chamava de interno...

AP - Interno, porque cada cadeira, cada professor tinha dois internos remunerados. Dois. Cada um ganhava duzentos mil réis. Mas tinham vários internos voluntários como eu, do Rocha Vaz. Quando eu fui trabalhar com o Baena a princípio foi de graça, depois quando arrumou uma vaga eu passei a ser remunerado, ganhava duzentos e cinco mil réis. Um assistente ganhava oitocentos mil réis.

AP - Tá bom, doutor Renato, vamos interromper um pouquinho nossa conversa, e retomando um outro dia, que a nossa previsão por hoje, eu acho que o senhor deve estar

até um pouco cansado, estamos há quase quatro horas conversando aí, deixa eu tirar o seu microfone.

Data: 02/12/1994

André de Faria Pereira Neto e Sérgio Luiz Alves da Rocha

Fita 3 - Lado A

AP - Bom, hoje é dia 2 de dezembro de 1994, estamos novamente aqui na casa do doutor Renato Pacheco Filho. É, doutor Renato na vez passada, nós encerramos a nossa conversa tratando um pouco da sua experiência, ainda a experiência profissional ou de formação profissional melhor dizendo, ainda quando o senhor como estudante, nós poderíamos recuperar aqui um pouco do seu estágio na décima oitava enfermaria da Santa Casa...

RP - Décima sexta.

AP - Décima sexta, enfermaria na Santa Casa, em mil novecentos e vinte e sete e depois o internato voluntário na Cadeira de Propedêutica Médica, lá no São Francisco de Assis. E faltou o senhor falar um pouquinho pra nós, pra encerrar esse período, é... o senhor já falou um pouco, né, da vacinação.

RP - Sim...

AP - Agora, faltou o senhor falar um pouquinho ainda da, do interino efetivo da segunda Cadeira de Clínica Cirúrgica...

RP - Interno...

AP - Interno, desculpe, interno efetivo.

RP - É.

AP - Em trinta e trinta e um, já quando o senhor concluiu o seu curso. O senhor podia contar pra gente alguma coisa desse período...

RP - Eu entrei...

AP - Como é que era essa atividade, quem era o Doutor Baena?

RP - Professor Figueiredo Baena, era um homem muito inteligente, culto e verdadeiramente genial, era um excelente professor de téc... de Clínica Cirúrgica. Ele atingiu a cátedra, através de um concurso com mais seis candidatos. Muito jovem. Ele foi Professor Titular, professor Catedrático da Faculdade de Medicina, com vinte e sete anos, porque naquele época, na Faculdade de Medicina, havia três Cadeiras de Clínica Cirúrgica, e haviam, eram portanto, eram três Professores Catedráticos, é como chamavam antigamente o hoje Professor Titular, das três Cadeiras. Mas havia um concurso para Professor Substituto. A primeira vaga que se verificasse compe... cabia ao Professor Substituto. Geralmente feito com um ano de antecedência. Aconteceu que o Baena, fez o concurso para Professor Substituto, com mais seis candidatos, um ano depois vagou uma Cadeira, e ele muito jovem, assumiu o comando da segunda... terceira Cadeira de Clínica Cirúrgica. Eu fui interno do Baena, preliminarmente como

peru, freqüentei sem carga oficial, quando eu estava no meu quarto ano de Medicina, porque no terceiro ano, eu fui interno voluntário, da Cadeira de Propedêutica Médica, do Professor Rocha Vaz, no Hospital São Francisco de Assis. Terminado esse prazo, eu queria fazer cirurgia, e fui, fui trabalhar no serviço de Baena.

No serviço de Baena, encontrei um homem, que teve uma grande influência na minha vida, que era seu assistente, e depois foi meu chefe, chamado Aldair Crisciúma de Oliveira Figueiredo. Aldair era também muito jovem, era médico da Assistência Municipal, onde atingiu o primeiro lugar do concurso, com cinquenta e dois jovens cirurgiões que disputaram a vaga, e Aldair era Livre Docente em Clínica Cirúrgica e trabalhava com Baena, de quem era primo irmão, na Santa Casa e na Assistência. Foi com Aldair, que eu tive a grande experiência. Porque o Aldair, era um professor nato e me obrigava todo dia a...me sabatinava diariamente sobre problemas de patologia cirúrgica. Era obrigatório aquela meia hora, quarenta minutos de sabatina diária. Ele gostava de ensinar e eu lucrei muito com ele. Mais tarde quando Aldair, eu fui trabalhar com Aldair na Assistência Municipal, mas isso mais tarde. Em trinta e quatro, eu larguei o serviço de Baena, e fui trabalhar na Assistência com exclusividade, no serviço de Aldair Figueiredo, lá como interno, eu tinha as minhas obrigações. Fiz o primeiro ano sem remuneração, quando eu estava cursando o quarto ano de Medicina, quando eu passei pro quinto, houve uma vaga... eram cada Cadeira de Clínica Cirúrgica tinha dois internos efetivos, internos da Faculdade, eu fui preencher uma dessas vagas. Essas vagas eram remuneradas pela Faculdade com duzentos mil réis por mês, era um dinheiro que se ganhava. Eu trabalhei de graça um ano. Eu ia todo dia, saía de casa às sete horas estava lá, o Baena exigia que os internos chegassem cedo no serviço, e eles é que tomassem, anotassem a temperatura dos doentes, que as oito horas tinha que tá tudo pronto para a visita médica, isso no tempo de estudante lá eu fazia os novos curativos da enfermaria e dava anestesia geral com a máscara de Obredani, porque naquela época não existia ainda os aparelhos modernos que vieram a existir logo depois e permitiram a entubação endotraquial...

AP - Entubação o que?

RP - Endotraquial, a anestesia é dada com mais segurança. A anestesia era feita com éter, ou com clorofôrmio, através de uma máscara que hoje é peça de museu, chamada máscara de obredani em que vazava muito das juntas e o anestesista ficava meio, meio anestesiado também, bom. Quando eu era escalado para ajudar uma ou outra intervenção, eu cumpria minha obrigação. As vezes entrava de segundo até de terceiro ajudante, conforme a cirurgia exigisse. E assim permaneci um ano, quando eu fui nomeado, eu fiz o meu teste e no quinto e sexto ano, como interno efetivo da cadeira do Baena.

AP - E como é que o senhor, é... conseguia conciliar a Faculdade, esse internato e mais o trabalho na profilaxia?

RP - O internato era da Faculdade, o internato, é, a profilaxia, eram feitos geralmente em horas à tarde, porque da profilaxia, da antivariólica, era feito voluntariamente, a livre escolha da gente. Os vacinadores corriam os horários, e geralmente só eu fazia à tarde. Isso no tempo de acadêmico.

AP - Claro, é.., porque o senhor falou da outra vez, que nesse trabalho de profilaxia, o senhor ganhava alguma coisa...

RP - Ganhava trezentos e dez mil réis...

AP - Isso...mas nesse na, no....

RP - Na Faculdade...

AP - No internato lá...

RP - Ganhava duzentos mil réis.

AP - Mas, esse internato não era na Santa Casa?

RP - Era na Santa Casa.

AP - Mas, a Faculdade não era na Santa Casa?

RP - Era na Santa Casa...

AP - A Faculdade não era lá na Praia Vermelha, lá na Urca?

RP - A Faculdade era na praia, a cadeira de Clínica todas da Faculdade, funcionava, funcionavam na Santa Casa de Misericórdia, ou no Hospital São Francisco de Assis.

AP - Dependendo do que, do Professor?

RP - Dependendo do Professor, de onde era o seu serviço. Mas, a maioria das cadeiras clínicas da Faculdade, funcionavam na Faculdade, de... (TI) da Santa Casa de Misericórdia, algumas no São Francisco de Assis, e mais especializadas... no Hospital, onde hoje é a Escola de Enfermagem Ana Néri, no Morro da Viúva, que era a clínica ortopédica, e as Cadeiras de psiquiatria e neurologia, funcionavam no Hospício Nacional.

AP - Agora, Dr. Renato...

RP - Essas cadeiras todas, só vieram a ser consolidadas, muito tempo depois de eu estar formado, com a inauguração do Hospital do Fundão, (TI) do Fundão. Nós não tínhamos hospital de clínica, aqui, a Santa Casa era um hospital de clínicas, o Hospital São Francisco de Assis, era outro hospital de clínicas, e outras clínicas mais especializadas estavam localizadas em serviços que os professores dispunham.

AP - Doutor Renato, o doutor Baena era tido como um medalhão na cirurgia (a fita apresenta problemas)?

RP - O Baena era. Medalhão na expressão da palavra era um sujeito que atingia a um determinado (TI) um professor catedrático. Esse era um medalhão, e tinha todas as benesses possíveis, não só no exercício de sua clínica privada, na competição com

aqueles que não eram medalhões, e sim medalhinhas, e também na, numa certa Academia Nacional de Medicina.

AP - Os medalhões é que tinham acesso a Academia?

RP - Geralmente era.

AP - E nessa época que o senhor estava se formando, o senhor tinha notícia do Sindicato dos Médicos, nessa época?

RP - Nessa época... o Sindicato, tinha sido fundado em mil novecentos e vinte e sete...

AP - É, quando o senhor estava na Faculdade não é?

RP - Quando eu estava na Faculdade. Meu pai foi um dos fundadores do Sindicato dos Médicos, que pertenceu ao seu conselho deliberativo durante vários anos...

AP - Os médicos do Sindicato eram medalhões ou eram medalhinhas, ou não eram medalhas nenhuma?

RP - Eram medalhas.(risos)

AP - Eram medalhas. Eram menos que medalhinhas...

RP - Eram men... eram a mesma coisa. O sindicato era democrático. Não tinha nenhum professor, nenhum medalhão que quisesse pertencer ao sindicato, nem, nem ser presidente de sindicato.

AP - Ele ia pra onde?

RP - Ele não queria, era... alguns se recusavam até a ser sindicalizados.

AP - Eles iam pra Academia?

RP - Não, não iam pra Academia, a Academia era científica. O Sindicato era um órgão de defesa de classe, mas, não tinha sua sede. O Sindicato foi fundado e foi, e teve muitos anos na Avenida Rio Branco naquela quadra entre a Rua do Ouvidor e a Rua Sete de Setembro, onde em cima, no primeiro andar era a Casa Lerner, uma casa de instrumental cirúrgico, e o Sindicato que tinha, por ideal, defender os interesses da classe, não podia por razões legais, defender interesses dos médicos do serviço público, só dos médicos particulares, por isso que o sindicato não teve muita força no começo. Depois, com o passar do tempo, ele teve a sua sede, se projetou mais, e conseguiu, angariar mais um número de sócios. Para vencer os seus primeiros meses, o Sindicato realizava todos os domingos, um chá dançante na sua sede, lá na Avenida Rio Branco, com uma orquestrazinha, os sujeitos dançar lá, namorar lá. Namoro daquela época, não é namoro de hoje...

AP - Como é que era o namoro daquela época?

RP - O namoro daquela época, não tinha sexo.(risos)

AP - Ah! não tinha sexo,

RP - Era só paquera.(risos)

AP - Só paquera...

RP - É...

AP - E o seu pai, qual foi a atuação do seu pai na...

RP - Meu pai foi do Conselho do Sindicato, vários anos, não sei quantos anos ele pertenceu ao Conselho do Sindicato. Mas sempre foi uma atividade muito intensa, porque ele era médico de família, tinha uma Clínica muito vasta, e tinha um espírito associativo imenso, que ele dedicava ao esporte. Ele foi um desportista. Ele foi presidente da Confederação Brasileira de Desportos, nove anos, que era a entidade máxima de desportos no Brasil, e mal tinha tempo pra se virar para essas atividades associativas de classe médica. Não tinha emprego...

AP - Ele não tinha emprego?

RP - Não.

AP - Ele trabalhava com o que?

RP - Médico de família.

AP - Então tem emprego, não ter emprego que o senhor está falando, ele não é empregado de ninguém, é isso?

RP - Não era empregado de ninguém...

AP - Mas os médicos do Sindicato eles eram empregados de alguém, ou eram mais médicos liberais?

RP - Eram médicos liberais. Exerciam liberalmente a profissão, no verdadeiro sentido.

AP - E eram mais especialistas, eram mais clínicos? O que que o senhor acha?

RP - Não, naquela época, havia o Clínico Geral ou havia o Cirurgião Geral. Pra você ter uma idéia, a especialização médica, tanto na parte clínica, como na parte cirúrgica, veio com o tempo, quando o Colégio Brasileiro de Cirurgiões, foi fundado em mil novecentos e vinte e nove, só tinha cinco pessoas especializadas, de cirurgia, oftalmologia, otorrino, obstetrícia junto com ginecologia, ortopedia e traumatologia e urologia, embora todos os cirurgiões gerais fizessem isso, respeitando apenas a urologia...a oftalmologia e a otorrino. Eu fui cirurgião geral sempre.

AP - Respeitando apenas, o que é que o senhor quer dizer com isso...

RP - Respeitando apenas, o chamado cirurgião geral não se aventurava a fazer uma amigdalectomia, nem a tratar de doença de olho.

AP - Ah! tá, era o único setor que o cirurgião geral não entrava...

RP - Não entrava, no resto ele entrava em tudo, fazia parto, fazia tudo.

AP - E o senhor falou no Sindicato ser fundado em vinte e sete e o Colégio ser fundado em vinte e nove...

RP - Foi.

AP - ...quer dizer, então o senhor poderia dizer que os Clínicos foram pro Sindicato e os Cirurgiões foram pro Colégio? não?

RP - Não, no Colégio, tanto no Sindicato, como no Colégio, no Colégio, também tinha Clínicos, tinha Clínicos, o Colégio sempre teve a área que eles chamavam na fundação, membros titulares colaboradores. Hoje tem uma série imensa de titulares colaboradores, que são os cirur... são médicos, que não são cirurgiões, mas são auxiliares indispensáveis e necessários à prática de qualquer ato cirúrgico, como anestesistas, o homem do Laboratório, o homem do Raio X, etc.

AP - Mas o grupo que estava no Sindicato, não é o mesmo grupo que estava no Colégio?

RP - Não, não é o mesmo grupo...

AP - São grupos de pessoas diferentes...

RP - E eventualmente, pessoas que pertenciam as duas entidades...

AP - Isso. E o grupo que estava na Academia, também não estava no Colégio, o...

RP - Não, o grupo que estava na Academia, poucos estavam no... no Colégio estavam alguns no Colégio...

AP - E porque exatamente esse momento...

RP - Foram fundadores do Colégio...

AP - Em vinte e nove, é... nos já temos no Brasil, o senhor tá acaban... o senhor tá no meio da Faculdade, nos temos no Brasil a Acad...no Rio de Janeiro, né, particularmente, a Academia nacional de Medicina, a Sociedade de Medicina e Cirurgia, o Sindicato dos médicos e o Colégio Brasileiro de Cirurgiões, quatro instituições. Ao que que o senhor explica essa proliferação associativa?

RP - A Academia sempre foi uma entidade de elite, com número limitado de membros, foi fundada com o nome de Sociedade de Medicina e Cirurgia, no tempo da Regência,

mil novecentos, mil oitocentos e vinte e nove. Ainda durante a regência ela passou a se denominar Academia Imperial de Cirurgia, era um Órgão aconselhador do Governo. Tinha número limitado de membros, como tem até hoje, que são eleitos depois de uma análise de seus currículos, mas isso é um aspectozinho político, que sempre existe.

AP - Ah! sim,

RP - Sim... Política de classe Médica. Nem sempre entra o melhor, entra o que tem mais habilidade, como em todo lugar acontece. O Colégio foi fundado, para ser uma Academia de Cirurgia...

AP - O equivalente a Academia Nacional de Medicina, mas para cirurgia...

RP - Carioca.

AP - Para cirurgia...

RP - Para cirurgia do Rio da Janeiro. Depois eles... se transformou um pouco, e passou a aceitar membros estaduais, o Colégio, mas isso já na década, logo depois que foi fundado, na década, no começo da década de trinta, foi fundado em vinte e nove.

AP - Mas se ele começou, querendo ser um Órgão é, só da capital da República, porque ele teve o nome de Brasileiro?

RP - Porque ele morava na capital, tinha sede na capital da República.

AP - Mas se fosse Colégio Carioca de Cirurgiões...

RP - Eles quiseram botar brasileiro, como a Academia Nacional de Medicina.

AP - É como Sindicato Médico Brasileiro, também.

RP - O Sindicato Médico Brasileiro hoje chama-se Sindicato Médico do Rio de Janeiro. Era o único, era o único que tinha.

AP - O que eu queria perguntar ao senhor era o seguinte: Por que esta vontade de tonar uma associação local, Nacional?

RP - Para torná-la mais ampla, mais representativa. Por que antigamente o Rio de Janeiro mandava na medicina, no tempo do Império, no tempo da República. Depois foram surgindo centros de estudo, centros de estudo da medicina em outros estados. Por exemplo eu quando me... entrei na Faculdade de Medicina, só existiam duas Faculdades de Medicina: A velha Hanemmaniana, hoje Faculdade de Ciências Médicas e A Faculdade Nacional de Medicina, na praia vermelha, onde eu me formei, que eu cursei. Hoje aqui no Rio tem sete Faculdades de Medicina. Fora as do Estado do Rio tem em Vassouras, Niterói, tem em Campos, em... outros lugares aí... Valença, Vassouras.

AP - Nós estamos observando que no final do seu período de Faculdade existiam quatro associações médicas: A Academia, A Sociedade de Medicina e Cirurgia, o Sindicato e

o Colégio Brasileiro de Cirurgiões. Como o senhor explica esta proliferação associativa? Esta quantidade de sociedades representativas da profissão médica?

RP - A mais tradicional foi a Sociedade de Medicina e Cirurgia. Ela foi criada para democratizar a medicina no Brasil. Como a Academia era um órgão de elite, com número limitado de membros, só podia haver vaga quando morria algum de seus membros, a disputa era muito difícil, a Academia não cresceu. Então a Sociedade de Medicina que foi fundada em 1886, com o advento da República, com os ares libertários da República e da Abolição, a Academia foi fundada para ser uma entidade... bastava ter o diploma de Médico para se candidatar a associado.

AP - A Sociedade...

RP - É a Sociedade de Medicina e Cirurgia. E Sociedade de Medicina e Cirurgia cresceu e cresceu muito. Tornou-se uma sociedade muito importante na vida nacional, principalmente na vida da Cidade do Rio de Janeiro. Como a Sociedade de Medicina só cuidava de atividades científicas, mesma coisa que a Academia de Medicina, em 29, em 27 eles fundaram o sindicato médico, por que a classe médica já enfrentava naquela época grandes problemas financeiros, para defender os interesses financeiros. Mas a legislação trabalhista que criou os sindicatos, feita pelo Getúlio, subordinava os sindicatos ao Ministério do Trabalho e limitava a ação do sindicato apenas ao médico que exerce-se, ao sindicato médico, apenas ao médico que exerce-se a profissão liberal. Outro médico, o médico que exercia exclusivamente um emprego público, não podia fazer isso. Também naquela época só tinham médicos em empregos públicos os sanitaristas. Sanitaristas e quem mais talvez... os psiquiatras do Hospício Nacional, da Colônia do Engenho de Dentro, é... Dos poucos Hospitais que existiam.

AP - Agora Dr. Renato, em qual destas associações os sanitaristas estavam presentes? Na década de 1929, em 1930, onde eles estavam representados?

RP - Eles se representavam na Sociedade de Medicina e Cirurgia.

AP - Estavam lá?

RP - Estavam. Estavam dentro da Sociedade de Medicina e Cirurgia. Depois eles criaram estas sociedades... Hoje está cheio de sociedades médicas, cada especialista... tem até cirurgia da mão...

AP - Certo, certo ... Não existia Sociedade Brasileira de Higiene?

RP - Eles criaram depois... criaram a Sociedade Brasileira de Higiene, ainda existe até hoje.

AP - Agora, o senhor não se filiou, quando o senhor se formou o Sr. não se filiou a nenhuma dessas associações?

RP - Eu me filiei inicialmente à Sociedade de Medicina e Cirurgia.

AP - Por que?

RP - Por que podia me filiar...

AP - Sendo seu pai membro do sindicato, por que o senhor não se filiou ao sindicato?

RP - Eu me filiei ao sindicato também...

AP - Mas muito tempo depois...

RP - Não ao sindicato eu me filiei logo depois. Sindicato?

AP - É...

RP - Eu me filiei logo depois... Meu pai era do Conselho de Sindicato.

AP - E qual era a relação do seu pai com o Dr. Álvaro Tavares de Souza?

RP - Era amigo cordial. Álvaro Tavares de Souza era presidente do sindicato, acho, mais de dez anos. Era amigo de Getúlio, gaúcho, o pai era gaúcho também. Era amigo do Álvaro Tavares de Souza. Mas o Tavares de Souza, o feito importante da vida dele, que ele arranhou recurso para fazer a sede do sindicato que existe até hoje, ali na Av. Churchill.

AP - E o relacionamento do Sr. com o Dr. Álvaro? O senhor teve algum tipo de relacionamento como ele?

RP - Tive, tive... Cordial, sempre.

AP - O senhor tem alguma lembrança de seu relacionamento com ele?

RP - Era um sujeito simpático, baixinho, inteligente, agradável para se tratar, mas nunca tive ação política contra ele.

AP - E com ele?

RP - Nem a favor dele.

AP - O senhor não era muito ligado ao sindicato então...

RP - Naquela época não.

AP - Não.

RP - Naquela época não.

AP - 1929, 1930 o senhor não era muito ligado não...

RP - Me formei em 1931.

AP - Exatamente o senhor se formou em 1931.

RP - Eu entrei para o sindicato em 1932.

AP - Certo.

RP - Formei em 1931, e em 32 entrei para o sindicato. Logo depois o sindicato criou um órgão no Cosme Velho chamado: A Casa do Médico. E se pagava de anuidade do sindicato cinco mil reis, por mês, de mensalidade. E quem quisesse ser benfeitor da Casa do Médico, pagava naquela época era uma barbaridade, um conto de reis e adquiria o título de sócio remido do sindicato. Como o meu pai era do Conselho, deve ter sido ele que pagou, os mil cruzeiros, um conto de reis com que eu me remi do sindicato.

AP - Ele pagou para o senhor?

RP - Eu sou benfeitor da Casa do Médico.

AP - O senhor chegou a se hospedar lá?

RP - Não era só para médico idoso, afastado de clínica, existiu lá. O Álvaro Tavares, quando foi presidente, ele acabou vendendo a Casa do Médico para investir na sede.

AP - O senhor chegou a freqüentar a Casa do Médico, a ir lá alguma vez?

RP - Não só passei pela porta.

AP - O senhor nunca entrou.

RP - Na rua Cosme Velho.

AP - Era em que altura?

RP - Cosme Velho. Moravam médicos idosos, aposentados, ou doentes, e tinham empregados da Casa do Médico... era uma hotel para os médicos.

AP - E esse médico que ficava hospedado lá ele pagava alguma coisa para ficar hospedado?

RP - Vai de acordo com a aposentadoria que tivesse.

AP - Certo.

RP - Mas depois acharam que isso era demais, e aí apareceu a Previdência Social...

AP - O senhor acha que nesse tempo aí, na década de 30, logo que senhor se formou, início da década de 30, o sindicato era uma associação representativa dos médicos?

RP - Não.

AO - Qual era a representatividade que o sindicato tinha?

RP - Era muito fraca a representatividade do sindicato. E a classe médica não acreditava no sindicato.

AP - A classe médica não acreditava no que?

RP - Não acreditava em nada, por isso foi fundada a Associação Médica do Distrito Federal.

AP - Sim mas isso já na década de 40, não?

RP - Não ... no fim da década de 40, é 40.

AP - Aí já é outra conversa...

RP - Outra conversa...

AP - Aí nós já estamos acabando o Estado Novo, aqui nós nem começamos o Estado Novo ainda...

RP - Ainda não começou.

AP - Estamos parados em 30... Mas o senhor acha que a representatividade do sindicato era pequena por que?

RP - Por era limitado à sua ação legal ao médico liberal, só, ao profissional liberal. Quem tivesse emprego público não podia reivindicar. Se, por exemplo, um médico recorresse ao sindicato por uma injustiça que tivessem cometido contra ele em um emprego público, em qualquer hospital público, ele não podia ser atendido.

AP - Como é que o Dr. Álvaro e os líderes do sindicato viam, na década de 30, o médico se tornar assalariado? Eles viam com bons olhos?

RP - Eles viam com bons olhos. Por quase todos eles estavam se assalariando.

AP - Aí talvez agente começasse a falar um pouco de sua primeira experiência profissional logo que o senhor se formou. O Sr. trabalhou na Faculdade de Medicina - como assistente do Dr. Baena, quer dizer o senhor continuou a trabalhar com o Dr. Baena que o Sr. já trabalhava...

RP - No dia que me formei fui convidado pelo Baena, para ser assistente dele.

AP - Na aula ou na clínica?

Fita 3 - Lado B

RP - ... e eventualmente na clínica privada dele. Ele recorria a todos os assistentes dele. Eram quatro assistentes.

AP - Quem eram os quatro?

RP - Era o Aldair Figueiredo, João Valentim Tavares - que morava em Niterói, Joaquim Matoso - que depois foi um grande radiologista e o Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo. Eu fui o quinto a entrar na equipe dele.

AP - Nessa equipe o Sr. dava aula então...

RP - Eu não dava aula eu preparava aula. Dava aula prática. Como todos os assistentes dava aulas práticas no leito do doentes. A aula teórica era o professor que dava. O assistente explicava os casos na mesa da cama dos doentes, como era praxe. Eu não sei se hoje ainda se faz assim.

AP - O Sr. pensou alguma vez em seguir a carreira de magistério, de dar aulas na Faculdade de Medicina?

RP - Não nunca pensei. Eu fui assistente na Faculdade em 1932, quando foi criado o Ministério da Educação e Saúde, depois da Revolução de 30, obrigava a todos os assistentes da Faculdade a serem Livre Docentes. No serviço do Baena, só o Aldair Figueiredo tinha o título de docente, os outros não tinham. Então me foi distribuído um assunto para tese pelo Baena. Eu não gostei do assunto da tese que ele me deu. Eu prefiro um assunto de técnica e não um assunto de laboratório. Não briguei com ele por causa disso não. Comecei a preparar a tese. Aí depois me veio a oportunidade de ingressar na “Assistência”. Ingressei na “Assistência”, houve incompatibilidade de horário, de início, entre a minha função na Santa Casa e na “Assistência”.

AP - Na Santa Casa o Sr. trabalhava a que horas?

RP - Trabalhava de manhã. Toda manhã.

AP - E na Assistência?

RP - Eu dava plantões na Assistência, mas eu tinha interesse em Assistência, porque eu queria ser cirurgião.

AP - A sua atuação era só no plantão. Na Assistência trabalhava só no plantão?

RP - Na Assistência eu trabalhava no plantão, mas eu ia todo dia lá.

AP - Além do plantão...

RP - Eu ia todo dia na Assistência...

AP - Tá certo, então vamos por partes, então, porque esse trabalho seu na Assistência.

RP - Porque eu fui trabalhar, fui trabalhar com Aldair Figueiredo. Eu me fiz dentro da Assistência, me fiz cirurgião dentro da Assistência.

AP - Podemos perceber pelo seu currículo, que o Sr. teve uma experiência, longa..

RP - É, foi uma experiência longa...

AP - Na Assistência Pública, não é. Mas vamos falar um pouquinho mais aí, desse momento de trinta e um a trinta e quatro, quando o senhor trabalhou na Faculdade e na Santa Casa, sempre com o Dr. Baena, tanto na Faculdade, quanto na santa casa. Como é que o senhor conseguia conciliar esses dois trabalhos aí.

RP - O trabalho na Faculdade era na Santa Casa...

AP - E a mesma coisa.

RP - A mesma coisa...

AP - Entendi. E o senhor ganhava por isso?

RP - Ganhava duzentos, eu ganhava uma... Eu era assistente extra numerário, e o Baena obrigava aos assistentes remu... Cada Cadeira, tinha trinta assistentes remunerados, e o Baena, obrigava os cinco assistentes que ele tinha a ratearem em conjunto um vencimento que eles recebiam da Faculdade, que era de oitocentos mil réis.

AP - Aí dava duzentos pra cada um...

RP - Dava mais ou menos duzentos, uma mixaria de duzentos e pouco...

AP - O senhor vivia com isso?

RP - Vivia,

AP - O senhor vivia com quem, com seu pai?

RP - Tinha casa e comida, garantido.

AP - Ah! com seu pai, com a sua tia...

RP - É.

AP - Chegava em casa estava tudo pronto, só não estava casado.

RP - Não, eu casei em trinta e cinco.

AP - Trinta e cinco.

RP - É.

AP - Tá bom, então nesse período aí, o senhor trabalhava...

RP - Eventualmente eu ganhava uns auxílios de ajudar as operações do Baena.

AP - Ah! sim.

RP - Eu não era exclusivo ajudante dele, mas ele sempre remunerava os auxiliares da Clínica particular dele, e tinha um ou outro incauto, que confiava em mim, e eu operava, (risos). Eu era muito juvenzinho.

AP - E qual era a clientela que ia pra Santa Casa?

RP - Era indigente.

AP - Indigente. Existia algum tipo de controle com relação a clientela, se era ou não indigente?

RP - Na Santa Casa, não.

AP - Podia entrar quem quisesse.

RP - Podia entrar quem quisesse.

AP - Mesmo quem fosse rico, de posses...

RP - Se fosse rico entrava, e era atendido lá.

AP - Gratuitamente?

RP - Gratuitamente, no Ambulatório e na Enfermaria.

AP - E pra operar?

RP - Operava também lá.

AP - Gratuitamente?

RP - Gratuitamente.

AP - E se ficasse internada?

RP - Também tinha internação gratuita.

AP - Gratuito, tudo era gratuito, como se fosse um hospital..

RP - Mas, realmente era indigente. Havia um Serviço Social na Santa Casa, que fazia uma triagem, como há ainda.

AP - Mas, essa triagem funcionava?

RP - Dependia muito do pistolão, né. Quando o sujeito queria uma internação de beijo na Santa Casa...

AP - Internação de beijo, tinha isso também?

RP - Tinha, tinha...

AP - Já desde a década de trinta, já tem internação de beijo no Brasil.

RP - Já, desde aquela época existia.

AP - Porque formalmente, não podia internar gente de posse, não é?

RP - Olha, muito tempo depois, quando eu trabalhei na Policlínica, eu apresentei um fato digno de referência. A Policlínica tinha um Serviço Social, não é dessa etapa, dessa etapa não. A Policlínica tinha um Serviço Social, qualquer pessoa, que procurasse serviço na Policlínica, tinha que passar pelo Serviço Social. Então, quando eu entrava na Policlínica, do Rio de Janeiro, na Nilo Peçanha, eu vi um carro parado e uma senhora dentro do carro e tirando uma porção de jóias, colares, tudo isso.

AP - Ela tirou os colares...

RP - Tirou todos os colares, jóias, pra pleitear indigência. E foi, dirigiu-se ao Serviço Social. Eu fui, dedurei, ao Serviço Social...

AP - Na frente dela?

RP - Não, na frente dela, não. Chamei a Assistente Social e digo: verifica a... era a mulher de um Advogado, com uma excelente Clínica, excelente clientela no Rio de Janeiro, e que se beneficiar daquilo, porque a Policlínica cobrava, internação...

AP - Pra quem tivesse dinheiro.

RP - Pra quem tivesse dinheiro, em termos módicos, é verdade.

AP - Menos que o preço do mercado?

RP - Menos que o preço do Mercado.

AP - Mas Dr. Baena operava fora da Santa Casa...

RP - O Baena operava, operava nas Casas de Saúde, como todos os médicos da Santa Casa operavam.

AP - Aí na hora em que ele ia operar numa outra Casa de Saúde, é que ele chamava o senhor pra ajudá-lo.

RP - É, eu e outros assistentes dele.

AP - Agora, o senhor já falou uma vez pra nós, aqui, é... sobre a sua opção pela cirurgia, é... agora, é... relacionada com a vida do seu pai. O Sr. acha que o senhor...

RP - Meu pai não era Cirurgião, mas era um Clínico.

AP - Então porque que o senhor resolveu ser Cirurgião e não Clínico?

RP - Porque eu não queria ter o trabalho que ele tinha.

AP - O Sr. acha que ele tinha trabalho demais, ganhava pouco...

RP - Tinha... Eu conheci o meu pai desde pequeno sendo médico de família, fazendo quarenta, cinquenta visitas domiciliares por dia.

AP - Então, de onde o senhor tirou essa idéia de ser cirurgião?

RP - Porque gostava de cirurgia, quando eu comecei a estudar Medicina, freqüentava a Cadeira de Anatomia, pelo currículo, eu gostava de ser cirurgião.

AP - O Sr. não acha que cirurgião, era uma das áreas da Medicina que tinha mais responsabilidades, na mão do Médico?

RP - Eu acho que tem muita responsabilidade, não tem mais, tem tanta responsabilidade como qualquer outra área da Medicina.

AP - O Sr. Acha? Mais que a Dermatologia?

RP - Dermatologia também.

AP - Mas, o Cirurgião, a vida do ser humano está nas mãos dele.

RP - Eu gostava do perigo, eu gostava de enfrentar o perigo.

AP - O senhor acha que todo Cirurgião, gosta de enfrentar o perigo?

RP - Talvez goste, talvez goste. É uma coisa que eu nunca ...me dei ao trabalho de pensar, mas talvez goste. Porque uma cirurgia representa um perigo...

AP - E é um perigo com a vida alheia.

RP - Com a vida alheia. Embora um Clínico também corra risco de perder doentes.

AP - Sim,

RP - Mas a cirurgia, não, a cirurgia é uma agressão ao doente, é um ato agressivo. Se o Cirurgião bobear, não tiver muita cautela, é uma responsabilidade muito grande.

AP - No seu tempo, ser Cirurgião dependia mais da sua habilidade ou da tecnologia?

RP - Dependia das duas coisas. Da habilidade, da vontade e da tecnologia.

AP - Vontade, quer dizer, o que é que é?

RP - O desejo de ser Cirurgião. Eu assisti colegas, que faziam Cirurgia, mas não gostavam de fazer. Faziam Cirurgias pequenas é verdade, mas não gostavam daquelas cirurgias pequenas, faziam pra ganhar dinheiro.

AP - O senhor achava que tinha que ter..

RP - Abrir um abscesso, por exemplo...

AP - Como é?

RP - Abrir um abscesso...

AP - Ah! sim.

RP - Não corre risco de vida.

AP - A operação mais simples...

RP - Uma operação mais simples. Tirar uma unha encravada. Isso eu vi muito clínico aí fazer isso, até aí ainda se aventuravam, tinham consciência...

AP - O senhor tocou agora num assunto que pra nós é muito importante. Clínico também fazia isso...

RP - Fazia...

AP - É, esse pedaço da sua frase, vamos pensar aqui, na época em que o Sr. se formou o campo de atuação do Cirurgião e o campo de atuação do Clínico estavam bem definidos? demarcados ou havia algum tipo de...

RP - Havia um ponto que... de contato... no parto.

AP - Como?

RP - No parto.

AP - No parto. Não, eu to falando assim, é... coisas que o Clínico faz e que deveria ser feita pelo Cirurgião, e coisas que o Cirurgião faz e que deveria ser feitas pelo Clínico...

RP - Bom, no fundo o Cirurgião pra ser Cirurgião, tinha que saber Clínica também...

AP - Mas aí eu digo o seguinte, não havia conflito entre Clínico e Cirurgião a esse respeito?

RP - Não, geralmente não, geralmente não havia conflito...

AP - Até onde vai a responsabilidade do Cirurgião, até onde vai a responsabilidade do Clínico? O senhor falou agora, arrancar unha, tinha Clínico que tirava unha encravada?

RP - Tirava unha porque não havia perigo de vida nenhum. Tinha Clínico que abriu abscesso, abria um panariço...

AP - Agora, e os conflitos entre o Cirurgião formado na Faculdade e aqueles leigos que faziam cirurgia por aí, sem habilitação. Existia esse conflito?

RP - Existe até hoje.

AP - Existe até hoje?

RP - Acho que existe.

AP - O Sr. não acha que hoje, há um maior consentimento dos médicos com relação a isso, do que havia logo que o senhor se formou?

RP - Não, naquela época, do leigo fazer , fazer, exercer Medicina?

AP - Sim.

RP - Não, naquela época também se evitava isso...

AP - Sim, mas naquela época se evitava mais do que hoje.

RP - Combatia-se isso, o Sindicato combatia.

AP - E como era que o Sindicato combatia isso?

RP - Abrindo processos públicos, na Justiça. Práticas condenadas como o aborto, o Sindicato denunciou muito aborteiro aí.

AP - O Sindicato o que?

RP - Denunciou muito aborteiro.

AP - Mesmo sendo médico?

RP - Mesmo sendo médico. Isso ele podia fazer.

AP - E isso teve, o Sr. soube de algum caso assim, que o Sr...

RP - Ah! os jornais noticiavam...

AP - Como é?

RP - Os jornais noticiavam.. .

AP - Os jornais noticiavam.

RP - Noticiavam. Isso desde que eu me formei, até hoje eles denunciam, de vez em quando, você pega um jornal aí, tá lá explicado, tá contado o caso, principalmente, quando morre alguma vítima...

AP - É, mas aborto, tá sempre morrendo vítima, né?

RP - Tá.

AP - Às vezes a mãe e a criança.

RP - É.

AP - Agora, Dr. Renato, então vamos agora passar um pouco pra essa, pra esse período do senhor que foi longo, como médico da Prefeitura do Distrito Federal. Pelo que o senhor falou no seu currículo, o senhor foi nomeado cirurgião auxiliar em mil novecentos e trinta e três. O Sr. poderia nos contar como é que foi essa nomeação?

RP - Essa nomeação, foi a seguinte: meu pai foi colega de turma do Pedro Ernesto, que tinha criado a Assistência Médico-Cirúrgica dos empregados municipais, localizada na Casa de Saúde Pedro Ernesto. Ele fez um arrendamento, da sua casa de saúde particular, para instalar lá a Casa. Ainda deve ter hoje. Logo depois de formado, meu pai procurou Pedro Ernesto, e pediu uma vaga pra mim. Ele me disse olha Renato, ele disse para o meu pai com toda a franqueza, é uma vaga, é um lugar que eu vou pagar pouco, teu filho já é um homem que é assistente do Baena, Baena também era colega de turma deles, já tá com a vida universitária começada, eu vou fazer concurso na assistência, municipal, e diz a ele, que tem quatro vagas de cirurgia, mete a cara nos livros, fica calado, que ninguém sabe disso, ainda vai levar mais ou menos um ano pra fazer essa reforma, e ele já leva vantagem de estar estudando antes dos outros. Eu fiquei na moita. Eu ia de manhã pra enfermaria do Baena, me metia, saía de lá, onze e meia, onze horas, não almoçava, comia no boteco do Instituto Anatômico na Rua Santa Luzia, onde funcionava a Cadeira de Anatomia e de Técnica Operatória, da Faculdade, começava a treinar dissecação e técnicas cirúrgicas, em cadáveres formulados, comprados por mim, mediante uma gratificação que eu dava aos serventes que estavam lá. Aquilo era pra ensino, né... e eu me metia.

AP - Comprava cadáveres?

RP - Eu comprava, comprava pra eu usar. Era pra aula, que estava lá.

AP - Era normalmente o que? de indigente.

RP - De indigente.

AP - Achado na rua...

RP - Achado na rua, atropelado, morto, morto na Santa Casa, nos Hospitais, aí, que não tinham onde enterrar, iam pra lá. É praxe até hoje. Os Institutos Anatômicos, têm isso, o doente indigente que entra na contribuição pro ensino da Anatomia.

AP - Aí o senhor, o senhor usa...

RP - Aí eu ia fazer técnica cirúrgica, treinar técnica cirúrgica em cadáver, levei um ano fazendo isso, e de noite, eu me enfiava em casa pra estudar teoricamente. Isso eu fiz durante um ano. Passado algum tempo, houve um rumor que iriam fazer, fazer nomeação na Assistência, que não iam fazer concurso. Mas eu não acreditei não, nem me sentia prejudicado, porque o que eu aprendi, estudando obrigatoriamente, quase que full time, eu não ia a lugar nenhum, não ia a cinema, não ia à festas, só saía aos sábados e domingos, pra ir ao Jockey Club. Mas, apesar disso tudo, eu lucrei. Aí quando eu tive certeza, que isso, com a Reforma nomeando, meu pai voltou a Pedro Ernesto e cobrou, isso, e ele cumpriu a palavra dele e me nomeou Cirurgião Auxiliar. Na Reforma foram nomeados cinquenta e dois Cirurgiões, entre Cirurgiões Gerais, Adjuntos e Assistentes.

AP - E esses nomeados, esses cinquenta e dois nomeados, eram, nessa época o senhor tinha vinte e três anos...

RP - Não, nessa época eu tinha... em mil novecentos e trinta e três, eu tinha vinte três anos.

AP - Isso. Os outros médicos, nomeados eram mais ou menos da sua geração?

RP - Não, tinha gente mais velha, tinha colegas de turma de meu pai, até. O Pedro Ernesto nomeou colegas de turma dele...

AP - Certo.

RP - Estavam numa má situação financeira. Pedro Ernesto era um homem muito bom. Colegas dele de turma, que não estavam...tinham pessoas já idosas, estavam numa má situação financeira, ele nomeou para a Assistência. Não foi só (broto?)não, eu era (broto?)mas, os outros também foram.

AP - Então essa nomeação, era a critério do Pedro Ernesto.

RP - Era, na Reforma de dezoito de junho de trinta e três, ele fez a primeira lance da Reforma. Ele criou a carreira médica da assistência, lançou as bases para os Hospitais todos que existem hoje no Rio de Janeiro, porque só tinha naquela época, a Prefeitura só tinha o Pronto Socor... o antigo... o velho Hospital do Pronto Socorro, hoje Souza Aguiar, já reformado. Era uma casa antiga que foi criada, foi fundada em vinte e cinco, e a Prefeitura só tinha o Posto do Méier. A Reforma Pedro Ernesto, não só nomeou muita gente, como criou o Posto, Dispensários em Campo Grande, na Ilha do Governador, em Paquetá, na Penha, em Marechal Hermes, em Rocha Miranda, e criou vários Postos de Saúde, abriu muito o campo de ação para o médico.

AP - Mas e essa Lei de junho de trinta e três então...

RP - Foi a grande Reforma Pedro Ernesto.

AP - Mas, ela não foi antecedida por uma Lei de trinta e dois, também?

RP - Hein?

AP - Não teve em trinta e dois?

RP - Em trinta e dois, ele foi nomeado Diretor, Pedro Ernesto foi nomeado... ele era um líder revolucionário, na revolução de trinta, ele foi nomeado Diretor de Assistência Hospitalar, do Governo Federal, mas, menos de um ano depois, ele foi nomeado, interventor do Distrito Federal. Ele como interventor fez a Reforma. Depois como Prefeito eleito, em trinta e cinco, trinta e quatro, trinta e quatro, é, em trinta e quatro, ele foi pra Prefeito Municipal.

AP - E aí, quando ele nomeou o senhor, o senhor foi...

RP - E aí, ele foi nomeado como interventor, ele era interventor...

AP - Ë, em trinta e três...

RP - Eu e outros tantos, não fui exclusivamente eu...

AP - Aí o senhor foi logo trabalhar no...

RP - No Hospital do Pronto Socorro, no velho Hospital do Pronto Socorro...

AP - Isso, no Souza Aguiar...

RP - Com Aldair Figueiredo, com quem eu já estava em convívio, desde mil e novecentos... desde que eu era interno do Baena, desde vinte e nove, eu tinha contato com Aldair Figueiredo, que foi um dos grandes cirurgiões gerais que eu conheci na minha vida.

AP - Agora, qual era a diferença que existia entre Cirurgião-Auxiliar e Cirurgião-Adjunto e Cirurgião-Assistente Interino?

RP - Eram categorias, eram categorias de acesso do quadro. Subindo os degraus, era Cirurgião-Auxiliar, segundo Cirurgião-Adjunto, terceiro Cirurgião-Assistente e quarto, Chefe de Serviço. A carreira de Cirurgião, a carreira médica, feita pelo Pedro Ernesto, foi assim, assim como é com a Cirurgia, foi com a Clínica Médica, com a Cardiologia, com a Ortopedia, com a Ginecologia, com a Obstetrícia, tudo...

AP - E essa...

RP - Ele criou o quadro médico...

AP - E essa diferença do quadro, era uma diferença de salário também?

RP - De salário também, o Cirurgião-Auxiliar, ganhava oitocentos mil réis, o Adjunto, um conto e duzentos, o Assistente, um conto e oitocentos e o Chefe de Serviço dois mil, dois contos de réis.

AP - E isso na época era muito ou era pouco dinheiro?

RP - Na época era bastante dinheiro, bastante dinheiro.

AP - Era um cargo almejado?

RP - Era um cargo almejado.

AP - A pessoa podia viver, trabalhando apenas na Prefeitura?

RP - Se ...vivesse modestamente, sem grandes impulsos, dava pra viver.

AP - Mas, normalmente as pessoas que trabalhavam com o senhor, trabalhavam na Prefeitura, e além disso, tinham consultório particular?

RP - Tinha consultório particular, eu sempre tive consultório particular.

AP - O senhor teve consultório particular também? O Sr. teve seu consultório particular onde?

RP - O primeiro consultório que eu tive, foi no edifício, no antigo edifício do Jornal do Comércio.

AP - Bem no centro da cidade...

RP - Na esquina da Rua do Ouvidor, era com o meu pai.

AP - Ah! o Sr. teve junto com o seu pai...

RP - Meu pai fazia Clínica e eu fazia Cirur... Cirurgia e Urologia...

AP - O senhor pegava um pouco da clientela dele também?

RP - Não...às vezes pegava, às vezes pegava, alguns doentes dele.

AP - Isso foi em que ano? Logo que o senhor se formou?

RP - Logo que eu me formei.

AP - Mas, a sua clientela vinha mais da onde então, se não vinha do seu pai, vinha mais da onde?

RP - Minha clientela, vinha, geralmente vinha do meu pai, e sabe que um doente é uma cascata, aquilo, traz outro doente, depois que fica satisfeito com um médico, chama um amigo, um parente, e aconselha aquele médico, a Clínica é isso. Era isso, pelo menos naquela época, hoje eu não sei se ainda é assim.

AP - Quanto que custava uma consulta nesse tempo, na década de trinta...

RP - Na década de trinta?

AP - O senhor falou que o Auxiliar ganhava oitocentos mil réis...

RP - vinte mil réis...

AP - Vinte mil réis, era uma consulta, não chega nem ser a dez por cento do salário do auxiliar. Isso era caro pra época?

RP - Dependia do médico. Os professores cobravam mais caro.

AP - Quem era professor...

RP - Os professores, que tinham título no magistério, Professor Catedrático, Miguel Couto, por exemplo, cobrava mais, os Assistentes cobravam menos.

AP - O senhor ficou junto com o seu pai no consultório de trinta e um...

RP - De trinta e um até, quando houve um incêndio no edifício do Jornal do Comércio. Aí eu fui pro edifício Odeon...

AP - Junto com ele ainda?

RP - Junto com ele ainda. Vim pro edifício Odeon...

AP - Sim, aí o Sr. ficou com ele até quando?

RP - Fiquei com ele até ele parar de trabalhar.

AP - Aí quando ele parou de trabalhar, quando ele parou de trabalhar, o Sr. continuou no mesmo consultório.

RP - Continuei no mesmo consultório, com outro colega, e depois eu achei que estava muito chato aquilo lá, e resolvi montar consultório num Hospital. Então tentei fazer na Beneficência Portuguesa, não consegui, e acabei fazendo no Hospital São Francisco de Paula, isso em mil novecentos e cinquenta e quatro.

AP - Aí o Sr. saiu do Consultório..

RP - Da cidade, e trans...porque aí eu achava, o doente vai atrás do médico, quando acredita no médico, tanto faz estar na cidade, como em Botafogo, como estar em São Cristóvão. É uma psicologia do doente, se ele agrada do médico, ele pode não ser o melhor, mas ele acha que é o melhor, e vai atrás dele pra sempre.

AP - E o São Francisco de Paula, onde era?

RP - São Cristóvão. Ao lado da Quinta.

AP - Ele era um hospital beneficente?

RP - Não, era um hospital da Ordem de São Francisco de Paula...

AP - Isso, um hospital beneficente da Ordem de São Francisco de Paula. Quer dizer, mais era, a clientela maior desse hospital, era de indigentes?

RP - Não, a clientela era de irmãos, irmãos da Ordem.

AP - Ah! tá, que pagavam com certeza uma mensalidade, uma coisa...

RP - Não, eles pagavam mensalidade pra Ordem...

AP - E com isso...

RP - E nós recebíamos um salário da Ordem que era uma mixuruca...

AP - E com isso, eles podiam ir lá, ser atendidos.

RP - É, tinham direito, tinham direito...

AP - Então o senhor atendia aos irmãos da Ordem e além disso a outros pacientes...

RP - Aí até podia atender aos meus doentes particulares...

AP - Cobrando por fora...

RP - Cobrando por fora, [cobrando] dentro do meu horário...

AP - Dentro do seu horário.

RP - Então eu atendia no meu horário, por que eu era obrigado a estar lá.

AP - E qual era a diferença entre o seu trabalho no consultório, lá no Odeon, e no São Francisco de Paula?

RP - Não havia diferença de trabalho.

AP - A clientela continuava procurando pelo senhor?

RP - Continuava.

AP - Não era difícil o acesso, pra chegar em São Cristovão, naquela época, década de quarenta?

RP - Quando o sujeito acredita no médico, vai atrás do médico, onde ele esteja.

AP - Mas lá no consultório do São Francisco de Paula o senhor consultava e operava também ?

RP - Operava. Tinha nove salas de cirurgia.

AP - O senhor operava lá também..

RP - Operava lá.

AP - E quando o senhor trabalhava lá no consultório no Odeon, o Sr. operava onde?

RP - Operava em Casas de Saúde particulares.

AP - Certo. A sua clientela era sempre de pessoas de posse para ...

RP - Não, pessoas de nível médio.

AP - Que poderiam pagar os tais é, vinte mil réis.

RP - Vinte mil réis, era a consulta no começo, depois eu fui subindo.

AP - Depois o senhor foi subindo...

RP - Foi subindo, o dinheiro desvalorizou, veio a inflação, já existia a inflação naquela época... Se agente ficasse num nível de salário, numa cobrança muito baixa, desvalorizava o serviço médico.

AP - Dr. Renato, quer dizer o seu consultório então, tanto o do Edifício. do Jornal do Comércio, quanto depois lá no Odeon, foram montados com, o pelo dinheiro do seu pai, não...

RP - Lógico.

AP - O Sr. meio que herdou o consultório, podemos falar isso. E depois quando o Sr. foi lá pro São Francisco de Paula, o Sr, levou o consultório pra lá, os móveis...

RP - Não, eu antes de me transferir definitivamente pro São Francisco de Paula, embora eu já trabalhasse lá, eu trabalhei, quando meu pai parou de trabalhar e quiseram vender a sala do Edifício. Odeon, não me interessou comprar, por que eu não podia comprar, eu cedi meu consultório, eu transferi meu consultório prum Edifício. na Rua Treze de Maio, se não me engano, ao lado do “Tabuleiro da Baiana”, que hoje não existe mais, quase na esquina do Largo da Carioca, aquilo já foi demolido, se não me engano trinta e um, e esse consultório, eu levei uns móveis uma cadeira, uma mesa de exame, eu tive companheiros de consultório dois ou três anos, depois eu deixei pra eles lá...

AP - Nesse da Treze de maio.

RP - É.

AP - E aí quando o senhor foi lá pro, ôpa!

Fita 4 - Lado A

AP - ... O Sr. falou então que o sr. trabalhou lá primeiro com seu pai no edifício...

RP - Eu tive três consultórios: no edifício Odeon... No Jornal do Comércio, no edifício Odeon, na 13 de Maio (Rua 13 de maio) e depois no Hospital São Francisco de Paula.

AP - E quando o sr. foi para o São Francisco de Paula o sr. não transferiu nada, o sr. utilizou as dependências já do hospital.

RP - Consegui da direção da Ordem de São Francisco de Paula que fizessem umas obras boas no meu consultório por que eu tinha operado a “casa militar” e a “casa civil” do provedor da Ordem.

AP - A “casa civil” e a “casa militar” o sr. quer dizer o quê?

RP - O caso e a mulher.

AP - Ah, tá! O caso e a mulher...

RP - (risos) O caso e a mulher..

AP - O senhor operou as duas..

RP - Operei as duas e fiquei amigo dele, então ele fez uma obra boa dentro do hospital, dentro do meu consultório do hospital....

AP - O senhor operou de graça..

RP - Operei de graça, ele era irmão da Ordem.

AP - E elas tinham o quê, as duas?

RP - Ah! Operação ginecológica.

AP - De praxe, nada de excepcional..

RP - Não, Nada de excepcional...

AP - Mas, como o senhor operou lá mesmo no São Francisco?

RP - Depois eu tratei o próprio sujeito..

AP - O irmão da Ordem, como é que chamava na época, isso era o coordenador?

RP - O provedor.

AP - Provedor. Normalmente o provedor de uma Ordem era uma pessoa de posses...

RP - Depois eu tratei dele...

AP - Próstata?

RP - Não, tratei de (pausa) uma obstrução intestinal, obstrução intestinal..

AP - Obstrução intestinal.

RP - É, mas resolvi sem operar, mas ele foi atropelado e morreu num desastre de automóvel.

AP - E as duas?

RP - As duas estão vivas, uma está... uma eu não sei, era muito idosa já, se está viva, a outra, estão bem.

AP - Estão vivas ainda?

RP - Estavam vivas.

AP - Sim. Aí, quando o senhor operou as duas, ele.. Sim, claro. Ele, em contrapartida, cedeu pro senhor um belo consultório dentro do Hospital.

RP - É, era um consultório razoável, não era de luxo, mas era razoável, limpo, botou um banheiro...

AP - E lá o senhor tinha secretária?

RP - Tinha, tinha a enfermeira, a enfermeira da Ordem.

AP - Enfermeira da Ordem, Secretária da Ordem, Atendente.

RP - Não, a Atendente, tinha Atendente da Ordem...

AP - Quem limpava também o consultório...

RP - Tinha tudo, por conta da Ordem.

AP - E o senhor, quando o senhor atendia ao público...

RP - Porque eu também nesse consultório, trabalhava pros companheiros da Ordem, noutros dias.

AP - O senhor trabalhava lá quantos dias por semana?

RP - Três vezes por semana.

AP - E isso já era década de quarenta, não é?

RP - Isso, não. Eu entrei pra Ordem, quando foi? Em cinquenta e quatro.

AP - Cinquenta e quatro. Então de trinta e três a cinquenta e quatro temos bons vinte anos. Nós vamos chegar lá então, vamos deixar pra voltar a falar sobre sua ida lá pra Ordem mais adiante um pouquinho. Vamos voltar a falar um pouco então, desse consultório junto com o seu pai, que foi esse início, aí, não é? O senhor trabalhou com o seu pai. O senhor era só...

RP - Eram duas salas, uma sala era dele, outra sala era minha e uma sala de espera comum.

AP - E secretária, o senhor tinha também?

RP - Tinha.

AP - Enfermeira?

RP - Enfermeira.

AP - Também. Pros dois a mesma, ou uma pra cada um?

RP - A mesma pros dois.

AP - O senhor não atendia na mesma hora que ele.

RP - Podia atender na mesma hora que ele.

AP - Quantos anos o senhor acha que foram necessários, para que o senhor se sentisse assim, agora eu tenho a minha clientela.

RP - Me formei em trinta e um... na década de quarenta, pra cinquenta, foi o período áureo da minha ... da minha...

AP - Quinze anos, depois de formado?

RP - Quinze anos depois de formado. Cheguei a fazer... Minha Clínica nunca foi de grande vulto, mas eu fazia umas vinte, vinte e cinco operações particulares por mês em diversas casas de saúde...

AP - Uma por dia praticamente..

RP - Não, vinte a vinte e cinco.

AP - Pois é mas, tirando o sábado e o domingo o senhor trabalharia...

RP - Não era. Vinte a vinte e cinco doentes tratados, e tinha sempre quatro ou cinco doentes internados em Casas de Saúde diversas. As vezes dois numa, um na outra, outro na outra, as vezes um em cada Casa de Saúde, era trabalhoso...

AP - O senhor com esses muitos clientes, que o senhor tinha, muitos pacientes, o senhor acha que o senhor tratava todos eles de forma igual ou o senhor tratava de forma diferenciada?

RP - De forma igual todos, inclusive o doente que eu não sabia o nome, que eram facínoras e que eu operava no Pronto Socorro.

AP - Ah! ladrões..

RP - Ladrões feridos, eu ia de noite fazer visitas no Hospital Souza Aguiar, pra ver um crioulo que eu tinha operado, que eu não sabia nem o nome, mas sempre fui muito responsável.

AP - O senhor atendia mesmo a esse facínora, da mesma maneira..

RP - Eu operava ele...

AP -da mesma maneira que a madame da alta sociedade.

RP - Justamente.

AP - O senhor acha que o fato do facínora não lhe pagar nada e da madame pagar...

RP - A responsabilidade era minha...

AP - O senhor atendia da mesma maneira. O fato deles pagarem de maneiras diferentes não...

RP - Não...

AP - O sr. poderia dizer assim, quais seriam as características de sua clientela? sociais, econômicas...lá do consultório particular.

RP - Eu tinha clientela de classe média, classe média. Operei uns dois ou três grã-finos aí, ricos.

AP - O sr. cobrou mais deles por eles serem ricos?

RP - Não. Sempre fui ético. Cobrava o que valia, o que eu achava que valia o meu trabalho.

AP - Sim. O senhor aplicava algum tipo de tabela estabelecida pelo Sindicato?

RP - Não, não havia, o Sindicato não tinha tabela, isso apareceu na década de sessenta, com a AMB.

AP - O senhor quando começou a trabalhar, o sr. tinha carro?

RP - Tinha.

AP - Porque o seu pai lhe deu o carro?

RP - Eu tive o primeiro carro meu em trinta e dois.

AP - Mas, como é que o sr. conseguiu, o seu pai lhe deu o carro.

RP - Não, eu comprei.

AP - Mas com esse dinheiro todo, o sr. não ganhava quase nada.

RP - Custou três mil, três contos e duzentos.

AP - Ah, foi um carro...

RP - Carro usado. Depois tive vários, trocava carro, mas não todo ano.

AP - E telefone ?

RP - Telefone eu sempre tive em casa e no consultório.

AP - O sr. chegou a vivenciar a vida do seu pai, antes e depois de ter telefone em casa?

RP - Não entendi...

AP - O sr. teve telefone em casa desde que o sr. nasceu?

RP - Não, quando eu morava com ele, ele tinha o telefone dele.

AP - Sim, quando o senhor era pequeno. Já tinha telefone na sua casa.

RP - Já tinha telefone.

AP - O sr. trabalhando nesse consultório particular, como é que era o seu fim de semana. O sr. era meio escravo do trabalho ou o sr. ...

RP - Não, se eu tinha doente pra ver, eu ia ver no fim de semana....

AP - Mesmo sábado, domingo...

RP - Mesmo sábado e domingo. E de tarde eu ia ver o futebol ou ia ao Jockey Clube.

AP - E nas férias, como é que o senhor fazia, o sr. tirava férias?

RP - Depois que eu casei, eu tirei... umas duas ou três vezes eu tive férias, quando minha filha era pequena.

AP - Mas normalmente não.

RP - Não, eu ficava no Rio.

AP - Cuidando dos pacientes...

RP - Cuidando dos doentes. Tirei férias quando viajava (TI).

AP - E aí o sr. tinha algum substituto?

RP - Tinha sempre um assistente pra (TI).

AP - O sr. acha que a sua atividade no Hospital, interferiu no seu trabalho na Clínica particular?

RP - Nos Hospitais?

AP - Isso, como é que era essa ...

RP - Interferiu muito, interferiu muito. Porque nos Hospitais você treina muito, faz a mão.

AP - Faz o quê?

RP - Faz a mão. Faz a mão (repete quase soletrando)

AP - A habilidade do cirurgião. Aprende-se com a prática.

RP - Aprende-se com a prática.

AP - Bom, então vamos, vamos tentar falar um pouco agora desse momento então lá no Souza Aguiar. O sr. ficou lá nove meses. Eu queria dividir a nossa conversa sobre o Souza Aguiar, esses nove meses iniciais, em duas partes, se o senhor concordar. A primeira pro sr. falar um pouquinho como é que era o Souza Aguiar em mil novecentos e trinta e três, o Hospital, e a segunda pro sr. falar um pouco como é que era o seu trabalho no Hospital Souza Aguiar em mil novecentos e trinta e três, nesses primeiros seis meses. Nos verificamos aqui, que o sr. depois volta pro Souza Aguiar e fica pelo menos doze anos. Mas nesse primeiro período, porque como o sr. volta alguns anos depois, talvez o sr. tenha voltado com um Hospital um pouco modificado, e talvez o sr. tenha voltado...

RP - Não tinha nada modificado.

AP - Não? Eu imaginei que o sr. pudesse ter voltado com o Hospital modificado e o sr. exercendo outra atividade, que não a que o sr. exerceu no primeiro período.

RP - Não, a mesma coisa.

AP - Então vamos lá. O Hospital, como é que eram as condições de trabalho no Hospital Souza Aguiar em trinta e três?

RP - Em trinta e três, o Hospital Souza Aguiar, foi um Hospital que foi criado... era o único Hospital da rede da Prefeitura até mil e novecentos e trinta e três. Tinha sido construído, tinha sido inaugurado em mil novecentos e vinte e cinco, pelas obras feitas em duas cocheiras da limpeza pública do Campo de Santana, na Praça da República, portanto havia um desnível de piso, porque ligaram..., cada serviço ...

AP - Ligaram o quê? Duas cocheiras que o sr. falou?

RP - Eram duas cocheiras antigas...

AP - Cocheiras de cavalos, cocheira, lugar de cavalo?

RP - É, carroça da limpeza pública, não tinha cavalo?

AP - Ah, sim, aí parava a carroça lá.

RP - Parava, era cocheira pra isso. Depois eles deram outro destino para os burros, e fizeram obra em mil novecentos e vinte e cinco. Uniram as duas casas, então restou um desnível no primeiro andar, um desnível de piso, pequeno, dava pra andar sem tropeçar, mas... O Hospital Souza Aguiar, tinha duas salas de emergência, e no térreo, tinha duas salas de emergência, tinha uma meia dúzia de salas para repouso, duas salas de curativos, duas salas para repouso, depois que o doente era tratado, medicado, pra ficar descansando em observação, tinha um serviço de raios X, no térreo, tinha um serviço, um gabinete de ortopedia para fraturados e tinha um gabinete de otorrinolaringologia e oftalmologia para os acidentados do setor

AP - Isso antes de trinta e três?

RP - Isso antes de, antes, depois de trinta e cinco. E tinha, na outra ala, a portaria, o dormitório dos médicos e os telefones do Pronto Socorro.

AP - Não tinha interno?

RP - Tinha.

AP - Doente internos?

RP - Doentes internos eram internados no primeiro e no segundo andar. O primeiro andar era de mulheres e o segundo andar era de homens. Cada serviço tinha uma enfermariuzinha, de oito leitos cada uma, de homens e oito leitos de mulheres. Mas era um Hospital limpo, velho porém limpo... que funcionou exclusivamente, era o bico de funil de todas a cirurgia de urgência do Rio de Janeiro, porque só havia aquele hospital, os Postos de Assistência do Méier mandavam pra lá, o de Copacabana, que funcionava no Lido, mandava pra lá o doente. As terças tinha ambulância de toda a cidade e tudo funcionava pra lá. Eu tive oportunidade de fazer dentro do Souza Aguiar, numa noite, treze cirurgias.

AP - Treze?

RP - Treze, de doentes de urgência. Eu sozinho, operei treze doentes, mas precisavam davam uma segurança muito boa. Agora, cada serviço, tinha quatro assistentes de cirurgia, tinha dois de clínica médica, um pra homens outro pra mulheres, um de otorrino, um de radiologia, um de [laringoftalmologia] e mais quatro médicos que trabalhavam no serviço de ambulância, porque naquela época, só um médico fazia e saía para domicílio. O estudante que era recrutado por concurso, realizava-se todo ano, trabalhava no serviço externo e no serviço interno, conforme o ano em que ele tinha feito concurso, começava no serviço externo, saía de ambulância, para apanhar doente na rua, (TI). Rebocava, rebocoterapia...

AP - Era o que?

RP - Rebocoterapia. (risos)

AP - Isso é do seu tempo, essa expressão?

RP - É, rebocava o doente, o estudante via, ou encontrava na repartição pública, ou no meio da rua, o sujeito caía, punha na ambulância, punha na maca, punha dentro da ambulância e levava para o Hospital.

AP - Não é como hoje em dia com essas ambulâncias são todas equipadas...

RP - Hoje está tudo com o Corpo de Bombeiros, se não me engano. O negócio mudou muito. Saiu o acadêmico do primeiro ano, o acadêmico optava por dois anos, no primeiro ano ele estava lá no serviço externo, no segundo ano ele passava para auxiliar de serviço interno, não saía na rua não. Eram quatro acadêmicos por equipe, ou seis acadêmicos por equipe.

AP - Acadêmico que o sr. fala é que não tá formado ainda..

RP - É que não tá formado, tá estudando Medicina ainda fazia concurso pra ser interno da Assistência.

AP - Isso durava quanto tempo?

RP - Isso todo ano tinha concurso.

AP - Sim, mas quanto anos, quanto tempo ele ficava como interno?

RP - Dois anos.

AP - Dois anos. E atendia normalmente...

RP - No primeiro ano, fazia a saída pra rua, no segundo ano ele trabalhava dentro do Hospital. Depois que evoluiu o negócio, que a rede hospitalar expandiu-se, eles deram, mudaram muito, né? Hoje, praticamente, o primeiro socorro, é feita pela ambulância do Corpo de Bombeiros, o que aliás está certo na minha opinião, homens treinados pra isso.

AP - Quer dizer que o Hospital Souza Aguiar, era um verdadeiro...

RP - Era um bico de funil das cirurgias de urgências do Rio de Janeiro durante muito tempo.

AP - Bico de funil?

RP - É, toda cirurgia de urgência, lá de Santa Cruz a, ao Méier, Copacabana, Ilha do Governador, tudo ia pra cá, os Hospitais só apareceram depois da Reforma Pedro Ernesto.

AP - Sim, mas na época que o senhor entrou, já era Reforma Pedro Ernesto...

RP - Entrei, estavam (TI) já tinham (TI), mas quando recebíamos, no Pronto Socorro, doente que vinha do Méier, que vinha de Campo Grande, que vinha da Penha, que vinha de tudo.

AP - E o atendimento lá, era gratuito?

RP - Era gratuito.

AP - O paciente não precisava pagar nada..

RP - Não pagava nada. Depois eles inventaram uma moda, quando o paciente... havia um Serviço Social dentro do Hospital, que selecionava aqueles doentes, que tinham emprego, ou que tinham mais algumas posses, porque era prestado indistintamente a qualquer pessoa o atendimento. E a Prefeitura mandava, a Secretaria de Saúde, mandava uma nota de cobrança do serviço prestado. Tinha uma tabela organizada. Mas, o sujeito pagava quando queria pagar, se não pagasse, não acontecia nada. Coisas de Brasil.

AP - Agora, e o seu tra... salário, nesse Hospital?

RP - Eu entrei ganhando oitocentos cruzeiros, no Souza Aguiar, até mil novecentos e (P), depois passei para um conto e duzentos, Adjunto, trinta e seis, trinta e sete... depois fui promovido a Cirurgião Assistente... depois, muitos anos depois, fui Chefe de Serviço, ganhando um adicionalzinho, uma gratificação extra, um adicional. Que era uma mixaria também. Porque eles organizaram o quadro, inicialmente tinha as categorias, numeraram o quadro, depois letraram os quadros: letra A, letra B, letra C, hoje, que sou aposentado, recebo na letra A, maior salário de um médico da Assistência. Sem nenhum acréscimo. Quanto você acha que eu recebo?

AP - Quando, hoje em dia o maior salário de um médico da previdência?

RP - É, médico, público, salário público, quatrocentos e cinquenta e um. Em real é. Vocês ganham mais, em real é. Agora aqueles que tem o trabalho com raios-X, tem... exposição, tem uma gratificação pras doenças contagiosas, por lidar com doenças contagiosas, mas o salário do médico é mau pago em todo lugar.

AP - Mas naquela época que o senhor entrou no Souza Aguiar, esses oitocentos mil réis...

RP - Era muito dinheiro.

AP - Era muito dinheiro.

RP - Era.

AP - Equivalia a quatrocentos reais?

RP - É difícil te responder isso, porque eu assisti a perda de doze zeros, na nossa moeda...

AP - Não, mas eu digo assim...

RP - Doze zeros tiraram da nossa moeda...

AP - Quatrocentos reais, não é muito dinheiro...

RP - Quatrocentos reais...

AP - É, como o sr. ganha hoje em dia. Não é muito dinheiro.

RP - Não, recebo daí quatrocentos,

AP - Sim, mas então não deveria ser igual a oitocentos réis, mil réis, não deveria ser equivalente a quatrocentos reais.

RP - Deixa isso, esses quatrocentos reais corresponde na outra tirada de zeros feita agora o ano passado... que equivale pro real vale, valia dois mil setecentos e cinquenta cruzeiros.

AP - Mas, Dr. Renato, vamos melhor entender aqui o seguinte: acho que a pergunta podia ser assim, é... o senhor sobrevivia do dinheiro do consultório, ou do dinheiro da Prefeitura?

RP - Eu sobrevivia do consultório, da Prefeitura, do emprego da Ordem e do emprego de médico da Light.

AP - Quatro, em trinta e três o sr. já tinha quatro? Em mil novecentos e trinta e três o sr. já tinha quatro?

RP - Não, em trinta e três eu só tinha um.

AP - Não, dois não é? Que era o emprego da Prefeitura e o consultório.

RP - Consultório, que era recurso aleatório, né?

AP - Sim, então em trinta e três o sr. sobrevivia da Prefeitura.. .

RP - Sobrevivia.

AP - O sr. já morava sozinho?

RP - Eu casei em trinta e cinco, é sobrava dinheiro no fim do mês.

AP - É, sobrava dinheiro?

RP - Sobrava.

AP - A prefeitura, e o consultório e ainda sobrava dinheiro?

RP - É.

AP - Mas, o básico era da Prefeitura, em trinta e três?

RP - É.

AP - E agora, esse, como é que o sr. conseguia compatibilizar os horários da Prefeitura e do consultório?

RP - O consultório era a tarde. A Prefeitura tinha plantão, embora eu aparecesse todo dia lá.

AP - O sr. trabalhava de noite?

RP - Trabalhava de noite.

AP - Passava a noite no Hospital?

RP - Passava uma noite, vinte e quatro horas.

AP - Vinte e quatro horas...

RP - Plantão de oito as oito, (TI) as duas da tarde, de duas da tarde as oito da noite e o pernoite das oito as oito da manhã seguinte.

AP - O sr. fazia isso, quantas vezes por semana?

RP - Um plantão por semana.

AP - E além disso o sr. trabalhava mais no Hospital...

RP - Agora, eu ia ao Hospital todo dia pra ver meus doentes.. .

AP - Mas não era obrigado...

RP - Não era obrigado.

AP - O sr. ia porque o sr. gostava de ir?

RP - Gostava da ir, me sentia bem em ir.

AP - O sr. não era pago por isso?

RP - Não.

AP - O sr. era pago só pelas vinte e quatro horas.

RP - Só pelas vinte e quatro horas.

AP - E nas vinte e quatro horas, o sr. trabalhava em regime no Pronto Socorro. O que aparecesse na sua frente... operações, o que fosse, acidente de automóvel...batida, um que enfia faca no outro...

RP - É, tudo isso.

AP - Nos estados, um já morrendo, outro não tão mal, todo tipo de trabalho o sr. fazia, o sr. não trabalhava só num setor não?

RP - Não, eu era cirurgião geral, naquele tempo, a cirurgia geral, era quase que castigo. A cirurgia especializada, eu já disse uma vez aqui, começou a aparecer com a evolução da medicina, eu, então eu fiz muita neurocirurgia lá, fiz ortopedia, operações ginecológicas, fiz até partos, aparei crianças. Por que? Não havia quem fizesse. Depois, com o passar do tempo, foram ampliando assim os médicos de plantão. No começo eram só três cirurgiões em cada equipe, e dois clínicos, e quatro médicos da ambulância, depois botaram um neurocirurgião, botaram um ortopedista, botaram um otorrino, botaram um radiologista, foram botando lentamente... de modo que o atendimento que se prestava no velho Pronto Socorro era bom.

AP - O sr. como cirurgião adjunto, o sr. tinha algum tipo de poder, sobre o cirurgião auxiliar?

RP - Não.

AP - Mas, sobre esses meninos estudantes, sim?

RP - Tinha.

AP - Mas sobre o seu colega auxiliar, o sr. não tinha poder?

RP - Porque não havia dentro do serviço uma gradação. O serviço podia ter... eram quatro assistentes, podiam ser quatro cirurgiões assistentes, ou quatro cirurgiões adjuntos, ou quatro cirurgiões auxiliares. Sempre tinha um assistente, e um adjunto ou um auxiliar.

AP - Agora, como é que o sr. conseguiu ascender funcionalmente?

RP - Ascendi...

AP - Assim, em pouco mais de três anos, o sr. subiu dois níveis.

RP - Bom, quando eu entrei para a Assistência, eles disseram, havia um regulamento que era observado... em que era de grande importância a publicação de trabalhos científicos, feitos dentro da Secretaria de Saúde. Bem, no início, nos éramos quatorze cirurgiões auxiliares. Quando eu disputei para adjunto, eu já tinha mais... vários trabalhos publicados, e quase ninguém tinha. Porque eu sabia disso, eu conhecia o regulamento, de modo que eu fui destacado, logo fui promovido. Eles criaram treze vagas de cirurgião adjunto, havia um cirurgião adjunto, em meados da Reforma, havia um adjunto. Criaram treze vagas, e eu ao trabalhar, por já ter mérito traduzido através dos trabalhos que eu tinha publicado, eu fui indicado para cirurgião adjunto, passei a cirurgião adjunto. Depois, houve duas vagas de cirurgião assistente, eram quatorze...eram onze cirurgiões Ad... quatorze, doze cirurgiões adjuntos (TI). Eu tinha dez trabalhos, o segundo colocado, tinha dois trabalhos, mais um tinha um trabalho, os outros não tinham trabalho nenhum, automaticamente, eu fui classificado, aí, comecei a ser perseguido.

AP - Por quem?

RP - Pela cúpula da Assistência.

AP - Por que?

RP - Porque eu era amigo do Pedro Ernesto. Era amigo de Aldahyr Figueiredo que tinha sido exonerado como comunista, coisa que ele nunca foi...

AP - Esse Aldahyr Figueiredo?

RP - É.

AP - Mas, o sr. foi perseguido pela Assistência, com o Pedro Ernesto como Prefeito, ou depois que ele saiu?

RP - Quando Pedro Ernesto foi preso em trinta e cinco.

AP - Ah, sim! Aí o sr. passou a ser perseguido.

RP - Trinta e seis aliás... eu passei a ser perseguido. Porque, eu não tinha papas na língua. Quando mudou a Secretaria, a... quando Pedro Ernesto foi preso, voltaram aqueles carcomidos antigos da Assistência, que tinham sido aposentados, ou postos em disponibilidade por ele. Chamavam-se os carcomidos, porque sempre atrapalharam a Assistência. Pra você ter uma idéia, o Prefeito Prado Jr. em 1926 se revoltou com, da assistência pública só ter um hospital e um posto, no dispensário do Méier, hospital de pronto socorro, e pediu a cúpula dirigente da Secretaria de Saúde, que fizesse um projeto de reforma hospitalar. Eles pediram seis meses pra estudar, no fim de seis

meses, eu conto isto no livro que eu escrevi, no fim de seis meses, eles apresentaram um projeto pra reforma do estatuto, uma comissão nomeada pelo Diretor Geral da Assistência.

AP - Prado Jr.

RP - Bastava comprar mais uma ambulância, nomear um médico, um enfermeiro e duas serventes. Esse era o projeto após estudos de seis anos. O Pedro Ernesto, quando assumiu, fez dispensários em todos os Postos, criou Postos de Saúde em todas as coisas (TI) e depois transformou a Diretoria Geral de assistência, em Secretaria Geral de Saúde e Assistência. É questão de ... (FF)

Fita 4 - Lado B

RP - De modo que quando estes carcomidos antigos voltaram, (TI) o Aldair, como ele pertencia a ala médica do sindicato médico ele foi denunciado como comunista. Foi aquele artigo 177 da constituição. Isto foi na década... foi em 1936, senão me engano, trinta e seis para trinta e sete.

AP - O Aldair?

RP - O Aldair. O Aldair e outros. Outros médicos, também foram.

AP - Mas o sr. está falando que o sr. depois então que o Pedro Ernesto foi preso, o sr. foi perseguido pela Assistência?

RP - Eu, em cinco anos da Assistência eu tive onze transferências de local de trabalho.

AP - Pois é, isso. Por que o sr. teve tanta transferência?

RP - Porque eles queriam me perseguir porque eu era amigo do Aldair. Amigo do Pedro Ernesto.

AP - Mas o senhor foi perseguido enquanto o Pedro Ernesto era prefeito.

RP - Não, depois que ele deixou de ser prefeito.

AP - Não, ele deixou de ser prefeito só em trinta e seis.

RP - Trinta e seis? Eu fui perseguido a partir de trinta e sete.

AP - Ah, tá certo.

RP - Em plena época do Estado Novo. Quer dizer, o Estado Novo é de trinta e sete.

AP - Esse monte de mudanças que o senhor teve então se deve a esta perseguição?

AP - Agora, como é que o sr. foi perseguido e depois em trinta e oito o sr. foi membro da Comissão Organizadora do Formulário da Secretaria Geral da Assistência?

RP - Por que quem tinha sido nomeado diretor da Comissão Organizadora foi meu amigo Pedro Nava. Ele indicou o meu nome. Entre outros, pra fazer este formulário. Era aliás uma besteira isso. Eram trinta membros da Comissão. Isso eles deixaram (P). Mas não era cargo de importância não.

AP - O sr. Também foi acusado de comunista?

RP - Nessa época, também, também, também. Nunca fui. Nunca fui pertencente a partido político nenhum.

AP - Mas, então, a sua saída, do Souza Aguiar...

RP - Agora, eu tomei uma forra, eu tomei uma forra. O Pedro Nava, o grande Pedro Nava, historiador, esse era historiador de verdade. Você conhece os livros dele?

AP - Alguns.

RP - Eu tenho todos eles aí. O Pedro Nava... tinha, tinha... que é que eu ia falar? Você me fez uma pergunta eu ia responder.

AP - O sr. falou que ia, que o sr. foi a forra.

RP - Ah! Eu então para tomar forra, eu estava perseguido, trabalhando na ambulância, na Ilha do Governador, e o Nava, igualmente perseguido, trabalhando na ambulância do plantão da Ilha do Governador. Então resolvi fazer um trabalho pra concorrer a um prêmio na Academia de Medicina, “Traumatismos crânio-encefálicos”. Só eu que fazia direito aquilo, aqui, desde os tempos do Aldair, o Nava até ilustrou, ele era um grande desenhista, ilustrou todo o meu trabalho. E combinei com o Nava de chamar, ele resolveu fazer um almoço, combinei com ele, que ele pra comemorar o meu prêmio, que foi disputado com mais quatro candidatos, todos pessoal todo da Academia, e fui perseguido, porque não queriam que eu fosse... desconfiavam que eu pudesse ter sido identificado. Todos os quatro trabalhos que disputaram esse prêmio eram sob pseudônimo, mas o diretor do Hospital Souza Aguiar, que não gostava de mim, e era da cúpula da Assistência, que me perseguia, não podia admitir..., aceitou a idéia de que... esse trabalho deve ser do (TI) do Aldair. Mas Aldahyr está exilado em... em coisa. Ou é dele, ou do Renato, ou dos dois juntos. Foi perguntar ao Rocha Maia, com quem eu trabalhava no Pronto Socorro, com quem eu trabalhava no Pronto Socorro, depois que o Aldahyr foi demitido, se eu tinha pedido, papeleta do serviço pra fazer, pra fazer um trabalho sobre traumatismo crânio-encefálico. Não satisfeito, procurou o Dr. Benigno Sucupira, chefe do gabinete de radiologia do Souza Aguiar, pra saber se eu tinha tido acesso as chapas do Hospital Souza Aguiar. Mas eu tive a cautela, sabendo o que era..., como era essa coisa toda, de não me referir, no decurso do trabalho, no decurso das descrições das observações clínicas, eu apresentei cento e quarenta casos, de traumatismo crânio-encefálico, tratados por mim, acompanhados por mim sempre, eu tive o cuidado de não mencionar “no nosso Hospital”, ou “na nossa Prefeitura”, ou na “nossa cidade”, e sim, “em nosso estado”, ou então deixava em branco, pra depois preencher, quando eu publicasse o trabalho. Eu ganhei o prêmio. Quando eu ganhei esse prêmio, o Roberto Freire ficou puto dentro da roupa, era o diretor do Souza Aguiar.

“Bem que eu dizia,” isso me contou um colega, um acadêmico, porque na Academia, o julgamento desses prêmios é uma cerimônia medialesca.

AP - Cerimônia o que?

RP - Medialesca, da Idade Média. Eles acendem uma pira e queimam os envelopes com os pseudônimos dos que não foram premiados, no dia trinta de junho, ou foi final de junho, sei lá. Quando saiu o premiado, o meu pseudônimo, que era um Topógrafo italiano, (TI), o Roberto Freire, deu um soco na mesa e “eu bem que dizia, que esse trabalho era do Souza Aguiar, mas, o filho da puta do Renato, soube fazer a coisa”. Então, quando eu ganhei o trabalho, eu combinei com o Nava, que o Nava ia promover um almoço de regozijo pra mim, e que nos íamos, ele me saudando e eu respondendo, fazer a apologia de Aldahyr Figueiredo, foi um almoço feito num restaurante na Rua Chile, compareceram uns quarenta, uns cinqüenta ou sessenta colegas, e eu fiz questão de convidar toda a cúpula da assistência, aquela cúpula que me perseguia, como convidados do almoço. Sentei ao lado, ao meu lado o Roberto Freire.

AP - Mas, o sr. convidou o Roberto Freire também?

RP - Convidei.

AP - Ele foi?

RP - Foi. Ele era o diretor do Pronto Socorro, tinha que ir (alguém oferece café) Pode, pode fazer café. Convidei o Roberto Freire também. De modo que foi uma forra, uma vingança, eu sempre gostei muito dessas vinganças, desse tipo de vingança. Ele engoliu em seco aquele troço todo, porque o Nava elogiou, eu elogiei o Aldahyr, e o Aldahyr tava exilado em...

AP - Mas já que o sr. tá falando em vingança, nos vamos ter que entrar um pouco nesse tema não é? O sr. acha que o meio médico é um meio de muita competição?

RP - É, é triste, é sórdido. É sórdido. É sórdido.

AP - Competição desleal?

RP - Competição desleal. Competição sem ética nenhuma.

AP - Mesmo os diretores e os...

RP - Principalmente os diretores...

AP - ...que deveriam dar o exemplo...

RP - Estes principalmente, não. Você vai ler um dia esse meu livro, eu conto essas coisas todas. A vaidade, ganância a ambição.

AP - Bom, porque normalmente, um dos princípios aí da ética médica, exatamente é o respeito pelo trabalho do outro, a solidariedade...

RP - Eu sempre fiz isso, porque eu vi meu pai fazer isso, meu pai era um clínico geral. Haviam outros médicos como ele fazendo Clínica. Quando ele tinha uma dúvida sobre um doente, ele pedia uma consulta clínica, uma conferência clínica. Eram dois médicos examinando um doente, ou três médicos examinando um mesmo doente... (pausa para o cafezinho) De modo que eu aprendi com ele isso, ele sempre fazia isso. E ele não ia a consulta nenhuma quando um doente chamava diante de outro, cliente de outro médico, quando chamava pra conferencia, ele dizia: eu vou, examino, mas na frente do colega...

AP - Agora o senhor...

RP - Hoje não se ver isso mais...

AP - ... o senhor Aldahyr Figueiredo, porque é que diziam que ele era comunista?

RP - Porque ele quando foi, também conto a história dele. Quando ele foi... como ele tinha muito prestígio, ele foi o cirurgião mais jovem da Assistência até a Reforma. Era livre docente, era chefe de serviço da Assistência. Já expliquei isso. Eram quatro chefes de clínica cirúrgica da Assistência...

AP - Bom, até aí não há nada que o....

RP - A inveja contra ele, foi muito bem focalizada por Pedro Nava, no Círio Perfeito, a inveja é... e o Aldahyr era muito brincalhão, gozava todo mundo...

AP - Ele também foi tenentista?

RP - Tenentista como?

AP - Bom, consta que o Dr. Pedro Ernesto foi um dos tenentes civis...

RP - O Aldahyr, o Aldahyr, era médico da Assistência, quando a Revolução de Trinta e Dois, e tinham que mandar pro front, o governo tinha que mandar pro front, cirurgiões com experiência de pronto socorro, porque a turma do cirurgiões do exército, era fraca, então, pediu, o exército pediu quatro cirurgiões do Pronto Socorro, foram designados, ou se ofereceram para ir o Aldahyr, o Eliseu Guilherme, Paulo Barata e Álvaro Batista. Então dois foram para um lado e dois foram para outro. O Aldahyr foi servir no front da Serra da Mantiqueira... de modo que isso enraiveceu muita gente. E por isso...

AP - Foi um engajamento contrário ao Movimento de 1932.

RP - Ao Movimento de trinta e dois.

AP - Favorável a Vargas.

RP - Que tinha a maioria dos médicos. O médico de um modo geral sempre foi um reacionário.

AP - Sim, mas nesse caso eles aderiram à Vargas ou foram favoráveis a 1932.

RP - Os médicos? A maioria dos médicos torcia para que São Paulo ganhasse, contra o Getúlio.

AP - Ah, sim. Mas o Aldair não?

RP - O Aldahyr não. Aldair operou no front.

AP - Por que o sr. diz que os médicos eram reacionários?

RP - Porque eu conheço a classe médica.

AP - O sr. acha que eles eram na década de 1930 e continuaram sendo?

RP - Continuam sendo.

AP - Mas, por que o sr. acha que eles continuam sendo? O que leva eles a ser...? Dinheiro?

RP - Adquirir status.

AP - Status?

RP - É, adquirir status.

AP - E essa idéia de que é a profissão liberal também?

RP - É...

AP - Nada de socialização...

RP - Nada de socialização...

AP - Assalariamento, socialização, emprego ...

RP - De modo que sempre foi isso. Foi a briga do sindicato médico, depois, muito tempo depois da fundação, nasceu por causa disso. Por causa desse reacionarismo da classe médica é que foi fundada a AMB, foram fundadas as associações de classe. Porque sindicato médico só tinha um, no Rio de Janeiro, que chamava-se Brasileiro.

AP - Agora, quando Aldahyr foi, ele foi o que, ele foi expulso da Assistência?

RP - Ele foi demitido da Assistência.

AP - Exonerado.

RP - Ele foi exonerado de chefe de serviço.

AP - E aí ele foi pra onde?

RP - Ele foi pra Araguari...

AP - Araguari.

RP - Araguari e Uberlândia.

AP - E ficou trabalhando lá?

RP - Ficou trabalhando lá.

AP - Ele não foi preso, junto com dr. Pedro Ernesto?

RP - Não, não foi preso não, mas ele foi trabalhar lá em Araguari e Uberlândia, lá no triângulo mineiro, mas me deixou um advogado, tratando da reintegração dele, o Dr. Mozart Lago, que depois foi Deputado e Senador. E ele foi reintegrado. Aí o paradoxo, por isso é que eu sou um Hegeliano, a contradição dos opostos. Defendo a filosofia Hegeliana, por isso ele foi reintegrado em pleno Estado Novo, pela justiça, que deu, reintegrou no posto dele, e pagou todos os atrasados que ele tinha perdido. Isso em quarenta, por aí, trinta e nove,

AP - (propôs uma pequena pausa para o café)

RP - Mas, mataram nele o cirurgião né?

AP - Mataram nele o cirurgião, porque?

RP - Porque ele veio *blasé*.

AP - Ele veio *blasé* quando voltou...

RP - Deixou (TI) pra ser reintegrado, não quis assumir a chefia de clínica cirúrgica dele, que ele tinha direito por decisão da justiça.

AP - Voltou reprimido, desanimado...

RP - Pediu para ser lotado no serviço, no plantão do Hospital Pedro Ernesto, que já tinha sido inaugurado, onde agora faria tempo para a sua aposentadoria.

AP - Mas, ele é vivo ainda?

RP - Não, já morreu.

AP - Mas, o sr. depois, continuou tendo contato com ele?

RP - Até ele morrer. Ele morreu em oitenta e pouco.

AP - Agora, em oitenta e poucos, agora?

RP - É, eu tenho a data, é de quando ele morreu, com um câncer de medula.

AP - Então, o sr. foi acusado de ser cupincha do Aldahyr, e por conta disso, o sr. foi perseguido.

RP - Fui. Por eu ter dito umas verdades aos dirigentes, sempre tive a boca... sempre falei o que eu queria falar.

AP - O sr. não tinha papas na língua.

RP - Não tinha papas na língua.

AP - Saia falando.

RP - Saia falando. Por exemplo, quando a nova cúpula da Assistência, assumiu a Assistência...

AP - Essa nova que o sr. fala, é quando Pedro Ernesto foi preso.

RP - É, quando prenderam Pedro Ernesto, quando a nova cúpula assumiu, o chefe da nova cúpula, que não era o Secretário, era o chefe de gabinete do secretário, tinha sido posto em disponibilidade, pela reforma Pedro Ernesto... depois tinha sido aposentado, que eu me lembro bem, ele foi fazer uma visita ao Hospital Souza Aguiar. Eu estava de plantão na equipe do Rocha Maia, que tinha substituído o Aldahyr, e ele tocou o pau no Pedro Ernesto, numa roda grande. Eu estava nessa roda, eu comecei a contestar. O Rocha Maia, até puxava pelo meu avental, “cara, cala a boca, você não sabe quem é esse homem?”

AP - Rocha Maia era muito mais velho que o sr?

RP - Era, era bem mais velho que eu. Era o chefe da equipe que substituiu o Aldahyr, era assistente do Aldahyr e ficou no lugar dele. Mas, o Rocha Maia, um dono de Hospital, o Rocha Maia me puxava. Aí eu cheguei e disse, bom, pelo menos um mérito Pedro Ernesto teve, soube botar pra fora quem não prestava, aposentando e pondo em disponibilidade todas essas pessoas, inclusive o sr. Eu disse na cara dele, assim.

AP - E aí?

RP - Aí, ele foi pro gabinete, encontrou a minha indicação pra promoção. Eu era cirurgião assistente interino, candidato a ser efetivado. Ele anulou a indicação da comissão julgadora, anulou a indicação da comissão julgadora, nomeou outra comissão julgadora, que não podia fazer outra coisa, senão me classificar na ordem de primeiro lugar. Aí ele telefonou, telefonaram do gabinete do secretário, para a secretaria geral, pra ordem política e social, pedindo o que é que constava contra mim lá, como comunista. Disseram, que não havia nada. Então que eles me prendessem porque precisavam que eu fosse preso.

AP - Não consta nada, vamos prendê-lo.

RP - Então vamos prender. Eles me prenderam, eu fui solto na mesma noite, tenho a certidão que guardo até hoje, do Felinto Muller, dizendo que nada constava. Mas dois dias depois, me preteriram, eu classificado. Arranjaram quatro vagas de assistente, eram doze candidatos, eu classificado em primeiro lugar, nomearam o segundo, o terceiro, o quarto e um outro. Isso é perseguição baixa, (TI) (Alguém oferece bolo). É um [povo] sórdido.

AP - E esse que era, que substituiu Pedro Ernesto, era o chefe de gabinete...

RP - Não, quem substituiu Pedro Ernesto, foi padre Olímpio de Mello, Prefeito.

AP - Que era do PADF também ...

RP - Presidente da Câmara Municipal.

AP - Que era do mesmo partido do Pedro Ernesto.

RP - Do mesmo partido do Pedro Ernesto.

AP - Mas, quem passou a dirigir a Assistência?

RP - Foi o Irineu Malagueta, que era *fac totum* desse Monteiro Autran, que era o chefe do gabinete dele, um carcomido que tinha voltado. O Irineu Malagueta, não era mau sujeito, era muito burro só. Burro. Mas era um bom profissional.

AP - Burro, porque? Por que ele era burro?

RP - Porque era burro! Burro! Burro, porque pouco inteligente, mas era um bom clínico.

AP - Era um bom clínico burro.

RP - É, um bom clínico burro. Mas, pessoalmente um sujeito sem cor. Mas quem manobrava a Assistência, era o Monteiro Autran, esse a quem eu disse, que o Pedro Ernesto tinha feito bem em despedir gente como ele, aposentar gente como ele.

AP - Monteiro Autran tá vivo ainda?

RP - Não, deve ter morrido. Pela idade que ele tinha já deve ter morrido. Acho que morreu. Eu estou com oitenta e quatro, ele já era velho, quando eu era moço (risos).

AP - Agora, o sr. lembrou aí, de algumas histórias da perseguição né? E das histórias de experiências profissionais, assim, porque foi o início da sua carreira, o sr. deve ter tido, deve ter vivenciado coisas de maneira inédita na sua vida, trabalhando pela primeira vez numa Hospital, com tanto movimento.

RP - Bom, tem casos jocosos até. Mas essa parte profissional, o sigilo profissional impede.

AP - Mas agora, a sessenta... quantos anos, sessenta anos depois, sigilo profissional, não precisa falar o nome das pessoas não, o sr. pode contar...

RP - Eu nem sei o nome das pessoas.

AP - Ah! então.

RP - Vou contar um caso. Um dia apareceu, isso é pra ficar lá. Eu não publiquei isso, não.

AP - Sim senhor.

RP - Apareceu um sujeito bem vestido, fino, elegantemente com uma bonita gravata, uma pérola na gravata, e eu como médico de plantão, fui até a ele, o que é que o sr. Deseja)? Eu sou fulano de tal, ele era professor da Escola de Engenharia, ele identificou-se logo, "eu sou fulano de tal", mas isso, falando pra mim, assistido pelos internos todos que estavam lá, em volta dos demais assistentes, "acontece que eu sou é pederasta, pederasta passivo". O sujeito, falava bem até.

AP - Assim, na frente de todo mundo.

RP - "Acontece que hoje, eu me masturbava, e nada mais apropriado do que uma garrafa de bromil", era um xarope que tinha pra tosse, acho que ainda existe, de bromil, "na hora do frenesi, o vidrinho, a garrafa entrou lá pra dentro, pra dentro do reto". Eu tive que fazer muita careta, pra não dar uma gargalhada geral e não deixar os garotos, os assistente, os internos, darem lá.

AP - E estava mesmo a garrafa lá dentro?

RP - Estava. Até mandei fazer uma chapa, tinha a garrafa, dei uma anestesia local, nele, ele relaxou, e eu tirei a garrafa. Esse caso raro.

AP - Isso lá em pleno Souza Aguiar?

RP - Em pleno Souza Aguiar. Havia muito desses casos.

AP - Desses casos assim, existiam muitos lá?

RP - Aparecia. Garrafa de Coca-Cola, garrafa de Caxambú. Coca-Cola, aquela pequena.

AP - Eles enfiavam a Coca-Cola?

RP - Enfiavam.

AP - Homens e mulheres?

RP - Mulher, não tanto. Mas homem, mais.

AP - Agora, dr. Renato, voltemos um pouco então aqui. Naquela época, como que o sr. achava, porque razão o Pedro Ernesto, foi perseguido pelo Vargas?

RP - Foi perseguido porque o Pedro Ernesto estava crescendo muito. Era um revolucionário histórico, tinha sido revolucionário em vinte e dois, vinte e quatro, vinte e seis, vinte e sete, trinta, trinta e um e trinta e dois. (dr. Renato pede seus cigarros a sua esposa). Mas o Pedro Ernesto...

AP - A popularidade dele, na década de trinta, logo que o sr. se formou, era muito grande?

RP - Era muito grande, ele tinha feito uma rede hospitalar, a reforma hospitalar. Em trinta? Já era popular. Ele tinha a melhor Casa de Saúde do Rio de Janeiro.

AP - A dele?

RP - A dele, Casa de Pedro Ernesto.

AP - Que é onde funciona o IASERJ hoje em dia.

RP - Funciona o IASERJ hoje.

AP - Ali no Rio Comprido, ali como é que chama aquilo. Encantado, né?

RP - Não, Encantado não, IASERJ, é na Henrique Valadares, ali defronte a Cruz Vermelha.

AP - Isso.

RP - Ele fez a maior Casa de Saúde. (Alguém pergunta algo ao dr. Renato)

AP - Falávamos então, sobre Pedro Ernesto, as razões que levaram (DF) a prisão dele.

RP - Levaram a prisão, ciúmes do Getúlio.

AP - Pessoal.

RP - Pessoal. Ciúmes políticos. Pedro Ernesto, estava crescendo muito no prestígio popular, principalmente depois que ele fez a reforma da Assistência, criando uma rede hospitalar, criando a carreira profissional da Assistência e fez a grande reforma educacional, abrindo escolas em todos os cantos do Rio de Janeiro.

AP - O sr. tinha relação com ele pessoal?

RP - Eu tinha relação pessoal, principalmente... Ele foi... ele era... o Pedro Ernesto era um carnavalesco inveterado.

AP - Carnavalesco?!

RP - Carnavalesco.

AP - Gostava de carnaval.

RP - Gostava de carnaval.

AP - O sr. também?

RP - Foi ele que trouxe o samba do morro pra pro asfalto, ele fazia, ele preparava..., quando ele era interventor e prefeito, ele preparava umas... umas visitas, pras escolas de samba no morro,

AP - Como visitas?

RP - Assistia, ele assistia o samba no morro.

AP - Ele ia lá no morro assistir samba?

RP - Ele ia ao morro, com uma caravana grande, de amigos, convidados. Eu fui convidado muitas vezes, pra essas caravanas.

AP - Qual o morro que o sr. foi com ele?

RP - Morro do Andaraí,

AP - O sr. foi com ele?

RP - Fui.

AP - E o que acontecia nessas horas em que o sr. ia lá no morro?

RP - Nada, eles nos recebiam muito bem.

AP - Cantavam sambas...

RP - Cantavam sambas. E depois de dois ou três anos, eles foram pro asfalto. Então Pedro Ernesto, criou isso, trouxe o samba pra Praça Onze, ele trouxe o samba pra Praça Onze. E o samba que se ouvia no morro dois anos antes, fazia sucesso no carnaval aqui. Depois ele criou o baile do Municipal, um baile do Teatro Municipal, de modo que o povo gostava do Pedro Ernesto. Ele foi o primeiro prefeito eleito do Rio de Janeiro. Os prefeitos do Rio, que era capital do país, eram nomeados pelo Presidente da República. Na reforma da Constituição de trinta e quatro, depois da Revolução, introduziram um dispositivo, que os partidos..., que o partido que..., o candidato que tivesse o maior número de votos..., a chapa vencedora, teria o prefeito da cidade. O Pedro Ernesto puxou o (TI) do Partido Autonomista. Só tinham dois partidos, os Progressistas com Pedro Ernesto e do Partido Autonomista, e dos reacionários e conservadores empedernidos no Partido Conservador... Economistas, chamado de Partido Economista. Só dois partidos se apresentaram para disputar a Câmara dos Vereadores. O Pedro Ernesto puxou, com o dobro da votação, com setenta e cinco por cento dos votos.

AP - Isso em trinta e quatro.

RP - Isso em trinta e quatro.

AP - E o sr. participou dessa campanha?

RP - Participei com o meu voto só.

AP - O sr. não participou da campanha dele, da coordenação da campanha dele, o sr. não era pessoa diretamente ligada.

RP - Não, porque eu era fichinha,

AP - Como?

RP - Eu era fichinha.

AP - O sr. era fichinha?

RP - Ele se ligava aos políticos, aos que faziam política, eu não fazia política, nem política partidária. De modo que o Pedro Ernesto cresceu, tornou-se popular, e muita gente já dizia, e muitos jornais já defendiam a tese, de que o Pedro Ernesto devia ser o substituto de Vargas, porque, era um revolucionário autêntico, participou de todas as revoluções, abrigou na Casa de Saúde dele, todos os revolucionários feridos, os líderes, aqueles tenentes revolucionários, foi o criador e o Presidente do Clube Três de Outubro, você sabia o que é o Clube Três de Outubro, não? Feito pelos tenentes da Revolução de Trinta. Era chamado, considerado o tenente civil. Ele veio comandando o corpo de saúde, da Coluna Mineira, na Revolução de Trinta e Dois, a chamada Revolução Constitucionalista. Depois, ele foi nomeado, quando Getúlio assumiu, chefe da... diretor da assistência hospitalar no Brasil. Começou a trabalhar lá, e oito a dez meses depois, o Getúlio o nomeou interventor do Distrito Federal, isso foi em trinta e dois, durante a ... no fim da... ou durante ou no fim da Revolução Constitucionalista de Trinta e Dois. Ele aí, partiu para o programa dele, de fazer uma assistência social intensa, aqui, e começou a se popularizar.

AP - Como é que ele conseguia dinheiro, pra fazer esses hospitais todos, essas escolas tudo isso que o sr. falou?

RP - Com o jogo.

AP - Jogo, que jogo?

RP - Jogo. Licenciado. Licenciou o jogo.

AP - Jogo do Bicho?

RP - Cassino.

AP - Ah! Cassino. Ele licenciou os Cassinos...

RP - Abriu os Cassinos. A conta dos Cassinos era toda aplicada, no dinheiro que era das obras sociais, escolas...

AP - Porque parece que uma das críticas que faziam a ele, é que ele tinha uma administração considerada ilícita. Não era essa umas das críticas que faziam a ele?

RP - Era de administração ilícita, mas era tão lícita, que ele fez todos os hospitais (TI), quando ele foi preso, deixou o governo, ele deixou todos os hospitais que tão aí... desses o Hospital que tem o nome dele, que é lá em Vila Izabel, o Hospital Pedro Ernesto, o Getúlio Vargas, o Carlos Chagas, o da Ilha do Governador, o da Ilha de Paquetá, o de Campo Grande, o Miguel Couto... e eu ... Rocha... Rocha Miranda. Tudo isso e o Jesus, ele inaugurou o Jesus, deixou tudo inaugurado com o dinheiro do jogo, dos Cassinos. Administração ilícita que os economistas diziam aos adversários políticos dele.

AP - Qual era a outra crítica que faziam a ele além dessa de administração ilícita? Que ele era comunista? Ele participou, ele era amigo do Prestes?

RP - Não, ele não era amigo do Prestes. Ele recebeu uma carta do Prestes, pedindo apoio pra revolução,

AP - Pra Coluna?

RP - É. A Revolução de Trinta e Cinco... Ele foi a Vargas e disse que tinha recebido essa carta... mas que ele não tinha aceito... Mas, tinha uma *entourage* dele que realmente estava por dentro da Revolução, da fracassada Intentona de Trinta e Cinco.

AP - Tinha pessoas ligadas a ele, que estavam envolvidos com a Intentona, quem por exemplo?

RP - Vou dizer alguns que já morreram.

AP - Sim, pode dizer quem tá morto, quem tá vivo, não há problema nenhum. Ninguém vai ser preso por causa disso não.

RP - Não sei.

AP - Já estamos no estado de direito, ainda mais que trinta e cinco, tem mais, tem sessenta anos atrás.

RP - Então Pedro Ernesto foi preso.

AP - O sr. tem medo de falar o nome das pessoas que participaram de trinta e cinco?

RP - Não, não tenho. Ele, a única coisa que ele tinha feito, quando começou..., a acusação que faziam a ele é o seguinte, que quando houve o comício de lançamento da Aliança Nacional Libertadora, em mil novecentos e trinta e cinco, trinta e quatro, o Pedro Ernesto cedeu o Teatro João Caetano para o comício, pra cerimônia de

lançamento, então o acusaram de comunista. Quem o acusou foi quem fez o discurso de lançamento... da candidatura de Luís Carlos Prestes, o Jornalista Carlos Lacerda, que foi o orador desse comício. Pra ver o mundo como é pequeno, não é...

AP - E como é que as pessoas mudam de posição.

RP - O Lacerda daquela época, era da juventude, já era do Partido. Mas o Lacerda, também conheço a vida dele, convivi muito com o Lacerda...

AP - O sr. conviveu com Lacerda?

RP - Convivi. Inclusive o Lacerda era um homem muito inteligente, foi um grande orador. Convivi com ele, não posso dizer que fui amigo dele...

AP - Ele era médico também?

RP - Não, Lacerda estudou direito, depois deixou direito e foi trabalhar no Jornalismo. Mas, isso é outra história. O Lacerda teve uma atuação indireta, na derrubada do Estado Novo, com uma entrevista dada ao José Américo, pelo Zé Américo, ao Correio da Manhã, mas nessa época, Lacerda já era um homem... se não de direita, mas meio de direita.

AP - Sim, mas ainda lá em trinta e quatro, o Pedro Ernesto então cedeu o Teatro João Caetano...

RP - O Teatro João Caetano, para a realização do comício de lançamento da Aliança Nacional Libertadora, cujo presidente era o Comandante Herculino Cascalho. Mas havia um (TI), tinha um jornalista Manoel Cabelo, e tinha... uma junta de [gente na Aliança]. Isso oficialmente, mas clandestinamente, os comunistas já estavam por trás disso. O Prestes já estava no Rio, no Brasil, estava no Brasil, tentou o apoio do Pedro Ernesto, não conseguiu, mas conseguiu a simpatia do Pedro Ernesto. De modo que o Pedro Ernesto, no dia em que as classes conservadoras iam oferecer um almoço de apoio a ele, um jantar de apoio a ele, ele foi preso as seis horas da tarde, no seu gabinete e foi processado por um Tribunal de exceção, que era um Tribunal..., como é que chamava aquele Tribunal? Tribunal..., sei lá. Presidido pelo Ministro do Supremo Tribunal Paulo Barreto. Foi julgado e foi absolvido, e foi libertado, mas ele veio com muito prestígio.

AP - Quando ele foi absolvido, porque é que ele não assume de novo a Prefeitura?

RP - Aí, já não dava mais nada, já tava a guerra, a guerra já tinha estourado, o Estado Novo, já tinha caído...

AP - Caído não, ele foi solto em ...

RP - Quarenta e dois...

AP - Não, quarenta e dois ele morreu.

RP - Morreu. Então, foi um pouco antes. Assim mesmo ele foi perseguido, pelo Getúlio, teve que se exilar voluntariamente em Campanha, na cidade de Minas (P), e lá ele clinicou na Santa Casa, depois ele teve um câncer, morreu.

AP - Muito bem. O dr. Renato, vamos voltar então, o sr. tinha falado lá dos primeiros nove meses no Souza Aguiar.

RP - Depois eles criaram lá na Assistência o Hospital de Rocha... o dispensário de Rocha Faria, que era uma pocilga...

AP - Sim, foi a sua segunda experiência. Era uma pocilga?

RP - Pocilga. Eram duas casas velhas...

AP - Lá em Campo Grande?

RP - Lá em Campo Grande.

AP - A terra aqui do nosso Sérgio.

RP - Não tinha Hospital Rocha Faria, tava em construção o Hospital Rocha Faria, encomendado pelo Pedro Ernesto. Era uma pocilga. Eram duas casas velhas, não tinha cirurgião geral, em todos os plantões e morreu um ou dois doentes lá. Só tinha cirurgião geral em um plantão.

AP - A casa era grande?

RP - Eram duas casas velhas, dessas casas residenciais, com quarto..., sala, sala de jantar, dois quartos, cozinha e um banheiro.

AP - Um piso só...

RP - Um piso só.

AP - Duas casas, próximas uma da outra...

RP - Próximas uma da outra, distantes cinco metros, que era por onde entrava a ambulância. Essas casa eram velhas, apenas pintadas, e então...

AP - Tinha sala de cirurgia?

RP - Não, não tinha... não era sala, tinha casa (o dr. Renato embaralha as palavras), porque da outra casa tinha uma enfermaria de homens e uma enfermaria de mulheres, e uma sala de cirurgia modesta. Mas na sala de pronto socorro, a casa de pronto socorro, só tinha isso, só tinha um banheiro. Nesse banheiro servia-se o chefe do dispensário, os doentes todos, os acompanhantes dos doentes, os empregados todos. Toda a pessoa que fosse lá só tinha esse vaso. Pra ver como era pocilga, num dos meus plantões, o único banheiro da casa, dava pra sala que era a cozinha, que era a sala de curativos, tinham adaptado pra..., fizeram uma pintura lá, tinha uma autoclave lá para esterilizar... um

autoclave, material de esterilização e..., nessa cozinha dava o único banheiro da residência, como já disse, servia pra todo mundo. Num dos meus plantões, esse banheiro estava sem água, tábua quebrada... coco e pipi entupido até as bocas, saia aquele riacho de fezes e urinas que descia e invadia a sala de curativos, descia três degraus e ia pelo terreno, no fundo desse terreno tinha um telheiro de zinco onde paravam as duas ambulâncias que serviam ao dispensário, e tinha uma mesa de madeira tosca com banco de lado, que era o refeitório dos médicos e funcionários, e um fogão a lenha pra cozinhar comida, não só pros médicos, como pros doentes, os doentes internados...

AP - Mas, tinha espaço pra internar alguém lá?

RP - Tinha.

AP - Quantos leitos?

RP - Uns oito leitos em cada sala.

AP - Em cada sala?

RP - Em cada quarto.

AP - Em cada quarto. Então, tinha um total de quantos?

RP - Talvez uns doze ou dezesseis doentes. Mas ninguém operava lá.

AP - Mas alguém ficava internado lá?

RP - É, ficava, mas a gente operaria só se houvesse caso para operar. Era pra desistir do doente. Tinha pouco uso.

AP - Era mais pronto socorro mesmo, não é?

RP - Mais pronto socorro.

AP - E qual era o staff, lá do hospital?

RP - O staff? Era um chefe de dispensário, um administrador, da parte de limpeza, enfermagem e dois médicos de plantão. Como não havia cirurgião em todas as equipes, eles inventaram a idéia de destacar um cirurgião do Pronto Socorro aqui do centro da cidade, para durante um mês trabalhar lá. Logo no primeiro mês que entrou em execução isso, era rodízio que se faria, eu fui premiado, fui pra lá.

AP - Premiado entre aspas, ou....

RP - Premiado entre aspas. Premiado entre aspas.

AP - Era presente de grego isso,

RP - Era presente de grego. Fui pra lá, cumpri meus plantões, lá.

AP - Era um plantão por semana também?

RP - Também. Vinte e quatro horas. Eu ia..., entrava as sete da noite, ou oito da noite, saía no dia seguinte essa hora. Levava quarenta e nove quilômetros de automóvel.

AP - Como é que o sr. chegava lá?

RP - De automóvel.

AP - Conseguia-se chegar lá de automóvel naquela época?

RP - Chegava.

AP - A estrada era de terra?

RP - Não, uma parte era de terra, outra parte era de asfalto. Antiga estrada Rio- São Paulo.

AP - O sr. ia sozinho?

RP - Eu ia sozinho.

AP - Até Campo Grande.

RP - Até Campo Grande. Lá eu parava o carro na rua e voltava no dia seguinte.

AP - O sr. demorava quanto tempo daqui lá?

RP - Levava... uns quarenta e cinco minutos.

SR - Que estrada que o sr. utilizava naquela época?

RP - Eu ia por Cascadura, pegava a antiga Rio - São Paulo, passava no Campo dos Afonsos, Marechal Hermes, Senador Camará.

AP - Não tinha muito trânsito, não é?

RP - Não tinha muito trânsito..

AP - Porque hoje em dia, acho que demora mais tempo pra ir lá pra Campo Grande.

RP - É. Hoje eu fui a Campo Grande, a pouco tempo, é outro, é outra cidade, é outra cidade.

AP - Agora. E a clientela lá do Hospital em Campo Grande?

RP - Tudo indigente.

AP - Era diferente aqui do Souza Aguiar?

RP - Era a mesma coisa, um pouco piorada, quanto a miséria.

AP - E o sr. sempre como cirurgião?

RP - Eu sempre como cirurgião.

AP - Ganhando o mesmo salário?

RP - Ganhando o mesmo salário.

AP - Não tinha nenhum adicional?

RP - Não tinha.

AP - O sr. ficou lá um mês...

RP - Fiquei um mês. Passados dois meses, voltei pro Souza Aguiar, e fui novamente premiado, pra ir pra lá, não devia ser.

AP - Foi premiado pra ir pra onde?

RP - Pra voltar pra Campo Grande.

AP - Não, o sr. foi premiado pra ir pra Ilha.

RP - Fui premiado novamente, pra voltar pra Campo Grande.

AP - O sr. passou quantos meses em Campo Grande, então?

RP - Eu passei mais um mês, depois.

AP - Ah! Tá. Então o sr. passou dois meses em Campo Grande.

RP - Não, eu passei um mês, dois meses no Souza Aguiar, mais um mês em Campo Grande. Aí, quando eu vi que estava, feito peteca, eu pleiteei com um amigo meu, da cúpula da Assistência, que ele me localizasse na Ilha do Governador. Era um plantão de vinte e quatro horas, era um hospital já limpo, eu fui pra Ilha do Governador, precisava de cirurgião, fui pra Ilha do Governador, dando plantão, conjuntamente com o Pedro Nava.

AP - Agora, esse do Rocha Faria, não foi inaugurado pelo Pedro Ernesto?

RP - Não, não foi não.

AP - O que foi inaugurado pelo Pedro Ernesto foi qual?

RP - Jesus, só o Jesus.

AP - Os outros todos, ele começou a fazer...

RP - Ele começou todos os hospitais, e quando foi preso, e assumiu uma nova administração, o material estava encomendado na Europa, todo para equipamentos dos hospitais.

AP - Entendi. Mas não chegaram a ser inaugurados por ele...

RP - Não.

AP - Aí, os outros que inauguraram, prestaram homenagem a ele?

RP - Não.

AP - Muito bem Pedro Ernesto, por ter feito este hospital!

RP - Não, pelo contrário. A Secretaria Geral de Saúde e Assistência, publicou um opúsculo chamado “Boletim da assistência” em que conta todos os feitos dos Hospitais da Assistência e dos Dispensários, sem citar o nome do Pedro Ernesto.

AP - O sr. tem essa publicação?

RP - Tenho. Sem citar o nome do Pedro Ernesto. Ele estava sendo processado, pelo Tribunal de Segurança Nacional...

AP - Descreve todos os Dispensários, mas não fala o nome do Pedro Ernesto?

RP - Não fala, não fala. Era proibido tocar no nome do Pedro Ernesto.

AP - Esse Rocha Faria, no caso, ele era no Centro de Campo Grande, ou era numa região mais rural?

RP - Não.

AP - Naquele tempo.

RP - naquele tempo, era na rua principal de Campo Grande.

AP - Sim, mas naquele tempo essa rua principal era uma rua central. Tinha comércio perto ou era um lugar isolado?

RP - Tinha comércio, tinha casa de residência.

AP - É, porque o Souza Aguiar era um lugar bem central, ali não é. Aquela região ali de Santo Cristo...

RP - Souza Aguiar, não, o Rocha Faria...

AP - Não, estou falando agora do Souza Aguiar.

RP - Ah, o Souza Aguiar é.

AP - O Souza Aguiar é um lugar muito central, porque ali é um lugar muito habitado, muito populoso, ali a região da Central, a região de Santo Cristo. Aí o sr. conseguiu ir pra Ilha, então.

RP - Consegui ir pra Ilha. Na Ilha eu fiz esse trabalho que eu publiquei...

AP - Como é que era o Paulino Werneck?

RP - O Paulino Werneck era bom. Era um hospital modesto...

AP - Era uma casa, como é que era?

RP - Não, era uma construção nova, que o Pedro Ernesto tinha deixado em construção, em fase final de acabamento e que a nova administração, não teve outra coisa senão terminar. Mas era um hospital limpo, tinha um razoável centro cirúrgico, tinha salas de cirurgia, tinha enfermarias e tinha ambulatórios. Como ele está até hoje.

AP - E quais eram as especialidades que tinham lá?

RP - Ambulatório, tinha todas as especialidades.

AP - Ah! Sim. Tinha médico para todas as especialidades lá?

RP - Para ambulatório, de manhã. Agora depois de meio dia, só ficavam dois médicos de plantão. Nem o Diretor, ficava lá.

AP - Porque?

RP - Porque ele vinha embora pro Rio.

AP - Lá não era Rio não?

RP - Vinha embora, naquele tempo não, tinha que ir de barca pra lá.

AP - Como é que era a ida pra lá?

RP - Eu tomava a barca cinco horas da tarde, demorava quarenta minutos...

AP - O sr. tomava a barca onde?

RP - Era na Praça XV. Onde toma-se hoje. Levava quarenta minutos de trajeto, depois, tomava-se um ônibus na Ponta Grossa, lá na Ilha, levava uns quinze a vinte minutos. Mas era um bom..., eu tive tempo nesse ano, onze meses que eu passei na Ilha, deve ser mais ou menos isso, escrever um trabalho lá. O trabalho que foi premiado pela Academia de Medicina.

AP - Lá era mais esquema de pronto socorro, também?

RP - Lá era pronto socorro.

AP - Não tinha interno?

RP - Interno, não.

AP - Paciente internado?

RP - Tinha, tinha...

AP - Mas, também eram poucos...

RP - Tinha duas enfermarias, de vinte, vinte e cinco leitos cada uma, tinha duas menores para ser enfermarias de criança, operadas pelos médicos de plantão... O hospital não tinha serviço nenhum não..

AP - Como é?

RP - Não tinha serviço nenhum quase.

AP - Como não tinha serviço, tinha pouca gente que morava na Ilha...

RP - É, quando havia uma saída, eu e o Nava estávamos lá de plantão...

AP - Trabalhava com o Nava?

RP - Trabalhava, fazia plantão com ele, ele era o Clínico e eu era o Cirurgião. Quando o Nava estava de plantão, havia uma saída, deixa eu ir, deixa eu ir Renato, ou eu pedia pra ele deixar eu ir. Porque eu queria sair um pouco do Hospital, já estava desde a véspera lá, pra passear um pouco também, né... No dia seguinte chegava a turma toda que faz ambulatórios os médicos, oito horas...

AP - O sr. também fazia um plantão. O seu esquema sempre foi de plantão?

RP - Da Ilha foi...

AP - Sim, mas lá no Campo Grande também.

RP - Eu passei trinta dias na Ilha, substituindo um chefe do serviço de cirurgia, ia todos os dias lá, que entrou de férias, então o diretor do Hospital da Ilha, me pediu pra substituir, eu ia todo dia.

AP - Foi só um mês isso?

RP - Hein?

AP - Só um mês?

RP - Só um mês.

AP - Mas, normalmente o seu trabalho na Prefeitura era sempre em esquema de plantão.

RP - Esquema de plantão na Ilha...

AP - Lá em Campo Grande também...

RP - Campo Grande também.

AP - E no Souza Aguiar também...

RP - Só tem que em Campo Grande, das duas vezes que eu tive lá, eu não cliniquei, porque não apareceu doente pra operar.

AP - Não?

RP - Não.

AP - O sr. passou dois meses sem operar ninguém?

RP - É. Na Ilha.

AP - Na Ilha?

RP - Na Ilha não, em Campo Grande.

AP - Em Campo Grande, não apareceu ninguém pra operar?

RP - Não apareceu, só apareceram casos de miséria, dor de barriga, diarreia, essas coisas assim.

AP - Facada, ninguém da facada lá em Campo Grande? Naquela época Campo Grande era calmo, não tinha facada, estupro, estupro com morte.

RP - Muito raro, muito raro, muito difícil.

AP - Campo grande era uma terra mais calma.

RP - Era, era calmo.

AP - E lá na Ilha tinha também muita cirurgia na Ilha, não?

RP - De urgência, nos onze meses que eu estive lá, eu operei um apêndice... fiz um parto... e operei uma gravidez tubária. Quando eu estava chefiando... eu estava de plantão, quando eu estava chefiando o serviço de treinamento não tinha ninguém pra operar.

AP - Agora, porque que então Pedro Ernesto resolveu fazer hospital em lugar onde não tem paciente?

RP - Porque ele tinha outros, outros...era uma população avultada da Ilha, que praticamente... tanto lá como Paquetá... tinham pouca densidade populacional, ele queria dar assistência em todo canto. Ele criou um Dispensário em Paquetá. Cada médico, dava vinte e quatro horas.

AP - Mas, não custava caro pra Prefeitura, ter um cirurgião e não ter quem ele operasse? Pagar e ele não trabalhar?

RP - É corpo de bombeiros custa caro, mas tem que estar sempre de plantão.

AP - Mas não existiriam outras regiões da cidade onde haveria mais demanda de serviço?

RP - Ele botou, ele criou Dispensários provisórios e depois hospitais, na Penha, na Gávea...

AP - Que também era uma região muito isolada...

RP - Muito isolada, na Gávea na Penha...

AP - Porque é que ele não fez em Botafogo? Em locais de maior densidade populacional?

RP - Porque em Botafogo...

AP - Foi fazer logo na Gávea, que naquela época Gávea era depois do fim da linha do bonde...

RP - Gávea atendia toda a zona sul, Leblon, Ipanema...

AP - Não, era praia, areia, década de trinta na Gávea não tem ninguém...

RP - E de manhã funcionava o posto de salvamento... Dispensário do Lido. Que depois foi extinto, tinha um Posto de Salvamento no Lido....

AP - Mas porque razão, ele fez então esses Dispensários...

Fita 5 - Lado A

AP - Falávamos então, sobre Pedro Ernesto, as razões que levaram (DF) a prisão dele.

RP - Levaram a prisão, ciúmes do Getúlio.

AP - Pessoal.

RP - Pessoal. Ciúmes políticos. Pedro Ernesto, estava crescendo muito no prestígio popular, principalmente depois que ele fez a reforma da Assistência, criando uma rede hospitalar, criando a carreira profissional da Assistência e fez a grande reforma educacional, abrindo escolas em todos os cantos do Rio de Janeiro.

AP - O sr. tinha relação com ele pessoal?

RP - Eu tinha relação pessoal, principalmente... Ele foi... ele era... o Pedro Ernesto era um carnavalesco inveterado.

AP - Carnavalesco?!

RP - Carnavalesco.

AP - Gostava de carnaval.

RP - Gostava de carnaval.

AP - O sr. também?

RP - Foi ele que trouxe o samba do morro pra pro asfalto, ele fazia, ele preparava..., quando ele era interventor e prefeito, ele preparava umas... umas visitas, pras escolas de samba no morro,

AP - Como visitas?

RP - Assistia, ele assistia o samba no morro.

AP - Ele ia lá no morro assistir samba?

RP - Ele ia ao morro, com uma caravana grande, de amigos, convidados. Eu fui convidado muitas vezes, pra essas caravanas.

AP - Qual o morro que o sr. foi com ele?

RP - Morro do Andaraí,

AP - O sr. foi com ele?

RP - Fui.

AP - E o que acontecia nessas horas em que o sr. ia lá no morro?

RP - Nada, eles nos recebiam muito bem.

AP - Cantavam sambas...

RP - Cantavam sambas. E depois de dois ou três anos, eles foram pro asfalto. Então Pedro Ernesto, criou isso, trouxe o samba pra Praça Onze, ele trouxe o samba pra Praça Onze. E o samba que se ouvia no morro dois anos antes, fazia sucesso no carnaval aqui. Depois ele criou o baile do Municipal, um baile do Teatro Municipal, de modo que o povo gostava do Pedro Ernesto. Ele foi o primeiro prefeito eleito do Rio de Janeiro. Os

prefeitos do Rio, que era capital do país, eram nomeados pelo Presidente da República. Na reforma da Constituição de trinta e quatro, depois da Revolução, introduziram um dispositivo, que os partidos..., que o partido que..., o candidato que tivesse o maior número de votos..., a chapa vencedora, teria o prefeito da cidade. O Pedro Ernesto puxou o (TI) do Partido Autonomista. Só tinham dois partidos, os Progressistas com Pedro Ernesto e do Partido Autonomista, e dos reacionários e conservadores empedernidos no Partido Conservador... Economistas, chamado de Partido Economista. Só dois partidos se apresentaram para disputar a Câmara dos Vereadores. O Pedro Ernesto puxou, com o dobro da votação, com setenta e cinco por cento dos votos.

AP - Isso em trinta e quatro.

RP - Isso em trinta e quatro.

AP - E o sr. participou dessa campanha?

RP - Participei com o meu voto só.

AP - O sr. não participou da campanha dele, da coordenação da campanha dele, o sr. não era pessoa diretamente ligada.

RP - Não, porque eu era fichinha,

AP - Como?

RP - Eu era fichinha.

AP - O sr. era fichinha?

RP - Ele se ligava aos políticos, aos que faziam política, eu não fazia política, nem política partidária. De modo que o Pedro Ernesto cresceu, tornou-se popular, e muita gente já dizia, e muitos jornais já defendiam a tese, de que o Pedro Ernesto devia ser o substituto de Vargas, porque, era um revolucionário autêntico, participou de todas as revoluções, abrigou na Casa de Saúde dele, todos os revolucionários feridos, os líderes, aqueles tenentes revolucionários, foi o criador e o Presidente do Clube Três de Outubro, você sabia o que é o Clube Três de Outubro, não? Feito pelos tenentes da Revolução de Trinta. Era chamado, considerado o tenente civil. Ele veio comandando o corpo de saúde, da Coluna Mineira, na Revolução de Trinta e Dois, a chamada Revolução Constitucionalista. Depois, ele foi nomeado, quando Getúlio assumiu, chefe da... diretor da assistência hospitalar no Brasil. Começou a trabalhar lá, e oito a dez meses depois, o Getúlio o nomeou interventor do Distrito Federal, isso foi em trinta e dois, durante a ... no fim da... ou durante ou no fim da Revolução Constitucionalista de Trinta e Dois. Ele aí, partiu para o programa dele, de fazer uma assistência social intensa, aqui, e começou a se popularizar.

AP - Como é que ele conseguia dinheiro, pra fazer esses hospitais todos, essas escolas tudo isso que o sr. falou?

RP - Com o jogo.

AP - Jogo, que jogo?

RP - Jogo. Licenciado. Licenciou o jogo.

AP - Jogo do Bicho?

RP - Cassino.

AP - Ah! Cassino. Ele licenciou os Cassinos...

RP - Abriu os Cassinos. A conta dos Cassinos era toda aplicada, no dinheiro que era das obras sociais, escolas...

AP - Porque parece que uma das críticas que faziam a ele, é que ele tinha uma administração considerada ilícita. Não era essa umas das críticas que faziam a ele?

RP - Era de administração ilícita, mas era tão lícita, que ele fez todos os hospitais (TI), quando ele foi preso, deixou o governo, ele deixou todos os hospitais que tão aí... desses o Hospital que tem o nome dele, que é lá em Vila Izabel, o Hospital Pedro Ernesto, o Getúlio Vargas, o Carlos Chagas, o da Ilha do Governador, o da Ilha de Paquetá, o de Campo Grande, o Miguel Couto... e eu ... Rocha... Rocha Miranda. Tudo isso e o Jesus, ele inaugurou o Jesus, deixou tudo inaugurado com o dinheiro do jogo, dos Cassinos. Administração ilícita que os economistas diziam aos adversários políticos dele.

AP - Qual era a outra crítica que faziam a ele além dessa de administração ilícita? Que ele era comunista? Ele participou, ele era amigo do Prestes?

RP - Não, ele não era amigo do Prestes. Ele recebeu uma carta do Prestes, pedindo apoio pra revolução,

AP - Pra Coluna?

RP - É. A Revolução de Trinta e Cinco... Ele foi a Vargas e disse que tinha recebido essa carta... mas que ele não tinha aceito... Mas, tinha uma *entourage* dele que realmente estava por dentro da Revolução, da fracassada Intentona de Trinta e Cinco.

AP - Tinha pessoas ligadas a ele, que estavam envolvidos com a Intentona, quem por exemplo?

RP - Vou dizer alguns que já morreram.

AP - Sim, pode dizer quem tá morto, quem tá vivo, não há problema nenhum. Ninguém vai ser preso por causa disso não.

RP - Não sei.

AP - Já estamos no estado de direito, ainda mais que trinta e cinco, tem mais, tem sessenta anos atrás.

RP - Então Pedro Ernesto foi preso.

AP - O sr. tem medo de falar o nome das pessoas que participaram de trinta e cinco?

RP - Não, não tenho. Ele, a única coisa que ele tinha feito, quando começou..., a acusação que faziam a ele é o seguinte, que quando houve o comício de lançamento da Aliança Nacional Libertadora, em mil novecentos e trinta e cinco, trinta e quatro, o Pedro Ernesto cedeu o Teatro João Caetano para o comício, pra cerimônia de lançamento, então o acusaram de comunista. Quem o acusou foi quem fez o discurso de lançamento... da candidatura de Luís Carlos Prestes, o Jornalista Carlos Lacerda, que foi o orador desse comício. Pra ver o mundo como é pequeno, não é...

AP - E como é que as pessoas mudam de posição.

RP - O Lacerda daquela época, era da juventude, já era do Partido. Mas o Lacerda, também conheço a vida dele, convivi muito com o Lacerda...

AP - O sr. conviveu com Lacerda?

RP - Convivi. Inclusive o Lacerda era um homem muito inteligente, foi um grande orador. Convivi com ele, não posso dizer que fui amigo dele...

AP - Ele era médico também?

RP - Não, Lacerda estudou direito, depois deixou direito e foi trabalhar no Jornalismo. Mas, isso é outra história. O Lacerda teve uma atuação indireta, na derrubada do Estado Novo, com uma entrevista dada ao José Américo, pelo Zé Américo, ao Correio da Manhã, mas nessa época, Lacerda já era um homem... se não de direita, mas meio de direita.

AP - Sim, mas ainda lá em trinta e quatro, o Pedro Ernesto então cedeu o Teatro João Caetano...

RP - O Teatro João Caetano, para a realização do comício de lançamento da Aliança Nacional Libertadora, cujo presidente era o Comandante Herculino Cascalho. Mas havia um (TI), tinha um jornalista Manoel Cabelo, e tinha... uma junta de [gente na Aliança]. Isso oficialmente, mas clandestinamente, os comunistas já estavam por trás disso. O Prestes já estava no Rio, no Brasil, estava no Brasil, tentou o apoio do Pedro Ernesto, não conseguiu, mas conseguiu a simpatia do Pedro Ernesto. De modo que o Pedro Ernesto, no dia em que as classes conservadoras iam oferecer um almoço de apoio a ele, um jantar de apoio a ele, ele foi preso as seis horas da tarde, no seu gabinete e foi processado por um Tribunal de exceção, que era um Tribunal..., como é que chamava aquele Tribunal? Tribunal..., sei lá. Presidido pelo Ministro do Supremo Tribunal Paulo Barreto. Foi julgado e foi absolvido, e foi libertado, mas ele veio com muito prestígio.

AP - Quando ele foi absolvido, porque é que ele não assume de novo a Prefeitura?

RP - Aí, já não dava mais nada, já tava a guerra, a guerra já tinha estourado, o Estado Novo, já tinha caído...

AP - Caído não, ele foi solto em ...

RP - Quarenta e dois...

AP - Não, quarenta e dois ele morreu.

RP - Morreu. Então, foi um pouco antes. Assim mesmo ele foi perseguido, pelo Getúlio, teve que se exilar voluntariamente em Campanha, na cidade de Minas (P), e lá ele clinicou na Santa Casa, depois ele teve um câncer, morreu.

AP - Muito bem. O dr. Renato, vamos voltar então, o sr. tinha falado lá dos primeiros nove meses no Souza Aguiar.

RP - Depois eles criaram lá na Assistência o Hospital de Rocha... o dispensário de Rocha Faria, que era uma pocilga...

AP - Sim, foi a sua segunda experiência. Era uma pocilga?

RP - Pocilga. Eram duas casas velhas...

AP - Lá em Campo Grande?

RP - Lá em Campo Grande.

AP - A terra aqui do nosso Sérgio.

RP - Não tinha Hospital Rocha Faria, tava em construção o Hospital Rocha Faria, encomendado pelo Pedro Ernesto. Era uma pocilga. Eram duas casas velhas, não tinha cirurgião geral, em todos os plantões e morreu um ou dois doentes lá. Só tinha cirurgião geral em um plantão.

AP - A casa era grande?

RP - Eram duas casas velhas, dessas casas residenciais, com quarto..., sala, sala de jantar, dois quartos, cozinha e um banheiro.

AP - Um piso só...

RP - Um piso só.

AP - Duas casas, próximas uma da outra...

RP - Próximas uma da outra, distantes cinco metros, que era por onde entrava a ambulância. Essas casa eram velhas, apenas pintadas, e então...

AP - Tinha sala de cirurgia?

RP - Não, não tinha... não era sala, tinha casa (o dr. Renato embaralha as palavras), porque da outra casa tinha uma enfermaria de homens e uma enfermaria de mulheres, e uma sala de cirurgia modesta. Mas na sala de pronto socorro, a casa de pronto socorro, só tinha isso, só tinha um banheiro. Nesse banheiro servia-se o chefe do dispensário, os doentes todos, os acompanhantes dos doentes, os empregados todos. Toda a pessoa que fosse lá só tinha esse vaso. Pra ver como era pocilga, num dos meus plantões, o único banheiro da casa, dava pra sala que era a cozinha, que era a sala de curativos, tinham adaptado pra..., fizeram uma pintura lá, tinha uma autoclave lá para esterilizar... um autoclave, material de esterilização e..., nessa cozinha dava o único banheiro da

residência, como já disse, servia pra todo mundo. Num dos meus plantões, esse banheiro estava sem água, tábua quebrada... coco e pipi entupido até as bocas, saia aquele riacho de fezes e urinas que descia e invadia a sala de curativos, descia três degraus e ia pelo terreno, no fundo desse terreno tinha um telheiro de zinco onde paravam as duas ambulâncias que serviam ao dispensário, e tinha uma mesa de madeira tosca com banco de lado, que era o refeitório dos médicos e funcionários, e um fogão a lenha pra cozinhar comida, não só pros médicos, como pros doentes, os doentes internados...

AP - Mas, tinha espaço pra internar alguém lá?

RP - Tinha.

AP - Quantos leitos?

RP - Uns oito leitos em cada sala.

AP - Em cada sala?

RP - Em cada quarto.

AP - Em cada quarto. Então, tinha um total de quantos?

RP - Talvez uns doze ou dezesseis doentes. Mas ninguém operava lá.

AP - Mas alguém ficava internado lá?

RP - É, ficava, mas a gente operaria só se houvesse caso para operar. Era pra desistir do doente. Tinha pouco uso.

AP - Era mais pronto socorro mesmo, não é?

RP - Mais pronto socorro.

AP - E qual era o staff, lá do hospital?

RP - O staff? Era um chefe de dispensário, um administrador, da parte de limpeza, enfermagem e dois médicos de plantão. Como não havia cirurgião em todas as equipes, eles inventaram a idéia de destacar um cirurgião do Pronto Socorro aqui do centro da cidade, para durante um mês trabalhar lá. Logo no primeiro mês que entrou em execução isso, era rodízio que se faria, eu fui premiado, fui pra lá.

AP - Premiado entre aspas, ou....

RP - Premiado entre aspas. Premiado entre aspas.

AP - Era presente de grego isso,

RP - Era presente de grego. Fui pra lá, cumpri meus plantões, lá.

AP - Era um plantão por semana também?

RP - Também. Vinte e quatro horas. Eu ia..., entrava as sete da noite, ou oito da noite, saía no dia seguinte essa hora. Levava quarenta e nove quilômetros de automóvel.

AP - Como é que o sr. chegava lá?

RP - De automóvel.

AP - Conseguia-se chegar lá de automóvel naquela época?

RP - Chegava.

AP - A estrada era de terra?

RP - Não, uma parte era de terra, outra parte era de asfalto. Antiga estrada Rio- São Paulo.

AP - O sr. ia sozinho?

RP - Eu ia sozinho.

AP - Até Campo Grande.

RP - Até Campo Grande. Lá eu parava o carro na rua e voltava no dia seguinte.

AP - O sr. demorava quanto tempo daqui lá?

RP - Levava... uns quarenta e cinco minutos.

SR - Que estrada que o sr. utilizava naquela época?

RP - Eu ia por Cascadura, pegava a antiga Rio - São Paulo, passava no Campo dos Afonsos, Marechal Hermes, Senador Camará.

AP - Não tinha muito trânsito, não é?

RP - Não tinha muito trânsito..

AP - Porque hoje em dia, acho que demora mais tempo pra ir lá pra Campo Grande.

RP - É. Hoje eu fui a Campo Grande, a pouco tempo, é outro, é outra cidade, é outra cidade.

AP - Agora. E a clientela lá do Hospital em Campo Grande?

RP - Tudo indigente.

AP - Era diferente aqui do Souza Aguiar?

RP - Era a mesma coisa, um pouco piorada, quanto a miséria.

AP - E o sr. sempre como cirurgião?

RP - Eu sempre como cirurgião.

AP - Ganhando o mesmo salário?

RP - Ganhando o mesmo salário.

AP - Não tinha nenhum adicional?

RP - Não tinha.

AP - O sr. ficou lá um mês...

RP - Fiquei um mês. Passados dois meses, voltei pro Souza Aguiar, e fui novamente premiado, pra ir pra lá, não devia ser.

AP - Foi premiado pra ir pra onde?

RP - Pra voltar pra Campo Grande.

AP - Não, o sr. foi premiado pra ir pra Ilha.

RP - Fui premiado novamente, pra voltar pra Campo Grande.

AP - O sr. passou quantos meses em Campo Grande, então?

RP - Eu passei mais um mês, depois.

AP - Ah! Tá. Então o sr. passou dois meses em Campo Grande.

RP - Não, eu passei um mês, dois meses no Souza Aguiar, mais um mês em Campo Grande. Aí, quando eu vi que estava, feito peteca, eu pleiteei com um amigo meu, da cúpula da Assistência, que ele me localizasse na Ilha do Governador. Era um plantão de vinte e quatro horas, era um hospital já limpo, eu fui pra Ilha do Governador, precisava de cirurgião, fui pra Ilha do Governador, dando plantão, conjuntamente com o Pedro Nava.

AP - Agora, esse do Rocha Faria, não foi inaugurado pelo Pedro Ernesto?

RP - Não, não foi não.

AP - O que foi inaugurado pelo Pedro Ernesto foi qual?

RP - Jesus, só o Jesus.

AP - Os outros todos, ele começou a fazer...

RP - Ele começou todos os hospitais, e quando foi preso, e assumiu uma nova administração, o material estava encomendado na Europa, todo para equipamentos dos hospitais.

AP - Entendi. Mas não chegaram a ser inaugurados por ele...

RP - Não.

AP - Aí, os outros que inauguraram, prestaram homenagem a ele?

RP - Não.

AP - Muito bem Pedro Ernesto, por ter feito este hospital!

RP - Não, pelo contrário. A Secretaria Geral de Saúde e Assistência, publicou um opúsculo chamado “Boletim da assistência” em que conta todos os feitos dos Hospitais da Assistência e dos Dispensários, sem citar o nome do Pedro Ernesto.

AP - O sr. tem essa publicação?

RP - Tenho. Sem citar o nome do Pedro Ernesto. Ele estava sendo processado, pelo Tribunal de Segurança Nacional...

AP - Descreve todos os Dispensários, mas não fala o nome do Pedro Ernesto?

RP - Não fala, não fala. Era proibido tocar no nome do Pedro Ernesto.

AP - Esse Rocha Faria, no caso, ele era no Centro de Campo Grande, ou era numa região mais rural?

RP - Não.

AP - Naquele tempo.

RP - naquele tempo, era na rua principal de Campo Grande.

AP - Sim, mas naquele tempo essa rua principal era uma rua central. Tinha comércio perto ou era um lugar isolado?

RP - Tinha comércio, tinha casa de residência.

AP - É, porque o Souza Aguiar era um lugar bem central, ali não é. Aquela região ali de Santo Cristo...

RP - Souza Aguiar, não, o Rocha Faria...

AP - Não, estou falando agora do Souza Aguiar.

RP - Ah, o Souza Aguiar é.

AP - O Souza Aguiar é um lugar muito central, porque ali é um lugar muito habitado, muito populoso, ali a região da Central, a região de Santo Cristo. Aí o sr. conseguiu ir pra Ilha, então.

RP - Consegui ir pra Ilha. Na Ilha eu fiz esse trabalho que eu publiquei...

AP - Como é que era o Paulino Werneck?

RP - O Paulino Werneck era bom. Era um hospital modesto...

AP - Era uma casa, como é que era?

RP - Não, era uma construção nova, que o Pedro Ernesto tinha deixado em construção, em fase final de acabamento e que a nova administração, não teve outra coisa senão terminar. Mas era um hospital limpo, tinha um razoável centro cirúrgico, tinha salas de cirurgia, tinha enfermarias e tinha ambulatórios. Como ele está até hoje.

AP - E quais eram as especialidades que tinham lá?

RP - Ambulatório, tinha todas as especialidades.

AP - Ah! Sim. Tinha médico para todas as especialidades lá?

RP - Para ambulatório, de manhã. Agora depois de meio dia, só ficavam dois médicos de plantão. Nem o Diretor, ficava lá.

AP - Porque?

RP - Porque ele vinha embora pro Rio.

AP - Lá não era Rio não?

RP - Vinha embora, naquele tempo não, tinha que ir de barca pra lá.

AP - Como é que era a ida pra lá?

RP - Eu tomava a barca cinco horas da tarde, demorava quarenta minutos...

AP - O sr. tomava a barca onde?

RP - Era na Praça XV. Onde toma-se hoje. Levava quarenta minutos de trajeto, depois, tomava-se um ônibus na Ponta Grossa, lá na Ilha, levava uns quinze a vinte minutos. Mas era um bom..., eu tive tempo nesse ano, onze meses que eu passei na Ilha, deve ser mais ou menos isso, escrever um trabalho lá. O trabalho que foi premiado pela Academia de Medicina.

AP - Lá era mais esquema de pronto socorro, também?

RP - Lá era pronto socorro.

AP - Não tinha interno?

RP - Interno, não.

AP - Paciente internado?

RP - Tinha, tinha...

AP - Mas, também eram poucos...

RP - Tinha duas enfermarias, de vinte, vinte e cinco leitos cada uma, tinha duas menores para ser enfermarias de criança, operadas pelos médicos de plantão... O hospital não tinha serviço nenhum não..

AP - Como é?

RP - Não tinha serviço nenhum quase.

AP - Como não tinha serviço, tinha pouca gente que morava na Ilha...

RP - É, quando havia uma saída, eu e o Nava estávamos lá de plantão...

AP - Trabalhava com o Nava?

RP - Trabalhava, fazia plantão com ele, ele era o Clínico e eu era o Cirurgião. Quando o Nava estava de plantão, havia uma saída, deixa eu ir, deixa eu ir Renato, ou eu pedia pra ele deixar eu ir. Porque eu queria sair um pouco do Hospital, já estava desde a véspera lá, pra passear um pouco também, né... No dia seguinte chegava a turma toda que faz ambulatórios os médicos, oito horas...

AP - O sr. também fazia um plantão. O seu esquema sempre foi de plantão?

RP - Da Ilha foi...

AP - Sim, mas lá no Campo Grande também.

RP - Eu passei trinta dias na Ilha, substituindo um chefe do serviço de cirurgia, ia todos os dias lá, que entrou de férias, então o diretor do Hospital da Ilha, me pediu pra substituir, eu ia todo dia.

AP - Foi só um mês isso?

RP - Hein?

AP - Só um mês?

RP - Só um mês.

AP - Mas, normalmente o seu trabalho na Prefeitura era sempre em esquema de plantão.

RP - Esquema de plantão na Ilha...

AP - Lá em Campo Grande também...

RP - Campo Grande também.

AP - E no Souza Aguiar também...

RP - Só tem que em Campo Grande, das duas vezes que eu tive lá, eu não cliniquei, porque não apareceu doente pra operar.

AP - Não?

RP - Não.

AP - O sr. passou dois meses sem operar ninguém?

RP - É. Na Ilha.

AP - Na Ilha?

RP - Na Ilha não, em Campo Grande.

AP - Em Campo Grande, não apareceu ninguém pra operar?

RP - Não apareceu, só apareceram casos de miséria, dor de barriga, diarreia, essas coisas assim.

AP - Facada, ninguém da facada lá em Campo Grande? Naquela época Campo Grande era calmo, não tinha facada, estupro, estupro com morte.

RP - Muito raro, muito raro, muito difícil.

AP - Campo grande era uma terra mais calma.

RP - Era, era calmo.

AP - E lá na Ilha tinha também muita cirurgia na Ilha, não?

RP - De urgência, nos onze meses que eu estive lá, eu operei um apendicite... fiz um parto... e operei uma prenhez tubária. Quando eu estava chefiando... eu estava de plantão, quando eu estava chefiando o serviço de treinamento não tinha ninguém pra operar.

AP - Agora, porque que então Pedro Ernesto resolveu fazer hospital em lugar onde não tem paciente?

RP - Porque ele tinha outros, outros...,era uma população avultada da Ilha, que praticamente... tanto lá como Paquetá... tinham pouca densidade populacional, ele queria dar assistência em todo canto. Ele criou um Dispensário em Paquetá. Cada médico, dava vinte e quatro horas.

AP - Mas, não custava caro pra Prefeitura, ter um cirurgião e não ter quem ele operasse? Pagar e ele não trabalhar?

RP - É corpo de bombeiros custa caro, mas tem que estar sempre de plantão.

AP - Mas não existiriam outras regiões da cidade onde haveria mais demanda de serviço?

RP - Ele botou, ele criou Dispensários provisórios e depois hospitais, na Penha, na Gávea...

AP - Que também era uma região muito isolada...

RP - Muito isolada, na Gávea na Penha...

AP - Porque é que ele não fez em Botafogo? Em locais de maior densidade populacional?

RP - Porque em Botafogo...

AP - Foi fazer logo na Gávea, que naquela época Gávea era depois do fim da linha do bonde...

RP - Gávea atendia toda a zona sul, Leblon, Ipanema...

AP - Não, era praia, areia, década de trinta na Gávea não tem ninguém...

RP - E de manhã funcionava o posto de salvamento... Dispensário do Lido. Que depois foi extinto, tinha um Posto de Salvamento no Lido....

AP - Mas porque razão, ele fez então esses Dispensários...

Fita 5 - Lado B

AP - ...baixa densidade populacional, como é que o sr. explica isso? Como é que o sr. entende isso. Como é que o sr. justifica isso?

RP - Ele fez com a equipe técnica, que fez levantamentos. Eu não tive acesso a esses levantamentos não. O que ele queria evitar justamente a remoção do doente atendido... o doente de Campo Grande, tinha que esperar, arranjar uma lancha, pra trazer o doente pra operar no Souza Aguiar aqui.

AP - Sim, porque o sr. falou que lá no Souza Aguiar, chamou a atenção no se deipartimento...

RP - Era um bico de funil, bico de funil de tudo.

AP - Bico de funil, o sr. tinha lá operava uma série de pessoas num plantão só, o sr. fez menção aí. Enquanto isso, lá no Campo Grande e na Ilha o sr. passava lá todo essa temporada e não operou quase ninguém.

RP - Mas eu operei no Souza Aguiar, Souza Aguiar, em outra época, quando já tinham os outros Postos drenando doentes pro Souza Aguiar, e eu estive em Campo Grande na década de trinta.

AP - Sim, então vamos ver aqui uma coisa. É... lá na Ilha o sr. trabalhou com Pedro Nava?

RP - Trabalhei no plantão com ele. Ele era Clínico da minha equipe.

AP - Durante quanto tempo?

RP - Ah! todo o tempo que eu trabalhei com Aldahyr Figueiredo, e com Rocha Maia, de trinta e três, junho de trinta e três até trinta seis.

AP - Mas isso não foi no Paulino Werneck?

RP - Não. Em trinta e seis eu voluntariamente pedi pra sair pra ir pra Ilha.

AP - Sim, mas o Pedro Nava trabalhou com o sr. no Paulino Werneck ou...

RP - Pedro Nava estava de castigo, ele tinha assinado o Manifesto dos Mineiros...

AP - E aí?

RP - E aí, foi demitido, pelo Artigo 177 ...

AP - Sim, mas o sr. trabalhou com Pedro Nava onde?

RP - ... da Polaca do Getúlio, da Constituição chamada Polaca do Getúlio.

AP - O sr. trabalhou com Pedro Nava a onde?

RP - Eu trabalhei com Pedro Nava na Ilha e depois com ele no Carlos Chagas.

AP - Muito bem. Na Ilha com Pedro Nava, como é que foi essa, esse trabalho com ele?

RP - Foi um convívio fraternal.

AP - Qual é a lembrança que o sr, tem dessa experiência?

RP - Nava, foi um dos grandes amigos que eu tive, é uma pessoa que eu homenageio nesse livro, transcrevo trechos dele... transcrevo textos dele (o dr. Renato folheia o seu livro procurando algo). Tão amigo, que o Nava pra nós irmos para a Ilha, ele era solteiro nessa época, solteirão, pra irmos pra Ilha, ele almoçava na minha casa e ia comigo as cinco horas, então, ia, vim então filar o seu almoço, e a intimidade nossa foi tão grande, que quando minha filha casou, convidou o Nava e a Nieta, para serem padrinhos de casamento dela. Foi o amigo fraternal que eu tive.

AP - Que história o sr. poderia nos registrar de suas vivências com ele, lá no hospital, algum tipo de lembrança que o sr. tenha dessa experiência com ele?

RP - Bom, eu tive vivência com o Pedro Nava, no Carlos Chagas. Quando eu decidi sair, eu escrevi assim: (dr. Renato folheia seu livro e depois lê um trecho) “Ante a expectativa de que eu estava no Souza Aguiar, com Rocha Maia, que o que podia acontecer depois dessas transferencias todas pra Campo Grande, solicitei junto ao meu amigo Ernesto Soares Pereira, minha designação para o dispensário da ilha do Governador, onde passei a dar lá plantões das dezessete horas do domingo, até as dezessete horas da segunda feira. Foi um período de um ano e meio que passei na Ilha, conjuntamente com Pedro Nava, igualmente discriminado pela superior direção da Secretaria. Foi um tempo relativamente bom, pois no sossego da Ilha, pude escrever o meu trabalho “Traumatismo Crâneo-Encefálico” laureado pela Academia Nacional de Medicina. Para os plantões, eu levava minha máquina de escrever portátil, papel e

todos os apetrechos necessários à obra. Depois de que conquistei o prêmio Doutorandos de 1900, fui certo dia procurado pelo meu amigo e colega de turma Flávio Novaes, que me convidou para ser seu chefe de clínica do hospital Carlos Chagas, a ser inaugurado”. O hospital que tinha sido começado no tempo de Pedro Ernesto. Novaes me disse, com toda franqueza, que desejava que eu como chefe de Clínica”, ele era o chefe do serviço de cirurgia, ia ser, “fosse realmente o chefe do serviço, embora constasse como titular de outro posto; ele era possuidor de vasta clientela e projetava com seu tio, Padre Olímpio a construção de uma casas de saúde particular”.

AP - O Padre Olímpio era tio do Pedro Nava, que era Prefeito?

RP - Do Pedro Nava, não, do... Flávio Novaes, do Flávio Novaes... ”a construção de uma casa de saúde particular, pois o que lhe interessava era ganhar dinheiro! Disse-me ainda que eu seria o dono da cirurgia do Hospital Carlos Chagas e que eu é que iria montar o Serviço de Cirurgia, mesmo, escolher os assistentes e que ele apareceria eventualmente em Marechal Hermes, pois era o chefe do Serviço, a fim de operar um estômago ou uma vesícula. Diante dessas perspectivas, aceitei o convite do Novaes. Abria-se assim, novo horizonte à minha frente. Pedro Nava, fora nomeado chefe de clínica médica do mesmo hospital. Teríamos que montar os nossos Serviços. Todos os dias viajávamos juntos para Marechal Hermes. Eu o apanhava em casa, antes das sete horas, deixávamos o carro no estacionamento em frente à Central do Brasil e tomávamos o trem para o subúrbio. A viagem durava cerca de quarenta minutos. Esse convívio diário, já iniciado no tempo em que trabalhamos juntos nos plantões de Aldahyr Figueiredo, serviu para consolidar uma amizade verdadeiramente fraternal, a ponto de Nava e Nieta serem padrinhos de casamento da minha filha única Flávia. Iniciamos conjuntamente a montagem dos nossos Serviços, eu... eu... com o da cirurgia e Nava de medicina. Foi muito trabalhosa. Chegávamos ao Hospital antes das oito horas e dele voltávamos cerca das doze horas. Eram concorrências, tomadas de preços, aprovação dos órgãos superiores etc... O meu Serviço de Cirurgia, tinha três enfermarias, para homens, mulheres e crianças, além de ambulatórios de cirurgia geral, para homens e mulheres, de ginecologia, ortopedia, urologia cirurgia infantil e estranhamente de otorrinolaringologia”. Eu digo estranhamente porque eu não fazia otorrino. “Tudo isso eu teria que equipar, além das três salas do centro cirúrgico e um hospital..., e um instrumental destinado à esterilização. Foi um trabalho árduo. Encontrei um Serviço inteiramente nu e tive que vesti-lo. Infelizmente, poucos meses antes da inauguração da data prevista para a inauguração, do Hospital, Flávio Novaes faleceu vitimado pelo tifo. O Dr. Bastos Melo, diretor do hospital...”

AP - Isso do Carlos Chagas...

RP - “Carlos Chagas, imediatamente propôs o meu nome para chefiar o serviço de Cirurgia, e assim tornei-me chefe de Clínica Cirúrgica do Hospital Carlos Chagas. Felizmente para a administração municipal, caiu o Padre Olímpio, que foi substituído pelo prefeito Henrique Dodsworth. Este convidou o professor Clementino Fraga para ser o Secretário de Saúde, que, por sua vez, levou o major-médico Augusto Marques Torres para ser o diretor do Departamento Hospitalar. Certa manhã, ao chegarmos antes das oito horas, como de hábito”, o Hospital já tinha sido inaugurado, “logo depois apareceu o novel diretor do Departamento Hospitalar. Marques Torres havia tomado a iniciativa de botar ordem no caos que era a Secretaria de Saúde. Como tinha uma formação militar, chegava aos hospitais da municipalidade e mandava reunir seus

médicos para conhecê-los e formular suas propostas no sentido de melhorar a assiduidade e a qualidade de seus trabalhos. Os médicos reagiram e o apelidaram de corisco, isto é, o nome do bandoleiro do cangaceiro Lampião. Marques Torres correu comigo, Pedro Nava e Oswaldo Loureiro, chefe da Maternidade, todo o Hospital e encontrou todos os médicos trabalhando ativamente em seus postos. Após essa visita chegou o diretor Bastos Melo, e Marques Torres pediu-lhe que reunisse todos os médicos, no Hospital, pois queria dirigir-lhes umas palavras. Começou dizendo que não era seu intuito militarizar nenhum hospital. O que desejava é que todos cumprissem rigorosamente seus deveres, no que se referisse à pontualidade nos horários e dedicação no serviço. Disse mais: que o Hospital Carlos Chagas tinha sido o único dos que visitara onde encontrou o corpo clínico trabalhando no seu horário”. Já tinha visitado todos os Hospitais, “E dirigindo-se a Bastos Melo, disse: O seu hospital foi o único que me agradou plenamente, eu o felicito pela capacidade de dirigi-lo. Prometo que não tomarei nenhuma providência neste hospital sem antes ouvi-lo. Porém Marques Torres não cumpriu o que prometera. O secretário Clementino Fraga, que disputava uma das vagas na Academia Nacional..., Brasileira de Letras, pressionou Marques Torres para nomear um antigo médico da Assistência como chefe da clínica cirúrgica, porque este lhe garantia o voto do acadêmico Macedo Soares e de mais dois acadêmicos. Criou-se..., Marques Torres não teve outra alternativa senão destituir o mais novo chefe de clínica cirúrgica”, era cargo de comissão né?. “E nomear Djalma Cortes no lugar. Criou-se um caso no Hospital Carlos Chagas. Bastos Melo recusou-se a dar posse a Cortes”, o Bastos Melo, era cunhado do Ministro da Marinha, tinha força, mas era uma força curta, “e isso durou uns quinze dias, quando eu Nava e Cortes viajavamos, juntos, todos os dias para Marechal Hermes. Até que certo dia eu desobriguei Bastos Melo do seu compromisso comigo. Não queria de modo algum prejudicar ninguém. Bastos Melo foi transferido para o diretor do Hospital Carlos Chagas..., Getúlio Vargas, ainda por inaugurar, e eu teria de aguardar designação para outro serviço, nosocômio. Marques Torres convocou-me ao seu gabinete, e lá disse que me chamara em vista do excelente trabalho que eu fizera no Carlos Chagas, e pediu que eu dissesse para onde eu desejava ir. Respondi-lhe “Senhor diretor, eu não tenho preferência, o senhor pode me mandar para o melhor hospital da rede ou para a pior ambulância. Não tenho preferência. Sou um simples funcionário [respondi] (TI). Fui designado para o hospital de Pronto Socorro, no serviço de José Paulo Sodrê...

AP - Dr. Renato, eu preferia que a gente ficasse mais conversando que o sr. lendo, porque isso a gente pode ler depois também já que está escrito, no seu livro não é? Eu vou pedir a gentileza ao sr. para a gente interromper a nossa gravação agora aqui. Nós mais ou menos paramos aí já nesse período que o sr. está ainda no Paulino Werneck, já indo pro Carlos Chagas, e combinar com o sr. depois então, a gente continuar,

RP - Está bem...

AP - Que nós já fizemos aí quase três horas de conversa.

Data: 08/12/1994

Fita 6 - Lado A

AP - Hoje é dia 8 de dezembro de 1994, estamos aqui pela terceira vez na casa do Dr. Renato Pacheco Filho. Dr. Renato, verdadeiramente a sua experiência profissional no serviço de assistência pública no Distrito Federal, desde o momento em que o senhor se forma até 1945 é para nós um objeto de grande, enorme interesse. Antes da gente avançar um pouco mais no tempo, eu gostaria de iniciar a nossa conversa de hoje, talvez, detalhando um pouco mais essa sua atividade. Eu queria saber assim, mais detalhadamente, como que era o Souza Aguiar logo que o senhor começou a trabalhar, ele era apenas um pronto-socorro, ele também tinha serviço de pacientes internados, como que era o Souza Aguiar.

RP - O Souza Aguiar era um hospital especialmente dedicado exclusivamente ao atendimento de pronto-socorro, mas também internava doentes de... doentes comuns.

AP - "Doentes comuns" quer dizer o quê?

RP - Doentes que não eram de urgência.

AP - Conseqüência da urgência, ou não?!

RP - Não, sem ser conseqüência da urgência.

AP - Que especialidades que tinha o Souza Aguiar para tratamento?

RP - Para tratamento, o principal era o tratamento cirúrgico de urgência e clínico e médico de urgência, clínico cirúrgico de urgência. Então o Souza Aguiar era estruturado em 7 serviços de cirurgia.

AP - Quais eram os 7 serviços?

RP - Eram nomes de... de... de antigos professores...

AP - Cada um era dono de um serviço?

RP - Não. Antigos professores em homenagem.

AP - AH, sim!

RP - Cada setor tinha um chefe.

AP - E tratava de um tipo de cirurgia diferente?

RP - Não. Tratava qualquer tipo de cirurgia, naquela época.

AP - Era só uma divisão da equipe.

RP - Só uma divisão da equipe.

AP - E quantos... os chefes desses serviços...

RP - No começo de 1933, quando eu entrei na [Diretoria da] Assistência, havia um chefe de equipe, chefe de serviço com 4 assistentes, cirurgiões gerais. Era a lotação de cada equipe. Tinha mais dois médicos clínicos. Um otorrino e ... otolaringoftamologista, que fazia tudo junto, e um gabinete de... e um radiologista, cada equipe. Depois com o tempo, eles criaram as especialidades. Botaram o neurocirurgião...

AP - Dentro da equipe?

RP - Dentro da equipe...

AP - Dentro de cada um desses serviços...

RP - É, cada um dos serviços, neurocirurgião, ortopedista... porque até... até se fazerem essas modificações todas, ao cirurgião-geral, eu era um deles, competia fazer o tratamento de todos esses doentes.

AP - Agora esse... esses serviços... eles atendiam aos que estavam internados ou aos do pronto-socorro?

RP - Atendiam aos que estavam internados e aos do pronto socorro.

AP - Aos dois?

AP - É. Cada equipe... cada serviço de cirurgia tinha oito leitos de homens e oito leitos de mulheres... E havia ainda enfermarias de clínica médica para homens e clínica médica pra mulheres.

AP - Mas a enfermaria... tinha um número de atendimentos por dia? Como é que era delimitado isso?

RP - Não, a enfermaria era pra internar doentes.

AP - A enfermaria era pra atender doentes. E atendia quantos por dia?

RP - Ah, variava muito de acordo com o dia.

AP - Isso não era definido?

RP - Não. Não era definido.

AP - Mas os leitos dos internos eram definidos.

RP - É.

AP - Só tinha 8.

RP - O sujeito era... sofria um acidente na rua, ou passava mal na rua. Era levado para o pronto-socorro. Era medicado no posto, lá embaixo. Conforme melhorasse ou não, ficava algumas horas em repouso lá, em repouso no posto, e depois era internado, conforme a gravidade do caso. Para se submeter a tratamento clínico ou a tratamento cirúrgico...

AP - Muito bem. Agora..., então, sob a chefe de cada serviço, tinham 4 assistentes, dois clínicos, um otorrino e um responsável pelo raio X. Mais tarde um neuro e um ortopedista.

RP - Não... em cada equipe...

AP - Em cada... chefe de serviço, como o senhor chamou.

RP - É, em cada serviço.

AP - Isso, cada um dos sete...

RP - Agora, tecnicamente esses especializados otorrino, radiologista... e depois o ortopedista, tiveram seus chefes imediatos, no serviço lá de cima.

AP - No serviço de radiologia...

RP - Não! No serviço... a radiologia era atendido na hora. Funcionava o dia inteiro o serviço de radiologia. Agora, tinha um radiologista em cada equipe.

AP - Entendi. O que o senhor está chamando de equipe, que o sr. já chamou de serviço...

RP - É ou serviço, equipe ou serviço é a mesma coisa...

AP - Tá bom! Agora, esses quatro assistentes eram... eram cirurgiões assistentes?

RP - Eram cirurgiões gerais assistentes.

AP - Certo. Não tinha cirurgião geral auxiliar?

RP - Não. Quando eu falo assistente, fazia cirurgia geral. Sem falar na denominação que ele tinha entre os quadros de assistência, a que já me referi anteriormente, que era... começava em auxiliar, adjunto... mas era puramente, puramente uma formalidade burocrática...

AP - Funcional...

RP - Porque a importância e o serviço era idêntico.

AP - Muito bem! Agora esses quatro, qual era o regime de trabalho desses quatro?

RP - Plantões de 24 horas...

AP - Quantas vezes por semana?

RP - Por semana...

AP - Uma vez por semana?

RP - Não. Fazia dois plantões de 6 horas e um plantão de 12 horas. Havia um plantão das 8 da manhã às 2 da tarde. Outro das 2 às 8 da noite e outro das 8 da noite às 8 da manhã seguinte.

AP - Muito bem! Agora... é... então, é... eles não cobriam... esse serviço não funcionava de 2^a a 2^a, então?

RP - Funcionava de 2^a a 2^a, domingo inclusive.

AP - Mas como é que pode? Com essa carga horária que o senhor falou, vai ter dia que não vai ter cirurgião...

RP - Eram 7 equipes...

AP - Ah, sim. Mas... uma equipe não funcionava de segunda a segunda... Vamos dizer, a equipe A. O sr. Falou que tinha sete equipes. A equipe A...

RP - Dava seus plantões e o médico devia ir passar a visita nos seus doentes todos os dias. Como eu fazia sempre.

AP - Ah, tá bom! Além da carga horária. Agora... de qualquer maneira, se só são 4 e cada um tem... tem 24 horas de...

RP - Obrigatórias.

AP - ...Obrigatórias... é... 4 x 4... 16... 4 x 2... 8... e 1... 9... São 96 horas. A equipe trabalha. Uma semana são 24 x 7.

RP - É vinte e quatro vezes...

AP - É mais tempo. Vai ter hora que não vai ter esse cirurgião lá.

RP - Tem sempre cirurgião lá...

AP - Mas dessa equipe não...

RP - As equipes... Dessa equipe não, mas os cirurgiões de cada equipe passava a visita pros seus doentes todos os dias... mesmo que não estivesse de plantão. Entendeu?

AP - Entendi! Mas só que... é... aí já é do... O serviço de pronto-socorro funcionava na alternância das equipes. Mas uma equipe não ficava ocupada 24 horas X 7 do hospital.

RP - Não... isso seria praticamente impossível, né!

AP - Só se tivesse, em vez de quatro assistentes, tivesse 7 assistentes...

RP - Não, por quê?

AP - Porque 7 assistentes, cada um, ficando 24 horas... Como se ficasse um por dia...

RP - Mas ficavam 4 assistentes 24 horas... em cada equipe, vezes sete, vinte e oito assistentes. Mais os chefes da equipe.

AP - Ficavam quatro assistentes a 24 horas, são 96 horas.

RP - Você está fazendo o cálculo errado.

AP - Como é o cálculo que se faz, então?

RP - O cálculo que se faz é o seguinte: o serviço de pronto-socorro era feito por 7 equipes. Cada equipe constituída por 4 cirurgiões, 2 clínicos, 1 otorrino e 1 radiologista. Depois, [com a mutação], o progresso, eles incluíram em cada equipe mais um ortopedista e um neurocirurgião.

AP - Muito bem. Até aí eu entendi.

RP - Sim, estes davam isso. E era obrigação também desses médicos acompanhar os seus doentes operados, diariamente, voluntariamente... Não era de obrigatoriedade. Voluntariamente cada médico vinha que ver (TI).

AP - Mas, como é... A equipe era responsável por 8 leitos de homens e 8 leitos de mulheres. Cada equipe.

RP - Cada equipe.

AP - Então se... então tem é... 8 x 7. Cada equipe é responsável por oito leitos de homens e oito de mulheres. São 16 leitos cada equipe.

RP - É. Cada equipe.

AP - Então é... 16 x 7...

RP - Vezes sete.

AP - É isso?

RP - É.

AP - 6 x 7... 42...vão 4... sete vezes 1... sete... e quatro... onze. Existiam 112 leitos no hospital?

RP - Tinha mais. Tinha mais porque tinha os leitos da clínica médica, de homens e de mulheres, e tinha uma enfermaria só para queimados, onde o queimado era assistido pela... o doente queimado era assistido pela equipe que o internou. Só... só mais tarde é que eles criaram o serviço de... de queimados e entregaram ao Dr. Ivo Pitanguy.

AP - Agora, quando o senhor entrou, o que que o Pedro Ernesto fez a mais no hospital na época dele?

RP - O Pedro Ernesto manteve aquela mesma coisa do hospital. Apenas criou normas para que... Criou a carreira médica que começava com... como eu já disse da vez passada, com o auxiliar, adjunto, assistente e chefe de serviço. Porque antigamente, o chefe de serviço, antes da Reforma Pedro Ernesto, os chefes de serviços eram designados ao bel-prazer da direção da Assistência. A assistência não tinha carreira. O Pedro Ernesto iniciou a carreira médica, criando o quadro médico... criando o quadro médico, aumentando o salário dos antigos médicos que já estavam lá, e (TI) os novos salários novos critérios de acesso e promoções.

AP - E o chefe passou a ser nomeado como?

RP - O chefe passou a ser nomeado... na Reforma de Pedro Ernesto, foram nomeados 4 chefes de cirurgia...

AP - Sim, mas como é que eles passam a ser nomeados? Antes eram nomeados pela assistência...

RP - Antes da reforma de Pedro Ernesto, havia duas categorias de médicos: médicos de assistência e cirurgiões de assistência. Desse, grupo de cirurgiões e médicos de assistência... de cirurgiões de assistência, a direção escolhia a seu bel-prazer 7 chefes de equipe. E quando houve a reforma de Pedro Ernesto, passaram a ser exercidos por chefes de clínica cirúrgica. E ele nomeou 4 na reforma dele. Um desses chefes controlava 7 equipes, um que controlava 3 equipes. Os outros dois controlavam 3 equipes cada um.

AP - Entendi. Quer dizer, acima do chefe de equipe existe o chefe de serviço.

RP - Havia em cada equipe um chefe de serviço, na reforma do Pedro Ernesto.

AP - Que não era o diretor do hospital...

RP - Não, não era...

AP - O do hospital era um outro cargo ainda...

RP - Era um outro cargo. Isso é cargo administrativo.

AP - Ah! O diretor do hospital é cargo administrativo? Agora... é... E como era nomeado esse chefe de serviço?

RP - Esses chefes de serviço não eram nomeados, eles foram nomeados na Reforma do Pedro Ernesto...

AP - Pelo Pedro Ernesto...

RP - Pelo Pedro Ernesto, que estabeleceu um critério para o acesso... Mas a nomeação era mais política, né?

AP - Claro. Eram pessoas do PADF?

RP - Hein?

AP - Eram pessoas do partido dele?

RP - Não, não eram pessoas do partido dele, não.

AP - Política em que sentido que o sr. fala?

RP - O Pedro Ernesto nomeou os quatro chefes de clínica... chefes de clínica cirúrgica e clínica da Reforma dele, chefes de serviço de cirurgia. Nomeou o Aldair Figueiredo (P), chefe de clínica cirúrgica; o Paulo Barata, chefe da ginecologia; o Eliseu Vilela, chefe da ortopedia e o Álvaro Batista, chefe da urologia. Por quê? Esses homens, na Revolução de 32 contra São Paulo, se ofereceram espontaneamente para ir trabalhar no "front", a pedido do Exército, que precisava de cirurgiões tarimbados para trabalhar no "front" da guerra. E assim foi feito.

AP - E esses ainda estão vivos?

RP - Não. Todos eles morreram. Todos morreram.

AP - Agora eu ia perguntar para o senhor. Lá no Souza Aguiar... O hospital Souza Aguiar já era o chamado... Pronto Socorro, né? Como é que ele chamava antes?

RP - Chamava-se hospital de pronto-socorro.

AP - Hospital de Pronto Socorro. Antes do Pedro Ernesto. Existir, ele já existia.

RP - Já existia. Como... O Hospital de Pronto-Socorro foi inaugurado em 1925.

AP - Muito Bem. Agora com a entrada de Pedro Ernesto, no que que ele foi ampliado?

RP - O Hospital?

AP - É.

RP - Foi ampliado com melhores normas administrativas e funcionais...

AP - Isso o sr. já falou.

RP - E... ampliado no número de médicos que tinha lá. Mas a Reforma do Pedro Ernesto significou um grande avanço por que ele botou raízes pra todos os hospitais da rede municipal...

AP - Perfeito...

RP - ... da época...

AP - Que são os outros hospitais que o senhor trabalhou depois!

RP - Em alguns eu trabalhei.

AP - Muito bem, então...Esses chefes de serviço, eles tinham uma interferência muito grande no trabalho das equipes?

RP - Esses chefes de serviço?

AP - É.

RP - Eles acompanhavam as suas equipes...

AP - Mas o quer dizer "eles acompanhavam"?

RP - Estavam presentes durante os plantões das suas equipes.

AP - Eles interferiam... opinavam...

RP - Eles interferiam... operavam, também. Era um direito que dava. Tanto que o chefe da minha equipe, o Dr. Aldair Figueiredo, tinha 2 equipes. Ele acompanhava o plantão das 2 equipes. Operava quando era necessário. Mas estava sempre presente. Ia todo dia ao hospital passar a visita aos seus doentes e obrigava os seus assistentes a irem também visitar cada doente operado por si. Eu visitava os meus doentes, meu colega, o outro, visitava os que ele tivesse operado, e assim sucessivamente.

AP - Quer dizer... então a definição do trabalho dessas equipes era uma, os leitos dos internos, e a outra a carga horária, né? As 24 horas de trabalho, não é isso?

RP - É.

AP - Não havia assim, consulta?

RP - Oficialmente não havia consulta. Havia consulta por hábito. Por hábito.

AP - "Por hábito" quer dizer o quê?

RP - O sujeito que ia lá se consultar e era atendido.

AP - Mas tinha ambulatório, no Souza Aguiar?

RP - Não tinha! Naquela época não tinha ambulatório...

AP - Agora...

RP - Tinha ambulatório só no Méier. [Que as obras foram feitas só no Méier] Depois, com o Pedro Ernesto, ele botou dispensários em todo o Distrito Federal.

AP - Agora, nessa época, na década de 30, logo que o senhor se formou, a Medicina ainda não estava muito especializada como está hoje, por exemplo.

RP - Não estava, não!

AP - Estava começando o processo de especialização.

RP - Exatamente.

AP - Então eu queria perguntar ao senhor: como é que era dentro do Souza Aguiar, logo que o senhor se formou, a relação entre os clínicos, os cirurgiões gerais e os especialistas que começavam a aparecer já?

RP - Sempre foi muito boa! Sempre foi muito boa!

AP - Eu falo isso, porque o código ...

RP - Eu como cirurgião geral que era, e todos os meus companheiros de cirurgia geral, nós operávamos tudo. Eu... eu fiz... eu tratei fraturas, enquanto não tinha ortopedista na equipe. Depois que botaram os ortopedistas, passou a ser responsabilidade dos ortopedista. (A entrevista foi interrompida para o doutor Renato falar com sua esposa)

AP - (A entrevista reinicia). Estávamos falando aqui ainda do Souza Aguiar. Agora, vamos falar um pouco mais assim do público, dos pacientes, da clientela.

RP - Do Hospital Souza Aguiar?

AP - Isso!

RP - Era o povo de um modo geral. Tinha desde o grã-fino até o maltrapilho indigente.

AP - Porque era mais um hospital de pronto-socorro.

RP - Era um hospital de... Era só um hospital de pronto-socorro.

AP - Muito bem. E aquela localização em que ele se encontrava, facilitava pra isso?

RP - Facilitava. Ali na Praça da República. Facilitava muito, zona central da cidade, perto da central do Brasil.

AP - Agora... o paciente que tivesse renda ele... comprovada a renda dele, ele pagava?

RP - No regulamento da Assistência, o paciente que... a assistência social da Secretaria de Saúde comprovasse que ele tinha coisa, era tirada uma nota de cobrança, por tabela aprovada no regulamento, muito pequena, mas que eles não tinham força legal pra cobrar nada. Por que mandavam e o sujeito pagava se quisesse. E recolhia à Secretaria de Finanças.

AP - Acaba que essa cobrança ficava só no papel.

RP - Era mais no papel. Ou quase 80% era só no papel.

AP - Além dela ser irrisória, ela não tinha quase poder de...

RP - Não tinha! Não tinha porque o que era arrecadado era pra Secretaria de Finanças da prefeitura. Já como receita da Secretaria de Finanças.

AP - Mas o dinheiro previsto a ser arrecadado era compatível com o valor de uma consulta, na sua época?

RP - Não sei informar... Não sei dizer. Não era compatível, não! Era muito abaixo do valor de uma consulta.

AP - Agora eu perguntei para o sr. da outra vez...

RP - Naquela época, quando foi feita a Reforma Pedro Ernesto, não havia Previdência Social... Não havia... Não havia Seguro Saúde. Só funcionou até aquela época... até... A história da assistência é a seguinte: até mil ... Sempre funcionou o médico de família, que eu já falei sobre isso. Era o médico que atendia tudo.

AP - Como seu pai?

RP - Como meu pai e outros companheiros dele. Não havia nem assistência. A Assistência foi fundada em 1907, em seu primeiro posto na rua Camerinos. Só atendia aos acidentados do centro da cidade. A própria ambulância levava, fazia o socorro. Se era caso grave, internava na Santa Casa da Misericórdia. Se não era caso grave, dava um atendimento de emergência ali, e dava alta. Dizem até os entendidos, os historiadores, seus colegas, que nos primeiros tempos de funcionamento do pronto-socorro foi recebida esta inovação, com hostilidade pelo povo. Então a Secretaria... chamava-se... não chamava-se Secretaria de Saúde, a Diretoria Municipal de Assistência contratava gente pra simular um socorro no meio da rua...pra a ambulância sair para ir buscar. Pra educar o povo.

AP - O povo nem sabia o que que era isso!

RP - Nem sabia o que era.

AP - Aí juntava aquele pessoal em volta.

RP - Juntava aquele pessoal em volta, e a ambulância apanhava e trazia pro posto.

AP - E o senhor chegou a presenciar isso?

RP - Não...Isso era em 1907, eu nem era nascido ainda. Em 25, eles tiraram esse posto da rua Camerinos, e transferiram para um posto central de Assistência na Praça da República, onde existiam duas antigas cocheiras da limpeza pública, que foram desativadas, e foram feitas as obras que transformou aquele posto central, que ocupava o pavimento térreo, com dois andares naquele que foi depois o hospital do Pronto Socorro e depois Souza Aguiar.

AP - O Souza Aguiar origina-se de uma cocheira...

RP - É... de uma cocheira! Não. O antigo Souza Aguiar originava-se; o atual não, o atual foi construído no tempo de Carlos Lacerda.

AP - Mas não é no mesmo lugar?

RP - No mesmo lugar.

AP - Naquele mesmo lugar, ali.

RP - É. Mesmo lugar.

AP - Agora... eu perguntei para o sr. da outra vez a respeito da faixa etária dos seus colegas lá do Souza Aguiar no tempo que o sr. entrou. O sr. entrou no Souza Aguiar em 33, quer dizer que o sr. tinha 23 anos...

RP - É... 23 anos!

AP - O sr. era um garoto!

RP - Era, um garoto!

AP - Recém-formado!

RP - Acho até que entrei com 22. 22 porque, eu faço anos em outubro e eu entrei em junho.

AP - O sr. era um garoto, recém-formado... O sr. mais aprendeu no Souza Aguiar do que...

RP - Aprendi muito! Me formei...Me fiz médico... Me fiz cirurgião dentro do Souza Aguiar. O Souza Aguiar é uma grande escola. Sempre foi uma grande escola. Porque ensina o médico, o cirurgião principalmente, a ter que resolver o caso na hora. E eu tive sorte porque fui trabalhar com um amigo meu que era um professor nato, embora fosse apenas um livre docente da Faculdade de Medicina. E que gostava de ensinar...

AP - O Aldair?

RP - Aldair Figueiredo...Que eu homenageei devidamente nos meus livros.

AP - Mas os seus colegas eram todos mais ou menos da sua faixa etária?

RP - Não. Eu tinha colegas que fizeram concurso junto com o Aldair, em 1924. 1925, aliás. Em 25... Quase todos eram um pouco mais velhos do que eu.

AP - O sr. falou da outra vez também um pouco sobre o seu consultório particular. Então o sr. conseguia compatibilizar o horário do consultório com o do Souza Aguiar...

RP - Era de tarde. O meu horário no consultório particular era de tarde.

AP - E no Souza Aguiar eram duas manhãs e um dia ...

RP - Não. Eu dava os plantões... Eu só não ia ao consultório quando estava de plantão de tarde. Antes eu... [Antes eu ia ao consultório.]

AP - A sua clientela do hospital era diferente da do consultório.

RP - Inteiramente diferente.

AP - Como era a sua clientela do consultório?

RP - Eram doentes da clínica do meu pai... E sabe que cliente é uma bola de neve: o sujeito tratando bem, o sujeito respeitando o doente, o doente chama outro, né! A gente custa a fazer uma clínica, qualquer médico... mas desmancha essa clínica se afrouxar os seus cuidados.

AP - Qual a diferença que o sr. vê no "afrouxar os seus cuidados" de um cirurgião para os demais médicos?

RP - ...um cirurgião, pra qualquer médico. A clínica, o exercício da clínica privada, hoje, tá muito diferente.

AP - Como era no seu tempo?

RP - Não havia credenciamento, não havia INSS...

AP - Não havia esses Golden Cross...

RP - Não havia nada disso. Isso foi muitos anos depois.

AP - Aí então o que levava o paciente ao sr e não ao outro?

RP - Era ele tratar bem o doente, tanto o clínico, como o cirurgião ou qualquer especialista... e o doente divulgar pra um amigo... e na hora que esse amigo falasse com ele, ele ia procurar o médico que tratou o amigo. Assim que se forma uma boa clínica cirúrgica.

AP - E o sr, no seu consultório, fazia cirurgia geral também...

RP - Fazia cirurgia geral e urologia...

AP - O sr. havia comentado conosco da última vez sobre as razões que levaram o sr. a ser transferido do Souza Aguiar...

RP - Perseguições políticas e administrativas...

AP - Em função da sua posição...

RP - A minha posição de amigo de Pedro Ernesto, que estava preso... Em função de Aldair Figueiredo, que injustiçadamente foi demitido...

AP - Por que também era ligado ao Pedro Ernesto?

RP - Não, ele não era ligado ao Pedro Ernesto. Eu era mais ligado ao Pedro Ernesto do que ele. Porque... É inveja de seus colegas. Pedro Nava disse no Círio Perfeito, perfeitamente analisou isto. Era inveja. Aldair foi um homem que fez... entrou para fazer concurso na Assistência, recém-formado. No meio de cinquenta e tantos colegas, que fizeram o concurso. Imberbe quase, e sempre tinha a barba muito rala, cara de broto. Tirou 1º lugar. Aproveitou-se depois, fez a livre docência de clínica cirúrgica, e tinha gente... E ele era muito gozador. Ele sofreu muito, mas era um sujeito muito inteligente. (TI) de Voltaire e Anotole France, tinha uma... conhecia tudo isso. Era um gozador emérito, e gozava todo mundo. De brincadeira, brincalhão. Estava sempre alegre, assobiando. De modo que quando o Aldair subiu a inveja começou a campear contra ele. A inveja de seus colegas.

AP - O que que aconteceu com ele?

RP - Foi demitido.

AP - E depois?

RP - Depois ele moveu uma ação na justiça, foi reintegrado pela mesma justiça do Estado Novo... da linha dura do Estado Novo que o demitira.

AP - Por falar em ditadura do Estado Novo, o sr. não falou nada sobre a revolução de 30, que o sr. era estudante da Faculdade, sobre Vargas, sobre esse momento tão marcante na história do país...

RP - A Revolução de 30, primeiro eu contesto este termo "revolução". Aquilo foi... eu boto entre aspas... revolução pra mim foi entre aspas... porque revolução tem que mudar os conceitos, as formas de governo... A Revolução de 30 não mudou nada, mudou o homem, como em todas as outras revoluções. Mudaram homens. Chamadas revoluções, pra mim tudo entre aspas, (TI) ter revolução, tudo entre aspas

AP - Mas em 30... qual foi o seu engajamento no Movimento de 30?

RP - No movimento de 30 eu não tive...

Fita 6 - Lado B

RP - Eu estava no quinto ano de Medicina, evidentemente preocupado com o levante que havia sido feito no Rio Grande do Sul, né? Mas, não tinha grande, grandes... [vivência]. Fiz mais por farra.

AP - E seu pai?

RP - Meu pai era clínico. Só pensava na clínica dele.

AP - Mas ele não teve nenhum tipo de atuação no movimento?

RP - Não, ele teve antes em [conspirações]. 24... 23... Estas [conspirações] foram fracassadas.

AP - E o que levou o sr. a se aproximar tanto do Pedro Ernesto, então. Como o sr. mesmo falou agora há pouco? O senhor era mais próximo ao Pedro Ernesto.

RP - Do que Aldair.

AP - Isso.

RP - Eu era porque o Pedro Ernesto era colega de turma de meu pai. Tinha uma casa de saúde para onde meu pai, que tinha uma grande clínica, mandou o primeiro doente que ele operou, para inaugurar a casa de saúde dele. Que rea... Meu pai era presidente do Botafogo Futebol Clube e mandou um jogador do Botafogo para o Pedro Ernesto operar de apendicite. Foi o primeiro doente que inaugurou a Casa de Saúde Pedro Ernesto. Uma amizade (TI).

AP - Mas o sr. falou um pouco também da outra vez sobre a sua ida lá para Campo Grande, não é? Para o Rocha Faria. Lá no Rocha Faria o sr. Descreveu um pouco assim a ...

RP - A sujeira, a pocilga que era...

AP - ...a pocilga que era, como o sr. mesmo falou. Agora, o que ainda ficou ainda um pouco obscuro, pelo menos para nós, era a dimensão do serviço lá do Souza... lá do Rocha Faria. Lá quantos leitos... Também tinha o esquema de equipes como no Souza Aguiar... como é que era o trabalho lá no Rocha Faria?

RP - Não. No Rocha Faria eram 2 casas velhas... e tinham 2 enfermarias para homens e mulheres, cada uma com 8 ou 10 leitos...

AP - ...enfermaria...

RP - ...uma sala de cirurgia, e a outra casa era exclusivamente para administração, a parte administrativa, que servia de pronto-socorro, que aquilo que eu descrevi mais intensamente, porque eu conheci melhor.

AP - O sr. trabalhava no pronto-socorro?

RP - Eu trabalhei... fiz 4 plantões lá... a primeira vez e quatro plantões na segunda.
[Normalmente eram] 24 horas.

AP - Então era diferente. O sr. não ia duas vezes 12...

RP - Não, não. Não tinha doente internado não.

AP - Tinham poucos doentes lá...

RP - Tinham poucos. [Doentes], o movimento era pequeno.

AP - E quantos médicos tinham? Tinham quantas equipes lá trabalhando?

RP - Tinham duas... tinham 7 equipes.

AP - 7 equipes também?

RP - A assistência sempre trabalhou no regime de... 24 horas de plantão. O médico sempre trabalhou 24 horas de plantão no serviço de pronto-socorro. O médico que não trabalhava no serviço de pronto-socorro, trabalhava geralmente de manhã no seu ambulatório.

AP - Muito bem. E as 7 equipes também eram com a mesma constituição do Souza Aguiar?

RP - Não. Eram dois... Só tinham 2 médicos.

AP - Em cada equipe...

RP - Cada equipe.

AP - Entendi.

RP - Por isso que eles [apelavam] para o Souza Aguiar, porque só numa equipe tinha um cirurgião, o resto eram clínicos. E um doente um dia passou mal lá, não tinha como operar, não sei se chegou a morrer ou não, então aventaram aquela hipótese de reforçar o hospital de Campo Grande, tirando um cirurgião de cada equipe do Souza Aguiar provisoriamente por um mês. Foi assim que eu fui parar lá...

AP - O sr. acha que a clientela do Souza Aguiar e a do Rocha Faria...

RP - Era inteiramente diferente...

AP - Por quê?

RP - Porque a daqui era a do centro da cidade e a outra era da roça. Pegava Guaratiba, Setetiba. Aquela zona toda, Campo Grande, Bangú. Era a zona de influencia do dispensário de Campo Grande. Tanto que enquanto o Pronto Socorro aqui trabalhou sempre com 4, 5 ou 6 ambulâncias, lá tinha 1 ambulância ou 2. 2 ambulâncias...

AP - Funcionavam?

RP - Funcionavam.

AP - Conseguiram chegar até onde tinham...

RP - Chegavam, chegavam...

AP - Lá no Rocha Faria tinha telefone dentro do dispensário?

RP - Tinha, tinha, tinha...

AP - E os clientes conseguiam entrar em contato para chamar a ambulância para ir buscar algum doente na casa de alguém?

RP - Chamavam. Tinha um telefonista de plantão sempre. Dia e noite.

AP - O salário de quem trabalhava no Rocha Faria era o mesmo de quem trabalhasse no Souza Aguiar?

RP - Era, era o mesmo. Era o mesmo...

AP - O sr. contou uma história para nós lá do Souza Aguiar. Mas o Souza Aguiar... No Rocha Faria né? Desculpe. No Rocha Faria o senhor ficou tão pouco tempo né?

RP - Eu fiquei um mês uma vez e dois meses depois fiquei outro mês.

AP - E era... como uma punição?

RP - Eu encarei como punição. A primeira vez não, calhou. Mas a segunda, era para fazer um rodízio entre todos os cirurgiões do HPS. Quando eu fui da segunda vez eu já considerei punição. Não estava na vez ainda. Tinha pelo menos que esperar outros ...

AP - Aí, depois do Rocha Faria, o sr. foi lá para a Ilha do Governador...

RP - Não. Depois do Rocha Faria? Eu fui para a Ilha do Governador.

AP - Esta certo?

RP - Esta certo.

AP - Então...

RP - Não, eu voltei para o Pronto Socorro e fui para a Ilha do Governador.

AP - Aí o sr. ficou lá...um ano, quase dois anos... quatorze meses. E aí que o sr. ascendeu. Como é que sr. explica a sua ascensão aí, de cirurgião assistente para chefe de serviço? Nessa época lá no...

RP - O chefe de serviço era designado pela Secretaria. Quando eu estava fazendo... Eu tinha feito um serviço bom no Carlos Chagas, reconhecido pelo...

AP - Carlos Chagas?

RP - ...diretor hospitalar. É. Eu fui o primeiro Chefe de Serviço do Carlos Chagas. Porque eu fui para ser Chefe de Clínica do Chefe de Serviço, que era meu colega de turma e meu amigo. Ele morreu de tifo, antes de inaugurar o hospital. E a Secretaria de Saúde, diante do serviço bom que eu tinha prestado na montagem do serviço. Porque eu encontrei o serviço do Carlos... o Carlos Chagas, o serviço inteiramente nú. Tive que montar todo o serviço... Desde a gase e o esparadrapo até o instrumental cirúrgico.

AP - É, mas na nossa. Baseando-se no seu currículo, o sr. esteve primeiro no... no Paulino Werneck e depois no Carlos Chagas. Não foi isso, não?

RP - Eu sai do...Paulino Werneck para o Carlos Chagas.

AP - Está certo?

RP - Foi. Está certo.

AP - Agora... Então vamos falar um pouquinho do Paulino Werneck. O sr. comentou um pouco sobre a sua ida de barco... Também era plantão de 24 horas...

RP - Eu ia de barco para dar plantão de 24 horas.

AP - E também da mesma maneira que lá no Rocha Faria, o atendimento era muito pequeno, né? O trabalho era pequeno?

RP - Lá era pequeno porque não havia ponte...

AP - População lá da Ilha era pequena...

RP - População lá da Ilha era menor...

AP - Do que de Campo Grande?

RP - A Ilha só tinha uma ambulância... só. Só tinha uma ambulância. A gente tinha que fazer as visitas domiciliares. Quase não havia chamados, porque eram... os telefones eram muito precários na Ilha...

AP - E o... Foi aí que o sr. escreveu até um artigo não é, que o sr. comentou... O sr. estava tão à toa que o sr. conseguiu até estudar não é?

RP - [Eu fui estudando], escrevi um trabalho e dispuetei um prêmio da Academia de Medicina...

AP - Isso. Até ganhou o prêmio não foi?

RP - Ganhei. Dispuetei e ganhei.

AP - Muito Bem. Agora vamos ver se a gente consegue comparar um pouco a clientela lá do Souza Aguiar, do Rocha Faria e do Paulino Werneck.

RP - A clientela do Souza Aguiar era todo mundo que vinha à cidade. Aparecia lá acidentado, o rico ou o pobre, ou remediado ou miserável. A ambulância apanhava na rua e levava lá pra gente atender, ou iam espontaneamente para a gente praticar o atendimento. Em Campo Grande era mato, era... era mato naquela época. Poucas ruas eram asfaltadas... E a população muito pobre, muito miserável. Não sei se hoje... Hoje parece que está um pouco melhor. Não sei. Quem é que mora em Campo Grande aí?

SR - Eu mora lá.

RP - Hoje está asfaltado tudo.

SR - É.

RP - Foi o Chagas Freitas que asfaltou.

SR - É ultimamente também tem havido bastante... E é um lugar muito grande também, não é. Uma área enorme e muito... densamente povoada não é?.

RP - É.

AP - E na Ilha?

RP - Na Ilha... era o mesmo tipo... nível de população. Porque levava-se 40 minutos de barca. Na Ilha não tinha barca de noite... De modo que a gente dormia e descansava na Ilha, conversava e batia papo.

AP - Era fresquinho lá, doutor Renato?

RP - Era fresquinho.

AP - Era bom de passar o verão lá na Ilha?

RP - Era!

AP - Agora o sr. ficou lá... Por que o sr. saiu de lá?

RP - Da Ilha?

AP - É!

RP - Eu fui convidado para ser chefe de clínica do Novaes no Carlos Chagas.

AP - Ah!

RP - Montar o serviço do Carlos...

AP - Montar o serviço. Porque no período que o senhor foi pro Carlos Chagas o Pedro Ernesto está preso!

RP - Estava preso. Estava preso.

AP - E apesar da sua vinculação com Pedro Ernesto, isso não impossibilitou que o sr. tivesse sido nomeado pra ...

RP - Mudou a administração. Pedro Ernesto foi sucedido pelo padre Olímpio de Melo.

AP - Sim.

RP - Padre Olímpio de Mello que era... tinha sido presidente da Câmara e que traiu o Pedro Ernesto... saiu... sobrou... toda a cúpula da Assistência do padre Olímpio sobrou. E entrou Henrique Dodsworth... com Clementino Fraga como secretário... [Dodsworth] Convidou o professor Clementino Fraga para ser secretário de saúde.

AP - Aí quando o professor Clementino Fraga entrou...

RP - Então mudou da água pro vinho, a mentalidade dos antigos dirigentes da Assistência para esses novos...

AP - A entrada do Dr. Clementino foi em que ano?

RP - Foi em 40...

AP - É, mas o senhor foi para o Carlos Chagas em 38...

RP - Para o Carlos Chagas fui em 38...

AP - Em final de 37, início de ...

RP - Fui em 38, porque o Novaes, era sobrinho do padre Olímpio de Melo, ia ser o chefe de serviço e precisava de mim lá para montar o hospital.

AP - E o Novaes, quem era o Novaes?

RP - Carlos Novaes era um colega meu de turma, que morreu de tifo.

AP - Ah, tá. Ele que era sobrinho do Olímpio...

RP - Do Olímpio de Melo.

AP - Estava tudo meio assim...

RP - É...

AP - ...entre amigos.

RP - É! E como o chefe de serviço convidava o seu chefe de clínica, como me conhecia, insistiu comigo pra que eu viesse. Até que ele disse: “Renato, eu não vou lá não. Você vai ser o chefe de serviço de fato... não mais de fato. Os assistentes você que vai escolher”. Ele tinha que escolher sua equipe de assistentes lá para o Carlos Chagas.

AP - Porque o Paulino Werneck como o Carlos Chagas foram dois hospitais idealizados pelo Pedro Ernesto...

RP - ...Foram...

AP - ... mas não inaugurados...

RP - ...Não inaugurados...

AP - E o sr. que inaugurou o Carlos Chagas então...

RP - Inaugurei o Carlos Chagas. Como inaugurei o Getúlio Vargas também.

AP - O Getúlio Vargas também o sr. inaugurou?

RP - Inaugurei.

AP - Logo que ele... Abriu.... O primeiro... Quando abriu a porta, o sr. tava lá?

RP - Estava de plantão, no Getúlio Vargas.

AP - Está certo. Então... Vamos com calma, pra gente não ...

RP - Não tumultuar...

AP - Não tumultuar. E o sr. não se emocionar aqui com essa... com essa inauguração toda aí, não é! Tão importante que o sr. foi, não dr. Renato, nesse momento?

RP - Eu não sei seu era tão importante não. Era um simples chefe de equipe do Souza... do Getúlio Vargas quando ele foi inaugurado. Saíram as autoridades: Getúlio, Dodsworth, Clementino... saíram... Saiu o diretor da Assistência e do hospital, eu fiquei com a responsabilidade do hospital... naquele plantão.

AP - Agora uma coisa que me faz... Uma curiosidade que eu tenho...

RP - ...Porque na ausência do diretor do hospital, tanto do Carlos Chagas como do coisa, quem assumia atividades administrativas era o chefe de equipe.

AP - Certo. Uma curiosidade que eu tenho é a seguinte...

RP - ... Pelo menos durante a noite...

AP - ...esse Paulino Werneck, o Carlos Chagas e o Getúlio Vargas, três hospitais idealizados pelo...

RP - ...Pedro Ernesto...

AP - ...Pedro Ernesto, eles começaram a ser construídos ainda no período Pedro Ernesto.

RP - No período de Pedro Ernesto!

AP - Mas não tiveram a sua obra concluída...

RP - Não, só... O único hospital planejado... e... começaram a construção no tempo do Pedro Ernesto, que ele pôde inaugurar foi o Jesus. Hospital Jesus...

AP - ... Os outros foram inaugurados depois que ele foi preso ...

RP - ... Depois de preso. Primeiro foi o Miguel Couto, aqui na Gávea...

AP - A ser inaugurado!

RP - A ser inaugurado.

AP - Foi inaugurado em que ano?

RP - Inaugurado em 37... 37, pelo padre Olímpio.

AP - E depois?

RP - Depois no ano seguinte foi o Carlos Chagas. Não... aí veio a Ilha do Governador. Foi inaugurado [pelo] (TI) o hospital (TI). Depois foi o Carlos Chagas... em... 38, acho que foi 38. E os outros hospitais continuaram em obras. O hospital de Campo Grande que substituiu esta pocilga que eu trabalhei foi inaugurado pelo Dodsworth ainda... muitos anos depois, naquele período do Dodsworth. O Hospital Getúlio Vargas foi inaugurado pelo (TI). O Hospital... Rocha Faria já disse que inaugurado (TI).

AP - A curiosidade que eu tenho é que... Como é que o sr. analisa a minha seguinte inquietação: normalmente no Brasil existe um grave problema no serviço público que é o problema dos... de muitos administradores não continuarem as obras dos seus antecessores.

RP - É... isso é muito antigo!

AP - Não é?

RP - É.

AP - Agora, tendo sido Pedro Ernesto preso... não é... pelo Vargas... não é ... e ficado tanto tempo preso... e os hospitais? As obras continuam... os hospitais são inaugurados... Como é que o sr. explica...

RP - Já tinham começado as obras, eles não puderam paralisar, as obras.

AP - Ele já tinha arrumado dinheiro também? Para acabar a obra?

RP - Ele tinha arranjado recurso com a exploração do jogo, carteadado, Cassino...

AP - E os hospitais já estavam pagos?

RP - Não estavam pagos, mas tinham recursos para eles pagarem.

AP - Entendi.

RP - E o Pedro Ernesto... fez isso... e encomendou todo o equipamento para esses hospitais todos. Todo o equipamento. Agora, a administração que sucedeu a Pedro Ernesto, (TI) Pedro Ernesto, depois que ele foi preso, foi um desastre para a assistência.

AP - No Padre Olímpio...

RP - No Padre Olímpio.

AP - Por que?

RP - Porque botou na Assistência gente que ... Primeiro botou um secretário que não era da assistência, que era comandado por um débil mental chamado Monteiro Autran.

AP - Débil mental?

RP - Débil mental. Tinha sido posto na... posto em disponibilidade pelo Pedro Ernesto na Reforma. Ele fez uma limpa na Assistência, o Pedro Ernesto. Tudo que já estava muito idoso... não prestava. Ele aposentou os que podia aposentar-se e pôs em disponibilidade remunerada os outros demais. Eram muito velhos. E essa gente voltou tudo com Padre Olímpio...

AP - As obras diminuíram o ritmo com o Padre Olímpio?

RP - Não, porque... porque aquilo dava... dava cartaz para ele.

AP - Eles não tinham medo de, ao inaugurar um hospital, dar cartaz para o Pedro Ernesto, não?

RP - Não, pelo contrário. Na administração do Padre Olímpio a secretaria... a secretaria de saúde, publicava um opúsculo, publicava... chamava Boletim da Assistência, e

publicou um boletim citando todas as realizações da assistência, desde a inauguração, com fotos e tudo, de umas 80 páginas, sem citar o nome do Pedro Ernesto... Tudo que estava sendo feito pelo (TI), já inaugurado por ele ou a ser inaugurado por ele, sem falar no Pedro Ernesto. Ele tava preso.

AP - E esse Padre Olímpio?

RP - Padre Olímpio.

AP - E depois o Henrique?

RP - O Henrique Dodsworth era outra personalidade, não é? Era homem mais vivido.

AP - Porque na verdade, o Padre Olímpio acabou o mandato do Pedro Ernesto, não é? E o Henrique foi eleito, não é?

RP - Não, foi nomeado pelo Getúlio.

AP - Já no Estado Novo.

RP - Estado Novo. O Padre Olímpio assumiu a Prefeitura em 36. E o Dadsworth assumiu a Prefeitura em 40. O Estado Novo foi em novembro de 37, não foi?

AP - Certo! Agora o sr. hoje... Como é que o sr. vê, naquela época, ele pensar em construir dispensários em locais tão ermos como Campo Grande, Ilha, Marechal Hermes, Penha... Por que que ele não construiu dispensários em Botafogo...

RP - Tinha o Hospital Miguel Couto...

AP - Não, o Miguel Couto era na Gávea... Gávea era uma região... na década de 30, era um... era fim-de-mundo, não é? O bonde ia até aonde, dr. Renato?!

RP - O bonde?

AP - Para não dizer que era o fim-do-mundo, até onde ia o bonde na década de 30?

RP - Na década de 30?

AP - Ia ali até o Bar Vinte?

RP - Já havia o Bar Vinte.

AP - Mas... o Miguel Couto é bem depois do Bar Vinte. Do outro lado da Lagoa?

RP - O Miguel Couto era aqui.

AP - Sim... aqui no Leblon. O sr. mora no Leblon. Sim, mas o Bar Vinte é em Ipanema, não é?

RP - Isso foi precedido por um estudo sobre a população... a densidade populacional de cada área.

AP - Mas a densidade populacional de Campo Grande, da Ilha, da Penha e de Marechal Hermes era muito pequena na década de 30...

RP - Tinha que crescer...

AP - Tinha que crescer? Como "tinha que crescer?" Ah, uma coisa de um futuro não é? Quando ela crescer...

RP - É, é...

AP - Não que ela já...

RP - Já foi feita uma previsão do crescimento populacional da cidade que de fato se verificou (TI).

AP - Sim! Mas para a época o hospital não foi feito onde já existia densidade populacional.

RP - O hospital foi feito onde já existia alguma densidade populacional. Em 38... em 33, quando o Pedro Ernesto fez a Reforma dele, Copacabana já existia, Leblon já existia, Jardim Botânico já existia...Gávea já existia, Leblon, Ipanema. Em Copacabana tinha um posto no Lido. A assistência tinha um posto para afogados. Porque cada história dessas... significa um casuísmo. Sabe porque foi feito o posto do Lido... para afogados, que funcionava como pronto-socorro exclusivamente para mandar doente para o Souza Aguiar, para o Pronto Socorro? Quando veio o rei Alberto aqui, em 1922, e não conseguiu perto porque ele era... gostava de nadar, o rei Alberto. (TI) no Copacabana Palace Hotel....

AP - E se o rei Alberto se afogasse, já pensou?

RP - É. Então tinha que ter um posto de salvamento. Então construíram às pressas um postozinho pra salvamento. E para dar utilidade a esse posto, saia, do Souza Aguiar, todo dia de manhã, uma ambulância com um médico do Souza Aguiar pra dar plantão aqui no Lido.

AP - É... porque eu tenho pesquisado muito nos jornais do sindicato em 1929, 1930... E o sindicato naquela época temia muito que a construção desses dispensários, desses pronto-socorros... públicos concorresse com a clínica privada.

RP - De fato isso existia. Porque o sindicato era reacionário, muito reacionário... O sindicato naquela época... Já existia a UDN, não existia?

AP - Não. A UDN, não. A UDN é agora em 45, só!

RP - Foi 45?! Mas existia a mentalidade udenista.

AP - Sim, mas o sindicato queria preservar muito o mercado de trabalho do médico liberal.

RP - Queria. Queria.

AP - O sr não acha que essa...

RP - Então como ele queria... Ele era contra a estatização da Medicina, o sindicato. Mas essa estatização... a estatização da Medicina tinha de sair de qualquer maneira. Os serviços de saúde preventivos só podiam ser feitos por médicos estipendiados, não é?.

AP - Médicos o quê?

RP - Estipendiados .Quem tinha que estipendiar era o... era o poder público.

AP - Sim, mas e a assistência?

RP - A assistência ...

AP - (TI) do Estado...

RP - ...Era do poder público do... município. Era o presidente da República quem designava o prefeito da cidade. Escolhia.

AP - Sim, mas eu digo o seguinte é... Esta bom que a medicina...

RP - E o Pedro Ernesto veio inovar uma coisa aqui. Ele foi interventor... Depois foi eleito governador do estado... prefeito do Distrito Federal. Chamava-se Justiça Federal. (O telefone toca) Deve ser para mim este telefone... (e ele atende)

(a entrevista é interrompida e depois reiniciada)

RP - De quê que eu estava falando?

AP - Sobre Pedro Ernesto.

RP - O Pedro Ernesto... que foi um homem que veio com a Revolução... entre aspas... entre aspas, de 30... Primeiro posto que ele teve no poder público foi o exercício da assistência hospitalar do Brasil. Depois, durante a revolução de São Paulo, [foi tornado] interventor do Distrito Federal. Como interventor ele fez a reforma da assistência, entre outras coisas. Chamou o grande educador, Anísio Teixeira, para fazer a parte educacional... e criou um partido autonomista para o prefeito ter autonomia, que não tinha, quem mandava era o presidente da República, não é. E na reforma da Constituição de 34, depois da Revolução de São Paulo, que aliás era interventor, ele conseguiu introduzir na discussão dessa Constituição um dispositivo que dizia que o Rio de Janeiro tinha que ... o Distrito Federal, naquele tempo era Distrito Federal que chamava, O Distrito Federal tinha que ter uma Câmara Municipal, e que nessa câmara... na eleição para a Câmara Municipal o vereador mais votado seria o... seria o prefeito. O partido Autonomista... Só disputaram dois partidos: o Autonomista, do Pedro Ernesto, e

um partido que chamava-se... das classes empresarias, dos banqueiros, não era conservador não... era... como é que se chamava o partido?... Era dirigido pelo Heitor Beltrão... O Pedro Ernesto ganhou a eleição, foi o mais votado com 90% dos votos (risos)... foi o primeiro prefeito popular da cidade.

AP - Mas eleito indiretamente.

RP - Eleito diretamente... o povo.

AP - Sim, mas ele foi eleito vereador...

RP - Porque ele foi eleito o vereador mais votado.

AP - Sim.

RP - (TI)

AP - Entendi. Muito bem. Ele foi eleito o vereador mais votado, logo tornou-se prefeito.

RP - É.

AP - Não foi eleição para prefeito.

RP - Não.

AP - Eleição para vereador, o mais votado ficou prefeito.

RP - O mais votado de acordo com a lei, seria o prefeito!

AP - Agora o que eu queria perguntar ao senhor é o seguinte: o sr. não acha que essa... localização desses dispensários nessas regiões tão afastadas dos locais onde... as pessoas com alto poder aquisitivo... as pessoas com alto poder aquisitivo não estavam em Campo Grande... não estavam na Penha... não estavam em Marechal Hermes...

RP - ... E estavam em Botafogo, Copacabana e Tijuca.

AP - E por que Pedro Ernesto não fez dispensários em Botafogo, Copacabana e Tijuca?

RP - Porque ele fez... Ele já tinha o hospital Souza Aguiar no centro da cidade.

AP - Que é para.... o Pronto Socorro.. pegar...

RP - Transformou o pronto-socorro em um hospital de atendimento comum... depois da reforma dele. E projetou o Miguel Couto para cá para pegar a Zona Sul da cidade. E já tinha aqui funcionando o Hospital de Ipanema... Não isso veio depois...

AP - Muito depois!

AP - Muito depois.

RP - É. Muito depois. É ...Depois.

AP - Tinham as... as policlínicas privadas. As policlínicas de Botafogo...não é? As policlínicas privadas...

RP - Agora, ele sempre sofreu uma guerra muito grande, principalmente num grupo de médicos que combatia a... soci... a estatização da Medicina...ele sofreu muito e o sindicato foi contra ele.

AP - E que grupo de médicos era esse?

Fita 7 - Lado A

RP - ...que nessa época era comandado pelo dr. Álvares Tavares de Souza.

AP - Quer dizer o Sindicato dos Médicos... o sr. acha que o foi perseverantemente opositor do...

RP - Foi opositor do Pedro Ernesto, embora tivesse concedido ao Pedro Ernesto o título de benemérito.

AP - Como é isso? Opositor, é benemérito...que coisa...

RP - Porque os doutores queriam.

AP - Eles querem emprego, mas...

RP - Eles queriam emprego.

AP - Os do Sindicato também queriam emprego?

RP - Também.

AP - Eles também trabalhavam na assistência pública?

RP - Alguns trabalhavam... Outros trabalhavam na universidade, na Santa Casa (TI)

AP - Mas como então era essa oposição, então? Como o sr. pode nos esclarecer essa... o sentido dessa oposição do Sindicato ao dr. Pedro Ernesto. É oposição, mas torna ele sócio benemérito... como é que isso?

RP - Contradição que só o Hegel explica.

AP - Só quem explica?

RP - Hegel.

AP - O Hegel?

RP - Hegel.

AP - Sim.

RP - Só ele explica.

AP - (Risos).

RP - Como é que ...

AP - Como é que o dr. Renato explica essa contradição.

RP - Ele explica da mesma forma.

AP - Quem é que do sindicato que o sr. se lembra que era mais... é... favorável ao Pedro Ernesto. Existia alguma divisão com relação ao Pedro Ernesto dentro do Sindicato?

RP - Não, havia uma cúpula que manobrava o sindicato, da qual... dessa cúpula fazia parte... dr. Jaime Poggi, que depois foi... era um cirurgião ginecologista que depois foi diretor da Santa Casa, o professor Renato Machado... e outros aí.

AP - Quem era o dr. Renato Machado?

RP - Renato Machado era um professor ... era um... era um... era um professor de ...tinha sido professor de Otorrinolaringologia em Belo Horizonte, depois veio morar no Rio... Mas essa gente toda combateu Pedro Ernesto.

AP - Eles eram da faculdade também?

RP - Não. O Renato Machado nessa época já tinha sido professor da... já tinha sido criada a Faculdade de Ciências Médicas. Porque quando eu me formei em 1931, só existia duas faculdades de medicina aqui... a Nacional na Praia Vermelha e a Hanemanniana... Depois Rolando Monteiro fundou a Ciências Médicas, na década de 30...

AP - Ciências Médicas que ele fundou na década de 30 e...

RP - Que hoje é a faculdade do estado.

AP - Funcionava onde, essa das Ciências Médicas?

RP - Funcionou... Começou funcionando no Hospital Gafrée Guinle.

AP - Mas esse Rolando Monteiro era do sindicato também.

RP - Foi do Sindicato. Foi o fundador do Sindicato.

AP - Ele criou uma faculdade particular.

RP - Ele criou uma escola particular e depois ele mesmo criou... Rolando era um sujeito muito... muito hábil... conservador mas muito hábil... e Rolando criou a Faculdade de Ciências Médicas... transformou-a ...a ... essa faculdade em... órgão público do... do estado e mais tarde criou a Reitoria do Estado do Rio de Janeiro e foi Reitor do Estado do Rio de Janeiro.

AP - Ele mesmo?

RP - Ele mesmo.

AP - Ele criou a faculdade, depois transformou até virar Reitor...

RP - Até ser Reitor.

AP - Ele é vivo ainda, não?

RP - Não, já morreu!

AP - Quem é que estava ligado com ele que pode contar um pouco essa parte da história da Faculdade de Medicina, que o sr. conhece?

RP - Da Faculdade de Medicina?...

AP - Essa de Ciências Médicas?...

RP - De Ciências Médicas...

AP - Essa é uma parte que o sr. não participou muito, não é?

RP - Talvez o irmão dele, Aurélio Monteiro possa dar...

AP - O irmão dele é vivo ainda?

RP - É vivo.

AP - E era médico?

RP - É médico. Era professor da faculdade...

AP - De Ciências Médicas?...

RP - ... Foi meu professor na faculdade. Substituiu Rolando que era professor de Ginecologia da faculdade.

AP - Ele também ... O Aurélio também era ginecologista?

RP - Era.

AP - Agora, deixa eu entender uma coisa aqui...

RP - [Deve estar] com setenta e tantos anos ou oitenta anos, sei lá...

AP - ... Esses médicos que o sr. esta chamando de conservadores, que estavam no Sindicato, eles também estavam na Academia, ou não?!

RP - Estavam na academia...

AP - Também?

RP - Nem todos... alguns...

AP - Alguns. Alguns estavam na Sociedade de Medicina e Cirurgia?

RP - É possível que sim.

AP - E na Faculdade de Medicina?

RP - Nem todos.

AP - Os catedráticos da faculdade não estão no sindicato...? Na década de 30.

RP - Alguns...

AP - Lá na década de 30...

RP - Na década de 30?

AP - Logo quando o sr. se formou... No início da década de 40... Estamos conversando até 45.

RP - A maioria da faculdade não ligava muito para o sindicato, não!

AP - E os nossos homeopatas, onde é que eles se encontram?

RP - Hein?

AP - ... Estão no sindicato, os homeopatas, estão no sindicato?

RP - Não.

AP - Eles tem sua própria associação?

RP - Tem uma Associação (TI)... Brasileira... de... de Homeopatia.

AP - Agora, o... essa... o sentido dessa oposição entre os membros do sindicato e dr. Pedro Ernesto era meio dúbio porque, se por um lado eles se opunham a estatização da saúde, por outro eles se aproveitavam da estatização da saúde?

RP - Eles pleiteavam isso.

AP - Pleiteavam?

RP - Pleiteavam.

AP - Uma vaga.

RP - Uma vaga...

AP - Pra ser chefe lá de um serviço...

RP - É...

AP - Diretor de um hospital...

RP - É...

AP - Chegavam a ser diretores de hospital?

RP - Ah, não sei...! [Alguns... Não], porque o Pedro Ernesto ficou, relativamente pouco tempo, [não é?]. Ele assumiu como interventor em 32... 31... 32... e foi preso em 33.

AP - Qual foi o impacto que sr. vivenciou, já que o sr. já estava começando a sua carreira, quando Pedro Ernesto começava a apresentar essas idéias tão... é... tão diferentes para a época, não é, de criar uma assistência pública, praticamente gratuita...é regionalizada em vários pontos... quer dizer, um ...

RP - ... E , essa gente achava...

AP - ... O modelo dele era um modelo...

RP - ...achava que ia acabar com a clínica. Então, pra castigo deles, quando eles achavam isso, apareceu a Previdência Social...

AP - Depois!

RP - 32...

AP - A Previdência Social é de 32?

RP - É de 32... Logo depois da revolução, Getúlio criou a Previdência Social. 32 ou 33, por aí assim. [Porque] esse período era muito confuso, não se pode analisar exclusivamente em torno do sindicato porque misturado com o Sindicato tem as entidades médicas, tem o Conselho de Medicina...

AP - Mas o Conselho só em 45!

RP - O Conselho... o Conselho... foi criado em 45 pelo Dutra... Depois teve uma briga louca porque o sindicato era contra. Queria... primeiro o sindicato quis assumir a função do Conselho. Depois apareceu uma turma reacionária aí que queria fazer a ordem dos Médicos, só para punir. E por isso esse projeto... esse ... esse projeto de criação efetiva de... do Conselho ficou parado seis anos no Congresso... Seis anos? De 47 a 57... dez anos, [E!] duro. A parada era dura.

AP - Mas se o sr. falou que existia esse tipo de reação ao modelo de assistência do Pedro Ernesto... existiam simpatizantes, ao modelo dele de assistência?

RP - Existiam. Muitos.

AP - A opinião pública, como é que ela reagiu a...?

RP - ...Reagiu favoravelmente... [Sempre] favoravelmente... Pedro Ernesto quando morreu... quando saiu da prisão, foi uma consagração popular. Ele ficou preso quase 2 anos, ou 2 anos e pouco. Quando ele... quando ele foi liberado, ele saiu do Hospital da Penitência... Ele morava na rua Sá Ferreira... O carro que ele viajou não conseguiu andar. Foi empurrado pelo povo, da Penitência, na ... na Muda, na Tijuca, até a rua Sá Ferreira em Copacabana. Levou 5 horas. O povo empurrando. Calçadas apinhadas de gente. Varandas, apartamentos e residências, janelas apinhadas de gente jogando confete, jogando serpentina, batendo palmas... Pedro Ernesto saiu mais ou menos as 3 horas da tarde, da Penitência, e chegou às 11 horas da noite em Copacabana. Levou quase... mais de 5 horas. O carro foi empurrado pelo povo. Quer dizer isso é uma popularidade imensa.

AP - O sr. compara essa popularidade de Pedro Ernesto a... a do Vargas?

RP - O Vargas teve medo de Pedro Ernesto. No entanto, o Vargas devia muita coisa ao Pedro Ernesto...

AP - O que que fez Pedro Ernesto para ele ser tão popular?

RP - A reformas dele de assistência, a cabeça dele, a atenção dele voltada para atender as necessidades do povo, dar escolas, e dar hospitais, e dar assistência médica. Deu o povo o que queria, como quer até hoje: escolas e assistência médica.

AP - Agora...

RP - ... e a ao lado disso ele tinha um outro...um outro troço que foi ... paralelo a isso, ele era um carnavalesco. Gostava de sambas do morro. Fazia caravanas para visitar o morro. Trouxe o samba pro asfalto. Ouvia os sambas no morro, aqueles sambas que [2] anos depois desciam pro asfalto, ele ouvia no morro. Fazia... fazia visitas ao morro. Eu acompanhei algumas dessas visitas...

AP - E ele...

RP - ...Como também... como carnavalesco, ele resolveu instituir o desfile das escolas de samba na Praça XI. E logo depois botou pra Avenida Presidente Vargas.

AP - Ele era um bom orador?

RP - Não, ele não era um grande orador do tipo Lacerda, não era. Mas falava bem. Falava com franqueza.

AP - E no rádio, como ele era no rádio. Porque o rádio que era um meio de comunicação como é a televisão hoje em dia, não é?

RP - É!

AP - Ele sabia falar no rádio, ele tinha programas no rádio...

RP - Não, não tinha programa no rádio, não...! Pedro Ernesto fundou o Partido Autonomista. E ele tinha um ... ele foi muito perseguido... e quando em 32 foi fundada a ... apareceu a Ação Integralista, era o período áureo do nazifascismo, desde Mussolini, na Itália e Hitler, na Alemanha, o Pedro Ernesto se insurgiu contra isso... se insurgiu ... e criou até... Fez resistência ao incremento do Integralismo aqui. Que era o fascismo [verde], fascismo crioulo não é, daquela época...

AP - E o que isso tem a ver com o Pedro Ernesto?

RP - Ele criou a polícia municipal para combater encobertamente a Ação Integralista... Os integralistas andavam de camisa verde...

AP - Na rua...

RP - Para se identificar...

AP - Andavam na rua com a camisa verde?

RP - Andavam na rua!

AP - Com o símbolo?

RP - Com o símbolo.

AP - Do... Aquele símbolo...

RP - É... fazendo "rai".

AP - Não era "Anauê"?!

RP - Anauê. "Hi, Hitler!", não. Era como se fosse...Fazendo "anauê"...

AP - E ele perseguia esses integralistas?

RP - Não. Ele criou a polícia municipal para acabar reprimindo... com a finalidade específica, primordial, de combater o advento do fascismo no Brasil.

AP - E os comunistas?

RP - Os comunistas naquela época não faziam nada... era uma porcaria... compreendeu?

AP - Mas ele era.. era tido como um

RP - Foi. Foi acusado...

RP - ... um amigo, afilhado, filiado, aliado...(dr. Renato continuas falando junto)

RP - Mas, não era. Podia ser, quando muito, simpatizante. Porque na Revolução de 30 ele cedeu o Teatro João Caetano a um comício da Aliança Nacional Libertadora, uma organização clandestina, que havia sido fundada clandestinamente pelo Partido Comunista, mas que tinha homens que não eram comunistas, nessa direção, como Herculino [Cascalho]... veio um jornalista aí, o Benjamim Cabelo, e o... Manuel Venâncio Campos da Paz, médico. Eram dirigentes da Aliança Nacional Libertadora. Mas os comunistas... trabalhavam bem pra impedir o fascismo no Brasil. Só que o Pedro Ernesto encarnava uma bandeira antifascista...

AP - Que era a mesma bandeira dos comunistas...

RP - Hein?

AP - Que era a mesma bandeira dos comunistas...

RP - Não...

AP - O anti-fascismo...?

RP - Bandeira antifascista...? Era a mesma bandeira dos comunistas...

AP - Agora... dr. Renato, então vamos voltar lá pra Ilha... Para acabar com a Ilha. A gente às vezes... agente... vai um pouco adiante...

RP - Mas eu não tenho grande coisa pra contar, não...

AP - Não tem coisa pra contar, não?!

RP - Não! Grande coisa não.

A - ..Foi lá que o sr. contou aquela história da garrafa não é?

RP - Não, aquilo foi no Souza Aguiar.

AP - Qual é a história curiosa da sua vida de cirurgião na Ilha...

RP - Na Ilha...

AP - ... No dia-a-dia... além do senhor ter convivido muito com o Pedro Nava lá, não é? O sr. conviveu lá com Pedro Nava não é isso?

RP - Não havia... não havia nada de importante na Ilha. [A Ilha] era um plantão muito chato. A gente não tinha... as vezes quando se via uma ambulância... tinha uma saída para ver. A gente estava lá... já tinha passado a noite. De manhã...

AP - Tocava o telefone...

RP - ... de manhã chegavam os colegas que faziam ambulatório na Ilha... a gente ainda tinha com que se distrair. Fora disso, era fazer a tarde toda... batia um telefone... Deixa que eu faço! Deixa que eu faço! Você fez a última...Eu e o Nava...

AP - Agora...

RP - ... Passear na Ilha para distrair...

AP - ... eu perguntei pro senhor da outra vez, o sr., não sei se...eu me lembro se o sr. Respondeu ou não respondeu... o sr. não achava que... o sr. que tem uma tão... uma consciência do bem público tão grande, não é, o sr. não acha que era um desperdício de dinheiro, esse atendimento lá na Ilha? Dinheiro público?

RP - Não. Não acho não...

AP - Um corpo clínico, um hospital...

RP - A Ilha...

AP - ...e ninguém trabalhava...

RP - ... a Ilha tem um... depósito de gasolina lá, muito importante. Todas as companhias de gasolina têm estoque lá... tinham... ainda têm... E havia um projeto, não sei quando saiu, de ligar a Ilha a uma ponte... a Ilha ao continente por uma ponte... Não sei quando saiu essa ponte... acho que foi no Governo Dodsworth não é, Chagas Freitas, sei lá. né? De modo que o Pedro Ernesto sabia disso, porque isso já existia. De modo que ... E que tinha também uma base aérea na Ilha... tem, ainda... De modo que... então ... dá assistência médica lá.

AP - Quer dizer, na Ilha como no Rocha Faria, era mais pronto-socorro do que paciente internado.

RP - Eram [noutras] condições. Todos os dois faziam mais pronto-socorro... mas a Ilha fazia muito paciente internado porque a Ilha tinha vários ambulatórios, enquanto que no... vários ambulatórios com especialistas, podia internar doentes, e na... na... em Campo Grande... o negócio era muito diferente porque a população era mais miserável do que a da Ilha...

AP - A população da Ilha, como a de Campo Grande, tinha assim a... a consciência da importância, do significado do atendimento médico-hospitalar... na década de 30?

RP - O sujeito quando está doente tem consciência de que precisa de tratamento, [sabe]?

AP - Sim, mas... tratamento médico? O sr. nos falou agora há pouco que lá no início do século eles... eles... é ... simulavam... é ... caírem para...

RP - ... Para dar consciência a população...

AP - ... isso. Agora, lá em... lá em Campo Grande eles tinham esse tipo de consciência ou ... ou praticavam a auto-cura ou a cura com... curandeiros...

RP - O curandeiro sempre existiu. O curandeiro sempre existiu... Macumbeiro... curandeiro sempre existiu...

AP - Campo Grande, que é uma região mais agrícola...

RP - Era mais agrícola...

AP - Pois é. Como também a Ilha que é uma região meio erma, né... ná época que o sr...

RP - A ilha era meio erma, mas a Ilha tinha os depósitos de petróleo das Companhia de Petróleo... [os tanques] ... tinha a base da Aeronáutica...

AP - O sr. não acha que o... que esses hospitais de Campo Grande, da Ilha, de Marechal Hermes, não é, da Penha... também não tiveram como objetivo, vamos dizer, assim, educar essas populações mais distantes do centro...

RP - ... tiveram evidentemente...

AP - ... para a utilização do serviço médico?

RP - ... Evidentemente. A educação era ... era ... era o ... era a arma política de Pedro Ernesto.

AP - Educação para saúde.

RP - Para a saúde... e se (TI) para a saúde. O trabalho que ele fez com o Anísio Teixeira, que era o secretário de Educação dele, que na minha opinião foi um dos maiores pedagogos do Brasil, morreu imprensado no elevador de sua casa .

AP - Como foi isso?

RP - Há, muito anos!

AP - Mas como foi esse... essa morte dele? Do Anísio Teixeira?

RP - Ele entrou num elevador que estava mal regulado.

AP - E ele começou a andar?

RP - Andou.... e caiu... ele foi imprensado no chão.

AP - Ah, ele caiu no fosso...

RP - Caiu no fosso... A porta estava ruim....

AP - Lá no... no Paulino Werneck, como no Rocha Faria, ou no Carlos Chagas, ou no Getúlio Vargas, alguns dos seus colegas, além de trabalhar no hospital, tinham consultório particular na mesma região?

RP - Quando todos tinham. Quando todos tinham.

AP - Eles não faziam como o sr., que tinha consultório aqui no Centro e atendia lá na Penha... Eles tinham... atendiam na Penha e tinham consultório na Penha.

RP - Tinha um que...Eu tinha um colega de plantão, quando eu entrei para a assistência, que... morava em Niterói, operava em Niterói e vinha para os plantões dele, fazer aqui...

AP - Mas... é... vamos ver assim... é... lá no Rocha Faria os seus colegas eram a maioria que trabalhava com consultório particular na região de Campo Grande ou fora da região de Campo Grande?

RP - Fora da região de Campo Grande.

AP - E na Ilha...?

RP - .. alguns não. O primeiro plantão que eu dei lá, um era meu colega de turma da faculdade, morava em Campo Grande e clinicava em Campo Grande... Porque o sujeito se virava e preferia... trabalhar num lugar da [assistência...], da rede assistência perto da sua casa.

AP - Claro. Agora, pra esse que trabalhava em Campo Grande, tinha consultório em Campo Grande e trabalhava num hospital em Campo Grande, o hospital não concorria com a clínica dele privada?

RP - Sempre ele dava um jeito de desviar um ... um doente que tinha melhor recurso...

AP - Como é que é "dava um jeito"? Como é que eles davam um jeito?

RP - Dava um jeito...

AP - Risos

RP - ... de dizer que no consultório era melhor para ser atendido. Então cobrava lá sua consulta...

AP - No consultório! Ou cobrava no hospital?

RP - No hospital não cobrava... Doente que tinha um melhor padrão, um melhor *status*, eles forçavam a barra e com jeitinho encaminhavam pro consultório particular. Como até hoje tem gente que faz... faz isso aqui na assistência.

AP - Para não concorrer, não é?

RP - Hein?

AP - Para pegar clientela no hospital público, para levar...

RP - Pegar clientela. No Miguel Couto tem. Não vou citar o nome, porque ele é meu amigo. Mas é um... é um... um grande médico, de renome... Que... Doente... Uma vez um amigo meu quebrou uma perna. Procurou o hospital. (TI) Me telefonou para casa, [sabe]! “Eu estou no Miguel Couto, estou com a perna quebrada.”[mandou telefonarem]. Eu [vim a ele]. Ele disse... [eu disse]: Fulano, eu sou amigo dele até hoje, eu queria que... tem uma fratura de... exposta de perna de um amigo meu, que tá aqui no Miguel Couto, havia dificuldade em internar... não tinha vaga. Quando eu disse a ele que ele tinha seguro saúde, ele disse: Ah, então bota na ambulância e leva para o meu hospital! E foi.

AP - Ambulância pública?

RP - Ambulância pública.

AP - Bacana!

RP - É.

AP - Sim, mas isso agora. Agora, vamos voltar lá pro...

RP - Naquela época...

AP - ... para o Rocha Faria lá... Eu estou começando a entender melhor esse negócio. O sr. tinha seu consultório aqui e atendia lá no Rocha Faria, um dia inteiro, 24 horas. O sr. passava um plantão. Agora, aquele... (dr. Renato balbucia algo) aquele seu colega que tinha consultório lá em Campo Grande e trabalhava no hospital em Campo Grande, pra ele trabalhar no hospital de Campo Grande era uma coisa que dava para ele nomeada, ou não?

RP - Pra ser conhecido da população de Campo Grande era importante. Levantava bem a clínica.

AP - Levantava a clínica.

RP - É.

AP - Uma coisa que dava prestígio.

RP - É. Embora fosse um meio muito pobre, quase que miserável. Sempre tinha gente... tinha os estancieiros, uns sujeitos que tinham os seus sítios, produziam [extensas] produções.

AP - E eles não iam pro Rocha Faria, eles iam para o consultório.

RP - Eles iam para o... Iam para o consultório.

AP - E a hora que tinha que operar alguém, operava onde? Lá em Campo Grande? Tinha alguma clínica particular?...

RP - ...Tinha...

AP - Tinha hospital particular?

RP - Hospital particular. Hospital particular (fala rindo). A casa de... A grande casa de saúde que tinha lá em Campo Grande e pertencia a um médico, um bom cirurgião, com bom renome.

AP - Como é que era o nome dele?

RP - Raul Boaventura. Boaventura fazia política em Campo Grande. E deu muito apoio ao Pedro Ernesto... ao Partido Autonomista... Mas, acabou...

AP - Como é que ele deu apoio a Pedro Ernesto...?

RP - ...acabou vendendo a Casa de Saúde dele para Prefeitura.

AP - E hoje em dia é...

RP - ...Essa pocilga que eu falei era casa de saúde ele.

AP - Ah, tá. Sim, mas depois que ele vendeu, existia uma outra opção de hospital particular em Campo Grande.

RP - Não.

AP - Então esse cirurgião que trabalhava no Rocha Faria ele operava onde?

RP - Ele operava... na clínica dele em Campo Grande. No próprio hospital

AP - Na própria clínica dele ou no hospital Rocha Faria?

RP - O hospital Rocha Faria não existia... Tanto que depois ele foi perseguido, foi acabar na Ilha do Governador.

AP - Ele quem?

RP - Ele, Raul Boaventura.

AP - Sim, o Raul Boaventura, agora eu estou falando...

RP - Já morreu...

AP - Muito bem. É... O... Eu estou falando o quê?] Eu estou falando em termos de hipótese. Um outro cirurgião em Campo Grande na década de 30 que tivesse o seu consultório em Campo Grande ele iria operar a onde? A onde que ele operava?

RP - O único cirurgião que tinha em Campo Grande... e que foi a razão de... deles deslocarem médicos cirurgiões para dar assistência cirúrgica a todas as equipes, morava no Rocha.

AP - E não em Campo Grande...

RP - Tinha sua clinicazinha... num bairro da Central... [Que] era bem mais perto do que (TI) lugar.

AP - Bem, então é... o sr. acha que da Ilha então não tem mais muita coisa pra falar.

RP - Não, da Ilha não!

AP - E aí então o sr., graças ao sobrinho do Padre Olímpio, o sr. foi nomeado... chefe lá do...

RP - ... chefe de clínica do Hospital Carlos Chagas.

AP - Certo...

RP - Foi encarregado de montar o hospital, de escolher os assistentes do hospital depois que... quando ele foi inaugurado...

AP - Ele foi inaugurado em que ano?

RP - Foi inaugurado em trinta e... oito.

AP - E como é que eram as dependências dele?

RP - O hospital era muito bom.

AP - Comparando com o Paulino Werneck, o Rocha Faria...

RP - Não. Era um hospital com um centro cirúrgico bom. Aliás, tinha dois centros cirúrgicos. Um no primeiro andar para urgência e outro, no segundo pavimento, para

rotina [diária]. Primeira cirurgia, na inauguração do hospital, fui eu que fiz... eu operei os dois primeiros doentes...

AP - O sr. operou de quê?

RP - Um, era uma mulher com hemorragia interna... e o outro era uma hérnia estrangulada.

AP - E como é que era mais o hospital? Quais eram os outros serviços que ele tinha.?

RP - O serviço era bom. Eu tinha montado serviço...

AP - Tinham 7 serviços também.

RP - Não, só (ruídos) tinha 7 equipes...

AP - Que nem o Souza Aguiar...

RP - [Quando eu] escolhia os assistentes... era uma tragédia, porque ninguém queria ir pra lá.

AP - Por que Marechal Hermes naquela época era mais longe do que Campo Grande?

RP - Não, porque Marechal Hermes é antes de Campo Grande.

AP - Sim. Mas era mais difícil de chegar?

RP - Porque a estrada... só tinha a antiga estrada Rio-São Paulo. Só tinha a antiga estrada Rio-São Paulo. De automóvel... porque a maioria dos médicos morava na Zona Sul, ou na Tijuca... Tinha que gastar muita gasolina pra chegar lá...

AP - O pessoal não queria não...

RP - ...E quebrava muito carro nos buracos da estrada.

AP - (Risos)

RP - Depois é que fizeram a rodovia Presidente Dutra... melhorou muito. Havia assaltos no caminho.

AP - Assalto?!?!

RP - Assalto.

AP - Assalto na década de 30, também tinha?

RP - Tinha. Na década de 30, não. Em 36 tinha assalto.

AP - O senhor foi assaltado alguma vez?

RP - Eu não fui assaltado, mas ameaçaram me assaltar quando eu ia de automóvel para Campo Grande... mas eu ia uma vez por semana só.

AP - Ameaçaram... E como foi essa tentativa de assalto?

RP - Essa tentativa de assalto foi... Era... Eu ia... Eu entrava 7 horas da noite. Eram 6 e pouco, 6 e meia para 7 horas. Eu ia... depois do Campo dos Afonsos eu ia pela estrada... quando vi um sujeito deitado no chão. Eles paravam, metiam uns galhos de árvore... pra dar socorro, para assaltar. Tentaram me assaltar. Mas eu que estava... conhecia o... costume, engrenei uma segunda... o sujeito ainda pulou fora, ainda peguei de raspão, o sujeito que tava caído no chão, ia passar por cima dele, depois esse sujeito chegou ao meu plantão lá com escoriações.

AP - O sr. tratou dele?

RP - Hein?

AP - O sr. tratou dele?

RP - Tratei. Mas ele não... ele não me identificou.

AP - Ah, não?

RP - Não eu não...

Fita 7 - Lado B

RP - ...Pulou fora. Pulou fora, mas eu bati nele.

AP - Qual era o seu carro?

RP - Naquela época... trinta e

AP - ... seis não é?...

RP - ...seis... Acho que era um Chevrolet.

AP - Mas era um carro novo ou um carro velho?

RP - Era um carro novo. Relativamente novo.

AP - Um médico, com cinco anos de formado, ganhava o suficiente pra comprar um carro novo.

RP - Ganhava.

AP - E hoje?

RP - Hoje. Tem que arranjar dinheiro emprestado (risos).

AP - Esta certo. O dr. Renato, o sr. podia então descrever um pouquinho para a gente como era esse...

RP - ... Hoje eu já dei um telefonema...

AP - Hã...

RP - ...aliás [não] fui eu que dei o telefonema, de um velho amigo meu, médico, ortopedista... que vai publicar uma carta no Globo. Ele viu um anúncio da... da Light sobre o concurso de vários, saiu no jornal, de várias... de vários cargos. Então o salário de médico é de R\$ 600,00... que a Light oferece. Então ele me disse: Você foi médico da Light, ele me dizia hoje ainda. Naquele tempo o médico da Light era um lugar invejado por qualquer médico, porque pagava bem. Era um serviço chato, mas pagava bem. Eu fui médico da Light.

AP - E hoje em dia?

RP - Hoje em dia é [isso], 600 reais.

AP - Isso não é pagar bem não, hoje em dia?

RP - Para médico não. [Mas] o médico do serviço público... ganha mal.

AP - É, hoje, dia 8 de dezembro, os médicos do serviço público municipal estão em greve, não é?

RP - Estão.

AP - E o próprio prefeito César Maia está... é condenando o diretor do Souza Aguiar, de quem nós estamos falando aqui o tempo todo, do Souza Aguiar, e o... prefeito está falando cobras e lagartos aí nos jornais sobre...

RP - ...É. Eu li hoje...

AP - ...sobre o diretor do Souza Aguiar.

RP - É. Que aliás é um bom... bom diretor... Eu não o conheço profundamente mas é um bom diretor.

AP - Agora... dr. Renato... Como é que... O sr. podia descrever um pouco para a gente como é que era... o Carlos Chagas quando o sr. foi pra lá até o momento da sua inauguração.

RP - [Podia] falar que era um hospital com... com a construção terminada e faltando equipar. Então...

AP - Tinham dois andares o sr. falou?

RP - Tinham... Dois andares.

AP - Um térreo e um 1º andar.

RP - Um térreo e um 1º andar.

AP - Sim. O térreo tinha uma sala cirúrgica, um centro cirúrgico...

RP - Tinha um centro cirúrgico para emergência, tinha uma[s] enfermarias[s] de pronto socorro, pra examinar doente, deixar repousando para depois dar destino a ele. E no segundo andar tinha enfermaria de cirurgia, duas enfermarias de cirurgia: uma de homem e outra de mulheres e uma de crianças, menor... e tinha ... duas enfermarias de clínica médica, cujo chefe era o Pedro Nava e tinha um... duas enfermarias de obstetrícia. E tinha os ambulatórios de todas as especialidades médicas. No meu serviço de cirurgia eu tinha... um... ambulatório de homens, um ambulatório de mulheres...

AP - Quantos leitos?

RP - Hein?

AP - Quantos leitos?

RP - Não, ambulatórios...

AP - Ah, ambulatórios. Desculpe!

RP - De homens, de mulheres, um para crianças... um de ortopedia... um de urologia... um de ginecologia... E tinha, estranhamente, um de otorrino, porque eu nunca fiz otorrino, nem ninguém do serviço fazia otorrino, mas tinha um especialista lá.

AP - Como ninguém fez?!?

RP - Hein?

AP - Como ninguém fez?!?

RP - Hein?

AP - Não entendi o que o sr. falou!

RP - Eu nunca fiz ortopedia... otorrino. Nunca operei otorrino nem tinha nenhum otorrino. Mas tinha um otorrino específico como meu assistente de serviço.

AP - E ele não trabalhava?

RP - Trabalhava. Ia todo dia de manhã.

AP - Mas não atendia ninguém...

RP - E quando tinha de operar ele operava.

AP - Operou alguém?

RP - Operou.

AP - Ah, sim. E ele também era mais um hospital de pronto-socorro também.

RP - É.

AP - E a clientela dele?...

RP - ...Não, não era... não era de pronto-socorro. A parte de pronto-socorro é uma coisa, e a parte de... assistência de rotina existia todo dia. Eu ia todo dia ao hospital...

AP - Tinha quantos internos lá? Quantos leitos?

RP - Eu tinha... 30 leitos de homens, 30 leitos de mulheres... uns 15 leitos de crianças.

AP - Era maior do que o Souza Aguiar, então?

RP - Não. Era maior porque era... o único serviço. Souza Aguiar tinha sete serviços. Lá só tinha um.

AP - Ah, tá. O Souza Aguiar era mais um pronto-socorro... Mas em... com relação...

RP - Como no Miguel Couto só teve um chefe de cirurgia, no Getúlio Vargas teve um chefe de cirurgia.

AP - Mas no Carlos Chagas era mais esses serviços de internação então que tinham... O sr. falou quantos... 50 leitos, que o sr. fez conta aí?

RP - É. Tinha... tinha...

AP - O sr. falou 20, 20...

RP - ...Internação de rotina.

AP - Internação de rotina...

RP - É.

AP - O sr. contabilizou quantos, 50 [aí]...?

RP - Trinta mais trinta....

AP - 60.

RP - 60, para internar.

AP - E tinham 60 internados, ou tinham leitos vagos?

RP - Não, estava sempre cheio.

AP - Sempre cheio?

RP - Sempre cheio.

AP - Mas Marechal Hermes nessa época era um local meio...

RP - Era um centro militar não é?

AP - Ah, centro militar! E a maior parte dos pacientes eram filhos de militares, parentes de militares?

RP - Não. Tinha...Marechal Hermes tinha... tinha muita indústria lá. Indústria pequena, a pequena... (TI) de pequena empresa que existia. O Campo dos Afonsos era ali perto. Sofria muita uma influência e apoio... é... das guarnições militares do Campo dos Afonsos...[e do próprio Marechal Hermes, eram muito ligados.]

AP - Então os... os clientes... os pacientes do Carlos Chagas eram... filhos, parentes de militares e operários também?

RP - Operários... Era um núcleo... um centro operário

AP - Os pacientes eram vítimas de acidentes de trabalho?

RP - Alguns tinham, alguns não.

AP - Tinham também os industriais?

RP - Tinham, indústrias.

AP - Não, os industriais também iam no Carlos Chagas?

RP - Iam. Quando precisavam, iam, para ser... para serem socorridos.

AP - Para a época era um grande hospital.

RP - Era.

AP - Quer dizer, então nós estamos vendo aí que, é... apesar de todos terem sido um pouco construídos na mesma época, cada um deles tinha um tipo de... dimensão e de clientela diferentes.

RP - É. Dimensão dependia do desenvolvimento econômico e industrial... e populacional do local.

AP - Isso. Esses empresários ajudaram a construir o Carlos Chagas?

RP - Não.

AP - Não deram dinheiro, não?

RP - Não.

AP - Eles entregavam algum tipo de ajuda para...

RP - ...Não...

AP - ...Melhorar a sala do centro cirúrgico...

RP - Não.

AP - Nada!

RP - Não. Que eu saiba, não!

AP - Não interessava a eles o Carlos Chagas funcionar em boas condições?

RP - [Quem começou...] Quando eu trabalhei lá, ele tinha acabado de funcionar, de inaugurar... Depois eu não sei! Depois houve períodos ruins e períodos bons no Carlos Chagas.

AP - Quantos médicos, mais ou menos, trabalhavam no Carlos Chagas, quando o sr. trabalhava lá, em 38?

RP - Eu tinha... 12 assistentes...

AP - 12...

RP - [para os] ambulatórios... mais uns... uma meia dúzia para a enfermaria...[e outras...]. Tinham comigo 18, com Pedro Nava trabalhavam uns... outros tantos... na maternidade trabalhavam outros tantos, trabalhavam uns sete ou oito, que davam plantões... [e] iam lá. A medicina cresceu muito. Quando eu entrei para o pronto-socorro, em 33, transfusão de sangue era um... um parto demorado. Só tinha um doador... que era o enfermeiro chefe do Souza Aguiar, um português gordo que era doador universal. Então ele dava... quando tinha um doente precisava sangue... ele punha o braço [falava]: tira o sangue. Tanto que ele recebeu do Pedro Ernesto uma pensão vitalícia, além dos vencimentos de... coisa...e...

AP - ...De tanto que ele tirou sangue...

RP - ...e o Pedro Ernesto doou uma casa que ele morreu na Av. Salvador de Sá como prêmio pra ele.

AP - Como chamava esse enfermeiro?

RP - Antônio Varejão. Antônio Varejão. [Dou não sei quantas vezes. Ele é que dava, sangue.] Mas para tirar esse sangue, não era como hoje, [essa] sopa de ter sangue conservado... O Varejão esticava ali, tirava, esse sangue era trabalhado por nós, médicos, com um bastão, e um líquido, num... num recipiente esterilizado... pra não deixar coagular...

AP - ...Depois?

RP - ...misturado com anticoagulante. Depois era filtrado por nós... e era reinjetado reinjetado no sangue que precisava do sangue. Quando houve um desastre em que morreu, o automobilista, 1º ou 2º circuito da Gávea, Nino Crespi, um rapaz de São Paulo, da família Crespi de São Paulo... O Crespi teve esmagamento nas duas pernas. A família era uma família de dinheiro. Precisava sangue. O Varejão já apareceu lá. Ele aparecia sempre. Depois a gente dava, ou a família dava, um bom dele... jantar na Lisboeta, na rua... na rua coisa. Ele comia bem, era um sujeito grande, gordo... E estava nono para dar de novo. Ele deu... deu dezenas de doações...

AP - Esses personagens tão notáveis da sua vida profissional, como esse...

RP - ...Varejão...

AP - Varejão. Qual o outro que o sr. gostaria de fazer menção aqui na sua vida profissional?

RP - (TI) médicos, que tiveram... (TI) alguma influência... Como Aldair Figueiredo que foi um homem que... me fez médico... me fez cirurgião, e foi meu chefe... foi perseguido... exilou-se... moveu uma ação em pleno Estado Novo contra a prefeitura. Estranhamente ganhou essa ação. Foi reintegrado e recebeu todos os atrasados. Ma estava *blasé* e não queria mais nada com a medicina. Foi uma pena, foi uma grande perda. Mataram o Aldair com esse negócio todo, mataram o médico, o santo que ele era, um cientista nato que ele era, um professor sem... sem peixa nenhuma, sem nenhum lobby. Era um professor nato. Quando ele foi reintegrado, a sentença que o reintegrou pela Justiça determinava que ele devesse voltar ao lugar de chefe de clínica cirúrgica da Assistência... O Aldair recebeu todos os atrasados, ele tinha afastado da assistência uns 4 anos, clinicando no interior de Minas, triângulo mineiro, não quis assumir o lugar dele. Pediu para ser lotado no Hospital Pedro Ernesto, onde ele dava plantão, e ganhava tempo para fazer seu direito de aposentadoria. Mas não queria mais nada com isso.

AP - O sr. acha que esse período lá no Carlos Chagas, foi o período em que o sr. teve mais responsabilidade do que nos períodos anteriores, menos... Como é que o sr. analisa isso?

RP - Responsabilidade como?

AP - O sr. lá era chefe de serviço...

RP - Eu fui chefe de serviço e depois fui chefe de serviço no Souza Aguiar... também. Aí eu fui 10 anos. Lá no Carlos Chagas eu fui... alguns meses.

AP - Com o passar dos anos qual era o papel do salário que o senhor ganhava na Assistência... representava no seu orçamento?

RP - Isso está difícil de dizer, porque eu nunca fui um homem ávido de dinheiro. Eu defendia uma tese, e defendo até hoje, que o dinheiro foi feito redondo pra rolar, foi feito de papel para poder voar... Nunca tive a preocupação de enriquecer com a profissão. Não sou um homem rico, sou um homem remediado. Gozei bem a vida aproveitando as boas chances que eu tive, mas não tive ambição de dinheiro...

AP - ...Sim. Então deixa eu...

RP - De modo que eu nunca fiz cálculo. Posso dizer apenas o seguinte, quando eu me casei em 35...

AP - Já era Padre Olímpio?

RP - Já... Não ainda era O Pedro Ernesto. 35 era o Pedro Ernesto.

AP - Antes do...

RP - ...Pedro Ernesto foi preso em 36.

AP - Isso.

RP - Quando eu casei em 35, com os vencimentos que eu fazia na Assistência, eu ia todo sábado com minha mulher na casa que a [gente] chamava Casa [Grilo], que tinha uma casa que vendia frutas, um empório, Av. Passos, onde... numa Travessa Belas Artes que tem ali na Avenida Passos... Eu comprava de tudo, enchia a mala do meu carro... Fazia isso todo sábado. Arroz, feijão, frutas, doces...tudo [isso]. E o dinheiro sobrava. O dinheiro sobrava. Hoje, eu vi nossa moeda perder, desde que eu estou vivo, 12 zeros. Você não viu isso? Quantos você já viu? Umas duas ou três?

AP - Não, bastante! Tenho já 36 anos. Já vi um bocado de zero ser perdido aí... Mas...

RP -[Vi] doze zeros...

AP - ... O período Pedro Ernesto, o período do Padre Olímpio e o período do dr. Eduardo. O sr. acha que proporcionalmente quando é que o médico da assistência...

RP - ... Que Eduardo?

AP - É... Do... Como é que fala? Do...

SR - Henrique.

AP - Henrique. Desculpe. Henrique.

RP - Henrique Dodsworth?

AP - Isso. Eu vou fazer de novo a pergunta. Desculpe aí a gravação. Errei no Eduardo. É Henrique. O período do dr. Pedro Ernesto, do Padre Olímpio e do Henrique... Dads... Dodsworth...

RP - Dodsworth.

AP - Quando que o médico da Assistência ganhou mais no seu entender?

RP - No tempo do Dodsworth.

AP - Mais que o Pedro Ernesto?

RP - Não, Pedro Ernesto fez uma coisa... aumentou muito, mas depois desvalorizou, a inflação já existia desde essa época. O Getúlio tirou os primeiros zeros em 33. Tirou os segundos zeros em... no Estado Novo. Depois nem sei quem é que tirou zeros... Não sei se... Talvez eu tenha errado... [não seja] doze zeros, e 15 ou 18 zeros... É difícil calcular isso... Sempre vivi com... vivi bem sem ostentação. Vivi tranqüilo. Não tinha ambição de ficar rico... porque a medicina... operei muita gente de graça... quem não podia pagar não pagava...

AP - ...Mesmo no seu consultório?

RP - Mesmo no consultório tratei... mesmo em casa de saúde tratei... Pra você ter uma idéia: uma vez eu tratei... atendi uma mulher no pronto-socorro, isso foi na década de... 50 e pouco pra sessenta... nunca desviei um doente de hospital que eu trabalhava para clínica particular. Desviei essa. Eu fiquei com pena. Essa mulher estava em lua-de-mel, com o marido que era um cabo da polícia de São Paulo, um sargento da polícia, hospedados num hotel ali na... no campo da Glória, Praia do Russel... [aliás] Largo do Russel.. Estavam hospedados lá. No defloramento ele fez uma ruptura de vagina na mulher...

AP - Nossa!

RP - Ela chegou sangrando lá. Eu costurei a vagina dela e disse: “Agora, ela vai ficar internada aí [uns dois ou três dias]”. “Mas, doutor, como é que eu vou fazer?” - Ele - “Eu trouxe o dinheiro contado para a lua-de-mel... Trouxe o dinheiro contado para a lua-de-mel. Pago não sei quanto num quarto do hotel que eu me hospedei...” Eu disse: “Então vamos fazer o seguinte, com esse dinheiro do hotel você vai internar essa doente na Clínica São Bento, onde eu opero lá em Botafogo, e eu trato dela de graça”. Isso eu fazia. Agora, não sei o nome dessa mulher, eu ia todo dia lá, eu ia ver outros doentes e via essa também... Saiu... saíram felizes. Nem sei o nome dele, nem sei se estão vivos ou não...

AP - Esse tipo de dedicação à profissão...

RP - Isso eu aprendi com meu pai. Que não era cirurgião... mas era dedicado aos seus doentes...

AP - Esse... esse desdém pelo dinheiro e esse interesse maior pela...

RP - ...Justamente...

AP - ...pela... por fazer o bem ao outro. Isso o sr. acha que na sua época a maioria dos médicos agia dessa maneira?

RP - Não! Não. Não. A maioria não agia assim.

AP - A maioria agia como?

RP - A maioria não queria saber de fazer benefício a ninguém, queria era ganhar dinheiro!

AP - Mercenários?

RP - Até um certo ponto, sim!

AP - Desviando clientela do hospital público para o consultório particular...

RP - É. É. Isso existe até hoje.

AP - Cobrando dentro do hospital público?

RP - Tem gente... Há acusações aí... de médicos que cobravam. Havia um médico do Banco do Brasil... que desviava doentes do serviço médico do Banco do Brasil pra tratar particularmente e cobrando particularmente seus doentes...

AP - Havia casos também que o paciente ia para o consultório, pagava a consulta e depois era operado em hospital público?

RP - Havia. Principalmente quando faziam o orçamento dele e via que não dava pra...

AP - Aí o médico ganhava o dinheiro da consulta mas não ganhava o dinheiro da operação.

RP - É. Isso aconteceu muito comigo.

AP - O sr. fez isso também?

RP - Hein?

AP - O sr fez isso assim também?

RP - Aconteceu de eu... um doente que podia pagar, pagava a consulta.

AP - Mas não pagava a operação...

RP - Quando tinha que fazer a operação, eu dava o nome da casa de saúde. Ele ia à casa de saúde: doutor, eu não posso operar! Então não tem importância, eu opero no hospital. Alguns eu operava, outros preferiam bater em outro lugar.

AP - Bom, depois do sr. ter passado praticamente 14 meses no Carlos Chagas, o sr. voltou para o Souza Aguiar?

RP - Voltei. Fiquei... 3 meses...

AP - E aí, nós estávamos tentando começar a estabelecer uma diferença entre esses 3 meses no Souza Aguiar e aquele seu primeiro período no Souza Aguiar.

RP - 3 meses de Souza Aguiar eu tive um atrito com o diretor do hospital.

AP - Que era quem?

RP - Dr. Edmundo Lacaine. Ele era um bom sujeito, sujeito sério. Mas um pouco retrógrado...

AP - Em que sentido?

RP - Ele não sabia medicina. Era um bom diretor porque mantinha o hospital limpo e exigia ponto. O horário dos médicos... dos funcionários. Ele era um homem que corria o hospital, passava dedo nas janelas, se tinha pó ele chamava... passava um carão no servente. Ele saiu atrás de um colega, uma vez lá, que era clínico, porque rasgou um papel e deixou o papel picado no chão...

AP - Por que?

RP - Hein?

AP - Por que?

RP - Porque deixou papel picado no chão. Era um homem assim, tinha essas esquisitices...

AP - Um bom administrador?

RP - Ele tinha mania da limpeza. Mas era um bom administrador. Mas...

AP - ...Qual foi seu atrito com ele?

RP - Meu atrito com ele foi por causa de um caso de tétano.

AP - Tétano?

RP - É.

AP - Qual foi [o problema]?...

RP - ...Ele passou uma ordem, dizendo que... proibindo doenças contagiosas, que se internasse doentes com doenças contagiosas... infecto-contagiosas. Eu internei um doente com tétano. Tétano não era contagioso. Era uma doença infecciosa, mas não era contagioso... No dia seguinte ele me chamou. “Você corre o ...”. Eu digo: “Eu tratei o doente, fiz as infiltrações todas, cauterizei o [choque de entrada], dei soro nele, estou dando soro nele...” Ele disse: “É, mas vai me contaminar o hospital todo”. Eu digo: “Ora, doutor (eu o chamava respeitosamente de doutor, era muito mais velho do que eu), eu... o tétano não é doença contagiosa...é doença infecciosa, mas não (PI) contágio. Uma vez que eu já destruí os focos, [tudo isso...] Ele aí disse assim: “Eu também sou médico. Eu também... Eu digo: “O senhor é médico, não; o senhor pensa que é médico, porque a sua medicina esta parada”. Eu perdi logo as estribeiras. Aí ele me jogou no Carlos Chagas... no Getúlio Vargas que ia inaugurar. Lá, eu joguei dama, xadrez o tempo todo, durante seis meses até inaugurar o hospital...

AP - Antes de inaugurar o sr. foi pra lá?

RP - Antes de inaugurar e fui pra lá.

AP - O sr. ficou lá seis meses jogando dama.

RP - Jogando xadrez. Agora o diretor do hospital que estava lá, [dr. Evandro] Chagas, exigia ponto. Não estava eu sozinho, tinha outros médicos lotados lá... o hospital (TI) aberto, nem ambulatório tinha... (TI) equipamentos do hospital,... Getúlio Vargas... Até que ficou pronto. Aí eu fui trabalhar na cirurgia...

AP - Já no Getúlio Vargas...

RP - Já no Getúlio Vargas. Mas eu não gostei, não...

AP - Por que?

RP - ... de trabalhar lá. Tive um atrito com o diretor...

AP - O sr teve atrito com tudo mundo, não é dr. Renato?

RP - ... Esse foi meu mal... Briguei muito. O dia que você for ler esse livro você vai ver... Eu conto essas estórias todas.

AP - E lá no Getúlio Vargas o sr. brigou dr. Renato?

RP - Eu briguei porque é o seguinte: de saída eu fui para o ambulatório de homens.

AP - Sim.

RP - O diretor fazia muita questão... era um sujeito, bom sujeito, sério, honesto... dr. Carlos Gama... Fazia muita questão de regulamento. E digo: “Ah, ele quer regulamento?

Deixa comigo!” (risos). O regulamento dizia: compete ao médico de ambulatório atender diariamente 10 doentes novos e 20 antigos...

AP - Esse regulamento, ele que criou!

RP - Heim?

AP - Ele que criou?

RP - Não, o regulamento era da Secretaria, não era dele não. Ele cumpria... Eu disse.. Mas ambulatório, na minha... na minha formação, na minha escala dentro da Assistência, eu era cirurgião-assistente nessa época, devia ser para um cirurgião auxiliar ou outro qualquer. Mas era perseguição. Não deixava de ser uma forma de perseguir lentamente. Eu percebi isso. Então [na hora] eu fui pergunta ao Gama. Eu virei e disse... Eu fui e botei... Quando chegou meio-dia, [eu estava as 8 horas aquele dia], sobrava uns doentes aí que não havia sido atendidos. Eu digo: “Vocês vão ao diretor do hospital se queixar que não foram atendidos porque minha hora já estava terminada”. Chegava na sala de espera e dizia isso. Um dia, dois dias, três dias... No quarto dia o Gama chegou. Me interpelou: “Porque que você não está atendendo todos os doentes? Estou seguindo seu... o regulamento da Assistência. Está aqui o regulamento. Estou fazendo todas as fichas, estou atendendo todos os doentes, peguei o fichário”, comecei a mostrar. Tudo escrito por mim, estou fazendo todo o serviço. “Atendi religiosamente o que eu tenho obrigação de fazer. Ah, mas isso não é necessário, necessário e não deixar sala de espera cheia”. Eu digo: “O sr.”, eu sempre tratava ele de senhor, “ o senhor faz um memorando dizendo que eu não preciso cumprir o regulamento da Assistência nos artigos tais, tais e tais, que eu estou satisfeito”. Aí...ele não fez. Me tirou do ambulatório e me jogou para enfermaria, que era... Mas eu senti que o ambiente tava meio pesado pra cima de mim. Eu tinha... trabalhava noutro serviço na Beneficência Portuguesa... eu então resolvi pedir transferência para o Méier.

AP - Mas espera aí, antes do sr. pedir transferência pro Méier... deixa eu... deixa eu... esta parando aí... Vamos parar então.

Fita 8 - Lado A

RP - ...do nível. Espera aí dr. Renato.

AP - A porta está aberta?

RP - Está. Está aberta. Está abrindo. (diz o dr. Renato levantando-se para procurar a chave)

B - Espera aí dr. Renato.

RP - Deixa eu ver. Acho que eu guardei a chave...

A entrevista é interrompida e reiniciada.

RP - [Eu trabalhei] na Beneficência Portuguesa. Era cirurgião da Beneficência Portuguesa.

AP - Quando é que o sr. entrou para a Beneficência?

RP - Entrei em 37 até 41.

AP - Mas deixa eu... deixa eu entender uma coisa que o sr. Vinha falando agora, antes... sobre esse novo regime da Assistência. Quer dizer... até então esse novo regime o médico tinha só o plantão das 24 horas. Agora passou a ser em função do número de doentes.

RP - Agora... aí de ambulatório. Atendimento de ambulatório...

AP - Atendimento de ambulatório era... era por doente...

RP - Por doente...

AP - O atendimento do pronto-socorro é que era por hora.

RP - É.

AP - ...Que é por hora. Mas isso desde o Pedro Ernesto?

RP - Desde o Pedro Ernesto.

AP - Tinha essa distinção...

RP - É.

AP - Então o cumprimento para quem trabalhasse em ambulatório era... O sr. falou quantos...

RP - 4 horas.

AP - Quatro horas ou...

RP - Quatro horas diariamente.

AP - E o número de doentes que ele tinha que atender?

RP - Os doentes que se consultavam no laboratório, que estavam em tratamento...

AP - Mas o sr. não falou que tinha um número máximo?

RP - Tinha um número máximo de 30 doentes...

AP - Sim...

RP - ...Para atender em 4 horas. Sendo 10 doentes novos, diariamente, e vinte antigos.

AP - Esta certo. E aí, quando acabava essa sua cota, o sr. dizia que acabou o seu...

RP - ...Acabou o meu serviço... acabou... acabou o meu horário... Eu entrava às 8 horas uniformizado dentro do laboratório e saía ao meio-dia. Aí o diretor...

AP - ... Mas quando chegava meio-dia tinha gente lá fora ainda esperando.

RP - Ainda tinha esperando... Eu dizia: “Vão se queixar ao diretor.”

AP - O sr. já tinha atendido os seus 30...

RP - Já tinha atendido os meus trinta.

AP - Já tinha cumprido as suas quatro horas...

RP - [Foi] aí que ele veio. Veio... não me deu memorando nenhum, que eu pedi, que eu não precisava cumprir os artigos tais e tais do regulamento... e... me veio... e... botou o genro dele no meu lugar e me botou na enfermaria. Mas eu não gostei de ficar na enfermaria. O ambiente não era bom. Porque... E pedi pra ir pro Méier. [Porque] eu trabalhava... eu tinha um serviço na Beneficência Portuguesa, fui médico de lá, e... trabalhava em neurocirurgia com José Ribeiro [Portugal]. Tecnicamente pra mim era muito mais interessante. De modo que eu preferi fazer ambulância no Méier. Fui fazer ambulância [por um ano e tanto]...

AP - ...Sei..

RP - Quando...

AP - [Continue...]

RP - ... Quando ... quando acabou o Méier...

AP - O sr. já... Já passou da Penha, já foi para o Méier, já acabou o Méier, já foi para o outro.

RP - Fiquei no Méier cerca de 1 ano. Aí virou a administração da Assistência.

AP - Foi pra quem agora?

RP - Coronel Jesuíno de Albuquerque.

AP - Coronel o que?

RP - Coronel-médico Jesuíno de Albuquerque.

AP - Quem era o prefeito do Rio de Janeiro?

RP - Era o Dodsworth ainda. O Dodsworth foi prefeito muitos anos. O... O Jesuíno de Albuquerque... eu tinha amigos no gabinete dele. Eu não me... Não me interessava permanecer na ambulância. Eu queria voltar para o Souza Aguiar. Aí me chamaram ao gabinete do Dodsworth... do... do secretário... do Jesuíno Albuquerque, que eu não conhecia, eu era amigo do filho dele, do Paulo Albuquerque, está vivo ainda... Era amigo do filho dele e do chefe do gabinete dele, professor (Eugênio) Pena. Me conheciam perfeitamente. Então eles me fizeram um convite, pra eu tomar conta da Revista Médica Municipal. Era o órgão de publicação científica da Secretaria de Saúde, [estava] em uma troca. Tinha começado bem, depois com as mudanças todas, [terminou aquilo lá]. E... eles confiavam em mim, e me ofereceram a revista. Eu digo: “Aceito com uma condição...”

AP - Qual revista?

RP - “Eu aceito pra trabalhar de graça, sem gratificação, e sem encargo de comissão nenhuma... junto, com mais um companheiro”, dei o nome dele, Fernando [Marques] dos Reis... eu conhecia bem, e gostava de revista, como eu também gostava, poucas as... “mas quero voltar para o Pronto Socorro, para a equipe do Dr. Rocha Maia”, que era meu amigo, é nome de serviço... de hospital hoje aqui. Do Rocha Maia. Eles toparam isso. E com carta branca. Eu a tive carta branca, tivemos a carta branca. Inclusive de indicar um medalhão para ser diretor da revista.(risos)

AP - Quem era?

RP - Professor Genival Londres. Que era chefe de clínica médica da Assistência.

AP - Que revista foi essa?

RP - Revista Médica Municipal. Eu fiz a revista. Eles me deram tudo. Me deram tudo. Alugaram quatro salas grandes no edifício Marechal Deodoro na rua... avenida Graça Aranha, 81. Esta vendo que a minha cabeça está boa, hein. Apesar dos 74 anos. Mas... Eu tinha a redação lá. Eu fiz tudo que eu queria para fazer... transformar aquele órgão... que era revista médica... boletim de assistência em Revista Médica Municipal. Fiz a impressão na Gráfica Pimenta de Melo, todo em papel couchet, com capa amarela, montei um conselho de redação... o gabinete não interferia nisso. O gabinete não interferia nisso não.

AP - O sr. tinha autonomia.

RP - Tinha autonomia... eu e o Fernando Marques dos Reis, que era o meu companheiro. Nem o diretor da revista, que foi indicado por nós, se preocupava com isso.

AP - Ele estava só de...

RP - ... Só o nome. Só deu o nome.

AP - ... de fachada!

RP - É, fachada.

AP - E do que tratava a revista?

RP - [Era coisa, porque] uma vez em um artigo... um discurso feito pelo coronel Jesuíno de Albuquerque, Secretário de Saúde... nosso... ele era paraninfo de uma turma de enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira... Ele era Secretário de Saúde, [bom] sujeito... e me deram o discurso para publicar na revista... Mas o [Eugênio] Pena, que era o chefe de gabinete dele, meu amigo [Eugênio] Pena que era, estranhou que eu fiz várias... eu e o... mais o Fernando do que eu, Fernando e que [era] encarregado dessa parte da redação, era um sujeito que... conhecia o vernáculo como pouca gente que conheci na vida, que conhecesse o vernáculo, falava... era poliglota... O Fernando fez umas retifica... as correções no (PI) não é... no discurso do Jesuíno. Jesuíno, eu me lembro perfeitamente que uma das (PI) que ele fez foi, quando... o Jesuíno no discurso dele, de paraninfo, falou sobre progressos da ciência, ele falou... ele queria falar nos poços... nas ondas... nas ondas hertzianas. Hertz, Hertz [era]. Falou nos poços artesianos... O Fernando retificou isso e pôs outras retificações desse gênero assim. E eu publiquei esse discurso no noticiário. O Jesuíno Pena ficou puto dentro da roupa... queria que sáísse como editorial da revista. Eu: “Não... aí... absolutamente, não podia sair como editorial. Não podia sair como editorial, porque não é matéria de editorial, é matéria de noticiário. Ah, mas é do secretário!” Eu disse: “Seja de quem for.” Eu me dava bem com o Jesuíno, me dava bem com [Eugênio]. Ele não gostou. Então ele cortou as verbas que eu tinha pra publicar a revista... E tinha um amigo meu...

AP - Isso em que ano?

RP - Hein??

AP - Isso em que ano?

AP - Foi em quarenta e... quatro, por aí assim...

AP - O sr. ficou de que ano a que ano na revista?

RP - Fiquei de 40... não sei... fiquei uns 4 anos na revista. Eu disse: “Sabe do que mais dr. Jesuíno]. Eu não [admito]. Eu não tenho tarracha não. Não posso conceber isso. Eu vou largar a revista. A revista que era bem conceituada, com bom padrão, boa apresentação, a Revista Médica Municipal.. O Fernando Marques dos Reis, [meu companheiro] como redator-responsável, solidarizou-se e o Genival Londres, diretor-responsável, também pediu permissão. Nós tivemos uma crise lá dentro, a revista ficou parada por um tempo, depois eles publicaram, mas caiu, caiu... caiu... caiu... e ficou no fundo do poço.

AP - Agora, vamos fazer uma pausa. Vamos lá?

(Interrupção na entrevista)

AP - Vamos lá! Dr. Renato, o sr... veio falando aí... eu, eu na hora, não me ative muito aos detalhes... quer dizer, a sua saída da Penha e a sua volta para o Souza Aguiar... não, para o Salgado Filho...

RP - Salgado Filho...

AP - Depois da sua saída do Salgado Filho, a sua volta para o Souza Aguiar... aí foi nesse momento, da sua saída do Salgado Filho e sua volta para o Souza Aguiar, que o sr. pleiteou a direção da revista?

RP - Não! Pleiteei, não! Fui convidado, para a direção e impus uma condição.

AP - Que não ganhasse nenhum...

RP - Não ganhar dinheiro... Não ser cargo em comissão, nem eu ter qualquer remuneração extra.

AP - Para com isso o sr ter mais autonomia...

RP - Desde... Trabalhava simultaneamente, desde que me voltassem para o Hospital Souza Aguiar, na equipe do Rocha Maia.

AP - O sr. queria não ter essa remuneração para ter mais autonomia na direção...

RP - Pra ter mais liberdade de dirigir.

AP - Certo.

RP - Aí exigi então que me dessem inteira autonomia... ninguém se metesse na revista...

AP - Isso foi no início da década de 40?

RP - Isso foi no início da década de 40.

AP - Então é... início da década 1940 quais eram as outras revistas médicas que existiam?

RP - Ah... Aqui? Tinha O Hospital, do Jorge Jabour... Tinha A Imprensa Médica, do Neves Manta, tinha O Brasil Médico, que era uma, uma revista que vinha desde os tempos do Império... do Azevedo Sodré, e tinha...

A - Um cafezinho (TI) (*Dona Alice nos oferece café*)

RP - ...O Brasil Médico, do... do... do.... O Brasil Médico do Oswaldo Araújo.

AP - A Imprensa Médica de quem?

RP - Neves Manta. Que tá vivo ainda. Acho que tem 90 anos.

AP - Tá vivo o Neves Manta até hoje?

RP - Tá, tá! É membro da Academia. Foi presidente da Academia duas vezes.

A - Quem quer, quem quer...

RP - Tá lúcido, inteiramente lúcido.

A - Quem quer um biscoitinho (*Dona Alice continua falando*)

RP - Quero chegar aos 90 com a, com a lucidez dele.

AP - O sr. é conhecido, o sr. tem relações com ele?

RP - Tenho.

AP - Ele, bom. Então vamos, vamos. Antes, antes...

RP - É uma figura muito inteligente...

AP - Antes de falar do Neves Manta, vamos ver aqui um negócio. Então tem *Imprensa Médica*, o *Brasil Médico*, como que é chama o outro que o senhor falou?

RP - Hospital, do Jorge Jabour...

AP - Hospital...

RP - ...que [também] era deputado não é?

AP - Jorge Jabour. Qual o outro?

RP - *Brasil Médico*, do Azevedo Sodré...

AP - E o seu.

RP - O meu, possivelmente, *Folha Médica*, que era dirigida pelo (P) Médico, pelo Genival Londres. Que mais que tinha... E tinha revistas de laboratórios... Publicações médicas, eram do Silva Araújo Roussel...

AP - Agora, quais eram as diferenças que existiam entre essas revistas?

RP - As revistas mais importantes, dependia de dinheiro, não é?

AP - Quem financiava a sua era... era a Prefeitura.

RP - A minha era a Prefeitura.

AP - E as outras?

RP - As outras eles... cada um [se] lançava a sua. Explorava a publicidade. A da Prefeitura não podia explorar publicidade porque o D.I.P. não deixava naquela época. Departamento de Imprensa Propaganda. Órgão oficial não pode explorar publicidade... não podia... de modo que eu nunca consegui ter publicidade na Revista Médica Municipal.

A - *(dona Alice fala alguma coisa)*

RP - Então tinha uma verba de dotação orçamentária que me permitia fazer uma revista de bom padrão.

A - Esse é muito gostoso. *(Falando sobre o biscoito que estava sendo oferecido)*

AP - Agora... qual era a diferença da sua revista para com as demais?

RP - Ah. A minha revista com as demais. As demais eram mais antigas. A Revista Médica Municipal já era uma transformação do antigo Boletim de Assistência, foi transformado em Revista da Médica Municipal. E não competia, não! Não havia, não tinha diferença.

A - Quer um pouquinho desse bolo? *(Dona Alice oferece bolo)*

RP - No padrão técnico havia diferença que era a melhor apresentação nossa. [Porque eu não tinha]... não precisava de publicidade.

AP - A sua revista era uma revistas de casos clínicos... qual o conteúdo?

RP - De toda Medicina. Eu tinha um corpo redatorial com três especialistas em cada sessão.

AP - Quantas sessões tinham?

RP - Todas as especialidades médicas clínicas, cirúrgicas e de... auxiliares.

AP - Era mais uma revista clínica ou era uma revista de...

RP - Era uma revista clínica. Exclusivamente clínica.

AP - As outras também eram assim.

RP - Eram.

AP - E o Boletim do Sindicato?

RP - O Boletim do Sindicato morreu. Foi substituído pela revista.

AP - Pela sua revista?

RP - Ah, o Boletim do Sindicato? Não, não... Sempre saía regularmente.

A - Dona Alice pergunta algo

AP - O Boletim da Prefeitura.

RP - Pensei... entendi que eles perguntaram o Boletim da Prefeitura.

AP - Foi substituído pela sua revista.

RP - Foi. Boletim... Boletim da Secretaria Geral de Saúde.

AP - Como é que o sr. explica essa... essa proliferação dos periódicos médicos?

RP - Essa proliferação. Não existia proliferação. Numa cidade, com a população médica que o Rio tinha nessa época, não era muito.

AP - Mas hoje em dia qual é periódico médicos que existe?

RP - Havia muito... Por exemplo, a Sociedade de Pediatria tem o seu órgão. Depois o Colégio Brasileiro de Cirurgiões tem o seu órgão oficial. A Academia tem seu boletim... a Academia de Medicina... o Boletim da Academia Nacional de Medicina. Que lutam todos com muita... Para angariar publicidade que é que mantém isso. Daí a irregularidade com que são feitas as publicações médicas no Brasil. Em São Paulo isso anda melhor do que no Rio.

AP - Isso hoje em dia, né?

RP - Hein?

AP - Isso hoje em dia?

RP - Hoje em dia.

AP - Porque acaba que o senhor...O sr. acha que esse período seu na revista foi importante na sua vida profissional?

RP - Eu acho que todos os... os períodos são importantes, desde quando a gente realiza alguma coisa.

AP - O sr... quando foi diretor da revista, o sr. almejou ser chefe da assistência no Distrito Federal?

RP - Não. Nunca quis cargo público por causa de direção nenhuma.

AP - Nem diretor do hospital?

RP - Nem diretor de hospital. Recusei uma porção de vezes.

AP - Convidavam o sr.?

RP - Heim? Convidavam. Convidaram, e eu recusava.

AP - Por que que o sr. recusava?

RP - Porque o médico é muito difícil de lidar com um médico.

AP - Por que que é difícil?

RP - O médico... o médico gosta de aparecer, gosta de trabalhar mas naquilo que lhe agrada... fazer suas obrigações nem sempre eles fazem isso.

AP - Nem sempre as obrigações lhe agrada.

RP - É. [desagrada].

AP - Eles gostam de ser donos do próprio nariz.

RP - É.

AP - Se alguém disser... tem que fazer isso, tem que fazer aquilo que não seja exatamente o que ele queira...

RP - É, justamente isso. Os (PI) da medicina são (PI). Alice depois você da uma despejada nisso e trás pra cá que é (TI)

AP - O sr. passou assim meio, meio correndo pelo Getúlio Vargas...

RP - Foram 6 meses jogando... jogando... jogando damas e xadrez.

AP - Ele não foi nem inaugurado.

RP - Não tinha sido inaugurado.

AP - Quando ele foi inaugurado o sr. saiu de lá?

RP - Não, eu fiquei 3 meses lá.

AP - E como é que era o serviço lá.

RP - Serviço lá? No primeiro mês eu fui para o ambulatório. Briguei e tal. Entrei... incompatibilizei-me com o diretor, e ele me substituiu.

AP - Sr. se incompatibilizou dessa vez por que, dr. Renato?

RP - Já contei.

AP - Já contou?

RP - Já, aquela hora.

AP - Essa briga o senhor já contou essa? Aí o sr. saiu de lá e foi pra onde?

RP - Não foi por briga, foi um desentendimento.

AP - Sim. Um desentendimento suficiente pra o senhor sair.

RP - (TI)

AP - É. Tá bom. Aí o sr. foi pra onde?

R- Aí eu quis ir pro Méier.

AP - Ah. Aí o senhor saiu de lá.

RP - Porque eu estava trabalhando na Beneficência Portuguesa...

AP - Ah tá. Bom deixa eu, deixa...

RP - ... e estava trabalhando com... no Instituto de Neurologia com o... o... (PI) Portugal.

AP - Tá então vamos saber um pouco aí...Vamos registrar aí pra posteridade, em 1938/39 quando o senhor esteve...

A - Dona Alice fala algo.

RP - Estava no Carlos Chagas.

AP - Não, estava no Getúlio Vargas. Final de 38 e início de 39 o sr. estava no Getúlio Vargas.

RP - Então foi em 32 que eu estava no Getúlio Vargas...

AP - No Carlos Chagas!

RP - É!

AP - Isso.

RP - No Carlos Chagas.

AP - É isso. No Getúlio Vargas, os 5 meses que o sr. esteve lá, o sr. ficou um tempo jogando damas, como o sr. mesmo diz, é... quais eram as dimensões do hospital...Como é que... O senhor poderia nos dar...

RP - (TI) o que esta hoje lá. Ele foi ampliado né.

AP - Claro.

RP - Foi ampliado. O hospital era um hospital bom. Tinha sido planejado. Tinha três andares, se eu não me engano... ou 4 andares, sei lá! No térreo tinha os ambulatórios, o serviço de Raio X. Tinha... tinha clínica médica, cirurgia, tinha ortopedia. Tudo isso tinha.

AP - Também era sistema de equipes também?

RP - Tinha. Todos os hospitais funcionavam com equipes.

AP - Quantas equipes tinham lá no...

RP - 7... 7 equipes.

AP - Também com chefe, assistente...

RP - Chefes e... As equipes do Getúlio Vargas quando inaugurou, tinham um cirurgião-chefe com um clínico e um obstetra. Só faltava fazer emergência.

AP - O Getúlio Vargas só fazia emergência?

RP - Não. Era... tinha a rotina. Tinha a enfermaria de... tinha atendimento de rotina.

AP - Quantos leitos?

RP - Eu tenho, eu tenho impressão... Devia ter uns 40 de homens, 40 de mulheres e uns 20 doentes de... [leitos] pra crianças. Havia enfermaria de ortopedia também.

AP - Havia o quê?

RP - De ortopedia. Havia enfermaria pra, pra Otorrino.

AP - E lá o sr. trabalhou não no pronto-socorro.

RP - Trabalhei...Não. Não. No pronto-socorro não cheguei... Trabalhei no pronto-socorro. Trabalhei no pronto-socorro no começo. Depois trabalhei no... no ambulatório. E trabalhei na enfermaria, [pouco tempo]. Em 3 meses eu fiz isso tudo. Em três meses que eu estive no... cinco ou seis meses no Getúlio Vargas, além da dama e do xadrez que eu jogava, eu trabalhei mais ou menos 1 mês, 1 mês ou um mês e pouco na urgência, como chefe de equipe. Depois fui pra esse ambulatório. Depois do ambulatório passei pra enfermaria. Depois saí, voluntariamente de lá. Pedi pra ir pro Méier.

AP - O seu sistema de trabalho lá também era como nos outros. O senhor trabalhava 24 horas?

RP - Não. Dependia do lugar em que eu estava. Na enfermaria eu ia todo dia. Quando eu estava no plantão, ia 3 vezes por semana.

AP - Era... 6, 6 e 12

RP - 6, 6 e 12. Frações de 6, 6 e 12 horas.

AP - E no pronto-socorro é que era 24 direto.

R- Não. No pronto-socorro era 6, 6 e 12.

AP - Ah, tá!... Esse sistema de carga horária era...

RP - (TI) ia ao ambulatório ele trabalhava das 8 da manhã ao meio dia...

AP - Esse sistema de carga horária pro ambulatório todo dia, pro pronto-socorro 6, 6 e 12, isso era comum em toda rede municipal?

RP - É. Um médico dava 24 horas por semana.

AP - Dividido dessas duas maneiras.

RP - É. De plantões dávamos 6, 6 e 12... e os que não eram de plantão davam das... das 8 ao meio-dia.

(Dr. Renato fala algo com sua esposa)

AP - E o seu consultório particular era sempre à tarde.

RP - À tarde.

RP - Alice pode levar...

AP - Já acabei.

RP - ...a xícara.

AP - Obrigado. O... Lá do Getúlio Vargas o sr. guarda alguma recordação, alguma história curiosa pra nos?

RP - Não... não. Estive, [estive lá], eu tive uns 6 meses talvez no Getúlio Vargas... 6 a 7 meses.

AP - Era longe, era difícil de chegar lá, dr. Renato?

RP - Na Penha? Não tinha a estrada... não tinha a Avenida Brasil, não! Ia pela antiga estrada...

AP - Quanto tempo o sr. levava de Botafogo até lá?

RP - De Botafogo, onde eu morava, levava uns 40 minutos. [Tinha dificuldade de tráfego, por isso]. Tinha que margear a Estrada de Ferro da... da Leopoldina...

AP - O sr. não ia de trem, não?

RP - Não. Trem era... trem era muito chato.

AP - Aí, então, o sr. foi pro Salgado Filho...

RP - É.

AP - ...no Méier...

RP - É.

AP - ... Já em... no final de 39, início de 40.

RP - [Lá, lá, lá] eu trabalhava na urgência. Porque eu... Como eu já disse, eu estava interessado em ... era cirurgião da Beneficência Portuguesa e depois trabalhava em neurocirurgia com o Portugal, com o José Ribeiro Portugal.

A - *(Dona Alice faz uma pergunta ao Dr. Renato. A entrevistas é interrompida)*

RP - [esta época]... desse objetivo seu... se desligar... só fazer exclusivamente sobre história do Conselho de Medicina. Porque o Conselho de Medicina nasceu por interesses motivados pela classe médica, como nasceram também, em épocas diferentes, com diferenças de poucos anos, a Sociedade de... a... o Sindicato dos Médicos, a AMB, as federadas da AMB. E a briga... todos eles se metiam na briga.

AP - Que briga?

RP - A briga entre entidades. A AMB, a Associação Médica do Distrito Federal, que se chamava, que tinha sigla de AMDF, era uma entidade que primeiro lançou a idéia de se criar no Brasil uma Federação, uma Federação Nacional de Médicos. Essa Federação foi criada um ano depois com o nome de Associação Médica Brasileira, tá pujante hoje, foi criada por iniciativa... Mas o preconceito era tão grande, porque a Associação Médica do Distrito Federal era... tinha sido fundada por um grupo de comunistas... médicos comunistas... E o pessoal, que ficou com a direção da Associação Médica Brasileira era profundamente reacionário e conservador. E havia sempre, e existe até hoje, uma rivalidade entre Rio e São Paulo. O Rio tinha praia, o Rio era a capital da República, Rio era importante. E São Paulo tinha mais dinheiro. Mas, São Paulo tinha cento e setenta e tanto... tinha, tinha uma população médica idêntica a do Rio. Sendo só capital, o Rio o que era? Era um município, Estado... Eu tenho até uns dados aqui... Era um município-estado com a... com a quilometragem quadrada muito... muito inferior a do... a do estado de São Paulo, e inferior área da capital de São Paulo. Mas o estado de São Paulo e a... e a cidade do Rio de Janeiro tinham a mesma de população, a densidade de população médica. De modo que o interesse do médico carioca para o médico paulista era diferente. E eles pegavam esse pretexto, da Associação Médica ter uma população... ter sido fundada por comunistas para acusar a associação de comunista.

AP - A AMB foi fundada como?

R- Foi fundada em... a AMB, acho que foi fundada em...agora... agora eu tou meio embananado aqui. Vou te dizer já...

AP - Foi fundada em São Paulo?

RP - Foi fundada em São Paulo. E como já tinha uma das entidades fundadoras da AMB... era a Associação Paulista de Medicina, a sede dela ficou na Associação Paulista de Medicina. (TI) os estatutos os... a AMB teria obrigatoriamente um secretário-geral, um primeiro-secretário e os dois tesoureiros residentes em São Paulo. Mas, o secretário-geral da AMB que tinha todo o poder. Porque o presidente poderia ser de fora. Os três primeiros presidentes foram de São Paulo.

Fita 8 - Lado B

AP - ... Falando da fundação. A AMB é anterior a AMDF.

RP - É, posterior.

AP - Posterior a AMDF.

RP - É.

AP - A AMDF é de quando então?

RP - A AMDF é de 40. Espera aí! 40 ou 50?... 49. E a AMB foi fundada em 50. Embora, sendo uma fundadora da AMB, a AMDF-Rio nunca manteve um bom relacionamento com a entidade mater. Por que? Porque a AMB sempre foi controlada pela Associação Paulista de Medicina, em cujo edifício-sede teve também a sua sede, e por força de dispositivos estatutários tinha 4 de seus dirigentes obrigatoriamente residentes em São Paulo. Assim, é que as suas decisões predominavam sempre os interesses dos médicos paulistas, bastante diferentes dos... dos seus colegas cariocas. As federadas do Rio e de São Paulo possuíam jurisdição, cada uma, sobre a 3ª parte da população médica do país, ficando o terço restante distribuído entre os demais estados da Federação. O Rio de Janeiro era uma cidade-estado com uma área de 1.171 km². E São Paulo era o mais importante estado da União com 17 mil 958... 17 milhões 958 mil 693 km. quilômetros de área, onde floresceu um poderoso parque industrial que se desenvolveu criando atividades agro-pastoris.

O território do Rio de Janeiro é bem menor que o da capital de São Paulo - 1.493 km² -, mas os dois estados praticamente abrigavam a população médica. É de fácil compreensão que o Rio, cidade-município-estado, era uma região de maior concentração médica do país, e o trabalho do médico da cidade e do campo muito diversas, que... que era impraticável estandardizar-se relações idênticas para áreas diversificadas. Isso não foi compreendido pelos dirigentes das primeiras diretorias da amebianas, que nem sempre fizeram um debate amplo e esclarecedor. A discussão franca e cordial sob o falso pretexto de ideologias políticas. Na realidade eles não entendiam de nada. Não sabiam como era a verdadeira democracia. Eram uns títeres nas mãos do sistema.

As lutas da categoria médica pelas mais sentidas reivindicações de melhores condições de trabalho e de melhorias estipendiais, foi travada em torno dos pontos [da entidade nacional]. Mas a AMDF, por ser achar-se... achar localizada na sede dos poderes Executivo e Legislativo, coube o papel de pressionar esses poderes da União para a conquista dos objetivos visados, que não eram exclusivamente dos médicos cariocas, mas eram de a toda classe médica do país. É isso!

AP - Sim! Nós estávamos tentando, Dr. Renato, acompanhar um pouco assim a... recuperar a história do Conselho de Medicina, mas ao mesmo tempo como nós estamos entrevistando aqui o senhor, nós acabamos é... misturando um pouco a história do Conselho de Medicina com a história da profissão médica...

RP - Porque é praticamente isso que... que tem que fazer. Porque o Conselho de Medicina nasceu pela falência do Sindicato. Só havia um sindicato no Brasil: Sindicatos Médico Brasileiro...

AP - Mas porque que houve falência do Sindicato?

RP - Porque o sindicato não defendia os interesses do médico todos, porque era proibido pela legislação trabalhista a... defender o interesse do médico vinculado ao serviço público.

AP - Isso era uma limitação legal ou era...

RP - Era uma limitação legal.

AP - ...interesse do dr. Álvaro Tavares de Souza...

RP - Era limitação legal.

AP - Dr. Álvaro também se interessava por defender o médico assalariado?

RP - Não! Não! Daí nasceu a idéia de se fundar aqui no Rio a Associação Médica Brasileira...

AP - Associação Médica do Distrito Federal...

RP - Do Distrito Federal... Associação Médica do Distrito Federal. E essa Associação Médica do Distrito Federal, no seu primeiro estatuto, [no seu] primitivo estatuto, diz: Finalidade: Artigo 2º, se não me engano: Interferir junto as atividades representativas dos médicos dos estados visando a fundação de uma Federação Brasileira de Médicos. E saíram os médicos daqui para os contatos com os médicos de outras federadas... estaduais... Quando chegou no Rio Grande do Sul, houve uma reunião, e os delegados representantes da AMEG, que tinha proposto essa reunião, não foram aceitos pela Federação Rio-grandense, Associação Rio-grandense que eram comunistas. Nem todos eram comunistas. Tinha uns 3 ou 4 comunistas talvez. [Isso criou um mal-estar]. Então a AMB, fundada com esses objetivos, de defender a classe, servia ao interesses de São Paulo e não do Brasil, do médico brasileiro. A AMB ventilava assuntos que não eram do interesse de todos os médicos do Brasil. E ficou uma rivalidade entre a AMB e a sua

federada aqui. Então a AMB recorreu ao sindicato para dela fazer a sua cabeça de ponte, para combater a federal local. Veja só as coisas como são.

AP - Para combater a AMDF!

RP - É! Então montou-se uma sub-secretaria no Rio de Janeiro, na sede do sindicato, para combater a AMDF, até que em determinada época, em cinquenta e... na década de 50, precisamente em 1956 ou 57, houve um lampejo de inteligência das duas facções: na facção situacionista da AMDF e na da oposição do sindicato. Então isso surgiu, por consenso dos dois grupos, o meu nome para a presidência da AMDF. Eu fui presidente da AMDF... ia ser presidente... aceitei ser presidente por consenso. Mas na hora de assinar um termo de responsabilidade dos representantes autorizados das duas facções, eles não quiseram. A oposição não quis. Porque alegou que embora [estivessem] trabalhando em conjunto pela unidade que levasse a ter... a termos no Rio de Janeiro uma entidade representativa [de classe] sem [distinções], eles queriam... que o candidato fosse... chegou-se a um acordo a uma chapa. Nessa chapa eu era candidato a presidente. Havia um vice-presidente. Eu resolvi dizer aos dois grupos, muitas vezes foram a minha casa pra isso, que eu só não admitia intervenção deles na escolha de dois nomes. O primeiro era o meu substituto, primeiro vice-presidente. O segundo era o secretário-geral. E o terceiro era o tesoureiro. E que outros demais cargos, eram sete cargos na diretoria e 20 cargos no Conselho Deliberativo. Eles podiam entrar em entendimento. Chegou-se a uma conclusão, que aceitaram eles, as duas facções essa minha proposta. E chegaram a conclusão de que a situação poderia indicar para os 20 membros do Conselho Deliberativo 12 membros, e 8 membros da oposição.

AP - A oposição que o senhor diz o que que é?

RP - Era o grupo do sindicato, que combatia....

AP - A AMDF!

RP - A AMDF. O pessoal da situação (da AMDF) assinou a proposta dessa chapa...[Tinha dito] com discussão ampla com eles. Com a oposição também. Até que eu fui levar o documento pra assinar, ao pessoal do sindicato...[numa reunião havida] no Sindicato. Três representantes autorizados da facção a se entenderem comigo. Aí chegou... vieram com exigências que não estavam previstas naquele acordo, do que já tinha sido combinado com eles. Queriam a secretaria-geral e paridade no Conselho Deliberativo... 10 a 10... Eu disse: mas isso não foi acertado! Foi, mas agora a coisa mudou, me disseram eles. Nós conseguimos do Cunha Melo, o Cunha Melo era secretário-geral da AMDF, tinha fornecido ao adversário a relação com telefone e endereço de todos os membros quites que tinham direito a voto. E vira-se um deles e me diz: Ah, nós vamos ganhar essa eleição! Porque o anjinho do Cunha Melo teve... teve a... a idéia de nos fornecer a lista... nós tamos [cabalando], apesar de estar trabalhando por uma chapa da União, pra ganhar a eleição e queremos que você seja o nosso candidato. Eu digo: aí dei um soco na mesa e disse: não pode ser! Eu estou vendo... que trabalhei com pessoal com toda lealdade que é o pessoal da AMDF. E vocês são uns safados. Eu disse pra eles. Não, aí vira-se um deles e diz assim: Mas nós vamos ganhar essa eleição, Cunha Mello deu a relação toda, [TI]... De modo que eu cheguei e peguei aquele coisa, rasguei o documento que eles iam assinar e disse está desfeito o

compromisso de ser o presidente de conciliação. Voltei à Associação Médica... a Associação Médica do Distrito Federal e disse a eles: Aconteceu isso agora, no dia na, na mesma hora. Faltavam 15 dias pra eleição marcada. E aí me perguntaram: nós queremos que você seja o nosso candidato. Eu digo: Vocês agiram com toda lealdade nesse entendimento. Mas eu não pretendo ser, porque não sou um homem ligado às lutas políticas que vocês têm aqui. E uma das acusações que pesam muito sobre vocês é a coloração da chapa. Se vocês estão de acordo em que eu organize a chapa da presidência e do Conselho, eu quero descolorar um pouco essa chapa, pra poder fazer alguma coisa de útil. Concordaram. E me convidaram para presidente e eu aceitei.

AP - Da AMDF...

RP - Da AMDF. 55 a 57... Eles [lançaram] a candidatura do professor Manoel [Luís] Gomes pra ser presidente... e tinha na chapa mais 12 professores catedráticos das faculdades médicas do Rio. Eu quinze dias [tive que... como...] fazer um trabalho. Me cerquei do pessoal que apoiava a AMDF, que era a maioria da população... E o negócio é o seguinte: quando havia uma assembléia geral, a AMDF tinha 4.200 sócios... quando havia uma assembléia geral, [não tinha... eu contei... quando eu assumi a presidência eu contei nos dedos: tinha 80 comunistas, mas numa assembléia geral, vinha 60 a 70 comunistas e não vinha mais ninguém. Era o desinteresse da questão política, que o médico sempre teve, médico quer ganhar dinheiro. De modo que, eu enfrentei essa luta. Logo no começo do meu... do meu mandato, eu recebi um convite... eu determinei (TI) trabalhar limpo... eles perderam a eleição...

AP - A AMB perdeu?

RP - Hein?

AP - O pessoal da AMB e do sindicato perdeu a eleição.

RP - Perdeu a eleição. Eu ganhei 75% dos votos...

AP - Mesmo com a lista lá...

RP - Mesmo com a lista de todos os professores deles. Eu tinha prestígio porque eu tinha sido presidente do colégio pela primeira vez e tinha feito um grande congresso brasileiro e americano de cirurgia, aqui. [De modo] que eu estava na crista da onda]. Bom, aí eles... [tá dando pra ouvir a televisão não?]

AP - Não, eu já fechei a porta.

R Aí eles viraram... eu recebi... eu tinha estabelecido com eles, de comum acordo...

AP - Com eles quem, doutor Renato?

RP - Com os companheiros de diretoria, depois eleito... a minha eleição foi dia 15 de dezembro

AP - De?

RP - ... eu tomei posse... de 57... 57. Aí eu [procurei] divulgar, dar ampla cobertura a todas as resoluções da reunião do conselho deliberativo. [A reunião do] Conselho Deliberativo reunia 20 membros do conselho, mais os sete da diretoria, sob a minha presidência. E no mês de abril, eu recebi uma carta de protesto, assinada... encabeçada pelo professor Manoel Luís Gomes, coitado, meu adversário, me acusando de violar o estatuto da AMDF, assinado por 27 membros da oposição. Eu fui pra casa e redigi uma resposta. Eu estava fresquinho na memória com livro, não sei se você conheceu, (PI) do Brasil, tradição e memória. E nessa correspondência estava o que? O Conselho Deliberativo da Associação Médica resolveu, [divulgo nos jornais todos]: a) Aprovar... o convite do Clube Militar... aceitar o convite do Clube Militar para a candidatura do Marechal Cândido Rondon ao Prêmio Nobel da Paz; b) Atendendo ao convite do Clube Militar, fazer-se oficialmente representar numa assembléia a ser realizada no Clube Militar sob... pelo coronel (TI), diretor da Petrobrás, sobre a política nacionalista do petróleo numa demonstração clara de seu apoio a esta iniciativa. Eu escrevi uma carta de 5 páginas, pro Magalhães Gomes. Mandeí cópia xerox de toda essa carta para os demais destinatários. Uns telefonaram, outros telegrafaram, outros pessoalmente me disseram que tinham assinado sem ler, o tal protesto e que o Magalhães nem sabia daquilo, assinou também sem ler.

AP - E quem que armou aquilo então ?

RP - Foi o grupo mais... mais triste, o grupo ligado à Embaixada Americana, entendeu.

AP - Dr. Álvaro nessa época era atuante?

RP - Quem?

AP - Dr. Álvaro.

RP - Não, o Álvaro não estava mais no sindicato. O sindicato nessa época era... não era mais o Álvaro não. Nessa época o presidente do sindicato era outro (TI) eu não me lembro. Mas, dessa coisa toda, surgiu o... a divergência... minha com o Sindicato. Eles tinham a sede... a sub-secretaria da AMB. Quando o Juscelino, em... na década de 57, eu pleiteei, junto ao Juscelino, que era meu amigo, o direito de... o reconhecimento de risco de vida e saúde para o médico de serviço público. O presidente da AMB, que era o Wilton Rocha, de Minas Gerais, pressionado, mandou um ofício protocolado da Secretária do Palácio do Catete, solicitando ao Juscelino dois benefícios para os médicos: uma elevação... o reconhecimento do risco de vida e uma elevação do... pra quem trabalhasse... o risco de... de vida pro raio X... e outra reivindicação. Eu encontrei o Juscelino numa solenidade social. E ele me perguntou: Como vai a, eu tinha conhecido o Juscelino quando fui presidente do Colégio, 55 a 57: Como vai a classe? Eu digo: Olha, muito descontente com as duas medidas tomadas pelo primeiro presidente médico que lhe dizem respeito, sem discutir o mérito são prejudiciais à classe. E aí ele quis saber melhor. Me chamou num canto, conversou... Ele então fez um pedido: Renato, prepara um ofício lei... prepara um documento qualquer que eu possa conceder um aumento aos médicos do serviço público sem me desfazer atos meus de governo. Eu consultei um advogado, amigo meu, que era [procurador do Loyd, conhecia bem Direito Administrativo, e ele... [deu o ovo de Colombo logo, resolveu logo. É fácil

Renato, reconhecer... um decreto da Presidência República reconhecendo o risco de vida e saúde para os médicos. Eu aí, reuni a Associação Médica, aprovamos o projeto e pedimos audiência ao Juscelino, fomos (TI) entregar anteprojeto. O Juscelino, eu fiz um pedido a ele. Ele sempre foi muito franco, o Juscelino. Ele disse... ele estava de acordo, com aquilo, com os termos do projeto e eu fiz um pedido a ele: que nomeasse uma comissão de médicos para [examiná-lo]. Isso não, Renato, eu tenho o meu corpo de assessores. Eu sou presidente da República, tenho meu corpo de assessores. Mas no dia seguinte, ele pensou melhor, e resolveu... mandou me chamar no Catete. E disse: Eu vou... Resolvi nomear uma comissão, não de médicos, mas do Aragão, do DASP, do... do Edgard Magalhães, que era sub-chefe da Casa Militar dele, da Casa Civil dele, e você como presidente da Associação Médica, para em conjunto elaborarem esse decreto que vocês me trouxeram, que eu possa executar isso. Eu tive (PI) a resistência louca ao Aragão, o Aragão não queria dar. Eu fui... fui ao Juscelino, demorou [nove] meses de gestação, esse decreto. Eu fui ao Juscelino e digo: Olha, o Aragão está atrapalhando tudo. Chama o Aragão pra ter uma conversa junto com Aragão e o senhor. Ele disse: Olha... Chamou. Chegou lá, o Aragão começou com os argumentos dele (TI). Ele disse: Eu não quero saber, eu sou... antes de ser um presidente eu sou um médico, Juscelino virou-se para o Aragão e disse, e quero prestigiar os meus colegas de classe que são mal remunerados. O jeito é este. Esse é um assunto político e eu quero resolver favoravelmente. Aí o Aragão entregou os pontos. Saiu o decreto. Saiu o decreto. Aí eu fui censurada pelo Conselho Deliberativo da AMB, por não ter comunicado a AMB, por ter tomado a iniciativas em âmbito regional que era privativas da entidade mater nacional que era a AMB. Mas eu, [puta velha] que era, tomei as precauções todas. Tá saindo isso corta isso! (risos)

AP - Quais foram as precauções que o sr. tomou?

RP - Numa reunião feita num auditório da Associação Médica, presidida pelo presidente da AMB, com o secretário-geral da AMB, eu cheguei e disse: eu queria que botasse na pauta, que era feita pela AMB, um reconhecimento de... um decreto... a iniciativa da AMDF de ter... enviada ao presidente da República pedindo a criação do risco de vida e saúde para o médico do serviço público. Eles botaram. Aí, depois que entrou isso na pauta, o Wilton Rocha chegou e me disse: eu se por um lado tô sensibilizado com a acolhida que eu estou tendo... que a Associação Médica Brasileira esta, o Wilton Rocha era um *gentleman*, sujeito muito fino, muito educado, por outro lado, eu me sinto desprestigiado pela federada do Rio de Janeiro por ter tomado iniciativas de âmbito nacional que não são de sua competência. [Típico sofismo, não é?] Ah, aí eu me servi. Eu estava com a pasta de arquivo: Sr. presidente, pedi a palavra, eu no dia tal comuniquei a AMB que tinha, de acordo com o Estatuto, tinha tomado iniciativas de âmbito nacional. Vira-se o secretário-geral, que era o professor Dorival Cardoso, disse: Nós não recebemos esse ofício. Senhor presidente, eu voltei a falar, eu lamento ter de dizer que o dr. Dorival Cardoso está mentindo. Eu sempre fui de dizer as palavras, dizer o que eu queria dizer,. Pois eu recebi a resposta assinada por ele, que passo a ler: Agradecendo a comunicação... Sabe o que é, sr. presidente, é que o secretário mora em São Paulo e o sr. mora em Minas e por isso eles tomam resolução à revelia do presidente. Ele recebeu esse ofício. E agradeceu, que esta aqui a resposta que eu acabei de ler. Ele disse assim, o Wilton... Wilton ficou apoplético e, disse: Mas eu estou [desautorado] e já propus... proponho um voto de censura ao AMDF. Eu perdi. 4 votos me apoiaram. Os outros todos, era uma federada de cada estado, ficaram contra mim.

Tive o voto de censura. Aí eu disse: Sr. presidente, peço a palavra. O voto de censura que acaba de ser votado, pra mim é bola na trave, eu conto isso aqui. Pra mim é bola na trave, não é... não foi gol, nem bola fora. A bola esta em campo. Porque o que nós estávamos debatendo aqui é se a AMB apoia ou não a intervenção da sua federada no Distrito Federal de pleitear um risco... a gratificação de risco de vida para o médico do serviço público. Isso é que eu peço a vossa... a vossa excelência, sr presidente, aí tratando ele com toda a consideração, o voto... o voto... esse voto de desconfiança que o conselho acaba de votar não me interessa, é bola na trave. A bola voltou pro campo. Eu quero é saber se apoia ou não! Então, por unanimidade, o Conselho Deliberativo apoiou o todo trabalho da (TI). Eu sempre fui de briga. Eu sabia brigar.

AP - Uma coisa que... é

RP - De modo que essa história de só escrever sobre sindicato... sobre conselho de Medicina, o Conselho é resultante de uma série de fofocas e de brigas que sempre existiram.

AP - É, porque foi Juscelino que formalizou o Conselho em 57...

RP - É. O Juscelino... O Juscelino em 57...

AP - O que que esta conversa aí...

RP - Eu estava... Eu estava muito... Quase toda semana eu estava com o Juscelino. Tornei-me amigo dele. [Tava tratando] do risco de vida e saúde do médico, [ele chegou]... chegou e disse: Renato, eu acabei de receber um decreto, mas tá tanta briga dentro da classe médica, e você conhece tanto esse ambiente, que eu queria um conselho seu. Me deu esse projeto que tá aqui. Eu sanciono ou veto esse projeto? Eu vou ser combatido. Qualquer... qualquer cessão que eu dê, tem gente contra mim. Eu digo: Eu sancionava. E ele sancionou. (TI) Eu também pensava assim, em sancionar pra ver se acaba com essas greves todas. Então, quando ele sancionou, e que o projeto... o decreto entrou em aplicação, eu promovi um banquete, eu era presidente da Associação... da Associação Médica ainda, tava em fim de mandato, de... queriam... de... homenagem ao Juscelino. Fui a ele e ele disse: Não, Renato, homenagem não, vamos aproveitar a oportunidade pra pacificar a classe médica de vez. Vê só como era grande o Juscelino (TI). Vai ser um jantar de conagraçamento da classe médica.

AP - Isso... Isso com a aprovação do Conselho?

RP - Hein?

AP - Isso... Isso com a aprovação do Conselho?

RP - Não, com a aprovação da lei...

AP - A tal lei.

RP - Do risco de vida. O Conselho [foi dado à parte]...

Fita 9 - Lado A

RP - Posso falar? Então eu promovi um jantar que praticamente seria uma homenagem... de conagração da classe médica, com a presença do Juscelino, no Automóvel Club, de 1.200 pessoas, com presença de todas as correntes de oposição ao governo. Inclusive todos os presidentes das federadas da AMB tiveram aqui. Inclusive a de São Paulo, o secretário, tudo isso. E o presidente da AMB também. Eu falei, falou o presidente da AMB, falou o Juscelino. Que aliás fez uma série de trapalhadas na falação dele, que estava com a Siderúrgica na cabeça. Às vezes trocava siderúrgica por cirurgia. [Dr. Renato ri] O negócio era muito intrincado. Essa década de... 37 até 50 e tantos, foi muito confuso. Muito... muito complexa para a classe médica.

AP - Complexa porquê?

RP - Muito, muito, muito atrito, muito, muito, muito desentendimento, muita sacanagem...

AP - Nesse sentido.

RP - Eu estou falando mas não é pra sair no... muita sacanagem [foi feita], muita delação... Eu fui delatado...em 64, mas aí (TI) Em 64 nós fomos delatados, partiu da AMB, com o apoio do Sindicato, com o apoio da Sociedade de Medicina e Cirurgia, compreende? Com o apoio da Embaixada Americana... No dia da nossa prisão, diretores e membros do Conselho da.. da federada daqui... Porque eles queriam fazer... Tinham apresentado um ano antes numa Assembléia da AMB uma... uma moção permitindo que a AMB tivesse outra federada no Rio de Janeiro, que seria o Sindicato Médico... Assembléia feita na Bahia. Eles reagiram quanto a isso e... e eles perderam, não fizeram. Mas eles fizeram um... estranho, esdrúxulo convênio com a Medicina e Cirurgia, que até aquela época só tratava de assuntos científicos, pelo qual a Sociedade de Medicina e Cirurgia teria... poderia tratar também de assuntos de defesa da classe médica... defesa da classe médica... e... considerando sócios da... da... da Sociedade de Medicina e Cirurgia todos os membros do Sindicato que não recusassem isso, sem obrigação de pagamento nenhum, nem taxa. Por quê?

Eles queriam dar à AMB, aumentar o número de sócios da Sociedade de Medicina que tinha 300 e poucos sócios fixos. Mas eles perderam isso. Eles fizeram isso... Essa coisa eles fizeram. Quando veio a revolução de 64 eles aproveitaram pra denunciar. Então a partiu da AMB uma denúncia ao alto comando da revolução pedindo o fechamento da Associação Médica do Distrito Federal, que naquele tempo era estado da Guanabara (TI), e a prisão de seus membros e dirigentes como subversivos... ao Alto comando! Esse documento foi visto por um amigo meu e amigo do Carlos Lacerda, na mesa do Carlos Lacerda. Ele era freqüentador do gabinete do Lacerda... ele disse assim: Isso é uma infâmia, essa gente tá querendo tirar forra...política! Não se deixe levar por isso. E solicitou a presença de um amigo nosso também que era médico particular do Carlos Lacerda, que já faleceu, Dr. Jânio Rodrigues... pra ver quanta miséria existia nessa coisa. O Jânio Rodrigues foi lá. E o Lacerda, [o inteirou], e viu aquela lista. E o Jânio disse: Oh, o dr... [conversei com ele] Carlos Lacerda, uns 3 ou 4 realmente são médicos; dessa relação são comunistas... e eram 4... eram precisamente 4,. Mas isso é... como se diz uma forra. Ele disse: Ah, é assim! Pegou e rasgou. (PI) a sujeita no lixo. Então posso ficar feliz?! Não! Porque eles levaram isso para o alto comando do

Ministério da Guerra, você tem que ir lá. O Jânio Rodrigues, que era civil, nunca tinha sido militar, disse: Mas como é que eu vou fazer isso? Ele disse assim: é muito fácil. Eu vou mandar o Gustavo Borges com você.

Gustavo Borges era o coronel-aviador Gustavo Borges que era secretário de segurança do Lacerda. O Jânio foi com o Gustavo Borges ao Ministério da Guerra, ao Alto comando! Lá teve um general que deu a Lacerda... deu uma revista pra ele ler... ao Jânio... que ele ficasse... aguardasse um tempo que ele ia fazer aquela investigação na mesma hora. Mandou emissários ao Ministério da Guerra, ao Estado Maior do Exército, ao da Aeronáutica, da Marinha e ao DOPS. Passado algum tempo, veio a resposta. Dos 27 nomes apontados para serem presos como perigosos terroristas... eu estava no meio também... eu era do Conselho!... Nessa época eu não era o presidente, era do Conselho... É... Dos 27 nomes, o DOPS indicou 3 com antecedentes comunistas, na realidade tinham 4, mas ele bobeou e no quarto... [Dr. Renato ri]

E indicou os 3 que eram oficiais militares... mandou vir o Estado Maior do Exército e a Aeronáutica, também nada constava contra eles. De modo que morreu aí a carta. Esse decreto que o Alto Comando tinha mandado pra atingir... ser atingido pelo "A" não sei o quê, para cassação dos direitos políticos, estava na mesa do Castelo Branco, era muito... tinha 3.000 e tantos nomes. Depois houve uma revisão desses nomes, e reduziu-se a... 800 e tantos nomes, de todas as profissões aí... por causa da caça às bruxas, né! De modo que essas brigas todas diziam respeito ao Sindicato, à Associação Médica, à Sociedade de Medicina e Cirurgia, ao Conselho... tudo isto. Depois dessas (PI) a... Sociedade de Medicina se tornou federada da AMB... desfilaram a AMDF... numa assembléia realizada em Niterói.

Quando houve a fusão dos estados do Rio... e do Distrito Federal, a AMB apenas fez o seguinte: reformou o seu estatuto pra dar dois direitos a duas federadas no Rio de Janeiro... a Associação Médica Fluminense e a federada (TI) que já era (TI) do Rio... E aí nós fomos pra luta na Medicina e Cirurgia. Com [sua] maioria da classe médica, ganhamos o Conselho... a... o Sindicato... ganhamos a Medicina e Cirurgia... voltamos a predominar tudo. Eu nunca figurei na diretoria da Sociedade de Medicina e Cirurgia, mas sempre trabalhei lá.

AP - Mas esse último momento agora é agora mais recentemente!

RP - Quem?

AP - Esse último momento que o sr. estava falando agora...

AP - Esse aí foi em 64... Foi em 64!

AP - Agora, dr. Renato... É...

RP - Pra ver como o negócio teve repercussão.

AP - Claro! A... AMDF foi criada antes da AMB?

RP - Foi.

AP - Agora, por que que a AMDF, é... mesmo tendo sido criada antes da AMB, por que que ela se filia a AMB?

RP - Porque ela foi uma das fundadoras da AMB, com outras entidades estaduais.

AP - Mas tinham tantas divergências entre o pessoal do Rio e de São Paulo!

RP - Nasceu com... Foi fundada em São Paulo. Porque a Associação Paulista era uma associação já tradicional. A AMDF tinha um ano de existência. E a AMDF sendo... com 1 ano de existência, a Associação Paulista tinha mais de ... quase 50 anos... sei lá quantos anos tinha... Era bem estruturada. E a nossa era mau estruturada. Tinha uma sede na rua Senador Dantas, que ocupava meio andar, tinha um sala e um auditório e... uma secretaria... uma sala de reuniões. Enfim, a luta é essa!

AP - É, porque acabou que nós demos um salto grande, né! Nós estávamos aí no final da década de 30 e início da década de 40...

RP - Isso não interessa pro seu trabalho.

AP - Por que não?

RP - Isso aí pro seu trabalho não interessa. Você tem que parar o seu trabalho em 57, né! Nessa lei do Conselho!

AP - Isso! A idéia é entender um pouco melhor por que que o Conselho foi criado em 45... e por que que ele não foi criado em 45, acabou sendo só criado na verdade em 57...

RP - Porque havia a briga.

AP - Pois é...

RP - O sindicato achava que deveria ser dele. O sindicato tinha sido criado em 27. Existia precariamente... depois adaptado à função... às (PI) limitações impostas pela legislação trabalhista. O sindicato se escusava em defender os interesses dos médicos vinculado ao serviço público. O sindicato é... tinha limitações impostas pela legislação trabalhista no Ministério do Trabalho... Então o sindicato falhou... então... Diga-se, de passagem que quando Tavares de Souza pra presidente, ele arranhou um recurso com o Getúlio, ele era amigo gaúcho, amigo do Getúlio, para... conseguir a sede do sindicato. Conseguiu a doação do terreno e recursos pra fazer a sede do sindicato.

AP - Por que eles não queriam que criasse o Conselho?

RP - Porque eles queriam ter uma função no Conselho... O lugar que todo... a... a seguir... a depender do... do Sindicato.

AP - Ora, o Conselho foi proposto...

RP - (TI) contra o espírito do sindicato.

AP - Mas o Conselho foi proposto no IV Congresso Médico Sindicalista, em 1944...

RP - Foi.

AP - E esse IV Congresso Médico Sindicalista foi organizado pelo sindicato.

RP - Foi.

AP - Então nesse Congresso, em nome do Sindicato, foi proposto a criação do Conselho, como é que o sindicato se opôs à criação do Conselho?

RP - Ele queria pra ele estas atribuições, porque a (PI) abusava do sistema...

AP - Então ele não queria a criação do Conselho?

RP - Ele queria ser o Conselho, ter as atribuições do Conselho. Combateu por causa disso. Ele queria ter as atribuições do Conselho... E depois havia... havia... tinha sido criada aqui a... a... Ordem dos Advogados, que transformava esse conselho em Ordem Médica, só punitiva... houve divergências dentro da classe.

AP - Essa Ordem Médica faria parte do sindicato ou seria uma outra instituição?

RP - Seria uma outra instituição. Por isso houve brigas do Sindicato contra a Ordem Médica. Da Ordem Médica contra... contra o Conselho...

Agora quem vai fazer um pouquinho de pipi sou eu!

[Dr. Renato se retira para o banheiro]

AP - Tá certo!

RP - Acho difícil não se ligar como (TI) Ter raiz dos dois lados.

AP - Ter o quê?

RP - As brigas da classe médica são muito complexas.

AP - Pois é. Essas brigas complexas é que nós estamos tentando entender.

RP - Pois é!

AP - Que acabam...

RP - Não saiu exclusivamente um movimento pra criar a... o Conselho de Medicina. Foi aos trancos e barrancos. Influenciado [tanto] pelo sindicato quanto pelas associações de classe. Tudo isso. A AMEG... a AMDEF foi fundada em virtude da falha do Sindicato, que não defendia o interesse dos médicos. O médico do serviço... o médico de um modo geral tava mal pago...

AP - Esse esquema aqui do Pedro Ernesto, do dr. Olímpio..

RP - [Mas] foi até 1935. Nós tamos aí em...

AP - No final de 40...

RP - No final de 40!

AP - Início de 50 já...

RP - É!

AP - Porque... o sr. falava que... o sr. acabou de fazer menção que, nesse período aqui até a década de 40... meados da década de 40, o sr. ficou no Souza Aguiar até 52... O sr. presenciou, na sua... nos seus 12 anos do Souza Aguiar, de 40 a 52, o sr. pôde presenciar um... achatamento salarial do médico?

RP - Existiu.

AP - Nesse período de 40 a 52?!

RP - Existiu!

AP - Aquele mercado que o senhor ia fazer as compras, e enchia o carro com frutas e tal... já não era mais a mesma coisa?

RP - Já não era mais o mesmo!

AP - Não, né! Isso aí já é período de quem, quem era o prefeito aqui do Rio de Janeiro?

RP - Em 40 foi o Dodsworth.

AP - O Dodsworth saiu com o Vargas em 45?

RP - O Dodsworth entrou em 38 ou 37...

AP - E ficou até quando?

RP - Ficou uma porção de anos, aí! Uns 10 anos... Eu não sei exatamente quanto tempo ficou... O médico sempre foi prejudicado[durante os tempos]. Eu sei que o médico tem muita culpa disso. O médico de um modo geral tem muita culpa disso.

AP - Um médico?

RP - O médico, de um modo geral, tem muita culpa disso.

AP - Ah, sim! Por quê?

RP - Porque ele só visa seu interesse pessoal, não tem espírito comunitário... Quer ganhar dinheiro. Quer [cargo]... quer ser um pitanguyinho da vida!

AP - E ser um pitanguyzinho da vida para um médico depende muito dele, né?

RP - Depende dele exclusivamente, como dependeu do Pitanguy, que foi meu assistente...

AP - Depende da habilidade dele...

RP - Depende da habilidade dele!

AP - Da competência dele...

RP - Da competência...

AP - Da maneira como ele trata os pacientes...

RP - É...

AP - Da maneira como um paciente traz um outro... e um outro... e um outro... e um outro... Esse... esse... essa... esse exercício, essa maneira de exercer a profissão, associada à ascensão financeira, é muito... tá tudo muito colado essas coisas, o sr. não acha, não?!

RP - É. está!

AP - O médico vivendo de salário, mesmo que fosse um bom salário, funcionaria?

RP - A AMB, na década de 60, lançou uma palavra de ordem aí, emprego único do médico... Esqueceram de botar emprego bem remunerado. Então médicos de São Paulo, do interior de São Paulo, começaram a pedir demissão, porque a remuneração continuava a mesma. Tinham dois empregos, tinham três empregos [e de má] remuneração... O governo tinha decidido permitir a acumulação de 3 empregos médicos, de 2 empregos de professores... Ele tinha permitido isso. Estava na Constituição, não sei se ainda está... Acho que está! [Tá] Isso não dava mais! Hoje ainda recebi um telefonema de um... de um colega que comentou comigo o edital... o edital da Light para vários empregos, concurso para vários empregos...e na de médico... O salário mais baixo é de médico.

AP - Mais baixo!

RP - É. Porque eles pegam o negócio do médico ter direito a dois empregos, ele fica mal remunerado em dois empregos. E aí muita distorção no código de ética médica, muita violação do Código de Ética, muita falta de ética.... que é uma coisa importantíssima. O cidadão querer avançar sobre a clínica do outro. Desviar doentes.

AP - Concorrência desleal.

RP - Concorrência desleal. Mas existem nomes bons, (TI) felizmente. Talvez não seja a maioria. Talvez não, a grande maioria. É quase a maioria.(risos)

AP - Agora, dr. Renato, o sr. falou que o sr. foi é, presidente do Colégio...

RP - Fui!

AP - Antes da Associação Médica.

RP - Antes da... Antes da Associação Médica.

AP - Por que que o sr. quis ser presidente do Colégio?

RP - Do Colégio?

AP - É!

RP - Eu era cirurgião. Eu era membro do Colégio. Tinha sido secretário-geral...

AP - O quê que isso dava de prestígio, de nome?!

RP - Não!

AP - Dinheiro?!

RP - Não. Dinheiro nenhum!

AP - Ideal?

RP - Dinheiro nenhum. É um ideal que nasceu de eu observar as atitudes de meu pai. Meu pai tinha um grande espírito associativo. E eu herdei dele isso. Sempre me interessei por entidades médicas. Em meti briga no Sindicato, eu meti briga na Associação de [medic...] na AMDF... na AMB... Fui [delegado] na AMB vários anos... mas sempre brigando com isso...

AP - E como é que foi esse seu período no Colégio?

RP - Meu período no Colégio foi tranquilo,... no Colégio foi bom. O Colégio não fazia um congresso há 2 anos... Há 10 anos... Eu realizei um congresso no Colégio. Daí tomou ritmo dentro da normalidade. Fiz... Fui depois... resolvi não me... quando acabou meu mandato, eu pertencia a Comissão Secundária do Colégio, Comissão de Redação do Colégio... e fiquei lá... e fiz um trabalho bom dentro do Colégio... Aquela sede da rua [Visconde] Silva fui eu que fiz. Mas eu reputo muito mais interessante as reformas estatutárias que foram lideradas por mim todas como relator. Fiz 8 reformas de estatuto do Colégio. [Como] o Colégio [é] uma entidade dinâmica... que tem que se adaptar às mutações da ciência e da sociedade. Esse é o Colégio de hoje. Eu vou lançar esse livro no dia 6 de janeiro, quando tomar posse a nova diretoria na Sociedade.

AP - Do Colégio...

RP - Do Colégio. O sr. será convidado... o sr. também!

AP - Muito obrigado! Estaremos lá!

Agora, dr. Renato... E que mudanças foram estas no estatuto que o senhor promoveu?

RP - Transformei o Colégio, de uma Academia pequena de cirurgiões cariocas, que tinha um limite de 100 membros – a princípio de 50, são 80 membros... cem membros, todos do Rio de Janeiro, em uma entidade nacional, com sede em todos os cantos do Brasil e algumas subsedes em cidades interioranas. Em capítulos... São as... as filiais do Colégio chamam-se capítulos... Em todos os estados do Brasil, exceto ainda nos estados recém criado: Acre, Rondônia... tem membros, mas não tem número legal para constituir capítulos... E tem... ah... subcapítulos... tem outro nome que eu não lembro agora...[deixa pra lá] subcapítulos em São Paulo, no Rio Grande do Sul, em Minas Gerais, no Paraná, na Paraíba...

AP - O sr. também...

RP - Eu divulguei o Colégio nacionalmente e hoje o Colégio tem mais de 5.000 membros atuantes.

AP - Agora, o Colégio hoje em dia é uma associação científica ou uma associação de classe?

RP - É uma associação científica, mas que defende agora a classe também.

AP - Dos cirurgiões...

RP - Dos... até foi criado na última reforma do Estatuto um cargo de Diretor de Defesa Profissional.

AP - Isso também modificação sua?

RP - Também.

AP - O sr. acha que o Colégio... é... o sr. Ficou presidente durante dois anos só.

RP - Eu fui presidente dois anos: de 55 a 57. Depois voltei à atividade no Colégio de 69 a 71 como primeiro vice.

AP - De 55 a 57, quando o sr. foi o presidente, foi bem o período da greve da Letra O.

RP - Foi.

AP - E como foi a atuação do Colégio na greve da Letra O.

RP - O Colégio era inexpressivo naquela época ainda. Tinha cento e poucos membros só. Não pesava muito. Nas assembleias da... da greve da Letra “O” que estão.. que [vinham estourar] aqui... isso em dezembro de 54... Eu fui presidente do Colégio de 55 a 56, pela primeira vez. Portanto, o Colégio não pesava nisso. E era uma entidade muito fraca. Depois foi...se transformando depois [comecei] a transformar o Colégio, a partir de 54, em âmbito nacional. Levei 10 anos... 20 anos, de 54 a 77, pra nacionalizar o

Colégio. Porque o médico é assim. Quando nós éramos pequenininhos, tínhamos uns 100 membros, em 51 era secretário do Rolando Monteiro, e o Rolando... o Colégio quase morreu. Porque tinha sido um péssimo presidente anterior, não ligou a nada, era um vaidoso. Nós elegemos o Rolando, e o Rolando fez uma reforma, criando a categoria... na... ou melhor, criando uma nova categoria dentro do Colégio, que era a de membros associados. Deixava de ser uma Academia para ser uma entidade que pudesse entrar médicos mais jovens e sem o gabarito dos outros. Era igualzinho a uma academia de medicina... foi fundada para ser uma academia de cirurgia... carioca... como existe uma Academia de Cirurgia em São Paulo, tem uma em Minas... Tem Academia de Medicina por todo lugar do Brasil. O médico gosta muito de fazer isso, mas não gosta de trabalhar nisso. A diferença é que eu gosto de fazer e gosto de trabalhar nisso.

AP - Ele gosta de ir lá só pra...

RP - É! Só pra ter o cargo.

AP - Vai lá... e tal...

RP - Se projetar socialmente... e... e talvez profissionalmente.

AP - E com isso ele melhora o nome dele no mercado?

RP - Melhora o nome dele no mercado. Fica...

AP - ... famoso, falado, sai matéria dele no jornal...

RP - Eu não posso me queixar da vida. Nunca fui nem [melhor não], mas trabalhei muito. Não me arrependo. Faria de novo esse trabalho, (TI) se tivesse força pra isso. (TI)

AP - É, porque hoje, dr. Renato, a gente acabou... é... o sr....Estou querendo lembrar!

RP - Que é?!

[*Dr. Renato atende a uma voz feminina que lhe chama: Dr. Renato!*]

RP - Hein?!

[*Fala ininteligível*]

RP - Pode abrir!

AP - Acabou que o sr... é... é... Nós temos uma espécie de roteiro pra entrevista e o sr. acabou que...

RP - [Avancei] muito.

AP - ...avançou no tempo.

RP - Avancei foi porque tinha relação.

[*Dr. Renato ri*]

AP - Então, a gente vai... se o sr. não se incomodar, a gente vai querer vir conversar com o sr. de novo!

RP - Pois não!

AP - Tá bom? Porque a gente...

RP - Passar um pente fino nisso.

AP - Isso, passar um pente fino nisso. Exatamente. Tá?!

Vamos interromper agora, um pouco... nós estamos aqui há quase 4 horas conversando...

RP - É!

AP - Né! E depois a gente marca uma outra hora.

O lado B está sem gravação

Data: 21/12/1994

Fita 10 - Lado A

AP - Bom, hoje é dia 21 de dezembro de 1994. Estamos aqui mais uma vez na casa do Dr. Renato Pacheco Filho, continuando a nossa conversa sobre um pouco da história da sua vida, um pouco da história da profissão médica, um pouco da história... do associativismo médico.

Dr. Renato, da última vez nós falávamos bastante e muito intensamente sobre a sua vida profissional principalmente nos hospitais públicos que o sr. trabalhou. Recuperávamos bastante aí a... o seu trabalho nesses hospitais, as suas experiências profissionais e de vida ao longo desses anos todos que o sr. desempenhou a sua atividade de cirurgião, principalmente no... no último, né, que foi o Souza Aguiar, né, onde o sr. ficou lá durante muitos anos.

Faltou-nos ainda, dentro desse período... é... desde que o sr. se formou em 1931, não é?, até 1945, aquilo que nós chamamos da sua atividade associativa. Segundo seu currículo, o sr... é... em 1932 já era sócio remido do Sindicato. Em 1941 o sr. tornou-se sócio efetivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia. E em 42... é... membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

O sr. poderia nos relatar alguma coisa sobre esse período aí inicial da sua atividade no associativismo médico?

RP - A maior importância que eu dou na minha vida às atividades associativas foi a feita no Colégio Brasileiro de Cirurgiões. Onde eu entrei logo que eu podia entrar. Porque naquela época exigia o estatuto do Colégio exigia que só podia ser candidato a titular quem tivesse dez anos de formado. Eu me formei em 31, e em 31 completei dez anos, e em 32 ingressei na vaga... na vaga que existia no Colégio.

O Colégio era uma pequena academia fechada, de cirurgiões praticamente cariocas. Tinha alguns cirurgiões dos estados, mas eram quase que todos do Rio de Janeiro, porque não havia assembleia geral, então no Colégio eu empreendi... eu já fui com um... uma... um propósito político dentro do Colégio: de transformar o Colégio numa entidade de âmbito nacional. Lançar em todos os estados do Brasil. E dediquei muito a minha vida ao Colégio. E por isso eu fui o presidente do Colégio em 3 períodos. E fui o primeiro vice-presidente em outros 3 períodos. Além de outros cargos que eu exerci em outras diretorias.

Hoje pertenço ao Conselho Maior do Colégio, que é o Conselho Superior... Sou membro nato do Conselho Superior do Colégio. É isso que eu tenho a dizer.

Agora, ah... muita gente atribui a minha passagem pelo Colégio, como... como carro-chefe da minha passagem pelo Colégio a construção da sede atual do Colégio. Mas eu não atribuo assim. E sim às reformas estatutárias das quais oito vezes fui relator das reformas do estatuto por força das funções que ocupava na Sociedade. E você sabe que o relator de um... um... de qualquer cargo... de qualquer função, é... sempre influi, influi nos demais. De modo que eu tive de sacudir o marasmo de muitos colegas e encaminhar pra isso, pra tornar o colégio... pra expansão nacional do Colégio... eu tomei parte ativa na organização capitular do Colégio... (PI) dos capítulos estaduais... hoje nós temos capítulos em todos os estados do Brasil, exceto nos recentes estados como o Acre, Roraima, Rondônia, Amapá e Tocantins.

AP - Agora, quando o sr. entrou pro Colégio, em 1941... 42!!! Né?!

RP - É!

AP - 1942! Qual era a diferença que existia em 1942 entre o Colégio Brasileiro de Cirurgiões e a Sociedade de Medicina e Cirurgia?

RP - A Sociedade de Medicina e Cirurgia era uma sociedade que só cuidava de assuntos políticos... assuntos científicos!!! E... existia... era uma sociedade democrática, fundada em 1886, e diferenciava-se da Academia de Medicina que era uma entidade fechada. O Colégio nasceu para também ser uma entidade fechada. Fui eu que fiz a abertura do Colégio, com outros colegas evidentemente, pra democratizar o Colégio e lançar em nível horizontalmente o Colégio a todo o país, ele hoje existe em todo país, e... e... fazendo... criando capítulos, são as dependências do Colégio, em vários outros estados. Em quase todos os estados eu tinha participação ativa na organização dos capítulos estaduais do Colégio.

AP - Sim, agora, é... o sr. falava... Quando ele foi criado em 1927...

RP - Era pra ser... 29.

AP - 29!

RP - É.

AP - Era pra ser como a academia?

RP - Como a academia.

AP - No mesmo molde da Academia.

RP - No mesmo molde da Academia!

AP - Poucas cadeiras...

RP - Poucas cadeiras! Eram 100 cadeiras...

AP - Eram 100 cadeiras...

RP - É.

AP - E sempre os ocupantes dessas cadeiras eram... eram eleitos, eram nomeados, como é que era o processo de ocupação dessas cadeiras?

RP - ...Era apresentava um... Era uma proposta apresentada por 5 membros do Colégio, que apresentava um currículo para ser examinado por uma Comissão de sindicância.

AP - Tem que ter...

RP - É.

AP - ... um largo trabalho, né?!

RP - Depois votação em sessão plenária do... aqui no Rio de Janeiro.

AP - E essa votação , era ela... ela era... aberta? Era pública?! Ou não?

RP - Não. Voto secreto.

AP - Voto secreto!

RP - É!

AP - Individual... dos 100 membros do Colégio.

RP - Dos 100 membros do... Havia um quorum em que era necessário pra se eleger um membro que houvesse um quorum mínimo.

AP - De quantos?!

RP - Eu não me lembro... Pelo menos 40... 40%.

AP - Certo! E o Colégio era ocupado por cirurgiões, ponto.

RP - Por cirurgiões...

AP - ... quando do seu nascimento. de 29 a 42.

RP - Não, do seu nascimento...

AP - De 29 até 42!

RP - Ele tinha categoria de cirurgiões, só que tinha cinco especialistas: cirurgiões gerais e cirurgiões especializados. Tinha várias sessões. A sessão de ginecologia e obstetrícia, a sessão de ortopedia e traumatologia, a otorrino, oftalmologia e urologia. Que eram as especialidades naquela época reconhecidas pelo Colégio.

AP - Como especialidades dentro da cirurgia...

RP - Dentro da cirurgia.

AP - E elas faziam parte...

RP - Hoje... hoje, na última reforma do estatuto, o Colégio tem 18 especialidades cirúrgicas reconhecidas. Mas sempre teve aqueles médicos, que não sendo cirurgiões... eram... eram colaboradores eficientes do cirurgião, sem os quais o cirurgião não podia andar. Como os anestesistas, como os radiologistas, os homens de laboratório...

AP - Esses faziam parte do Colégio também?!

RP - Faziam parte! Em número mais limitado.

AP - E havia um número de vagas limitadas para cada uma dessas sub-especialidades?

RP - Havia. Havia.

AP - Das 100.

RP - Isso no começo, quando eu entrei.

AP - Sim, claro. Estou falando sempre do começo.

RP - Hoje não tem mais. Hoje pode entrar quem quiser, desde que preencha as finalidades de méritos.

AP - No começo, quando o sr. entrou, de 29 até a década de 40, o Colégio era também como a Academia, um espaço para o debate científico, ou tinha algo mais?

RP - Não, era só debate científico.

AP - Mas era...

RP - Hoje o Colégio, tem na última reforma do estatuto, incluiu no seu estatuto, um cargo de Diretor de Defesa Profissional.

AP - Mas isso é mais recente.

RP - É que o estatuto foi feito em 199... e 2.

AP - Certo! Muito bem. Agora... se existia a Academia que era um espaço de debate científico dos médicos, por que foi criado o Colégio?

RP - Porque a Academia era limitada. E os cirurgiões achavam que eles tinham que ter... A Academia naquela época tinha uma sessão de cirurgia geral, uma sessão de clínica médica, uma sessão de ciências especializadas...

AP - Que era o quê “Ciências Especializadas”?

RP - E era uma sessão de farmácia.

AP - Na Academia...

RP - Na Academia.

AP - Então a cirurgia ocupava um espaço...

RP - Continua assim até hoje.

AP - A cirurgia ocupava um espaço...

RP - Os cirurgiões cresceram muito no Rio de Janeiro e então acharam que a Academia não dava pra eles por ser uma entidade fechada. Mas criaram estranhamente uma entidade fechada para eles. Eu é que concorri com outros colegas para a abertura do Colégio.

AP - Por que o sr. diz estranhamente?

RP - Estranhamente porque, se eles não estavam satisfeitos que a Academia fosse limitada, foram criar uma sociedade limitada também em número de vagas.

AP - Tá certo. Agora...

RP - Eu não podia compreender que quando eu entrei... ingressei no Colégio que eu, com 10 anos de formado, mais de... pouco mais de 10 anos de formado, pudesse ser membro estadual aqui no Rio de Janeiro, quando um homem consagrado como o professor Benedito Montenegro, de São Paulo, chefe de escola cirúrgica, pudesse... era... era membro estadual do Colégio, sem direito político nenhum, não tinha direito a voto, nem podia ser eleito nada.

AP - Ele era lá de São Paulo!

RP - Ele era de São Paulo. [Ele e outros] da Bahia, tinha de Pernambuco tinha... se chamavam membros... do Rio Grande do Sul ... membros estaduais....

AP - Certo. Esse processo de democratização do Colégio é o quê, é da década de 50?

RP - Esse processo de democratização começou na década... no fim da década de... de 50.

AP - Fim da década de 50!

RP - Com o Rolando Monteiro, quando eu fui o primeiro secretário do Rolando Monteiro.

AP - O Rolando Monteiro era presidente.

RP - Era o presidente.

AP - E o sr. era o primeiro secretário...

RP - Eu era o primeiro secretário.

AP - Os srs. empreenderam esse processo de democratização e de nacionalização do Colégio.

RP - Depois eu continuei na diretoria como secretário geral de (PI) Paranaguá, que dirigiu o Colégio... naquele tempo o mandato era de 2 anos... de cinquenta e... um a... não, de 53 a cinquenta... a cinquenta e... cinco... O Paranaguá... Fizemos eu e o Paranaguá uma reforma do estatuto, acabando com os membros estaduais, tornando-os titulares, mas essa primeira arrancada, só demos o direito aos... aos membros estaduais, como eram chamados, as [vagas] estaduais... de poder votar, desde que viessem votar aqui no Rio na eleição...

AP - Tinham que vir. Não podiam votar lá, não!

RP - Não podiam lá!

AP - Entendi!

RP - A diretoria...

AP - Isso já dificultava...

RP - A diretoria dos capítulos era... indicada... o mestre do capítulo... chama-se...o diretor... o presidente do capítulo estadual, chama-se Mestre de Capítulo. O mestre do capítulo era indicado pelo... pela diretoria do Colégio... Aí nós demos o direito deles elegerem livremente os seus membros.

AP - Sim, mas isso agora bem mais recentemente... depois, na década de 60 já, né?

RP - Isso (tosse) foi em 54.

AP - 54!

RP - (tosse) 54!

AP - Agora... Voltando a 29... e a 42... a esse período inicial do Colégio, logo que o sr. entrou. É... Eu quero tentar entender uma coisa, segundo o seu depoimento aí. Quer dizer, os cirurgiões foram criar o Colégio Brasileiro de Cirurgiões porque se sentiam pouco representados na Academia.

RP - Se sentiam pouco representados.

AP - A Academia acabava que abrangia as grandes áreas das ciências médicas e os cirurgiões queriam uma outra instituição... agora.... para se... manterem representados.

RP - Mas tornaram uma outra pequena academia.

AP - Outra pequena academia. Agora, os cirurgiões que estavam no Colégio também estavam na Academia?

RP - Estavam!

AP - Ou não?

RP - Alguns estavam. Alguns estavam.

AP - Não havia contradição entre ser de um e ser...

RP - Não havia contradição.

AP - Tá certo! Agora... E os cirurgiões que estavam na... no Colégio estavam na Sociedade de Medicina e Cirurgia?

RP - Alguns estavam, também! Eram sócios da Sociedade de Medicina e Cirurgia.

AP - E os cirurgiões que estavam na Sociedade de Medicina e Cirurgia estavam também no Sindicato?

RP - Alguns estavam. O Sindicato não era obrigatório, né.

AP - Era obrigatório?

RP - Não. Não era obrigatório.

AP - Mas algumas dessas instâncias aí eram obrigatórias?

RP - Não!

AP - Não!

RP - Obrigatório era só o Conselho de Medicina.

AP - Agora, o... ser do Colégio, de 29 a 42, que tipo de benefício o cirurgião tinha?

RP - O benefício que o cirurgião tinha era um benefício de prestígio pessoal, porque era uma entidade fechada, e que sempre... mesmo depois que ela se tornou aberta em âmbito nacional, ela faz uma... filtra muito seus elementos. Tem sido recusada gente [inclusive] para o colégio.

AP - Mas, naquela época... não hoje, naquela época... é... como que era esse processo de filtração?

RP - Filtração era feita com um exame do currículo do candidato e pelo número de vagas que existia. Eu, quando me candidatei, existiam duas vagas de cirurgia geral. Eu me candidatei juntamente com o Dr. Sílvio D'Ávila, que já faleceu! Preenchemos as vagas.

AP - O sr. e ele!

RP - O quê?! Eu e ele!

AP - Agora, é... Uma coisa que me inquieta muito é por que que, existindo a Academia, os médicos vão criar o Colégio. E por que que, existindo a Sociedade, eles vão criar o Colégio? Por que isso? Como se explica isso?

RP - Ah, meu Deus... Meu filho! Isso existe um pouco por ambição, por vaidade de muitos médicos. Quer criar uma entidade pra ele governar a entidade.

AP - Quem foi esse que governou o Colégio de 29 a 42?

RP - Ah, vários...

AP - Vários governadores...

RP - Vários governadores!

AP - Entre aspas aí!

RP - É!

AP - Que faziam do Colégio um...

RP - Começou com o Brandão Filho que foi o primeiro presidente. Depois foi Carlos Eduardo Neves, Oliveira Mota, Jaime Poggi ...

AP - Esse Jaime Poggi estava no Sindicato também.

RP - Estava no sindicato! Foi presidente do Sindicato. Foi presidente do Colégio também.

AP - Foi presidente do Colégio também.

RP - Foi!.

AP - E foi presidente da Sociedade também?

RP - Da Sociedade... que eu saiba, não!

AP - Agora, por que que esses médicos que criaram o Colégio não foram... é... fortalecer a Sociedade de Medicina e Cirurgia?

RP - Isso é difícil sabe... de responder assim ao longo do tempo...

AP - Não, porque a Sociedade era aberta, não havia restrição...

RP - Não havia...

AP - À entrada das pessoas...

RP - No Colégio havia restrição.

AP - Pois é! Então se eles achavam que tinha pouco espaço na Academia, por que eles não foram... é... reforçar o Colégio que era... a Sociedade, desculpe, que era de Medicina e Cirurgia, onde os cirurgiões tinham...

RP - Qualquer... qualquer médico pode ingressar na Sociedade de Medicina e Cirurgia.

AP - Não apenas os cirurgiões?

RP - No Colégio, não! No Colégio, até hoje, tem que entrar quem... quem (TI) para ingressar no Colégio.

AP - O sr. acha que essa... proliferação associativa é um fator de fortalecimento da categoria ou de enfraquecimento?

RP - Eu acho que é de enfraquecimento.

AP - Por quê?

RP - Porque virou em muito a frente... Agora, recentemente, o Colégio foi levado pela pressão dos médicos a defender também a defesa profissional do médico. Tanto que criou na última reforma, como já disse, um cargo de Diretor de Defesa Profissional. Por quê? Porque o médico é mal pago... sempre foi... do serviço público. Eles arranjaram o direito de acumular dois cargos... duas funções o médico... Médico e o Professor podem ter dois cargos públicos. E como aqui no Rio quase todo mundo vivia de serviço público, embora [viver] de serviço público também tinham sua clínica privada, isso criou um... uma certa ambição para que eles quisessem se projetar dentro da classe profissional... da categoria médica.

AP - Agora... O sr. teve uma passagem muito rápida pelo Sindicato. Como é que o... Por que que o sr. não teve uma militância muito intensiva no Sindicato?

RP - Porque não me agradava o Sindicato.

AP - Quais eram as... as... as divergências, as animosidades...

RP - Não...

AP - ... os desentendimentos!

RP - O Sindicato durante um certo tempo não funcionou... no tempo... no tempo da ditadura de Getúlio Vargas não funcionou, porque ele só podia defender os interesses dos médicos que não tivessem vínculos relacionados com o poder público. De modo que existia o Sindicato, tinha seus sócios, mas o Sindicato não trabalhava...

AP - Para o médico funcionário público... Não trabalhava para o médico funcionário público?!

RP - Eles escusavam-se de atender os interesses do funcionário público e tinha sido feito defender os interesses dos funcionários liberais. E os profissionais liberais...

AP - Mas o sr. também era profissional liberal, porque o sr. tinha seu consultório.

RP - Tinha.

AP - O sr. não se sentia representado pelo Sindicato, em certa medida?

RP - Eu não!

AP - Por quê?

RP - Porque nunca precisei recorrer ao Sindicato.

AP - Não, não. Claro! Tá bom que não precisasse recorrer, mas ele não era o representante dos médicos profissionais liberais? O sr. não era também em parte um médico profissional liberal?

RP - Era!

AP - Então ele não representava, em parte... ah... de maneira genérica, os seus interesses?

RP - Não! Ele devia defender os interesses, mas defendia mal.

AP - Por que ele defendia mal?

RP - Porque ele fazia política.

AP - Mas como é que ele fazia política?

RP - Fazia política de acordo com o governo... principalmente durante a ditadura de Vargas, no Estado Novo.

AP - Sim, e é inevitável nós falarmos no dr. Álvaro. O sr. já havia feito referência às... às vinculações até pessoais do dr. Álvaro com o presidente Vargas.

RP - É!

AP - Então o sr. acha que essa sua explicação em parte se resolve por aí?

RP - Não! Talvez fosse pensamento do Álvaro Tavares de Souza... fosse pensamento dele que assim ele estava agindo certo. Uma atitude pessoal dele.

AP - O sr. se filiou ao Sindicato, se tornou sócio remido apenas... é... apenas pra constar. Ou o sr. teve um motivo de interesse nisso?

RP - Não, eu entrei e ingressei no Sindicato em... em 32 porque meu pai era do Conselho do Sindicato... é... e me fez entrar. Depois eu passei pra bem-feitor da Casa do Médico, me remi... no Sindicato... mas nunca... nunca tive grande atuação no Sindicato, a não ser na década de 64 quando o Sindicato caiu na mão de um... de um trêfego cirug... de um trêfego médico... trêfego médico que delatou vários companheiros... de profissão.

AP - Como quê? Como comunistas?

RP - Como comunistas... como...

AP - Subversivos!

RP - Como subversivos... Foi isso só!

AP - E aí, o que o sr. fez nessa época?

RP - Eu não tinha que pagar o Sindicato, se eu tivesse de pagar, talvez eu pedisse demissão. Mas eu não tinha de pagar. Fiquei lá. Ainda estou no Sindicato até hoje.

AP - Mas esse trêfego colega... ele era... o Dr. Álvaro, não?

RP - Não! O Álvaro já estava fora disso... estava fora da jogada há muito tempo.

AP - Muito bem! É... Então na verdade o sr... o sr. Poderia contar um pouco pra gente, então, a relação do seu pai com o Dr. Álvaro.

RP - Era cordial.

AP - O seu pai também era Integralista?

RP - Não! O Álvaro não era integralista, que eu saiba!

AP - Não era integralista!

RP - Não!

AP - Não era anauê... camisa verde!

RP - Não! Não! Meu pai não era político militante. Meu pai mau tinha tempo pra cuidar da sua vasta clínica.

AP - Mas e o dr. Álvaro era político militante?

RP - Não sei. Não sei se era político militante. Acredito que não.

AP - Mas ele ficou tantos e tantos anos no Sindicato, como ele conseguia ficar tantos anos no Sindicato...

RP - Pelo desinteresse da classe médica.

AP - Havia desinteresse muito grandes.

RP - Havia os desinteresse pela ação do Sindicato. Por isso eu dou razão à criação da Associação Médica do Distrito Federal.

AP - Já na década de 50.

RP - E depois à criação da AMB, em âmbito nacional.

AP - Muito bem! Eu acho que nós falamos um pouco...

RP - É que as condições de trabalho do médico decaíram muito, né. Os médicos de serviço pública ganham mal... até hoje. [Nunca ganhou tanto]

AP - Agora, como é que o... o Sindicato via essa... essa entrada do Estado no serviço de saúde... na década de 30, na década de 40?

RP - Recusava isso de pleitear qualquer direito [adquirido] pelo Estado, sob qualquer forma que fosse: federal, estadual, municipal ou autárquico.

AP - O Sindicato não se sensibilizava com isso não.

RP - Não! Não! Hoje ele defende.

AP - Sim, hoje ele... Mudou muito a...

RP - Não sei se mudou a legislação trabalhista... fizeram tantas modificações aí, que eu não sei exatamente como está.

AP - Agora, se o sr. foi sócio efetivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia em 41 e depois membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, porque que sua vida associativa se... canalizou, pudéssemos dizer assim, pro Colégio e não pra Sociedade? O que que tinha o Colégio de mais atraente?!

RP - Eu gostava mais do Colégio!

AP - O sr. gostava por quê?

RP - Porque era uma entidade democrática, fazia seleção de seus membros, e já tinha... se estendeu, não nego que foi por alguma influência minha, horizontalmente pelo Brasil todo. Formou capítulos em todos os estados do Brasil. (TI) [entidade] científica mais séria que tem no país hoje.

AP - Do ponto de vista da Medicina.

RP - É.

AP - O sr. acha que hoje ela é mais séria que a Academia.

RP - Eu acho que é!.

AP - Mas séria do que o Colégio?

RP - [Tudo].

AP - Que o Conselho?

RP - O Conselho... o Conselho era órgão de... de inscrição obrigatória do médico.

AP - Certo!

RP - Antigamente, quando eu me formei, eu tive que me registrar no... no Ministério da Educação. Hoje tem que ter o registro do Conselho.

AP - Certo! Agora... Já que o sr. Fala...

RP - (TI)

AP - ... que o Colégio é a instituição mais... é, hoje em dia, a instituição mais... acadêmica... mais...

RP - Não! O Colégio [hoje] esta inteiramente democratizado.

AP - Mas ela... O sr. usou que termo pra falar que o Colégio era o quê?

RP - Hein?!

AP - O sr. falou que o Colégio era?...

RP - Esta inteiramente democratizado!

AP - Sim, mas hoje em dia ele é a instituição científica, mais...

RP - Eu acho que é a... é a entidade... a entidade científica mais importante.

AP - Isso!

RP - Porque abrange uma gama de especialistas de todos os tipos.

AP - É... Então, a gente vai ter de virar a... a nossa conversa pro outro lado, né!. Nós estamos tentando comparar a Academia, Colégio, Sociedade... Então, agora vamos ver Colégio-Faculdade. Haviã rivalidades... Diferenças...

RP - Não, absolutamente!

AP - Os médicos que estavam na faculdade estavam no Colégio?

RP - Estavam no Colégio.

AP - Não, porque isso tá me soando um grupo de patota.

RP - Não!

AP - Não é não?!

RP - Não é não!

AP - Uma patota que tá no Colégio, outra patota que tá na Sociedade...

RP - Não... A mesma...

AP - O sr. está falando das vaidades.

RP - O Pinheiro Guimarães era professor catedrático de Medicina, foi presidente duas vezes. Alfredo Monteiro era professor titular catedrático da Faculdade, foi presidente do Colégio 2 vezes. Barbosa Viana, o fundador do Colégio, o idealizador do Colégio, era professor de ortopedia...

AP - Da faculdade.

RP - Da faculdade.

AP - E ele estava no Colégio?

RP - Estava no Colégio.

AP - Mas ele estava na Sociedade também?

RP - Ah, isso eu não sei! Devia estar. Como sócio, mas sem atuar.

AP - Sim!

RP - Que a vida do médico é muito dura... não pode... não pode dar... não pode dedicar sua atenção exclusiva... a várias cantos não. Eu, por exemplo, iniciei a minha atividade no Colégio.

AP - Acho que é isso! Você queria fazer alguma pergunta aí, Sérgio,

Sérgio - Não!

AP - a esse respeito?

AP - Ah, antes de terminar esta parte, nós vimos aqui... é... que o sr. foi também, ainda nesse período de 41 até 45, o sr. foi membro correspondente da Associação Médica de Ciências Afins de Buenos Aires,

RP - Isso...

AP - ... Cirurgiões da Argentina, depois em 46 o sr. foi... é...

RP - Isso são títulos honoríficos...

AP - do Uruguai...e...

RP - ...ofertados pela simpatia e pela amizade dos cirurgiões desses... dessas nações. Eu visitei esses países, eles nos visitaram aqui... Havia uma troca de...

AP - E o sr. era membro do Colégio...

RP - ... Eu era membro do Colégio...

AP - ... então havia uma troca de...

RP - Havia.

AP - Mas isso... é... dava ao sr. algum tipo de prestígio?

RP - Não! Não...

AP - Essa titulação.

RP - Não obrigatoriamente!

AP - Bom, então vamos passar então pra... pra uma outra parte, aquela que seria a nossa quarta parte da nossa conversa que é... que é... que abrangeira aí um pouco... é... desse período que o sr. se formou, não é?, é... até o Código 45, até o contexto também do final do Estado Novo, o contexto da... do 2º Código de Ética de 44.

Então nós podemos recuperar aqui 3 coisas: em 44 o sr. atuava profissionalmente como chefe interino de cirurgia do Hospital de Pronto-Socorro, era assistente responsável pelo setor de Cirurgia e Gastroenterologia da Santa Casa de Misericórdia, e além disso tinha seu consultório particular. Em termos de atuação profissional nós podemos e... destacar no seu currículo vários elogios, não é? que o sr. recebeu tanto da Diretoria Geral de Assistência Municipal, quanto do Diretor do Departamento de Assistência Hospitalar, depois do Secretário Geral de Saúde e Assistência, depois do Prefeito do Distrito Federal e depois do Diretor do Hospital de Pronto Socorro, não é? Quer dizer, o sr. teve, de certa forma, sua prática profissional no setor público reconhecida publicamente.

Fita 10 - Lado B

AP No... Em termos associativos, em 41, o sr. já era Sócio Efetivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia; e em 42 o sr. era Membro Titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões. Quer dizer, o sr. era uma pessoa que tinha uma atuação profissional na década de 40, não é?, de... podemos dizer, de grande destaque, ou de grande relevância... tanto reconhecimento... o sr. trabalhava no principal hospital de Pronto-

Socorro da capital da república, o sr. era responsável pelo setor de cirurgia de uma das principais casas de saúde da capital da república, e além disso o sr. era... tinha seu consultório... já... o sr. já fez referência a ele. E além disso o sr. era membro titular do principal instância representativa dos cirurgiões... é... cariocas... enfim, brasileiros, talvez!

RP - Brasileiros!

AP - Então, diante dessa sua situação, nós fizemos aqui um conjunto de... é... de perguntas assim. Nesse... o nosso primeiro conjunto de perguntas se relacionaria com... é... aquilo que a gente chama da composição das características da profissão. O sr. como uma pessoa que tava bem inserida no mercado, e bem inserida numa instância associativa dos médicos, o sr. poderia nos dizer assim... é... como é que era o perfil - se a gente puder usar esse termo - da profissão médica na década de 40 no Rio de Janeiro?

RP - Na década de 40, no Rio de Janeiro? Havia muito menos médicos do que tem hoje, né!... O médico geralmente tinha o seu hospital, onde trabalhava. Nesse tempo tinha o hospital onde trabalhei... Não só no do Pronto Socorro como em outros hospitais particulares. E o médico tinha que ter seu consultório... pra tentar ganhar um dinheirinho na sua clínica pra... pra alimentar... sustentar a sua família... E nisso, de um modo geral, uns tinham mais sorte, outros tinham menos sorte, né!...

[*Dr. Renato faz uma longa pausa*]

Eu posso dizer por mim só... quanto aos outros eu não posso falar. Encontrei colegas profundamente éticos, e encontrei colegas profundamente aéticos.

AP - O que que era ser aético para o sr.?

RP - Aético é...

AP - Por exemplo?

RP - ... querer tomar o doente do outro... cliente particular do outro... No meu livro vocês vai ver tudo que tá contado.

AP - Mas como é que se tomava um doente particular do outro? Quais eram as estratégias?

RP - Assim... É um troço difícil de dizer.

AP - O sr. não precisa dar nome de ninguém, não! O sr. Pode contar...

RP - Acontece que... Havia colegas aí que, através de parentes e amigos dos doentes, incutiam que deviam chamar outro médico, de um modo geral.

AP - Esse era um jeito?

RP - Hein?!

AP - Essa era uma maneira de tirar um doente.

RP - Era.

AP - Qual era a outra maneira?

RP - A outra maneira era oferecer para fazer serviços mais baratos. Por exemplo, uma cirurgia. Não, eu vou operar com fulano que cobra mais barato. Naquele tempo não havia, 40 como não havia ainda esses credenciamentos que existem hoje. Esses credenciamentos foram um troço imposto pela necessidade, pela proletarização da profissão médica. O médico se proletarizou.

AP - E qual era o outro jeito de puxar a clientela do outro?

RP - Cada um sabe como fazia. Eu como nunca fiz isso!

AP - Não! O senhor sofreu isso, não?!

RP - Sofri.

AP - Os seus colegas de trabalho, além dessas duas estratégias, tinham mais estratégias de angariar clientela do outro?

RP - Não... Cada um cuidava da sua vida.

AP - Agora, é... Naquela época, em termos do perfil ainda dos médicos... Os médicos então na verdade, como o sr. diz, em termos de inserção no mercado... eles conciliavam a atividade no hospital

RP - Hospital...

AP - ... público ou privado...

RP - .. público ou privado ...

AP - ... com o consultório.

RP - ...gratuita ou remunerada com o consultório.

AP - Ah, podia ser gratuita também aí na década de 40?

RP - Quanta gente trabalha de graça na Santa Casa até hoje?!

AP - Até hoje?! [*Renato ri*] Trabalhar...

RP - A Santa Casa hoje paga uma mixaria pro seu Chefe de Serviço, os assistentes todos trabalham de graça lá.

AP - E eles trabalham de graça lá pelo aprendizado que eles tem...

RP - Pelo aprendizado, pra treinamento...

AP - E também pelo prestígio, né, que a Santa Casa ainda...

RP - Ainda dá.

AP - Ainda dá, né?! Mas naquela época, então, era uma coisa muito grande, né!. Ser médico da Santa Casa na década de 40 era uma coisa muito importante pra a sociedade.

RP - Era!

AP - E esse lado também assim de um médico benevolente, de um médico cariativo, de um médico que faz caridade, que atua numa instituição filantrópica, isso também era uma coisa que dá prestígio ao médico, né?!

RP - É! A empregada vai consultar no hospital gratuito e a patroa acaba indo... usa um serviço pagando ao médico no seu consultório particular.

AP - A empregada servia de isca pra patroa?

RP - Não, às vezes servia. Às vezes...

AP - A empregada chegava em casa de volta... ah, tive num médico muito bom. E tal e tal... assim...

RP - Então a patroa...

AP - A patroa não ia lá no consultório público?

RP - Hoje, não. A clínica tá... com o credenciamento desordenado que existe hoje, com seguro saúde, isso tudo... o sujeito consulta ao médico que está na lista de seu seguro saúde sem saber quem é, vai à consulta, sai satisfeito às vezes, e não sabe nem o nome do cara... eu tenho amigos assim, que vão... recorrem ao seguro saúde porque tá coberto pela... a consulta pelo... O credenciamento foi feito muito para o médico encher suas salas de espera e seus consultório particular.

AP - O sr. acha que... já que o sr. tá falando em credenciamento, não esta bem aqui no nosso roteiro, mas o médico que tem o paciente do credenciamento e o paciente do não credenciamento, o paciente liberal, a conduta dele é diferente?

RP - Existem... existem casos que é!

AP - Dependendo de onde vem o cliente.

RP - Depende do caráter do médico. Devia atender igual a todos. Agora, um doente...

AP - Um doente que vem pelo... pela Amil...

RP - Hein?!

AP - Um doente que vem pela Amil, pela Golden Cross,

RP - É.

AP - ...pela Unimed, e um outro cliente que vem particular.

RP - Há consultório particular hoje em que, numa determinada hora, só são atendidos doentes de convênio.

AP - E numa outra hora...

RP - Na outra hora, clientes particulares, que pagam a consulta o preço que ele cobra. Isso é uma coisa muito individual, depende muito do caráter do sujeito.

AP - O... Então nós estávamos falando na década de 40, dessa dupla inserção, vamos chamar assim, profissional: ele era ao mesmo tempo assalariado e liberal.

RP - É! Aqui no Rio de Janeiro...até a década de 30, a assistência municipal não existia. Havia o médico... um médico de família que era um profissional liberal...

AP - Como seu pai.

RP - Como meu pai.

AP - Aí depois que a assistência municipal começou a existir...

RP - Não. Logo depois da assistência... depois da reforma de Pedro Ernesto em 1933 veio a criar a Previdência Social. A princípio, nasceu erradamente a previdência, não era para dar assistência médica. Mas a assistência médica motivava os políticos todos.

AP - A assistência médica da voto.

RP - Dava voto.

AP - Por quê? Como é que era a associação entre a assistência médica pública e o voto?

RP - O sujeito ia pro consultório, e... era candidato a qualquer cargo e trabalhava (TI). As vezes dava errado. Eu tenho... sei o caso de um colega que era médico do Hospital Moncorvo Filho... e havia eleições, era... foi candidato a vereador aqui no Rio de Janeiro. Ele reteve doente na enfermaria dele... no Moncorvo Filho... porque os doentes tinham o privilégio de votar ali na Escola Hannemaniana, perto do Moncorvo Filho. Reteve a alta desses pacientes e levou 31 doentes em várias seções de carro para votar nele. Desses 31, quando ele abriu só tinha 1 voto... O eleitor também era sabido. Votou em quem ele quis e não nele.

AP - É... Porque esse... esse tema que o sr. tá...

RP - Isso é falta de ética.

AP - Esse tema que o sr. tá tocando agora aqui não estava dentro do nosso roteiro mais uma vez... o sr. é tão... dinâmico e tão inteligente... e tão surpreendente que a gente tem que acompanhar um pouco a sua... as suas colocações, né! A relação entre a prática médica e a prática política, não é? Quantos médicos conseguiram auferir prestígio político com a sua prática profissional?

RP - Muitos médicos. Você, na vez passada, você... você é de Campo Grande?!

AP - Isso!

RP - Você citou o Raul Boaventura. Raul Boaventura era um cirurgião bom... e clinicava exclusivamente em Campo Grande. E fez um prestígio muito grande... tinha aquela casa de saúde. Negociou essa casa de saúde pra ser um... um dispensário de Campo Grande, que eu já descrevi na semana passada, na última entrevista... mas tinha prestígio. Quando o Raul entrou... pra ser perseguido pela cúpula da assistência e foi parar num plantão da Ilha do Governador, ele levava doente de Campo Grande para ser operado na Ilha do Governador. Como havia ordens expressas que só podia operar urgência lá, ele... dava um jeito de tornar aquele caso de urgência. Uma apendicite crônica...

AP - Ele inventava!

RP - Apendicite aguda (TI).

AP - Ele inventava que o pessoal estava com apendicite aguda e aí...

RP - Era... (TI) Não cobrava... mas... para fortalecia seu prestígio local lá em Campo Grande.

AP - Apesar de deslocarem ele pra Ilha...

RP - (TI)

AP - ...não adiantou nada deslocaram ele pra Ilha que...

RP - Não...

AP - ele continuou angariando prestígio com a prática médica.

RP - Ele era inteligente.

AP - E depois isso é hereditário, né, porque a filha dele também vai ser eleita depois.

RP - Parece que sim! Andou perigando aí, mas parece que quebraram o galho dela.

AP - Agora, curioso... eu andei fazendo uma pesquisa sobre a Constituinte de 33... 1933, e o Dr. Cumplido Santana, que era membro do sindicato, é... o sindicato, na Constituinte de 33, tentou mandar um candidato médico.

RP - Mandou!

AP - É, mas não foi eleito nem na Assembléia dos Profissionais Liberais e depois nem no voto direto. Como é que o sr. explica isso?

RP - Não, o voto direto...

AP - O Dr. Cumplido não foi eleito de maneira nenhuma.

RP - Eu não sei no voto direto se ele foi eleito. Agora aqui houve... os deputados... 50 deputados classistas que Getúlio embutiu na Constituição. Era eleito por formações corporativas...

AP - Sim, tinha uma formação corporativa que era de profissionais liberais...

RP - Mas não era por voto popular, não.

AP - Sim, claro. Eram, eram as próprias corporações que elegiam.

RP - É!

AP - Eu tô dizendo é que o candidato do sindicato dos médicos, que era o Dr. Cumplido Santana... Ele foi indicado...

RP - Aí era uma eleição complicada, porque aqui no Rio naquela época, década de 30, 30, é foi na época da Constituinte de 34, era uma Assembléia feita pelo sindicato, pela Sociedade de Medicina e Cirurgia, a Academia teoricamente tinha que se meter nisso, de modo que esses sujeitos todos tinham que ter o voto das sociedades médicas

AP - Não, o que eu tô falando pro sr. é o seguinte... É..

RP - E o Cumplido Santana se virou.

AP - Se virou, mas não conseguiu ser eleito.

RP - Pois é! E assim mesmo ele não conseguiu ser eleito. Deve ter sido um outro qualquer que eu não me lembro quem era.

AP - O sr. nessa época não... não tem...

RP - Não, não mexia nisso!

AP - Tá certo! Bom, então.. é... Voltemos, então, aí a... ao perfil do profissional médico na década de 40. É... os médicos que atuavam no Rio de Janeiro se formavam na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro?

RP - E/ou na Escola Hanemanniana que hoje é a Faculdade de Ciências Médicas.

AP - Sim! Então já que o sr. falou na Hanemanniana, na década de 40, logo que o sr. se formou até a década de 40, qual era a relação entre os alopatas e os homeopatas?

RP - Os alopatas sempre combatiam os... e desprezavam os homeopatas. Mas eu acredito no valor da homeopatia.

AP - Sim, o senhor. Pessoalmente.

RP - Pessoalmente.

AP - Hoje!

RP - Hoje!

AP - Agora quando o senhor se formou, qual era a sua visão a respeito da homeopatia?

RP - Essa visão se formou... se robusteceu em mim em ver médicos homeopatas que eram tão bons quanto os alopatas.

AP - Os... alopatas entendiam que a homeopatia era charlatanismo?

RP - Defendiam disso... dessa acusação.

AP - Eles... eles afirmavam..

RP - Os alopatas?

AP - É. Isso!

RP - Alguns faziam.

AP - Agora, os médicos no Rio de Janeiro, na década de 40, eram de que origem sócio-econômica?

RP - Ah, era muito variado.

AP - Era variado?

RP - Era! Variava muito!

AP - Não eram de classe média alta, não?!

RP - Classe média alta, classe média baixa.

AP - Existia algum negro na sua turma da faculdade?

RP - Tinha um.

AP - Mulher?

RP - Homem!.

AP - Sim, e mulher?!

RP - Mulher só tinha uma!

AP - De quantos alunos que eram da sua turma?

RP - A minha turma inicial era de 420. Formaram-se 380.

AP - Desses 380 que se formaram-se, quantas mulheres tinham?

RP - Só tinha uma.

AP - E quantos homens? Quantos.....quantos negros que se formaram? Esse único que se formou?

RP - Um, dois... Uns 2 ou 3.

AP - E esses 2 negros eram de origem popular? O senhor poderia dizer? O senhor os conheceu pessoalmente?

RP - Conheci. Sou amigo... sou amigo de um deles ainda tá vivo aí.

AP - Mas ele era de origem popular. Ele era filho de favelado!

RP - Isso eu não sei dizer.

AP - [Da periferia]...

RP - Não, não era não! Não era.

AP - E essa única mulher, quem era?

RP - Era uma moça que fez os exames no Pará e depois veio pra cá.

AP E... e ela conseguiu exercer a Medicina?

RP - Exerceu.

AP - O sr. acha que a Medicina, é... na década de 40, era ainda uma profissão essencialmente masculina?

RP - Era! Era!

AP - E essa feminilização da Medicina, como que ela se deu?... é... pacificamente?

RP - Se deu pacificamente. Basta ver: a minha turma tinha uma. A turma que antecedeu a minha tinha duas. A turma que sucedeu a minha tinha três... mulheres... Hoje, em qualquer faculdade de medicina do Rio de Janeiro, e tem 7 faculdades aqui no estado, metade é de... é de mulher.

AP - O sr. acha que essa feminilização da Medicina coincide com a proletarização da Medicina?

RP - Não.

AP - As duas coisas não andam meio juntas, não?!

RP - Não!

AP - Como é que o sr. relaciona uma coisa com a outra?

RP - Porque geralmente essas moças que fazem um curso médico, fazem por vocação.

AP - Sim, mas isso não coincidiu com a proletarização, com a depreciação do valor da...

RP - Coincidiu até certo ponto. Mas não por causa delas, não!

AP - Bom, agora vamos passar então um pouco pro segundo item, que é relacionado com o IV Congresso Médico Sindicalista, que foi realizado em 44. O sr. participou desse evento? Tem alguma lembrança desse evento?

RP - Não! Onde foi esse Congresso...

AP - Foi no Rio de Janeiro.

RP - Ah, foi?! Não, não participei não!

AP - O senhor não tem nenhuma lembrança desse evento.

RP - Não.

AP - É... Naquela época, nós selecionamos aqui alguns itens que parece que estavam presentes naquela época, né! Por exemplo, na década de 40, é... a gente separou pelo menos... aqui... 4 itens que estavam presentes nesta época... do... da... do ano de 44. É... A relação... A Presença da Medicina na Imprensa Leiga... na Imprensa Médica...

RP - Quem pode falar muito sobre isso é o Neves Manta .

AP - Por quê?

RP - Porque ele... ele... ele tinha uma revista médica chamada Imprensa Médica, e ele (PI) muito em jornal. Meu pai, por exemplo, foi um... tinha um rodapé no Jornal do Comércio durante mais de 20 anos. Ele falava sobre medicina.

AP - Sim, mas havia uma... uma polêmica entre os médicos a respeito disso, não?

RP - O quê?

AP - Sobre ... é... é... fazer... é... anúncios em imprensa leiga...

RP - Anúncios era outra coisa! Anúncios era outra coisa!

AP - Dar um tipo de aconselhamento médico na imprensa...

RP - É outra coisa, é outra coisa!

AP - Como é que era a matéria de seu pai...

RP - Por exemplo, o Colégio Brasileiro de Cirurgiões proíbe aos seu membro, e censura quando acontece isso, de anunciar que é membro do Colégio. Esses anúncios de consultório, de consultas grátis, de consulta tanto, de especialidades novas... o Colégio proíbe isso. Viola a ética!

AP - Por quê?

RP - Porque o sujeito tá usando de um recurso que nem todos têm, né? Tá se beneficiando de seu poderio econômico. Porque anúncio custa dinheiro, não custa? Nós tínhamos aqui no Rio de Janeiro, um médico, que tinha consultório na rua Buenos Aires, publicava no jornal a fila do seu consultório. Fila na rua... na rua Buenos Aires. Então disseram que ele foi botar a fila do açougue! Pra dizer que era fila do consultório... A fotografia... Isso é antiético, não é? Oferecia consultas mais baratas e tratamentos adequados...

AP - E a matéria de seu pai como é que era?

RP - A matéria era profundamente ética.

(A entrevista foi interrompida)

AP - O sr. tá falando um pouco da matéria do... dos artigos do seu pai no Correio.

RP - Eram... eram... eram artigos de Medicina... conselhos aos leigos.

AP - Conselhos aos leigos eram coisas bem vista do ponto de vista ético?

RP - Eram. Eram porque ele não tinha nenhuma vantagem com isso.

AP - E...

RP - Como tem hoje ainda muito médico que faz isso.

AP - Mas não era uma consulta por correspondência?

RP - Não. Era um rodapé fixo que ele tinha no Jornal do Comércio.

AP - Mas o... a consulta por correspondência não era... não era...

RP - Não era consulta por correspondência, não!

AP - Mas a consulta...Os que faziam...

RP - Ele escolhia o assunto que ele queria falar.

AP - Ta bom. Agora... o sr. estava... é... em 42 no Colégio, né?! E como é que o sr. explica... é... o fato do Conselho... é... ser criado em 44?

RP - O Conselho?

AP - É! O que correspondeu essa...

RP - O Conselho não foi criado em 44...

AP - Em 45!

RP - Em 45!

AP - Isso! Mas em 44 foi o tal...

RP - Pelo governo Dutra.

AP - O tal... é... IV Congresso Médico Sindicalista.

RP - É.

AP - ... que foi...

RP - Porque havia uma briga muito grande...em que a AMB... o Sindicato queria chamar pra ele essa função do Conselho. Mas o Sindicato não merecia confiança... pelo seu passado... O Sindicato... havia a corrente dentro do próprio Sindicato que achava que achava de ser um órgão punitivo do médico... com... com... era a Ordem dos Advogados, por exemplo. Outros não... que devia ser uma ordem de registro do médico. E esse... esse projeto foi criado pelo Dutra mas ninguém ligou a isso, não! Não era obrigatório!

AP - Ele tinha o...órgão punitivo, tinha o órgão de registro, o sindicato também não tinha quem pensasse se o Sindicato deveria ser um órgão recreativo também...

RP - Aí, em 57, com o Juscelino, veio o projeto [durou] de 45 a 57 em tramitação na Câmara.

AP - Quem era o deputado que... é... lidava com essas questões de 45 a 57?

RP - Não sei! Não sei! Não me lembro! O negócio teve tão demorado o (PI) que perdeu a noção disso. Havia razões políticas de partidos... PSD... PTB... UDN... tudo isso... eles não se entenderam nunca! Como não era matéria que não dava... respeito ao interesse político e, sim, só interessaria a uma classe, e essa classe não tinha um comando uniforme...

AP - O dr. Álvaro era a favor que se criasse o Conselho ou era contra?

RP - Não sei! Era... eu acho que ele defendia o ponto-de-vista do Sindicato, mas não tenho certeza não!

AP - Que era o de... não criar o Conselho?

RP - Dar a atribuição do Conselho para o Sindicato.

AP - Ah, então o Conselho seria um apêndice do Sindicato.

RP - Seria, talvez!

AP - De qualquer maneira foi feito o Decreto-lei 7.955 pelo presidente Dutra criando o Conselho.

RP - Criando o Conselho.

AP - Mas o sr. tem notícia...

RP - Mas como não era obrigatório... ninguém entrava no Conselho. O Conselho passou a ser obrigatório quando aaaaa... em 57 o Congresso aprovou aquilo e o Juscelino sancionou o Decreto... a lei... sancionou a lei tornando obrigatório o registro no Conselho e fazendo o Conselho. Por isso é que eu disse a você que quem participou do Conselho como membro... Então, dessa coisa, existia a Associação Médica Brasileira, o primeiro decreto... o primeiro Código de Ética Médica foi um código elaborado pela Associação Médica Brasileira... foi aprovado como Código de Ética Médica e depois foi reformulado o Código de Ética Médica pelo próprio Conselho.

AP - O sr. tem notícia da composição do Conselho em 45? Quem eram os membros?

RP - O Conselho Federal de Medicina era... tinha sede aqui no Rio, na Avenida Rio Branco... era formada por 21 membros eleitos pelos 21 estados, e mais um membro indicado pela Associação Médica. Este membro...

AP - Mas isso em 57, né?!

RP - 57!

AP - Sim! Eu tô falando em 45!

RP - 45 não tinha nada disso. 1945 não era obrigatório o registro médico.

AP - O sr. teria condições de nos dizer assim quem eram os principais personagens dessa... que parece... pelo que parece pelo que o sr. tá dizendo, havia uma polêmica entre as lideranças médicas da criação ou não do Conselho.

RP - Eu não sei porque eu não freqüentava o Sindicato... e não acompanhava isso... O negócio levou... de 54... a...de 50... de 45 a... a 57, mais de dez anos, né... mais de dez anos... congelado no Senado a gente perde a noção disso. Um dia eles resolveram tirar. Tiraram e fizeram a lei.

AP - Que foi essa... que tem a fotografia do sr. com o...

RP - Essa lei que tá em vigor até hoje.

AP - ... o Juscelino.

RP - É!

AP - A gente poderia então agora é... passar a conversar um pouco sobre o Código de 45.

RP - O quê?

AP - O Código de Ética Médica de 1945.

RP - O Código de Ética Médica foi feito... atendia as coisas... já foi modificado 3 vezes... acho eu! Eu tenho ali o primeiro Código que eu já te mostrei, e tenho o atual... aqui, ó! Mas uma das coisas inter... interes... interessantes é que no código primitivo de ética médica... nas 2 reformas do Código de Ética Médica era vedado ao médico cobrar honorários de outro médico ou de pessoa dependente pra viver desse médico. O de 45, da última reforma, acabou com isso... [agora] médico pode cobrar... dinheiro de médico. Isso não me atingiu pessoalmente.

AP - Não atingiu ao sr.?

RP - Porque os médicos que me tratam não me cobram nada de mim. [*Dr. Renato ri*]

Fita 11 - Lado A

AP - É... agora... sobre o texto de 45... sobre o Código de Ética Médica de 1945, quais sss... são para o senhor os principais... é... pontos desse Código? O sr. tem alguma lembrança deles? Não precisa... se o sr. quiser, assim... pegar o texto, [pode] só assim...

RP - Eu responderia melhor folheando o Código.

AP - Se o sr. quiser folhear o Código, não há problema!... Esse é o de 57, né!

RP - Não! Esse é...

AP - Tem o de 45, aí?!

RP - 45 tem! O Código de quarenta... Ah, só tem o de 57... Não me lembro, não! Esse aqui que tornou obrigatório a inscrição no Conselho.

AP - É, esse aí é... é o tema da nossa próxima conversa. Hoje nós gostaríamos de conversar com o sr. sobre o Código de 45.

RP - (TI) [*Longa pausa, enquanto o Dr. Renato folheia o texto do código em suas mãos*] Eu não tenho o Código de 45 aqui, não!

AP - Bom, então, é... vamos fazer uma pergunta assim mais geral pro senhor: Qual que o sr. acha que deve ser a função de um código de ética médica?

RP - Código de Ética Médica?

AP - É! Qual deve ser a função dele?!

RP - A função principal é fiscalizar as quebras da ética médica... as normas fundamentais... da ética médica.

AP - O sr. acha que o Código de 45 cumpriu essa tarefa?

RP - Não!

AP - O de 45?

RP - Não. Por isso [*nunca entrou em vigor*].

AP - Ele ficou só no papel.

RP - Ficou só no papel.

AP - Bom, então...

RP - Não era obrigatório o registro.

AP - Falando do papel, então... Como que era na década de 40 a... a relação... entre médicos? Nós... Há uma referência muito forte no código de 45 às conferências médicas.

RP - As conferências médicas o sujeito... Era um direito que qualquer médico podia exercer, desde que o médico assistente dos doentes solicitasse a ele. Meu pai, por exemplo, que era um clínico com uma larga clientela... uma grande clientela... meu pai só examinava doentes de outros colegas se eles estivessem presentes no mesmo

momento... [pra dar] a conferência. Outros não tinham tempo pra ir... ou não queiram ir... ele recusava. É um problema ético.

AP - Ah... O sr. acha que o processo de especialização da medicina colocou novos dilemas éticos para o exercício da profissão?

RP - Evidentemente que colocou.

AP - Como é que o sr. poderia falar sobre isso?

RP - É difícil falar sobre isso...

[Ao fundo, a esposa, do Dr Renato, (A)lice, comenta algo ininteligível e alheio ao conteúdo da entrevista... e todos a escutam em silêncio]

A - Vocês querem um cafezinho?

AP - Brigado! Queríamos um... pouco d'água, por favor!

A - Eu vou...

AP - Mas então, nós estávamos tentando perguntar ao sr. sobre essa... esse processo de especialização, as novas descobertas tecnológicas...

RP - A isso, (TI). A medicina evoluiu muito...

AP - dentro das ciências... Como é que isso...

RP - ...A medicina progrediu muito!

AP - Como é que isso interferiu nos... nos dilemas éticos no exercício da profissão médica?

RP - Não chegou a ter grande influência nos ... nos problemas éticos, não. Mas modificou a prática da medicina.

AP - Chegou neto, aí?!

RP - Hein?!

AP - Tem neto, aí?!

RP - Hein?!

AP - Tem neto, aí?!

RP - Não, é... a neta da empregada!

AP - Risos...

RP - Alice, fecha aí!

AP - espera aí, dá licença. (*André levanta-se e fecha a porta*) É... O sr. já havia falado um pouco sobre a concorrência desleal, não é, entre médicos, não é?! Agora, há uma... um conceito muito forte... é... presente neste código de 45 relacionado com o termo médico assistente. Que que era isso, médico assistente?

(*Ao longe D. Alice faz algum comentário*)

RP - O médico assistente...

A - O sr. também quer?

Sérgio - Aceito, obrigado!

A - Então, péra aí!

RP - O médico assistente era o médico que trabalhava com o médico, com o chefe de serviço, e que ele mandava o médico assistente atender os seus doentes. Tinha muita clínica... mandava... mandava o assistente visitar.

AP - E o médico perito?

RP - O médico perito era pra... pra fazer perícias médicas, né.

A - Eu nem sei se esta água esta quente.

RP - Isso era uma especialidade à parte, né!

A VOZ - Foi posta agora. Tá quente?!

AP - Tá boa! Tá boa! Obrigado!

A - É a mesma! Só que (TI).

AP - Tá ótimo!

A - (TI) Bom, então deixa eu tirar essa vestido que é muito quente...

RP - Fecha a porta!

A - Já vou!

AP - Agora... Dr. Renato! Passamos então a conversar um pouco sobre a relação entre os médicos e os farmacêuticos. Na década de 40 essa relação entre médicos e farmacêuticos era uma relação amistosa? Ou conflituosa?

RP - Amistosa.

AP - E esse negócio do médico ter consultório em farmácia, do médico ter consultório em cima da farmácia... do médico ter consultório perto da farmácia...? O farmacêutico clinicar...?

RP - Bom, havia médicos, havia médicos que recebiam comissão da receita que eles davam. Mas a maioria não fazia isso, não.

AP - Os interesses comerciais do farmacêutico às vezes se associavam aos interesses dos médicos?

RP - Associavam-se.

AP - E isso não gerava uma certa...

RP - Associavam-se mesmo que... não, não, não houvesse propina ou comissão. Associavam-se porque progrediram. O médico tinha lá... quanto mais a clínica... maior fosse a clínica do médico mais o farmacêutico ganhava evidentemente. Como é até hoje isso. Eu conheci um oculista aí, já morreu, que tinha uma clínica boa, mas só mandava fazer óculos em determinada casa de ótica. Porque ele tinha comissão. Isso é aéctico. Agora, existem outros que recomendam as casas de ótica, porque confiam em determinadas casas de ótica. Fazem um serviço bom.

AP - O sr. tem lembrança de algum caso relacionado com farmacêuticos?

RP - Hein?!

AP - De... Esse tipo de problema entre médicos e farmacêuticos.

RP - Acho que (TI) não havia tanto, não.

AP - Não, porque há tanta menção, tanto detalhe nesse Código de 45... Parece que tem algum problema...

RP - Na época em que o médico formulava, e dependia da farmácia, a farmácia tinha que ter um laboratório pra aviar as receitas, mas hoje, com... a industrialização da Medicina, a industrialização do remédio, já não existe a mesma coisa.

AP - Sim, mas...

RP - Tanto que as drogarias não têm laboratório.

AP - Mas em 45...

RP - Tem algumas farmácias... ainda existem hoje que manipulam. Mas cada farmácia tinha que ter o seu laboratório pra manipular, no tempo em que havia o receituário médico. Hoje o médico escreve o nome do remédio que já tá feito pelo laboratório. Houve, sim, a mercantilização da indústria farmacêutica.

AP - Sim, mas em 45 essa mercantilização ainda não tinha ocorrido.

RP - Estava em transição.

AP - Estava em transição.

RP - É.

AP - Já existia um pouco de... .

RP - Já. Já existia, [mas desapareceu]... De... Deixou de ser dos farmacêuticos para ser do... dos laboratórios. Então o médico era visitado por agentes propagandistas dos laboratórios que entupiam você de amostra. Cada produto novo que eles lançavam, o laboratório mandava os seus agentes dar amostras grátis pro médico. Pra ele [familiarizar] com o remédio novo... o que nem sempre adiantava... O sujeito [já tava habituado ao antigo], ficava no antigo mesmo.

AP - É, mas em 45 ainda não havia muito essa ...

RP - Começou a haver nessa época... Depois da grande, da 2ª Grande Guerra é que mudou muito a... o hábito disso.

AP - Então vamos falar de um outro assunto que está presente no Código de 45, em vários artigos, que se relacionam com a... com a proibição... é... das práticas... é... charlatães... de charlatanismo profissional, não é? Que eles chamavam, e que não... que fugiam a toda, todas as práticas de cura que fugiam a medicina científica da época, não é?

RP - Vou lhe contar um fato..

AP - Como é?!

RP - Isso existiu sempre. O charlatanismo existiu sempre. Meu pai teve um colega de turma dele - meu pai formou-se em 1908 -, que enriqueceu e foi para o interior tentar fazer clínica no interior... no tempo do médico de família. Ele viu que não dava resultado. Não acreditavam neles. Então ele mudou-se para uma cidade próxima dizendo-se um char... ele dizendo-se um charlatão, ele era formado. Divulgou isso e choveram doentes na clínica. Ficou rico. Isso [também] não depende só do médico: depende do meio em que ele vive... da comunidade em que ele funciona, em que ele...

AP - No seu tempo de recém formado o charlatão ainda tinha muito prestígio?

RP - Dependia do charlatão. O charlatão... Primeiramente o charlatão era um sujeito simpático, (*risos*) senão, senão ninguém acredita nele. [Existe]. Agora, tem o charlatão leigo e o charlatão formado. Isso tem. Eu citei o caso desse colega de turma de meu pai, que fracassou como médico, era médico, tinha diploma, não botou o diploma na parede, veiculou a ideia de que ele era um charlatão e fez uma clínica fabulosa no interior e ficou rico. Acho que no Rio Grande do Sul. Porque a medicina no Rio Grande do Sul foi exercida muito tempo sem necessidade de, de curso médico, sabias? No tempo do

positivismo. [Principalmente] do Borges de Medeiros, não precisava ser médico. Qualquer um podia exercer a medicina.

AP - Agora... e esse charlatão leigo, como é que ele era?

RP - Ah, isso varia muito.

AP - Quais são os tipos de charlatão leigo que existiam quando o sr. se formou?

RP - Existiam alguns, eu não sei. [Só] sei que eu nunca lidei com eles não.

AP - Sim, mas o sr... convivia na vida, na sociedade...

RP - (TI)

RP - Existia o espírita?

RP - Hein?

AP - O espírita...

RP - (TI)

AP - Espírita.

RP - O Espiritismo...

AP - Kardecista...

RP - Kardecista...

AP - Umbandista.

RP - Umbandista.

AP - Aquele que lhe dava com ervas e dizia-se... curar com ervas...

RP - É... Existia uma farmácia... uma farmácia na Rua Sete de Setembro, chamada Flora Medicinal, que só vendia ervas. Tinha uma freguesia louca na rua Sete de Setembro... perto da Praça Tiradentes. Mas isso não era médico que receitava, não. Era o... o... espírito popular que divulgava.

AP - De boca em boca.

RP - É. Como agora tá voltando sob a forma de... de medicina ortomolecular. Tem receitas descobertas, [feitas] no estrangeiro, sempre deve-se recorrer a sais e a polivitaminas e a flora nacional. Não é só aqui, no exterior também. A medicina mudou muito.

AP - E qual era o tipo de atuação que... o Colégio tinha com relação aos... aos... curandeiros, aqueles que operavam sem ser médicos? Faziam cirurgia sem ser médicos?

RP - O Colégio nunca tomou conhecimento disso.

AP - O Sindicato?

RP - Também não.

AP - Sociedade?

RP - Também não.

AP - Academia.

RP - Também não.

AP - Deixava rolar.

RP - Deixava fora. Não perdia tempo com isso.

AP - Fingia que não estava vendo.

RP - Fingia que não estava vendo.

AP - Isso não ameaçava o mercado de trabalho médico?

RP - Não, não... [era] não era de, de vulto de ameaçar... de se tornar uma ameaça.

AP - Agora, a clientela que procurava este tipo de cura ilícita, era a clientela que ia ao médico ou era uma outra clientela?

RP - Alguns iam ao médico, também. Se o médico não [estava dando] bom resultado, eles corriam pro curandeiro.

AP - A idéia de um médico dar resultado é muito importante, não é? Um médico tem que ter resultado.

RP - Tem que ter...O médico tem que estudar sempre.

AP - Não. Estudar é uma coisa, outra coisa é ser eficiente.

RP - Estar sempre atualizado.

AP - E ser eficiente naquilo que faz, né?!

RP - É.

AP - Porque se não tiver resultado... se o resultado não for positivo... o cliente vai pra...

RP - Vai pra outro.

AP - Vai pra outro médico ou vai pra essas outras práticas de cura, não é?...
Essas outras práticas de cura, sr. acha que tão..., o sucesso delas está...
proporcionalmente ligado ao insucesso da Medicina?

RP - Não. A medicina não tem insucesso, a medicina progrediu muito. Eu acho...
Mesmo a medicina do meu tempo de formado pra a de hoje fez grande coisas, sim. O
que se faz hoje em transplante cardíaco ninguém pensava em fazer. Hoje transplanta-se
fígado. Ponte... Coloca-se ponte de safena. Coloca-se implante intra-ocular... Naquele
tempo não havia nada disso. Catarata, por exemplo, tinha que tirar o... o cristalino
opacificado, e corrigir aquilo com uma lente que parecia um fundo de garrafa, de
grossa. Hoje, não! Eu operei os meus dois olhos ..com... em 80 e.. 81 e 82... 81!!!. Eu
estava [fazendo] (TI) catarata resolvi operar. Sabe como é que apareceu isso? (TI) Na
Grande Guerra, o globo... o globo ocular sempre foi muito sensível. [Hoje] se cair uma
poeira, uma madeira, um... um grão de madeira, um grão de areia... teu olho fica...
vermelho, incomoda. Uma pestana, incomoda. Eles viram... que na Grande Guerra, na
última Grande Guerra, os pilotos de combate, muitas vezes salvos de quedas de avião
ou de... de combate lá, tinham dentro dos olhos fragmentos minúsculos de... de... do
vidro do pára-brisa dos aviões. E que era tolerado ao olho humano. Então na Holanda, e
depois na Inglaterra, começaram a descobrir isso. E com aquele tipo de vidro, que é um
plástico... um vidro plástico... podia ser tolerado. Aí partiu-se para substituir o
cristalino, que é uma lente deste tamaninho, todos nós temos nos nossos olhos... pela...
essa lente de acrílico, de plástico. E dá resultados excelentes.

AP - Agora, o que fazia...

RP - [A medicina] evoluiu muito...

AP - O que fazia então os pacientes procurarem os charlatães?

RP - Falta de cultura popular. [Principalmente] isso!

AP - Como é "falta de cultura popular"?... O que o sr. quer dizer com isso?

RP - Ignorância. Ignorância pura. Porque na mão de charlatão morreu muita gente
também...

AP - E com relação a esses charlatães médicos?... O sr. falou que tinha os charlatães
leigos e os charlatães médicos...

RP - Infelizmente, felizmente existem muito poucos.

AP - Mas na década de 40 o Colégio como é que se posicionava diante desses charlatães
médicos?...

RP - Recusava...

AP - Denunciava... publicamente...

RP - Não. Recusava secretamente.

AP - Secretamente. Havia algum tipo de perseguição...

RP - Mas não teve chance, não teve chance para isso não!

AP - Algum, algum tipo de perseguição pública a esses charlatães médicos?

RP - Não. Isso foi só aparecer com o Conselho.

AP - Denúncia pública...

RP - O Conselho hoje faz processo de... de denúncia pública.

AP - O sr. acha que isso é válido?!

RP - Suspende, suspende as vezes, mas há uma influência política [no Conselho]. Às vezes o Conselho Regional pune. O sujeito apela para o Conselho Superior e ele absolve ou minora a pena.. a pena. E ainda há várias gradações das pena... das penalidades do Conselho: desde a advertência... privada até a advertência pública, suspensão dos direitos médicos, e até... eliminação. Aqueles torturadores de 64... muitos deles foram punidos; escapou um japonês lá de São Paulo... Shibata...

AP - Bom, outro...

RP - Mas esse não eram por charlatanismo, não, era por... por conivência com... com a ditadura!

AP - Um outro tema presente no Código de 45 se relaciona ao segredo médico. O segredo médico, quando... o sr. se formou até a década de 40, 1945, qual era o... a concepção de segredo médico?

RP - O segredo médico existia e ainda existe até hoje. O médico não é obrigado a revelar nem na Justiça... certas... certas coisas [relacionadas] com que viu.

AP - Mas havia uma polêmica aí na década de 40 sobre o que que se revelava, e o que que não se revelava, pra quem que se revelava, pra quem que não se revelava... O sr. tem alguma lembrança desse... dessa polêmica?

RP - Não, não.. porque eu não tenho de cabeça o código primitivo.

AP - Não, eu digo... por exemplo: é doença venérea, não é? Então doença venérea deveria ser...

RP - Não se revelava!

AP - Deveria ser revelada ao... ao... à parceira.

RP - O aborto! Doença venérea! Ao parceiro, às vezes, dependia do doente... se o doente pedia. Guarda segredo! Não quero que a mulher saiba que tô com gonorréia!
[*Dr. Renato ri*]

Sérgio - Mas não havia caso em que...

RP - Hein?!

Sérgio - É, por exemplo, há uma discussão na década de 40 sobre o segredo médico absoluto e o relativo. Nesse caso que o sr. citou agora, por exemplo, de um paciente...

RP - Agora já mudaram.

Sérgio - Não, na década de 40 já se discutia um pouco isso. Quer dizer... Esse caso que o sr. falou da gonorréia. O paciente eventualmente pedia ao médico que não comunicasse ao cônjuge o estado dele de gonorréia. Mas o médico sabia que se ele não comunicasse... é... esse estado do paciente...

RP - Aí dependia da consciência do médico.

Sérgio - Ah, sim!

AP - Nós tínhamos separado aqui mais um ponto sobre o Código de 45, mas... eu acho que o sr. já falou um pouco sobre os anúncios médicos. Mas existe uma coisa que o sr. não falou ainda, que nós estamos chamando aqui de "indústria dos agradecimentos". Indústria dos agradecimentos é o seguinte: muitas vezes saía publicado nos jornais, na década de 40, e a nossa pesquisa constatou, vários pacientes que escrevem para jornais de grande circulação o seguinte texto: "Agradeço ao dr. fulano de tal..."

RP - Alguns fazem espontaneamente sem o conhecimento do médico. Outros fazem a pedido do médico.

AP - Como é que o sr. via isso na década de 40?

RP - Eu via mal. Não podia admitir isso. Eu sempre respeitei muito a ética.

AP - E o Colégio, como é que encarava esse...?

RP - Da mesma maneira! Mas qualquer entidade médica Academia e todas elas são contra. Mas é difícil pegar isso.

AP - É difícil pegar isso?

RP - De pegar... Porque o sujeito alega que não foi ele quem pediu. Às vezes é encomendado. O sujeito pra fazer clínica... Uma das, um dos motivos de... pouco [recomendável]... é com a... o seguro saúde: O seguro saúde é um negócio... é um negócio... Então o médico faz o seguro saúde, faz pra quê? Pra ter a sua sala-de-espera sempre cheia. E o doente do seguro saúde não era atendido da mesma forma que o

doente particular que [morre] no preço da consulta. Isso existe e sempre existiu. Sempre existiu. É anti-ético pra mim. Na minha opinião é anti-ético.

AP - Consulta em rádio e jornal na década de 40? Como é que o sr. via isso? A pessoa... Como tem hoje em dia, até no rádio e no jornal às vezes a...

RP - Jornais. Jornais não!

AP - O cliente... o paciente liga: "O doutor eu tô sentindo isso, isso e isso assim." Aí a pessoa no rádio, ao vivo...

RP - Não, no rádio não! Os grandes jornais daqui publicam: Consultório médico!

AP - Isso! O próprio Jornal do Brasil hoje em dia ainda tem...

RP - O Globo!

AP - O Globo... O sr. considera isso um... crime ético?

RP - Não porque o sujeito assina... assina com o seu nome e o seu, e o seu CRM. A responsabilidade é dele. [Não é aético]. Não é aético, não!... Não deixa de ser uma forma que o médico recorre pra se popularizar. Se você pegar o Jornal do Brasil, tem lá vários especialistas.

AP - O sr., num certo momento, nós acabamos de falar aqui um pouco sobre a influência que o desenvolvimento científico teve com relação a alteração da prática médica: especialização... tecnologia...

RP - É!

AP - Agora, é... com relação ao Estado, até que ponto a entrada do Estado... é... como produtor, não é, de serviços de saúde, até que ponto esse... essa entrada do Estado modificou a organização da prática médica?

RP - Modificou, depois que apareceu o seguro saúde.

AP - O sr. acha que a o seguro saúde foi a modificação maior do que a modificação da entrada do Estado?

RP - Foi motivo, foi motivado pela pressão da classe médica mal remunerada.

AP - Mas o seguro saúde é de quê? É década de 60, né?

RP - Seguro Saúde começou na década de 60... fins, fins, fins da década de 50, década de 60.

AP - O sr. acha que... é... a entrada do seguro saúde... é... proletarizou mais o médico do que a entrada do Estado na época do Getúlio Vargas?

E - Evidentemente que proletarizou.

AP - Da maneira como que o seguro saúde entrou...

RP - É!

AP - É... A autonomia...

E - Há uma briga... há uma briga muito séria das entidades de classe contra as grandes empresas [de] seguro saúde. Por que as entidades querem atualizar constantemente o valor da remuneração dos, das [unidades] de serviços. Mas não conseguem. Porque o empresário quer pagar pouco. Quer dar uma assistência médica pagando pouco ao médico. De modo que alguns médicos tratam diferentemente os seus doentes cobertos pelo seguro saúde, embora credenciados pelas empresas de seguro saúde, e... (TI) seguros saúde e atendem em seu consultório em horários diferentes.

AP - É, mas o que é curioso nessa...

RP - Existe... Isso existe ainda.

AP - O que é curioso nessa entrada do seguro saúde é que... o médico não passou a cobrar consulta do... paciente e depois o paciente ser reembolsado pelo seguro saúde.

RP - É!

AP - Houve um sistema em que o... o... o... paciente paga o seguro saúde e com isso tem direito a tantas consultas quantas queira ou quantas precise.

RP - É!

AP - E... E... com isso o médico não...

RP - E geralmente eles fazem limitações para o que eles chamam casos médicos de grandes riscos... de altos riscos.

AP - Sim, isso é uma outra limitação. Eu tô falando que o médico não tem nenhuma autonomia na... na cobrança da consulta.

RP - Tem que [seguir] aquilo que o... que o patrão...

AP - Que é o seguro saúde...

RP - Que é o seguro saúde... paga a ele. Daí a luta que têm as entidades de classe todas... contra o seguro, contra as grandes empresas do seguro saúde. (PI) a greve... A denunciar os convênios... São coisas do sistema.

AP - Vamos mudar o...

Fita 11 - Lado B

AP - A organização do seguro saúde no Brasil, é... o sr. nessa época era líder do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, né, ela foi... ela foi... é... diferente da que ocorreu, por exemplo, na França, não é? Ou nos Estados Unidos... É... Não tenho notícia da...

RP - Não, o seguro de saúde nos Estados Unidos é diferente.

AP - Sim!

RP - Só paga seguro saúde... só tem capacidade de pagar o seguro saúde a pessoa que tem uma... uma renda... 20% da população americana tem condições de pagar o seguro saúde. Eles têm esse problema lá nos Estados Unidos.

AP - não, mas na França, por exemplo, um paciente vai ao consultório...

RP - A Inglaterra... a Inglaterra está mais adiantada nesse ponto.

AP - Como é na Inglaterra?

RP - Na Inglaterra é mais ampla a cobertura dada pela... pela Medicina ao doente que vai ao consultório.

AP - Não, porque esse sistema em que o paciente paga ao seguro saúde uma mensalidade e com isso tem direito a ir a tantos médicos quantos queira...

RP - Sim!

AP - Quantas consultas quantos queira...

RP - Algumas são assim. Tantos médicos quantos queira, não... médicos credenciados.

AP - Sim!

RP - Cada... cada... cada casa tem um folheto.

AP - Claro!

RP - Tanto, que cada... cada uma dessas... dessas empresas de seguro [saúde] tem um folheto especial [aqueles] médicos credenciados. Se obrigam, que se sujeitam a... a pagar o estipulado no contrato.

AP - Isso o sr. acha que aumentou a autonomia do médico, ou diminuiu?

RP - Diminuiu. Evidentemente...

AP - Aumentou o mercado médico ou restringiu?

RP - De alguma forma aumentou, principalmente para o médico jovem.

AP - Isso faz com que o médico...

RP - Se você pegar um folheto qualquer desses de médicos credenciados, você não vê nenhum nome de médico de... de alto padrão. Nenhum professor da faculdade tá lá metido nisso... Não se sujeita a isso... Na verdade você pode encontrar muito professor pior do que muito médico que não tem renome, pode, mas isso não é regra.

AP - É... voltando um pouco, aí, à década de 40, o Código de 45 faz menção ao trabalho gratuito do médico, há uma... condenação do trabalho gratuito no Código de 45. Diz que ela deve ser...

RP - Só podia trabalhar gratuitamente para outro médico ou dependente... familiar dependente... que viva, até dizia, que viva às expensas do médico.

AP - Dizia-se também que era proibido assistir gratuitamente...

RP - No atual Código de medicina acabou esse dispositivo.

AP - Dizia-se também que era proibido assistir gratuitamente, sem causa justificável pessoas que possam remunerar serviços médicos.

RP - Dizia-se isso.

AP - Dizia-se também que era proibido oferecer serviços gratuitos a agremiações cujos associados possam perfeitamente remunerá-los. Dizia-se também...

RP - Mas isso nunca foi observado!

AP - Não?

RP - Não!

AP - Dizia-se ser proibido oferecer seus serviços ou fazer locação dos mesmos por salários inferiores aos da atualidade ou aos fixados em lei.

RP - [Hoje] eles fazem isso através... [sujeitos] às tabelas das companhias de seguro saúde!

AP - Sim, mas na década de 40 como funcionava isso?

RP - Um médico cobrava, por exemplo, 50, 80 ou 100 reais, e a companhia de seguro paga uma mixaria pra ele. Por isso ele trabalha de manhã. E trabalhando de manhã eles ganham menos... ganham mais em quantidade e menos em, em (PI). De tarde, com suas consultas pagas. Mas querem ter sempre as salas-de-espera cheias.

AP - O Código condenava... O Código de 45 condenava os médicos que tirassem da assistência pública clientes pro seu consultório particular.

RP - Isso ainda condena!

AP - Isso era cumprido em 45?

RP - Não. Nem em 45, nem agora.(risos)

AP - Continuam tirando do...

RP - Continuam tirando. Principalmente quando o doente têm recursos Existe isso! Até com professores universitários. Tinha um médico do Banco do Brasil, que eu não vou citar o nome, que tinha obrigação de atender no Banco do Brasil aos funcionários. No meu livro vai aparecer isso. Eu não dou o nome dele.

AP - E aí?

RP - Porque o... nome dele me causou, me causa nojo de citar. Não quero macular o meu trabalho com o nome dele. Eu boto dr. Pulha. [Esse era médico do Banco do Brasil] Tinha obrigação de atender os pacientes do Banco do Brasil no serviço médico do Banco. Ele alegava aos pacientes que tinha muita coisa... o atendimento era melhor no consultório dele, e obrigava os pacientes a fazer uma declaração... de que iam voluntariamente pro consultório dele. Ele era um bom cirurgião. Tá vivo ainda!

AP - E conseguiu angariar clientela assim?

RP - Cobrava do Banco do Brasil visitas extraordinárias as pessoas... aos doentes... domiciliares, cobrando disso o que custaria um táxi pra levar como condução. Isso é anti-ético! No entanto, esse cara foi um líder da classe médica, por isso é que eu não boto o nome dele no meu livro; e [só] chamo de Dr. Pulha.

AP - É... Bom, dr. Renato, acho que nós podemos encerrar então essa parte do... do Código de 45 passando então para uma outra parte, que eu acho que o sr. vai poder dar mais... um depoimento mais... intensivo.

RP - Em outra ocasião?!

AP - Noutra ocasião? O sr. tá querendo ir pro...

RP - Eu tô querendo ir!... Qual a outra parte?

AP - Não, deixa! Eu prefiro então deixar pra outra vez!

R- Qual seria a...

AP - Porque a outra, outra vez a gente vai falar um pouco da relação entre Conselho, o Colégio, o Sindicato, a Academia, a Sociedade, até a criação da AMDF, a greve, o Código de 53 e o Código de 57.

RP - Prefiro falar de outra vez.

AP - Faz uma... um outro capítulo com essa última parte aí!

RP - É!

AP - Tá bom!

Data: 16/01/1995

Fita 12 - Lado A

AP - Bom, hoje é dia 16 de janeiro... Hoje é dia 16 de janeiro de 1995. Estamos aqui mais uma vez com o Dr. Renato Pacheco Filho. É... talvez essa seja nossa última... é... entrevista. Quem está falando é André de Faria Pereira Neto. Sou pesquisador da Casa Oswaldo Cruz. Ao meu lado tem o... auxiliar de pesquisa Sérgio e o dr. Renato aqui na sua casa no Leblon.

Dr. Renato, hoje a gente gostaria de falar um pouco sobre o período... é... da década de 50... Vamos chamar assim, né! O período que compreende tanto a greve da Letra O, a criação da AMDF e depois a promulgação do Código 57, não é, pelo presidente Juscelino Kubistcheck.

Então é um pouco essa a nossa conversa de hoje que... é... a nossa pesquisa se encerra nesse momento, apesar da sua vida associativa e profissional se prolongar além desse momento, a nossa...como a nossa, nossa pesquisa sobre a criação é... do Conselho, compreendido entre os anos de 45 e 57, então nós tamos encerrando a nossa... da nossa parte esses nossos interesses aí.

Bom, o período que vai de 1953 a 1957 o sr. atuava profissionalmente como chefe de cirurgia do Hospital Souza Aguiar, não é, cargo que só deixaria depois de se aposentar em 61. Em termos associativos o sr. participava desde 41 da Sociedade de Medicina e Cirurgia... é... do Rio de Janeiro. Em 1953 o sr. tornou-se sócio da Associação Médica do Distrito Federal, tendo sido inclusive presidente no biênio 57-59. Participou ainda como sócio da Associação Médica Brasileira.

A gente poderia começar a conversar sobre esse período...

RP - [Em] 42... Eu já participava do Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

AP - Desde 42 o sr. estava no Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

RP - É.

AP - É... a gente podia começar um pouco essa conversa de hoje, não é... vendo se o sr. podia nos lembrar, já na década de 50, como que eram as... como que estava organizada a profissão médica no Rio de Janeiro na década de 50. O perfil profissional dela? Ele era... eram, eram muitos médicos em relação ao mercado... é... como é que era o mercado de trabalho médico, como é que eram as especializações, a composição sócio-econômica dos médicos... é... como é que... se o médico era uma profissão que tinha prestígio, qual era o perfil profissional médico na década de 50?

RP - Na década de 50 o médico tinha muito prestígio profissional, mas vinha ocorrendo umas... solapamento da... da, da sua posição financeira, porque aquilo que, foi exercido pelo meu pai como médico de família, durante muitos anos, aquilo já estava em... em fim de carreira, o médico de família. Os médicos precisavam... a deterioração financeira existente no povo brasileiro... ah... fez com que o médico caminhasse e lutasse para ter um emprego público., que não se podia manter exclusivamente com o que, o que recebia de sua clínica privada, então ele procurava um emprego público. Meu pai mesmo, que foi médico de família consagrado aqui no bairro de Botafogo, era um homem que fazia cerca de 45 a 50 visitas domiciliares por dia. Ele, ele assim agiu desde

que se formou em 1908 até 1934. Porque ele fez um concurso para a prefeitura, para ser médico escolar, foi, foi classificado, não foi nomeado e recorreu à Justiça. [Levou na,] na demanda judicial até... durante 20 anos, só em 1934 ele ganhou a questão no Supremo Tribunal Federal. De modo que o médico sentia que não tinha condições de viver exclusivamente dos proventos da sua clínica privada. Precisava ter um anteparo uma, uma retaguarda financeira que o... o ajudasse a viver e a sobreviver.

Por isso ele pleiteava empregos públicos. E aqui no Rio de Janeiro, por ser a... a sede do capital do.. por ser a capital do país e a sede do governo federal, havia um campo de ação muito grande para... para o médico brasileiro, o médico brasileiro pleitear... pleitear, [colocar seu emprego público].

O emprego público era feito alguns sob concurso, outros com um mero pistolão. O pistolão imperou muitos anos, não posso dizer quantos anos, mas existia. Os médicos, em matéria de ensino, até a década... até os anos 40, 40 precisamente, mais ou menos, só existia como hospital de ensino a Santa Casa da Misericórdia, que era o grande... o grande hospital de clínicas que não existia... não existia Fundação, não existia nada.

E essa... esses médicos se... se valiam da Santa Casa de Misericórdia para recorrer... para reciclar seus conhecimentos. De modo que a luta para o sujeito trabalhar na Santa Casa era grande, porque trabalhava de graça. Por quê? Para reciclar seus conhecimentos, para ter campo de ação. Porque qualquer médico, principalmente aqueles que faziam especialidades cirúrgicas, precisavam disso pra assegurar um... uma base que pudesse ser... levá-lo a ser vitorioso na sua clínica particular. Era o objetivo de qualquer médico, era ter clínica particular.

E assim foi... os anos foram passando, o... as entidades de classe que existiam, a princípio era só o Sindicato Médico e a Sociedade de Medicina e Cirurgia, que era exclusivamente para debates científicos, não era pra defesa de (TI) não, o Sindicato foi criado em 1929, acho eu, [salvo engano]

Mas o sindicato era... tava limitado exclusivamente a servir como... a defender o interesse do médico na... na sua clínica privada. O sindicato não podia intervir na perseguição ao médico do serviço público... se fosse do serviço de saúde pública, fosse da Diretoria Geral de Assistência daquela época, tudo isso não podia por força de lei, era só para defesa do interesse particular do médico da clínica privada.

E o sindicato cresceu muito a custo do esforço dos seus fundadores, dos seus primeiros dirigentes, não se pode negar o papel importante e integral do Tavares de Souza, não pelo fato de ele ser diferente dos outros, mas pelo fato que ele era amigo do ditador Vargas e era gaúcho, e por seu prestígio pessoal ele conseguiu fazer um sindicato... tecnicamente forte, com uma sede própria, até a sede... a sede atual do sindicato foi conseguida por ele, a doação do terreno foi conseguida por ele, mas o sindicato não agia a não ser na defesa interesses dos interesses dos médicos particulares. Era vedado ao sindicato defender. Por isso, no fim da década de 30, na... na década de... nos anos 40, nos anos 30... nos anos 40. Quarenta, foi criada a... a Associação Médica do Distrito Federal.

AP - Mas... talvez antes da gente falar da AMDF, talvez pudesse é... trabalhar um pouco mais essas idéias que o sr. falou aí. Quer dizer que existia um grupo de médicos que via no serviço público uma complementação salarial...

RP - Uma complementação salarial... Justamente!

AP - Agora... e como é que o sindicato via essa... esse emprego público... como uma complementação salarial também?

RP - Ficava omissso. Fica omissso

AP - Omissso ou o contrário?

RP - Não... não chegava a ser contrário, ficava omissso. Ficava omissso para não criar problema. Porque a grande... a grande parte da massa, da massa médica do Rio de Janeiro era... estava procurando outro emprego, outro “bico” pra poder sobreviver.

AP - Quer dizer, o... a clínica privada já não dava mais...

RP - Já não dava mais... Já não dava mais...

AP - Agora, por que ela não dava mais?

RP - Porque a capacidade aquisitiva de nosso povo...

AP - Da classe média...

RP - Não, do povo!

AP - Da classe média que era atendida pela clínica particular... O povo não ia na clínica particular.

RP - Não, o povo ia pra Santa Casa.

AP - Pois é! Pois é! Mas... A... o médico não sobrevivia mais da clínica particular, o que aconteceu com a classe média que ia à clínica particular? Por que que ela deixou de ir à clínica particular?

RP - Ela deixou de ir porque não tinha dinheiro para ir à clínica particular. Não tinha recursos.

AP - Ou será porque começaram a ter muitos médicos também?

RP - Não, muitos médicos, não! Mas evidentemente que o Rio de Janeiro tinha uma densidade médica muito grande...

AP - Na década de 50, quantas faculdades de medicinas tinham no Rio de Janeiro?

RP - Na década de 50, nós tínhamos... Cinquenta?

AP - É! Além da Faculdade Nacional...

RP - Quando eu me formei em 31, só existiam duas faculdades de medicina aqui no Rio de Janeiro: a da Praia Vermelha, Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Ciência... a... a... Hanemmaniana...

AP - Homeopática...

RP - Que só fazia homeopatia, que depois saiu da homeopatia e também começou a fazer fora da homeopatia seu campo de ação. Depois, Rolando Monteiro fundou, mais tarde, a... a Faculdade de Ciências Médicas...

AP - Mais tarde, quando?

RP - Isso, mais ou menos, na década de 30 e poucos... 30 e poucos, é... 30... Rolando Monteiro fundou as Ciências Médicas...

Fundou as Ciências Médicas. Então... entidade particular...

AP - Aí passaram a ter duas, alopáticas...

RP - Duas...

AP - Duas alopáticas...

RP - Não, nessa época a hanemmaniana tinha... tinha... também dava a...alopatia, não era só estilo homeopata, não!

[De modo que] foram essas 3. E próximo daqui tinha a de Niterói, a Fluminense...

AP - Já tinha a de Niterói também?

RP - Foi fundada mais ou menos nessa época.

AP - Porque o... no Sindicato... a gente observa nos jornais do sindicato, na década de 30 e na década de 40, uma crítica... uma condenação ao que eles chamavam de "pletora médica". Eles diziam que havia muito médico... demais... sendo formado nas faculdades em relação aos... ao lugar no mercado pra eles. O sr. acha que essa diminuição da procura pelo trabalho médico na clínica particular tem alguma coisa a ver com essa pletora?

RP - Tem, [porque era] a pauperização lenta, gradual e progressiva da grande massa do povo... do povo carioca.

AP - Não em função do maior oferecimento de médicos ao mercado?

RP - Não! Não!

AP - Agora... é... Um outro aspecto que os médicos do sindicato sempre vão se contrapor a... ao assalariamento, é porque eles dizem que o assalariamento vai tolher a liberdade do médico... iria tolher a liberdade do médico.

RP - Eles inventavam essa tese.

AP - Eles inventavam essa tese?

AP - O sr, não... Como é que o sr. via e como é que o sr. vê isso?

RP - Eu sempre fui um sujeito profundamente democrático, eu acho que o ser humano tem o direito de escolher o que quiser. O sindicato não fazia isso. Os dirigentes do sindicato não faziam essa... Eles inclusive foram contra a reforma do Pedro Ernesto, feita em 33... Foi a reforma que criou a rede hospitalar da cidade e abriu um campo de, um mercado de trabalho imenso para o médico carioca.

AP - Eles foram contra por quê?

RP - Foram contra porque eles... eles eram a favor da manutenção da clínica privada.

AP - O sr. lembra de algum ato que eles tenham feito contrário às reforma do Pedro Ernesto?

RP - Não, depois eles aderiram ao Pedro Ernesto... eles deram até o título de sócio-benemérito ao Pedro Ernesto...

AP - Sim, mas quando eles foram contra, o sr... o sr... sabe de algum tipo de manifestação que eles fizeram... contrário... algum tipo de movimento, algum tipo de ato... algum tipo de...

RP - Não! Eu...

AP - Manifestação pública?

RP - O Sindicato?

AP Isso! Contrária a reforma do Pedro Ernesto?

RP - Eles faziam reuniões contrárias a reforma do Pedro Ernesto. O que não impediu que... alguns desses líderes das reuniões corressem para o... para o Pedro Ernesto para pleitear cargos e funções lá.

AP - Nos hospitais?

RP - Nesses hospitais.

AP - O sr. poderia lembrar de algum que foi do sindicato e pleiteou lugar num hospital?

RP - Dr. Álvaro Cumprido de Santana que, inclusive, foi deputado classista.

AP Ele foi o que do Pedro Ernesto?

RP - Ele foi nomeado chefe da seção de... da Clínica Proctológica do Pedro Ernesto...

AP - Da clínica dele, particular?

RP - Não, não!... Da reforma do Pedro Ernesto.

AP - Mas que hospital ele trabalhou? Lá no do sr., lá no Pronto-Socorro?

RP - Não. Ele não trabalhou lá porque não tinha lugar pra ele lá. Era.... O Pronto-Socorro onde eu trabalhei era um hospital de emergência só.

AP - Esse setor que ele [trabalhava, que ele trabalhava], era Octologia?

RP - Proctologia. Foi nomeado na reforma do Pedro Ernesto chefe do serviço de proctocolai...

AP - Da... do Distrito Federal.

RP - Da Prefeitura. Da então Prefeitura!

AP - Do Distrito Federal.

RP - É.

AP - Muito bem! Então... o Sindicato, que o sr. estava falando, teria se colocado contra a reforma do Pedro Ernesto.

RP - É!

AP - E eles alegavam esse... essa falta de liberdade...

RP - Alegavam que quebrava a liberdade da classe médica... Eu acho que não quebrava... o médico tinha o direito de fazer o que quisesse, certo.

AP - Tinha direito de fazer o que quisesse? Ele, ele podia negar o atendimento?

RP - Na clínica privada?

AP - Na clínica pública?

RP - Não. Não.

AP - E... o... paciente tinha liberdade pra escolher que médico poderia... iria atendê-lo?

RP - Tinha e não tinha. Geralmente ele... a liberdade que ele tinha para a escolha do médico era pela confiança e pela observação do trabalho do médico, uma questão de simpatia e respeito profissional.

AP - É porque uma das coisas que eles falavam era que a relação na clínica privada era individualizada, do médico com o paciente. E no serviço público ela deixava de ser individualizada. O médico... o paciente entrava no consultório... enfim, na clínica... na enfermaria... onde fosse dentro do hospital e a burocracia do hospital é... encaminhava o paciente para o médico, independente da relação que existia de intimidade...

RP - [O hospital público] já vinha, já vinha decaindo com o... com o empobrecimento gradual da população do Rio de Janeiro. O sujeito não tinha dinheiro... o indigente era atendido na Santa Casa. O Pedro Ernesto abria uma sé... uma rede hospitalar imensa. Quer dizer, aliviou em grande parte a pressão que existia de demanda para a Santa Casa, um dos poucos hospitais públicos que existiam nessa época, um deles era o São Francisco de Assis; e os outros hospitais da Santa Casa, além do hospital geral da Santa Casa]. Havia um...

E o Pedro Ernesto abriu, criando uma... na sua reforma, hospitais em todos os pontos do Rio de Janeiro.

AP - Não, pois é! Porque a.. a... a preocupação que a gente observa, olhando os documentos dessa época, é de que os... alguns médicos do sindicato achavam que... é... apesar de complementar o salário, apesar de ampliar o mercado, o médico perdia sua autonomia.

RP - Eu não sei de cabeça, assim, quais foram todos, mas muitos deles... esses líderes... então... então líderes do sindicato correram logo pra pleitear funções na reforma Pedro Ernesto.

AP - Eles teriam sido incoerentes!

RP - Até certo ponto foram incoerentes.

AP - Porque criticaram tanto, quando o negócio começou a funcionar eles... embarcaram na canoa.

RP - É... Inclusive o sindicato chegou a dar o título de sócio-benemérito ao Pedro Ernesto. [*Dr. Renato ri*]

AP - Apesar de ter se colocado contrário.

RP - Apesar de ter se colocado contrário.

AP - Uma das coisas que... nessa solenidade do título benemérito (eu já tomei contato com a... com a... com os documentos dessa solenidade), e uma das coisas que eles... eles... ah... o orador oficial da solenidade falando em nome do sindicato, homenageia o Pedro Ernesto e a sua iniciativa, e tal, mas faz uma ressalva com relação a... aquilo que ele dizia, [quer dizer,] o Pedro Ernesto previa, na sua reforma, uma Delegacia de Verificação de Indigência. Só poderia ser atendido gratuitamente, naquela sistema de saúde que ele estava introduzindo, aquele que fosse comprovadamente pobre...

RP - É, pra isso tem o serviço social.

AP - É isso, pra isso tem o serviço social. E quem não fosse verdadeiramente pobre, teria que pagar lá uma tabela que existia.

RP - É, que realmente...

AP - ...agora, o...

RP - ... a prefeitura, no início da reforma, cobrava isso, mas não tinha força de lei... Nem todo.... o sujeito recebia aquilo e rasgava.

AP - Exatamente. E é isso que o sindicato estava condenando. O sindicato estava condenando que... muitas pessoas não estavam...

RP - Que a Prefeitura foi competir com a clínica privada.

AP - Isso!

RP - Mas isso era demagogia do sindicato.

AP - Também?

RP - É. Do pessoal do sindicato.

AP - A... a prefeitura não competia com a clínica privada? O sr. acha?

RP - Não.

AP - Por que "demagogia"?

RP - Porque... Por que não competia? A prefeitura tinha seus serviços de atendimento de urgência. Quando houve a reforma do Pedro Ernesto, esse atendimento de urgência era feito exclusivamente no hospital Pronto Socorro.

AP - Ali na...

RP - Na Praça da República... hoje Hospital Souza Aguiar... O Pedro Ernesto criou vários dispensários em todos... em vários pontos da cidade. E esses doentes que eram atendidos da primeira vez, eram tratados lá se quisessem ficar, ou se não pudessem ser removidos, a juízo do médico que os atendia. Mas eles tinham a liberdade de depois procurarem um médico particular, e muitas vezes eu vi... eu vi, eu vi isso ser feito.

AP - Mas o sr. não acha que... concordando com o que o sr. está falando, que esses dispensários eram localizados em regiões tão distantes, aonde a clientela do médico particular... é... não tinha acesso...

RP - Não, a clientela também existia muito.

AP - Também existia clientela?

RP - Existia! Existia!

AP - Lá em... na Penha...

RP - Na Penha!

AP - Em Bangú!

RP - Campo Grande...

AP - Campo Grande!

RP - Zona Norte! Zona Sul! Em todos os pontos existia.

AP - Também tinha médico lá com clínica particular que se via... é... perdendo clientela pro hospital do Pedro Ernesto?

RP - É! Alguns foram sabidos e... aderiram logo... aderiram logo à reforma Pedro Ernesto.

AP - Um dos sabidos nós fizemos menção outro dia aqui, né? Lá de Campo Grande...

RP - De Campo Grande... O Boaventura... quem negociou a sua Casa de Saúde particular, pra transformar no dispensário de Campo Grande.

AP - O Raul Boaventura.

RP - Raul Boaventura.

AP - Esse foi esperto. Esse viu que o negócio... que a maré estava virando, e pegou...

RP - Fez outra casa de saúde particular lá em Campo Grande e continuou a exercer a sua profissão lá, e dando e atendendo também no dispensário de Campo Grande.

AP - A diferença entre o Pronto-Socorro e o dispensário?...

RP - Era a mesma coisa.

AP - Era a mesma coisa praticamente?

RP - É!

AP - Era só pra atendimento de emergência.

RP - É só...

AP - Não tinha internamento?

RP - Tinha. O de Campo Grande... essa casa de saúde do Boa Ventura tinha vinte, cerca de vinte leitos: 10 pra homens, 10 pra mulheres.

AP - Mas isso não dava conta do... da demanda, ou dava?

RP - Não, não dava. Não! Dava! Às vezes realmente há sempre leitos vazios.

AP - Mas esses... esses... internos era só o tempo de se recuperar da operação... ou da cirurgia que fosse!

RP - É. Os que eram operados... ia recuperar ou...

AP - [Recuperar] ficava ali...

RP - Ou então ficavam em observação... até terem destino.

AP - Isso! Ficavam ali uns 2, 3 dias...

RP - É!

AP - Não era uma internação longa.

RP - A classe médica brasileira, principalmente a do Rio de Janeiro, só acordou para essa... realidade que é um fato, porque havia uma... uma... densidade médica muito grande aqui.

AP - O sr. tem idéia da relação de médicos por número de...

RP - Habitantes?

AP - Habitantes... na década de 50?

RP - Te digo já... Pode travar aí que eu vou buscar... [A entrevista é interrompida para o dr. Renato ir buscar o seu livro. Barulho de papéis sendo remexidos]. Agora deixa eu ver aonde eu vou achar aqui isso!

AP - Agora o dr. Renato tá procurando no livro dele que foi lançado agora dia 6, História das Lutas, Histórias Vividas e Assistidas... É... tá olhando no livro, procurando identificar aí os dados pra completar aqui a nossa conversa...

RP - Eu botei aqui... mas não, precisa achar onde...

[Longa pausa. Som de papéis remexidos]

RP - [Nesta década] eu fiz um levantamento aqui disso...

AP - Fez levantamento aonde, dr. Renato?!

RP - Eu fiz um levantamento da... o trecho (TI)...

AP - Em que documento que o sr. viu isso?

RP - Ah... Em documentos vários aí... A razão das brigas... Não tá gravando, né!

AP - Hum! Hum! Deixa, dr. Renato! Depois a gente procura no livro então, já que a tem no livro, a gente procura no livro.

RP - Não, mas eu vou achar... eu quero achar aqui! Não é tão difícil, não! A questão é a gente ver bem.

Na década de 50...

AP - Acho aí?!

RP - Achei!

AP - Então, vamos lá!

RP - (*Lendo trecho do livro*) Os médicos que moravam e trabalhavam em nossa cidade, naquela época denominada Estado da Guanabara, constituíam a maior densidade médica do país. Quase todos dispendidos pelos poderes públicos e geralmente acumulando 1... mais de 1 cargo. Se... Tinha lei que permitia a acumulação de todas as funções públicas pelos médicos e pelos professores, medida essa que foi combatida pelos próceres da Associação Médica Brasileira. Naquela época o Rio de Janeiro tinha densidade médica de 2.515 por 1.000 habitantes. São Paulo 0,460 por 1.000 habitantes...

AP - Como é que era então que o sr. falou?

RP - 2.515 por 1.000 habitantes no Rio.

AP - Tinha mais médicos que habitantes, então?

RP - Não. Por cada 1.000 habitantes tinha 2.515 médicos... pra atender a cada habitante no Rio de Janeiro.... pra atender a cada 1.000 habitantes do Rio de Janeiro.

AP - Então tinha mais médico que habitantes então!

RP - Não. O Rio de Janeiro não tinha 1.000 habitantes.

AP - Sim, mas... continuando a mesma proporção...

RP - Não!!! 2.515 médicos para cada 1.000 habitantes... Em São Paulo tinha 0,460 para cada 1.000 habitantes.

AP - Deve ser 2,5 médicos...

RP - 2.515 por mil habitantes. [Entendeu]?! Que a Organização Mundial de Saúde diz que o índice ideal é 1.000... é... 1.000.000 de habitantes... 1.000 habitantes por cada, para cada 1.000.000 de habitantes. Pra cada 1.000.000.. mil..

AP - 1.000 médicos.

RP - 1.000 médicos. Nós tínhamos 2.515... Aliás, eu estou vendo aqui que está errado aqui... É 1.000.000 de habitantes...

AP - Ah, sim, aí, aí fica, aí fica fácil.

RP - É... É...

AP - Aí fica fácil. Se fizer 1.000.000...

RP - Foi um erro que só agora eu descobri.

AP - Se [fizer] 1.000.000 fica bom. Porque 2.000 médicos pra 1.000 habitantes, tem mais médicos que habitantes...

RP - É... tem razão! Agora que eu estou descobrindo esse erro.

AP - Não, porque...

RP - Olha que eu passei os olhos nisso várias vezes.

AP - 2.000 médicos...

RP - É, pra cada 1.000.000.

AP - ...para 1.000.000... Aí fica... é...

RP - Assim como o número de leitos hospitalares... é determinado pela coisa... é 1.000 leitos para cada é...

AP - 1.000...

RP - ... pra cada 10.000 habitantes...

AP - Ela é 1%.

RP - É, 1%.

AP - Bom.

Fita 12 - Lado B

AP - E de onde é que o sr. tirou esses dados? Como é que o sr. chegou a esses dados?

R Do... do...

AP - Isso tem em censo demográfico, recenseamento... Como é... como é que o sr. soube disso?

Vai se levantar de novo!

RP - Eu vou levantar!

AP - AH, Meu Deus. Isso a gente tirou cópia, né?

S - Esta lá para tirar.

AP - Tá lá pra tirar? Tá lá na Casa já. O dr. Renato está mostrando o livro que ele fez em 1968, "Diagnóstico da Doença"...

RP - Grande!

AP - Ele e... Doença Grande, desculpe! Ele com o dr. Moura Plaisant.

RP - Plaisant...

AP - Plaisant. E o que tem aqui?

RP - Eu faço uma análise global, [profunda] do problema da saúde no Brasil, aí nesse livro.

AP - E aqui é que estão os dados dos médicos.

RP - É. Tem tabela, tem tudo aí! Recorri evidentemente ao... ao Anuário Estatístico Brasileiro, ao... ao...

AP - Isso nós temos lá, Sérgio?

RP - O quê?!

S - Temos.

RP - Esse livro?

S - Sim!

AP - Lá na, lá na Fundação!

AP - Bom, então, é... Vamos então agora começar a falar um pouco dr. Renato...

RP - de modo que eu sempre atualizava os valores...

AP - Tá bom!

RP - Como era um assunto que me... sempre me interessou profundamente, eu atualizava os valores.

AP - Tá certo! O sr. ia falando então da...

RP - Pode falar, eu vou apanhar o cinzeiro pra não botar cinza em cima da mesa.

AP - O sr. ia falando, e eu interrompi o sr. quando o sr. começava a falar um pouquinho sobre o movimento de criação da AMDF, os médicos começavam a se... empregar no

serviço público, as oportunidades no serviço público na capital da República eram cada vez maiores...

RP - Eram maiores... Maior densidade populacional...]

AP - E... O sindicato sempre se... abstendo...

RP - ... sempre se abstendo...

AP - .. de qualquer compromisso. Aí vem o movimento da greve da Letra O, e o movimento de criação da AMDF...

RP - A AMDF foi criada um pouco antes da AMB...

AP - Sim, a AMB, pelo que o sr. fala, era parecida com o Sindicato? Só que era de paulistas, no sentido de defender os interesses do...

RP - É...

AP - ... da clínica privada...

RP - ...porque, conforme eu disse aqui, a densidade médica de São Paulo.. é diferente... do Estado de São Paulo é muito diferente.

AP - Aí os interesses do médico privado eram mais forte ainda.

RP - É.

AP - Do que aqui no Rio.

RP - Eram diferentes. E como a... a AMB foi uma das fundadoras uma das fundadoras de São Paulo ... a AMDF foi uma das fundadoras da AMB... foi uma das fundadoras... pelo estatuto da AMB... da AMDF, no artigo 2º, dizia que: Das Finalidades: Defender os interesses dos médicos... não sei quê... Artigo 2º: ah... procurar contatos com as entidades de classe dos estados para a fundação de uma Associação Brasileira... Médica Brasileira... Brasileira de Médicos ou Médica Brasileira.

AP - Mas que não era a AMB que havia sido criada!

RP - Não! Não tinha sido fundada. Aí então foi fundada... Quando chegou na fundação... isso foi... em plena, em pleno Estado Novo...

AP - Estado Novo?

RP - Estado Novo!

AP - Mas a AMDF não é agora da década de 50?

RP - Mas o Estado Novo foi até que ano foi?

AP - Até 45!

RP - Até 45! Durou até, até 45 então.

AP - O sr. deve estar confundindo com o 2º Governo Vargas da década de 50... de 50 a 55. Já não era mais Estado Novo, porque o presidente Vargas foi eleito.

RP - É.... Não era, não! Mas tinha aquela mentalidade...

AP - Claro!

RP - Existia.

AP - Claro!

RP - Existia. E os paulistas, manobrados... a classe médica carioca, diante da falência do Sindicato, na defesa dos seus interesses, correu em massa para a AMB. Mas a AM... pra AMDF... A AMDF na... na reunião de fundação, apesar de tudo isso, realizada em Porto Alegre... reunião de fundação não... antes da fundação da AMB,... estavam articulando a fundação, principalmente a união da...das entidades do Rio Grande do Sul, que eram inteiramente separadas... havia entidades de todo tipo... os médicos gaúchos promoveram naquela época uma união pra se criar uma sociedade única lá... lá no Rio Grande do Sul. Numa reunião, em que compareceram os paulistas... convidados todos de fora, e compareceram também os [egressos] fundadores da AMDF. Não entraram na sala... porque eram comunistas!... Depois de muitos protestos, eles acabaram entrando na sala.

AP - E os da AMB de São Paulo não eram comunistas?

RP - Não!

AP - Eram o quê?

RP - Eram udenistas... [Dr. Renato ri] naquela época. Embora tivesse um dos seus... um... O seu primeiro presidente tinha sido uma grande figura, do Partido Socialista Brasileiro, Prof. Alípio... Alípio... (TI)...

AP - Sim, mas então, essa... essa... tentativa foi que o pessoal da AMDF...

RP - É...

AP - ... tentou formar uma associação médica...

RP - ...Começou o [jogo] de hostilidades. E a AMDF... a AMB apoiou-se para combater a federada daqui depois de fundada a AMB... a diretoria da AMB apoiava o grupo de oposição à sua federadas daqui, que estava alojado no sindicato dos médicos.

AP - Quer dizer a Federada à AMB era a AMDF...

RP - É!

AP - Mas eles apoiavam...

RP - Fizeram até uma sub-secretaria na capital da República, que era o Rio de Janeiro, na sede do sindicato. E os elementos que, por composição de suas diretorias deveriam pertencer ao Rio de Janeiro, eram catados no seio dos oponentes à federada da AMB aqui, a AMDF.

AP - Tá certo! Essa...

RP - A sociedade cresceu...

AP - A AMDF?

RP - Porque ela admitia que o médico fizesse greve. Por isso é que eu dei o nome do professor Ermiro Lima, que foi... era presidente da AMDF nessa época, como uma pessoa capaz, se quiser e se tiver condições,... acho que ele esta em condições ainda, embora muito idoso... de esclarecer isso... as greves... O Ermiro foi preso! Teve preso!

AP - E o Ermiro com esses paulistas... não se davam também!

RP - Davam... tinham relações assim, mas eles combatiam...

AP - O Ermiro era comunista?

RP - Não! Nunca foi!

AP - Mas tinha ligação com o partido comunista..

RP - Não, nunca teve!

AP - Mas os...

RP - Olha...

AP - ...seus colegas...

RP - ...quando eu fui presidente da AMDF..., eu me lembro, ela tinha naquela época 4.200 e poucos sócios. E eu dei, junto com outros colegas, fizemos uma busca no quadro social da AMDF. Havia, no quadro social da AMDF, 81 membros médicos comunistas, que a toda... Agora, quando havia uma assembléia geral, pra AMDF, o médico é comodista, não ia pra Assembléia Geral. Mas estavam... se, não digo os 81, mas estavam 60 comunistas lá que dava maioria pra qualquer decisão.

AP - Como é que o sr. sabia que um médico era comunista e outro não era comunista?

RP - Porque eu conhecia eles.

AP - Dos 2.000 e... 4.000 e tal... o sr. conhecia um por um?

RP - Sabia... sabia perfeitamente! Eu não conhecia, eu fiz isso com auxílio de outro companheiro.

AP - Ah, tá! Mas existia algum tipo de atestado ideológico na AMDF?

RP - Não! Não! Nunca pedimos!

AP - O sr. sucedeu ao Dr. Ermiro?

RP - Não, sucedi ao Álvaro Dória .

AP - Foi o Dr. Ermiro, depois o Dr. Álvaro Dória, e depois o senhor.

RP - Foi... Primeiro foi o primeiro presidente foi o Cláudio Couto Silva...

AP - ... da AMDF?

RP - da AMDF. Mas o Couto Silva logo saiu, e eles elegeram o Ermiro.

AP - O Ermiro...

RP - O Ermiro foi reeleito, depois passou a presidência para o Álvaro Dória. E eu substituí o Álvaro Dória .

AP - E o senhor podia nos esclarecer um pouquinho sobre a relação entre a AMDF e a greve da Letra O?

RP - A AMDF era contra a greve! A AMB?

AP - A AMDF!

RP - A AMDF fez a greve!

AP - A greve veio antes... o que que veio antes, o ovo ou a galinha? A greve ou a AMDF?

RP - A greve veio depois da AMDF.

AP - A greve veio depois da AMDF.

RP - Veio!

AP - A AMDF é de que ano?

RP - A greve foi... a greve é do tempo do Café Filho! A AMDF... a AMDF é do fim da década de... de... de 40.

AP - Já pra defender os interesses do médico funcionário público?

RP - É.

AP - Diferentemente do sindicato.

RP - É.

AP - Se rivalizando com o sindicato nesse sentido!

RP - É

AP - Atendendo a um tipo de interesse dos médicos...

RP - Justamente! Justamente!

AP - ... enquanto que o sindicato atenderia outros.

RP - É.

AP - E aí o... esse... esse primeiro presidente da AMDF ainda não pegou a greve da Letra O.

RP - Não.

AP - Foi o Dr. Ermiro que pegou a greve da Letra O.

RP - Foi o Dr. Ermiro que pegou.

AP - A greve da Letra O foi uma coisa promovida pelos médicos ou foi criada pela AMDF? Como é que foi a...

RP - A iniciativa da Greve...

AP - ...a iniciativa da greve. Do movimento sindical, do movimento?

RP - Reivindicava... melhoria de salário dos médicos do serviço público. Sim, porque o médico particular não estava dentro dessa jogada. E... reivindicando essas coisas o governo não dava, não é! Conseguimos, à custa de muita luta, o Congresso funcionava aqui no Palácio Tiradentes... que fosse aprovado o projeto. Foi aprovado. Foi um trabalho da AMDF. Esse projeto chegou e o Café Filho, manobrado pelo pessoal da UDN, pelo pessoal do sindicato, pelo pessoal da AMB, anunciou o veto desse projeto.

AP - Esse projeto era o tal do “O” de penacho?

RP - Era.

AP - E aí o presidente vetou o projeto.

RP - Vetou. Vetou o projeto.

AP - E aí isso foi o motivo pra greve.

RP - Vetou o projeto, e houve várias assembleias... que faziam no Club Hi-Life onde havia baile de carnaval.

AP - Onde era esse Clube?

RP - Na rua Santa Bárbara.

AP - As assembleias da AMDF eram no clube Santo... no clube Hi- Life!

RP - O Clube Hi- Life só... só abria no carnaval.

AP - Isso era, isso era, isso era motivo de chacota, aí? Não!

RP - Não.

AP - Não?!

RP - Não. Não era, não!

AP - Eu sei de um sambinha, aí... que foi feito na época...

RP - Maria da Candelária.

AP - Isso! Isso fazia referência a greve da letra O?

RP - Fazia referência.

AP - É. Porque falava que ela queria a Letra O, né! E o... o médico era tido como alguém que tinha esse tipo de interesse... de...

RP - O médico queria ganhar mais dinheiro.

AP - De se promover e não fazer nada?

RP - Não! O médico queria... ganhar mais dinheiro pra trabalhar... ter condições de trabalho.

AP - Aí depois que o presidente Café Filho vetou o projeto... como é que se... como é que se... como é que se... como é que foram as conseqüências disso?

RP - Bom. Aí... veio então um recorte de jornal... atual!

AP - Mas o senhor já me deu aquele recorte do dr. Ermiro...

RP - Ah, já te dei!

AP - Já me deu!

RP - A prisão do Ermiro.

AP Isso.

RP - Então já lhe dei. Eu tinha cortado para te dar.

AP - Isso! O sr. me deu.

RP - Feito agora.

AP - Isso... na Tribuna da Imprensa...

RP - Na Tribuna da Imprensa.

AP - Isso!

RP - (TI)

AP - Aí o dr.... Como é que foi? O doutor Ermiro entrou na luta? Como é que foi? Fez paralisações...

RP - Não, Sentaram na calçada diante do Palácio do Catete não é? Ocuparam todo... Interromperam o tráfego, sentaram no chão, porque queriam... queriam que uma comissão fosse recebida pelo Café Filho. O Café recusou-se a recebê-los. Então promoveu a prisão do Ermiro e de outros. Alguns médicos foram presos. Quando o negócio estourou com prisão assim... procuraram botar panos quentes em cima disso...

AP - E qual foi o desfecho do negócio?

RP - Não houve desfecho.

AP - Conseguiram o “O”?

RP - Não!

AP - Não conseguiram o “O” do penacho, os médicos?!

RP - Aí não!

AP - Aí na greve não conseguiram.

RP - Aí não conseguiram.

AP - O aumento dos médicos foi conseguido por mim quando fui presidente da AMDF.

AP - Conseguiram o quando o sr. foi presidente!

RP - Eu consegui o atendimento às reivindicações dos médicos...

AP - Quais eram as reivindicações?

RP - Aumento de salário. Porque ganhava uma mixaria, como ganha até hoje, um médico do serviço público ganha mal, tanto estadual, como municipal, como federal.

AP - Sim, mas o... a... a greve, não era só por aumento de salário, mas por atingir um nível...

RP - Um nível de trabalho bom... Todos os hospitais pararam...

AP - A Letra O, que era o nível mais alto, né!

RP - Todos os hospitais do Rio de Janeiro pararam... O Hospital dos Servidores do Estado, os hospitais particulares, os hospitais federais...

AP - Na época do dr. Ermiro?

RP - Na época do dr. Ermiro!

AP - Quanto tempo durou a greve?

RP - Durou uns quatro dias.

AP - A repercussão dela na imprensa foi muito grande?

RP - A imprensa... dependia... dependia da cor política dos jornais e da cor...

AP - Tá certo (risos). Quais era... qual eram as cores políticas que existiam, em 50... é... nos jornais? Correio da Manhã...

RP - Correio da Manhã...

AP - Que era o que, mais favorável à greve?

RP - Era mais favorável à greve! O Globo era contra a greve.

AP - E o... tinha O País, também?

RP - Não sei se O País nessa época... O País foi incendiado na Revolução de 30.

AP - Qual o outro jornal que tinha de grande circulação na época?

RP - Jornal do Brasil...

AP - Jornal do Brasil era um jornal que tinha... enfim, influência?

RP - Não. (TI) sistema.

AP - E a Imprensa Médica?

RP - A Imprensa Médica era toda favorável a greve.

AP - Ah, sim! E qual...

RP - E nesse ponto, o Neves Manta que foi...

AP - Neves Manta foi diretor de que jornal do... do... da... área medica?

RP - Folha Médica!

AP - Folha Médica!

RP - Não! Folha Médica... IMPRENSA MÉDICA!!!

AP - Imprensa Médica.

RP - É.

AP - Existia Imprensa Médica... Não tinha Hora Médica também?

RP - Hora Médica era... era um programa de rádio... que era feito numa determinada estação.

AP - E... qual o... é... Imprensa Médica... qual é o... Brasil Médico?

RP - Brasil Médico era órgão de publicação científica.

AP - Qual era o outro imprensa médica que existia nessa época?

RP - Brasil Médico era um jornal antigo que já vinha desde os tempos do Império, mas só cuidava de assuntos científicos. O médico geralmente... foi... globalmente foi sempre um descuidado em defender seus interesses. Por isso é que a AMDF cresceu tanto, e todos eles estavam na lona, a classe médica acorreu toda pra AMDF... e, então, fundada na realidade por iniciativa dos poucos comunistas que então integravam seu quadro...

AP - Quem eram esses comunistas, dr. Renato?

RP - Isnard Teixeira, que tá vivo, Cunha Melo, que já morreu. Álvaro... Álvaro Dória não era do Partido não, mas era... tinha idéias comunistas.

AP - E tá vivo ainda?

RP - Já morreu.

AP - Desse só o dr. Isnard?

RP - Vivo, que eu saiba assim... comunista... É só o Isnard que tem, Manoel Isnard Teixeira. Foi muito perseguido, né!? Foi preso, foi cassado, foi demitido.

AP Esse... Essa AMDF... foi ela que criou o Código de 53 ou foi a AMB?

RP - Não, o Código de 53?

AP - Isso!

RP - Foi a AMB.

AP - AMB.

RP - AMB.

AP - A AMDF não se preocupava com problema ético?

RP - Se preocupava também. Tinha uma comissão de ética.

AP - A AMDF tinha alguma publicação própria... algum boletim...

RP - Tinha um boletim que saía periodicamente... e... e muito... muito... irregularmente... porque não tinha dinheiro.

AP - Sim.

RP - Tinha... tinha uma sede alugada na rua Senador Dantas, ocupava um andar...

AP - Um andar inteiro ou uma sala?

RP - Um andar que tinha uma secretaria, tinha uma sala de reuniões. E no 6º andar tinha um auditório também, na parte da frente. Rua Senador Dantas, 7. O prédio tá lá, ainda! (TI)

AP - Sim, mas não é mais da AMDF!

RP - Não. Hoje ela tá na rua da Lapa.

AP - A AMDF continua existindo, não?

RP - Continua.

AP - É a AMB que existe!

RP - É... como... AMERJ!

AP - AMERJ.

RP - Ela fui AM... AMEG... Quando mudou o nome do estado, passou a ser Estado da Guanabara... e depois a AMERJ...

AP - Mas hoje ela é uma afiliada da AMB, não é?

RP - Não. Fui expulsa da AMB.

AP - Fui expulsa... Hoje em dia ela foi expulsa da AMB?

RP - Foi!

AP - Por quê?

RP - Dedurada .

AP - Dedurada por quem, dr. Renato?

RP - Pela AMB...

AP - Como é que deduraram, dr. Renato?

RP - Tá escrito aqui! ... Posso ler?

RP - Pode, dr. Renato!

AP - Aliás que o depoimento do sr., ao vivo e a cores, é... é emocionante!

RP - Em fins do decênio de 50 começou a surgir das lides da AMB...

Não, antes disso... Antes...

Embora tendo sido uma fundadora da AMB, a AMDF-Rio nunca manteve bom relacionamento com a entidade mater. Por quê? Porque a AMB sempre foi tutelada pela Associação Paulista de Medicina, em cujo edifício a sede... também teve sua sede... E por força de dispositivos estatutários, tinha quatro de seus dirigentes obrigatoriamente residentes em São Paulo. Assim é que, em suas decisões, predominavam sempre os interesses dos médicos paulistas, bastante diferente dos seus colegas cariocas. As sociedades do Rio e de São Paulo possuem jurisdição cada um sobre a terça parte da população médica do país, ficando o terço restante distribuído entre os demais estados da federação.

Ora, o Rio de Janeiro era uma cidade-estado, com uma área de 1.171 Km²; e São Paulo era o mais... mais importante estado da União com 17.951.792 Km² de área, onde floresceu um poderoso parque industrial, e se desenvolveram grandes atividades agro-pastoris. O território do Rio de Janeiro era bem menor do que a capital de São Paulo: 1.493 Km². Mas os dois estados abrigavam praticamente a mesma população médica. Era de difícil compreensão que o Rio de Janeiro, cidade-município, era a região de maior concentração médica do país. Que o trabalho de um médico na cidade e no campo é muito diverso, que é impraticável “estandardizar” soluções idênticas para áreas tão diversificadas. Isso não foi compreendido pelos dirigentes das primeiras diretorias amebianas, que nem sempre fizeram um debate amplo e esclarecedor; a discussão

franca e cordial sob o falso pretexto de ideologias políticas. Na realidade eles não entendiam de nada. Não sabiam o que era a verdadeira democracia, eram uns títeres nas mãos do sistema. As lutas da categoria médica pela (TI) reivindicações de melhores condições de trabalho e de melhorias estipendiais, foram travadas em todos os pontos do território nacional.

Mas a AMDF, por se achar localizada na sede dos poderes executivo e legislativo, coube um papel de pressionar esses poderes da União para a conquista dos objetivos visados, que não eram os dos médicos cariocas, mas era os de toda classe médica do país.

Inúmeros são os casos que documentam as hostilidades da AMB contra as suas federadas do... as suas federadas do Rio de Janeiro. Pois mesmo após a torpeza que caracterizou a exclusão da AMDF e a sua substituição pela Sociedade de Medicina e Cirurgia, essa situação permaneceu inalterada.

Quando o... (Aí eu conto um fato ocorrido no meu... na minha diretoria) Quando o Conselho de Medicina da AMB se reuniu em 1957 na sede da sua então federada AMDF, eu era o presidente desta, para debater o ante-projeto de Decreto Lei que havia enviado... que havia sido enviado pela federada carioca ao governo Kubitschek, pleiteando a regulamentação da gratificação especial por risco de vida e saúde para os médicos do serviço público federal e suas autarquias, o presidente da AMB, Nilton Rocha, (PI) Distrito Federal, acusando de estar infringindo o estatuto da entidade mater. Tentarei restabelecer a natureza do debate travado. Eu o contestei dizendo que a AMDF havia observado o estatuto da AMB, o qual dizia ser obrigatório que todas as entidades relacionadas com o âmbito federal teriam... todas as atividades relacionadas com o âmbito federal deveriam ser comunicadas a AMB, e que eu havia feito lendo então cópia do ofício enviado por mim a AMB, quando mandei a minuta do decreto para o Juscelino.

O secretário da AMB, dr. Lourival Cardoso, respondeu-nos que esse ofício não havia sido recebido. Eu sempre fui um sujeito muito precavido não é.

Eu retruquei dizendo... E nessas horas eu perco as estribeiras... dizendo que mentia à AMB... dizendo que mentia ao Conselho Deliberativo, reunião do Conselho Deliberativo da AMB aqui e passei a ler o ofício-resposta recebido da AMB, no qual felicitava a iniciativa da AMDF e a aplaudia. Disse ainda que lamentava a desorganização da diretoria daquela associação, cujos presidentes não tomavam conhecimento de tudo que se passava, pois eram indiretamente dirigidos pelo secretários-gerais, sempre homens de São Paulo.

Nesse ponto, Hilton Rocha, (Hilton...sempre foi meu amigo) apoplético disse: se por um lado, eu devia agradecer a fidalguia com que a federada do Distrito Federal está nos recebendo, por outro lado a AMB está sendo desconsiderada. Proponho um voto de censura à AMDF, sem o qual não posso continuar nessa cadeira. Esse voto de censura foi aprovado pela maioria, contra apenas quatro votos. Essa roda toda era de São Paulo, né... Era... acompanhava São Paulo... Diante desse atitude, voltei a falar..., eu..., dizendo precisamente isso: Sr. Presidente, o assunto que estamos discutindo era sobre a aprovação ou não da iniciativa da federada carioca sobre a regulamentação do risco de vida e saúde para os médicos. Essa moção de desconfiança que acaba de ser votada por esse, por esse Conselho para mim foi uma bola na trave... Pois não foi nem bola fora... nem gol, nem bola fora! O assunto continua no campo... O que desejo saber é se esse Conselho aprova ou não, encampa ou não o trabalho desenvolvido nesta matéria pela AMDF.

O Conselho Deliberativo da AMB unanimemente, depois de me dar um voto de censura, aprovou e elogiou o trabalho feito pela sua federada carioca. A AMB encampou a iniciativa da AMDF. Na noite desse mesmo dia, durante um jantar de confraternização realizado na sede do Jôquei Clube, tive a oportunidade de lançar o nome de Hilton Rocha como candidato à reeleição. (Ele não aceitou, não! Estava cansado!) Em fins do decênio de 50, começou a surgir da lides da AMB ... É, agora eu vou responder a...

AP - Não, o sr. podia, em vez de ler, o sr. podia falar sobre esse caso aí... Fica mais rico pra nossa entrevista. Se for pra ler, a gente...

RP - (TI) um delegado de representação paulista, homem inteligente e ambicioso que havia começado [sua simples participação] como empregado remunerado da AMB, na qualidade de responsável pela edição do jornal do JAMB, Jornal da AMB e do BAMB, Boletim da AMB.

AP Esse jornal existia desde quando?

RP - Desde a Fundação.

AP - Ele era...

RP - Era... era um razoável articulista, escrevia corretamente com boa redação. E sob, a devida confiança dos desinteressados componentes da diretoria da entidade, [expressar] lá nos órgãos oficiais da AMB, suas próprias ideias, por vezes em desacordo com as decisões dos órgãos máximos da entidade: a Assembléia de Delegados e o Conselho Deliberativo da AMB. Esse indivíduo, cujo nome não mencionarei para não macular as páginas desse livro e que chamarei de... pelo apelido de Imperador, tão bem julgado em genial artigo de Júlio Sanderson, graças a sua astúcia conseguiu chegar a função de secretário-geral nos biênios de 63/65 e 65/67. Na AMB o secretário-geral detém imenso poderes principalmente se o presidente for fora, reside fora de São Paulo, podendo omitir e adulterar fatos e informações necessárias ao esclarecimento do presidente ou da, ou da diretoria. Como nessa época manipular a entidade e a montar o seu império. Elegeu-se presidente da AMB em 67 e foi sucessivamente reeleito durante 14 anos, sempre cortejando o poder ditatorial, mas sempre, mas nem sempre servindo a categoria médica. (Isso era o Pedro Cassab!)

AP - Paulista!

RP - Paulista....

AP - Tá vivo ainda?!

RP - Ele queria ser Ministro da Saúde!

AP - Tá vivo ainda?

RP - Tá! Reelegeu-se presidente da AMB em 67. Foi sucessivamente reeleito durante 14 anos, sempre por, cortejando o poder ditatorial, mas nem sempre servindo a

categoria médica. Sua grande oportunidade surgiu com a revolução de 64, quando vislumbrou a possibilidade de afastar da entidade médica a federada do Estado da Guanabara, a AMEG, novo nome da Associação... da AMDF devido à criação do Estado da Guanabara.

Com o decidido apoio do então presidente da AMB (que era Flores Soares) naquele exercício 63-65, denunciaram a...

Fita 13 - Lado A

RP - Essa relação dos médicos dedurados por sacripantas da AMB, do Sindicato e da Sociedade de Medicina e Cirurgia, foi levada também ao Governador da Guanabara, Carlos Lacerda. que teve a sensatez de [ver] a opinião de seus verdadeiros amigos, os saudosos Antônio Dias Rebelo Filho e Jaime Rodrigues. O governador da Guanabara enviou um Alto Comando: seu secretário de segurança para apurar as denúncias. (Isso foi logo no começo de março... de abril de 64). Como isso não... Como isso não aconteceu porque a denúncia era infame e mentirosa, conforme comprovado pelos órgãos de repressão daquela época, a AMEG nunca foi molestada e os delatores mudaram de tática.

Muito antes do golpe de 64 a diretoria da AMB, contrariando seu próprio estatuto, tentou representação no Sindicato médico, porque tinha uma federada em cada estado. Se velho aliado é contra a federada local, que foi rejeitado pela assembléia de delegados [realizada] em Salvador em 1962. Eu liderei essa rejeição.... em Salvador.

Ante essa derrota, a diretoria da AMB escolheu outro caminho. Promoveu a modificação da veneranda Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, numa assembléia em que compareceram 12 dos seus 300 e poucos sócios quites, e com essas modificações foram criadas condições para que essa sociedade pudesse tratar dos interesses profissionais dos seus associados e também para realização de convênio com outras entidades médicas, assegurando aos associados desta, sem obrigação... o direito de serem considerados sócios efetivos daquela sem obrigação de natureza peculiar. Com essa manobra os maquiavélicos da AMB [e seus comparsas] no Rio de Janeiro pretendiam aumentar o quadro da veterana Sociedade de Medicina e Cirurgia e torná-la numericamente mais forte que a federada local. Quanta miséria! Quanta sordidez! Os médicos que trabalhavam em nossa cidade naquela época denominada Estado da Guanabara, constituíam a maior densidade médica do país. Quase todos estipendiados pelos poderes públicos, e geralmente acumulando mais de um cargo, medida essa que foi combatida pelos próceres da AMB. Naquela época o Rio de Janeiro tinha uma densidade médica de 2.515 (Aqui é que houve um erro!) por 1.000.000 de habitantes, né!... Eu tinha posto 1.000... Eu tinha escrito por 1.000. São Paulo 0,460 por 1.000.000... E a capital do país já era [Brasília].

AP - Isso o sr. está em que página do livro, dr. Renato?

RP - Estou na página 113.

AP - Muito bem!

Dr. Renato, vamos então retomar aqui a nossa conversa. Quer dizer, existia aí, o sr. tá vendo, e o sr. está... é... brilhantemente acrescentando uma série de dados, não é, a respeito da relação conflituosa existente entre a AMB e a AMDF.

RP - Sim!

AP - E podemos resumir dizendo, se o senhor concordar comigo, que a AMB ainda insistia naquele modelo do médico... liberal, do médico privado,...

RP - Pode...

AP - ... não é? E a AMDF já se... se comprometendo mais com esse médico funcionário público, esse médico que também trabalhava...

RP - Quando o governo deu... quando o governo federal deu direito de acumulação de dois cargos pelo médico do serviço público...

AP - Isso foi em que ano, essa acumulação?

RP - Isso foi mais ou menos na década de 40...

AP - Com Vargas ainda? Com o Estado Novo?

RP - Acha que... Não. Depois do Vargas.

AP - Dutra?

RP - Talvez Dutra... A... a AMB lançou uma palavra de ordem em que o médico só pudesse ter um emprego único e bem remunerado. Mas no início não era bem remunerado. Então, vários colegas do interior de São Paulo, principalmente do Vale do Paraíba, era uma zona vizinha daqui, pediram demissão de seus cargos...

AP - Obedecendo orientação da AMB.

RP - Da AMB... Pediram demissão! Mas, quando viram que o negócio não pegou, voltaram a pleitear a reintegração, e foram reintegrados.

AP - Foram reintegrados!

RP - Foram!

AP - E como é que o sindicato se posicionava a esse respeito?

RP - Aqui no Rio?

AP - É.

RP - Aqui no Rio não pegou, não. Esse negócio de pedir demissão não pegou, não.

AP - Não, né!

RP - Não!

AP - E esse...E esse... E esse...

RP - O pessoal só gritava na AMDF.

AP - Esse... esse espírito de demissão era... era o exemplo da posição da AMB diante desse caso, né?

RP - Era, [naquele, naquele] caso.

AP - Agora, Dr. Renato, então e esse Código de 53, o senhor teve algum tipo de participação na elaboração desse Código?

RP - Não! Nesse código, não!

AP - O sr...

RP - Esse código foi feito pela AMB.

AP - Lá em São Paulo?

RP - Numa assembleia... acho que feita em São Paulo! A AMB fazia assembleia em vários pontos. Fez assembleia... Eu fui delegado da AMB, da federada local da AMB, no Ceará, na Bahia, em São Paulo, em Minas Gerais, Juiz de Fora, em... Porto Alegre...

AP - O sr. era filiado a todas essas AMBs?

RP - Eu era... A AMB... tinha o órgão máximo que era a assembleia de delegados.

AP - Certo!

RP - Tantos delegados de acordo com um... com um determinado número de associados quites perante a AMB. As federadas. Era uma federação. A AMB... a Associação Médica do Distrito Federal nunca pagou; (PI) [adiantava pagar], sempre dava um número menor...certo? Mandava dinheiro menos... menos dinheiro para a AMB. De modo que tinha uns 8 ou 10 delegados, enquanto São Paulo tinha 20 e tantos... São Paulo tinha...

AP - Agora, dr. Renato, a AMB foi fundada quando?

RP - A AMB foi fundada um ano depois da AMDF.

AP - Em que ano?

RP - Em 50.

AP - E desde que foi fundada tinha esse JAMB?.

RP - Tinha.

AP - Jornal da AMB.

RP - Jornal da AMB.

AP - Tá certo! Quer dizer, através desse jornal da AMB talvez a gente consiga...

RP - E tinha, e tinha o BAMB, que era o boletim da AMB.

AP - Ah, tinha o BAMB e tinha JAMB.

RP - JAMB era o jornal da AMB.

AP - Qual era a diferença de um e de outro?

RP - Um... o jornal da AMB publicava artigos científicos.

AP - Que era o JAMB!

RP - Era uma revista...

AP - (TI). Era o JAMB.

RP - É... Eu até botei fora... eu botei no lixo todos que eu tinha aqui.

AP - O sr. botou no lixo por que, dr. Renato?!

RP - Porque enchia a minha estante.

AP - Tá certo! E o BAMB o sr. colocou no lixo também, dr. Renato?!

RP - Também coloquei.

AP - Tá certo! Mas o BAMB era...

RP - O BAMB era que dava notícias administrativas da AMB... (PI) do Conselho Deliberativo.

AP - E.. sobre a criação do Código também, né!

RP - É porque eles faziam o seguinte: eu me lembro que numa assembleia do Paraná... eu divergi... [e coisa. Eu digo:] Eu sou que o que eu vou dizer aqui não adianta nada, porque isso está sendo gravado mas não vai ser passado nunca... nunca [comigo] é divulgado. E a AMB fazia isso. O que era dito por delegado do Rio... Eles não divulgavam...

AP - Não saiu no JAMB, não!

RP - Não saiu no JAMB!

AP - O sr... o sr... a sua opinião não saía no JAMB!

RP - Não! Algumas saíram... algumas saíram... Eu sempre dei... eu dei muito cacete neles... no pessoal da AMB... dei, dei mesmo!

AP - Eles eram elitistas, dr. Renato?!

RP - Agora lembrei: Alípio Correia Neto era o nome do médico que eu queria lembrar, que foi o primeiro presidente da AMB. Esse era um homem decente.

AP - Tá vivo ainda?!

RP - Já morreu!

AP - Agora o... o senhor falou que o sr. metia o cacete na AMB... era por motivo dessa... dessa maneira... eles eram um pouco elitistas, talvez, não?!

RP - Não, eram por sujeiras que eles faziam lá.

AP - Sujeiras!

RP - É, sujeiras! Decidia-se um troço e a diretoria fazia ao contrário... o secretário fazia ao contrário... A AMB só... só melhorou depois da década de 80...

AP - Sim, mas nós não vamos chegar...

RP - Quando derrubamos o Cassab!

AP - Sim, mas aí... isso aí já vira outra...

RP - Aí é outra historia... a derrubada do Cassab!

AP - Eu tenho uma fotografia derrubando o muro da AMB.

AP - Quem (PI) derrubando o muro da AMB?

RP - Porque tinha um muro na... ela tem a sede lá em São Paulo.

AP - Ah!

RP - Tem um muro... Nem os associado da AMB podia entrar na sede da AMB sem se anunciar antes... na campanha...

AP - Tocar a campanha.

RP - Tocava a campanha e dizia quem era. Conforme fosse o desejo do Cassab, entraria na sala da diretoria. Era um feudo aquilo lá! De modo que nós fizemos uma caravana aqui quando derrubamos o Cassab... fomos derrubar o muro da AMB. Eu tenho uma fotografia...

AP - Quem é que foi derrubar o muro, dr. Renato?! Foi o sr.?

RP - Os médicos todos do Rio... o [Chastinet]... Eu... Todos os médicos do Rio.

AP - Mas derrubar o muro! Ele é literal isso? Foi derrubar literalmente o muro literalmente o muro?

RP - Derrubar com, com, com picaretas...

AP - Picaretas!

RP - Marretas... Era um muro de pedra! Dessa altura... [*Dr. Renato ri*]

AP - O sr. guarda boas recordações não é, dr. Renato?

RP - Guardo!

AP - Bom, então, é... sobre o Código de 53 o sr. sabe pouco?

RP - Só sei dizer que foi feito pela AMB

AP - Só isso que o sr. sabe!

RP - É.

AP - O sr. poderia opinar ou comentar alguma coisa do texto do Código?

RP - Não, não. Não porque já passou na minha cabeça. (TI) .

AP - Porque nós tínhamos...

RP - Tinha sim de bom tinha uma coisa: esse Código de 53 proibia o médico que cobrasse salários... cobrasse de colegas seu ou de pessoas da família que vivesse às dispensas do médico. Na última reforma feita agora, não foi pela AMB, pelo novo Conselho Federal de Medicina Federal... desapareceu isso. Eu tenho o código aí. Não tem.

AP - Tá certo! Dr. Renato, então... já que o sr. o sr. não teria condições de fazer nenhum comentário sobre o Código da AMB de 53 e depois que ficou promulgado em 57 com o presidente Juscelino?

RP - O Código de 57 é um código... feito pela AMB...

AP - É, praticamente a cópia de 53...

RP - É, cópia de 53.

AP - A... a seu respeito o sr. não poderia tecer nenhum comentário?

RP - A meu respeito?

AP - A respeito do Código de 57...

RP - Não, não posso, não! Eu não participei.

AP Mas o sr. Lembra... (TI)

RP - Eu me lembro... eu me lembro que quando, em 57, o Congresso depois de quase 10 anos... de 45 a 53... 8 anos... soltou a... a criação do Conselho Regional de Medicina... dos Conselhos de Medicina... eu já advertia.. conversar com Juscelino um assunto qualquer médico lá, ou do interesse da classe médica... e...ele disse: O Renato, (TI) brigar tanto, eu sanciono ou veto este [troço aí]. Eu [tinha lido], digo acho que deve aceitar, deve sancionar. É também acho.

AP - Mas esse... Conta um pouco desse projeto desse. Por que que ficou tão moroso isso no Congresso, dr. Renato? Por que demorou tanto tempo?

RP - Porque havia a própria pressão do sindicato, através de seus elementos da UDN, que combatia o governo Juscelino...

AP - Quem era o deputado que defendia o projeto?

RP - Tinha vários deputados...

AP - Sim, mas tinha algum que era autor do projeto da criação do Conselho?

RP - Não sei, não me lembro.

AP - O sr. não lembra nem o número do projeto?

RP - Aquele papelzinho que eu te dei aí pra ler tem o nome do Projeto.

AP - Qual papelzinho que o sr. me deu pra ler?

RP - Tá aqui atrás. Deve estar aqui.

[Longa pausa. Nesse momento procuram o papelzinho...]

RP - Estava aqui...

AP - Então deixa, dr. Renato! Deixa! Não precisa recorrer aí aos seus papéis não! É só para lembrar aqui o seguinte: Então o sr. acha que demorou tanto assim porque o sindicato pressionou contra.

RP - Porque... porque... Eles... porque o sindicato não queira que saísse isso.

AP - Por que o sindicato não queria que saísse isso?

RP - Porque achava que ele, o Sindicato, é que devia exercer as funções do Conselho. Então não saiu, foi (PI) lá. Eu não sei onde está, não!

AP - Mas enfim, teve esse, esse , essa lei que tramitou no Congresso durante muitos anos até que... o presidente Juscelino promulgou a lei, e o sr. acha que o seu... o seu parecer junto a ele foi decisivo nessa...?

RP - Não, não foi decisivo, não! Ele ia fazer... ele ia sancionar...

AP - E se ele vetasse o negócio ia ainda enrolar mais um bocado.

RP - Enrolar mais.

AP - Mas então tinha o Congresso, de um lado, os defensores do projeto de criação...

RP - É.

AP - ... e de outro o sindicato...

RP - ... que pleiteava pra ele esse papel..

AP - E a UDN também?

RP - A UDN era um partido de oposição ao governo.

AP Mas o que que a UDN tinha que... a... Qual a relação entre a posição do sindicato e a UDN?

RP - [quase] todos os dirigentes do sindicato eram udenistas...

AP - Ah, sim!

RP - Só que tem que eram médicos... alguns bons médicos... mas eram... como políticos e como analistas do progresso, progresso político do país não serviam, não! Não entendia nada! Entendia de clínica, de cirurgia, da sua especialidade.

AP - Agora, esse... esse debate em torno da aprovação desse projeto foi objeto de polêmica que saiu na imprensa ou era uma coisa meio dos gabinetes?

RP - Não... o negócio de vez em quando vinha na imprensa... como o negócio tava crônico. Levou 8 anos...

AP - Pois é.

RP - ...de 45 a 57...

AP - São 12 anos..

RP - É... 12 anos. [Mas] um dia tinha que sair.

AP - Vira e mexe saía na imprensa.

RP - De vez em quando!

AP - A imprensa médica também acompanhou esse debate?

RP - Acompanhava.

AP - O jornal do dr. Neves Manta?

RP - Neves Manta principalmente.

AP - Mas o jornal do dr. Neves Manta era favorável a criação do Conselho ou o contrário?

RP - Ah, isso eu não me lembro. Não me lembro porque...

AP - Ou era um jornal aberto ao debate? Existiam as várias tendências...

RP - Não, ele tinha... O Neves Manta é um homem muito inteligente... você vai conhecê-lo e vai vê-lo... e... e liberal... liberal na... na rigorosa acepção desse termo. [Ele não] foi um reacionário, não!

AP - Sim... Mas ele permitia a polêmica no seu jornal ou ele defendia uma posição única a esse respeito?

RP - Ele às vezes admitia a polêmica... Dava liberdade de qualquer um falar.

AP - Chamava Folha Médica, né?

RP - Não! Chamava-se... Imprensa Médica.

AP - Imprensa Médica.

RP - Folha Médica era um outro jornal médico que tinha... que era dirigido pelo Genival Londres.

AP - E essa era o quê? Essa Folha Médica?

RP - A Folha Médica... Ele era um dos diretores e dono da Folha Médica... tinha sede na rua... na rua... na Av. Mem de Sá...

AP - Ele... Era... era um jornal mais científico, ou era jornal de notícias também?

RP - Era um jornal científico e de notícias, também.

AP - Como é que se chamava o diretor que o sr. falou?

RP - Neves Manta.

AP - Não, o Folha Médica!

RP - A Folha Médica era o Genival Londres. Mas era... era... era só... era só científico.

AP - Genival?

RP - Londres.

AP - Esse era mais científico. O que tinha as duas coisas era o Imprensa Médica.

RP - Ele foi assim um... uma seção de 1/2 página... de 1/4 de página sobre noticiário de acontecimentos... morreu fulano de tal... necrológico... assim... Coisas de menor importância.

AP - Tá bom! Então, dr. Renato. sobre o código mesmo nós anotamos aqui algumas coisas, mas o sr. acha que o sr. não teria condições de nos esclarecer... Por exemplo, há menção a concorrência desleal entre médicos... e que eles coibiriam...

RP - Isso... isso existiu sempre... Existiu sempre... Tanto no Código da AMB como no código depois encampado pelo Juscelino, e existe [no atual] código ainda

AP - Então, tá certo! Eu queria, mais ou menos, encerrar a nossa entrevista, fazendo com o sr. uma... a gente chama... já está virando uma certa tradição no nossa... nosso trabalho, uma espécie de um balanço da sua vida profissional. Desde quando o sr. começou a querer ser médico, o sr. entrou na faculdade, o sr. se formou, teve seus primeiros...

RP - Mas eu já disse tudo isso...

AP - ...clientes profissionais... Pois é! Eu queria perguntar pro sr. Sobre o mercado, dr. Renato. No início de sua carreira até hoje... o sr. acha que a atividade de cirurgia se modificou muito?

RP - Muito, muito!

AP - E o que que o sr. gostaria de ressaltar?

RP - Grandes novidades técnicas.

AP - Novidades técnicas?

RP - A medicina cresceu muito e a cirurgia também.

AP - E... o sr. acha que essas novidades técnicas...

RP - Quando eu ingressei na Assistência, em 33, fazer uma transfusão de sangue eram um drama... só havia um doador de sangue universal lá, que era o enfermeiro-chefe do Pronto-Socorro, [um sujeito] chamado Antônio Varejão. Varejão doou tanto sangue que ele teve uma pensão dotada pela Câmara Municipal, sancionada pelo Pedro Ernesto. Além dos vencimentos dele de enfermeiro-chefe, ainda tinha uma pensão. E ganhou uma casa dada pela prefeitura na Av. Salvador de Sá. Ele morava lá!

AP - O sr. acha então que a tecnologia na cirurgia...

RP - Ah...

AP - ...mudou muito a cirurgia...

RP - Mudou muito.

AP - E aumentou o prestígio da cirurgia?

RP - Aumentou!

AP - E a eficácia?

RP - Basta ver o...a cirurgia cardíaca de hoje que se faz. Faz-se ressecção (PI). A a... cirurgia endoscópica...

AP - A cirurgia com isso deixou de ser arte?

RP - Não, continua arte, cada vez mais arte.

AP - Mas com essa tecnologia toda!

RP - Mas tecnologia precisa saber fazer. Não é qualquer um, não! A cirurgia...

AP - Sim! Porque todo mundo normalmente se associa a...o trabalho de um cirurgião ao trabalho de um pintor... de um artista.

RP - Eu uma vez num pronto-socorro... isso... na década de 50, mais ou menos... eu... operei um ferimento cardíaco.. Não tinha dentro do pronto-socorro um aparelho de eletrocardiograma... não tinha! ou melhor, tinha um que tava quebrado, e não consertavam... Eu fiz um eletrocardiograma desse doentes... dessa doente (era uma mulher) com o auxílio do Dr. Aluísio Miranda, que era (TI) um bom cardiologista, que era um interno nessa época no serviço do [Capriglione], e levava o aparelho para tirar... se... se fazer os eletrocardiogramas. Hoje qualquer consultório médico tem um aparelho de eletrocardiograma. A medicina cresceu muito.

AP - Então, é... Um outro assunto...

RP - A cirurgia, principalmente, com o advento da anestesia... da intubação endotraqueal com a anestesia controlada, o sangue, e com a aparelhagem mais moderna .

AP - Agora é... Eu vou fazer uma pergunta para o senhor agora aqui. é... Eu vou perguntar aqui ao senhor. Qual... eu vou falar aqui 5 princípios e eu queria ver qual que o sr. acha que é o mais importante, ou que o sr. considera imprescindível pro exercício da medicina: Segredo profissional;

RP - É... é...

AP - Liberdade da escolha do paciente pelo médico;

RP - Também!

AP - Liberdade de prescrição; Liberdade de instalação; Pagamento no ato.

RP - Pagamento no ato eu não...

AP - A relação liberal clássica!

RP - Pagamento no ato eu não acha que é... que seja indispensável. Os outros quatro são.

AP - Segredo profissional...

RP - É...

AP - ...liberdade de escolha do paciente pelo médico...

RP - É.

AP - ...quer dizer, o médico poder escolher o paciente... e o paciente poder escolher o médico...

RP - É.

AP - ...liberdade de prescrição, quer dizer, você não depender...

RP - É.

AP - ...de outra pessoa pra prescrever, e liberdade de instalação.

RP - Instalação... local pra?...

AP - Isso!

RP - Pra cirurgia é (TI)...

AP - Agora... como é que é o perfil ideal do... do paciente, dr. Renato? Ele deve ser informado ou não?

RP - Eu acho que deve ser informado.

AP - Sensível?

RP - Se é sensível?

AP - Se ele deve ser sensível.

RP - Sensível a quê?

AP - Ao que está acontecendo.

RP - Ele deve estar, estar informado do que vai... o que pode acontecer com ele.

AP - Fatalista?

RP - Não, fatalista não!

AP - Dócil!

RP - O... o paciente?

AP - É!

RP - Mais ou menos dócil.

AP - Cooperativo?

RP - Com o cirurgião?

AP - Com o médico... com o cirurgião!

RP - Lógico!

AP - Exigente.

RP - Acho que ele deve exigir.

AP - Ou fiel?.

RP - A fidelidade é um troço muito, muito precário, né! Escuta tem sorvete, tem sorvete?

A - É isso que eu ia perguntar.

RP - Quer um sorvetinho.

AP - Não, eu gostaria de mais um copo de água, por favor!

A - Não quer sorvete?!

S - Obrigado!

AP - Obrigado!

A - Não quer?

S - Não, obrigado!

AP - É que eu estou... eu estou precisando fazer uma dieta. O médico falou e estou obedecendo. Eu sou um paciente fiel!

A - Tem bolo... tem...

AP - Meu colesterol está muito alto! Médico falou que...

RP - Você tá gordinho, sim! [*Dr. Renato ri*]

AP - . O Dr. Renato, então , visto isso, é... e sobre a sua vida associativa? O que que o sr. acha que a sua vida associativa trouxe pra sr.?

RP - Trouxe muito ensinamento, muita solida... eu desenvolvi a... a solidariedade, não sou egoísta, não sou ambicioso, não sou mercenário... Isso, isso eu aprendi com meu pai e com a vida associativa. O meu pai sempre foi um homem altamente associativo.

AP - E... até que ponto a vida associativa ajudou a sua vida profissional e vice-versa?

RP - É uma pergunta difícil de responder. Diz minha mulher prejudicou quando às vezes eu me dedicava mais... às atividades associativas do que às...às

AP - O que a sua mulher fez?

RP - Diz que a minha vida associativa prejudicava minha atividade profissional! Quer trazer um pouco d'água pra mim também?!(risos)

AP - Mas prejudicava senhor?

RP - Não, eu acho que não!

AP - Ser líder...

RP - Eu sempre gostei de trabalhar... com comodidade, e... e pra fazer o que eu fazia na minha vida associativa que foi imensa, você pode ver aqui. Eu não podia almejar ser o can-can da clínica, como era um Paulo César, um Jorge Gouveia, um Fernando Paulino... me contentava... Eu não, eu não tinha ambição grande, não!

AP - O sr. não queria ser o can-can da clínica, não?

RP - Não. Nunca quis ser.

AP - Pra ser can-can da clínica dá pra ser líder médico sindical?

RP - Não dá!

AP - Ou é can-can da clínica ou líder sindical. Não dá pra ser as duas coisas.

RP - Não! As duas coisas não dá.

AP - Por que, hein?!

RP - Porque exige muito sacrifício!

AP - Qual das duas que exige muito sacrifício?

RP - A... a atividade associativa.

AP - Ah, sim. E a do can-can da clínica, exige...

RP - Também exige!

AP - Nessa época o sr. fez menção aí aos... aos can-cans... Dr. Paulino...

RP - Gouveia, Paulo César Andrada... Da clínica cirúrgica! [E] havia na clínica médica havia... Miguel Couto, por exemplo (TI)...

AP - O ser líder médico sindical lhe trazia clientela?

RP - Não!

AP - E afastava clientela?

RP - Às vezes afastava.

AP - O sr. não tinha tanta disponibilidade assim...

RP - Não... Havia muito...muito... muita... muita inveja...

A - Quem quer um?

RP - Não!

AP - [Obrigado.] Ah, isso aqui é... é tâmara, né?! Acho que eu posso comer isso não é?!

RP - [Vê uma só para mim]

AP - Isso não é açúcar?!

RP - Não... tem pouco!

S - Não, não, obrigado!

A - Não?!

S - Não!

AP - Havia inveja de que, dr. Renato?

RP - Inveja de... da gente ser [destituído]...

AP - Da gente ser o quê?

RP - Havia muita inveja por parte dos colegas...

AP - Entre os médicos a concorrência é muito grande?

RP - Ainda é!

AP - Deslealdade muito grande?

RP - Não sei se [propriamente] (TI) de deslealdade... Há médicos decentes. Esses três que eu citei foram cirurgiões que dominavam as clínicas no Rio de Janeiro durante algumas décadas...Gouveia... Jorge Gouveia, Paulo César Andrada e Fernando Paulino... todos eram éticos... Mas tinha muita gente que não gostava deles... [Foram humanos]...

AP - Eu acho que...

Fita 13 - Lado B

AP - Eu acho que... a gente mais ou menos tá chegando ao fim da nossa conversa...

RP - Eu quero [ver] depois isso, hein?

AP - Quer ver depois isso?

RP - Quero ver!

AP - É... o nosso... como o sr. viu aqui...

RP - Então, você que disse que isso vai passar pra... pra um... pra um relato?

AP - Não, eu vou falar pro senhor! É... Como o sr. viu aqui no projeto... Nós vamos... é... esse trabalho vai... vai... vai sofrer... é... primeiro, uma... um resumo dessa entrevista.... vai ser feito um resumo, e vai ser feita uma ficha biográfica. E essa... Esse resumo e essa ficha biográfica vão se unir aos outros resumos e outras fichas biográficas e vão constar num livro. Agora, a entrevista como um todo ela vai ser transcrita literalmente.

RP - Aonde?!

AP - Por nós, e vai ser guardadas as fitas e a transcrição.

A propósito, eu trouxe aqui um rascunho de uma cessão de direitos... se o sr. estiver de acordo... é... depois o Sérgio traz pro senhor aqui, não... não rabiscado desse jeito, direitinho...

[*Longa pausa*]

Não, péra aí! Não desliga, não! Tá aí não tá. Ah tá. É porque a... essa cessão de direitos é só uma... uma medida cautelar jurídica que a gente tem. As fitas vão ficar guardadas lá na fundação para qualquer pesquisador que... de agora até o... próximo milênio...

RP - Espero que não aconteça o que aconteceu em vários hospitais do Brasil.

AP - O que foi?!

RP - Hospital Carlos Chagas, depois de muitos anos funcionar lá em Marechal Hermes, apareceu... um... diretor que destruiu todo o arquivo do hospital, botou fora, botou no lixo, queimou todo arquivo do hospital. É assim...

AP - Por quê?

RP - Porque, queria espaço!

AP - Essa mentalidade...

RP - Mentalidade dessa gente.

AP - Dessa gente, né?!

RP - Eu como sempre fui um guardador emérito de documento antigo, tenho facilidade... Escrevi esse livro... esse livro foi escrito por mim com um mês só. Por que eu tenho tudo aí guardado... nos arquivos [implacáveis]...(risos)

AP - É, né?! Na verdade, esse livro foi escrito...

RP - Não era só João Conde que tinha os arquivos [implacáveis]

AP - É, na verdade esse livro foi escrito em 80 anos, né Dr. Renato?

RP - É.

AP - Porque o sr. foi guardando toda a vida os documentos, chega numa hora que o sr. só reúne...

RP - Só reúne...

AP - ...e escreve.

RP - É muito fácil!

AP - E mais a memória, mais a lembrança...

RP - A memória tá boa!

AP - Lá na fundação existe essa Casa do Oswaldo Cruz, que é essa... essa parte da Fundação que tem esse objetivo.

RP - [Bem disse] o meu amigo e colega de turma, Carlos Chagas Filho...

AP - Sim.

RP - Professor Carlos Chagas Filho... ele tá escrevendo as memórias dele. Você sabe disso?

AP - Sim! Ele publicou as memórias do pai!

RP - Do pai! Agora está escrevendo as dele.

AP - Sim! O livro dele... que ele escreveu as memórias do pai foi publicado por nós... pela Casa Oswaldo Cruz! O sr. tem esse livro?

RP - Não, não tenho não!

AP - Então eu vou ficar devendo pro sr... o Sérgio...

RP - Isso eu quero, isso eu quero...

AP - Quando o Sérgio vier trazer a cessão de direitos, eu faço questão de...

RP - Porque o Carlinhos ele é meu colega de turma e ele deu um almoço na... quando nos fizemos, fizemos, comemoramos nosso aniversário de formatura, ele disse estava escrevendo as memórias dele...

AP - Então tá bom.

RP - Tá muito doente!

AP - Tá doente, né?!

RP - Tá! Mas ele vai três vezes por semana em cadeira de rodas... ao Fundão... ao Instituto de Biofísica.

AP - Tá bom, dr. Renato, acho que... ficamos por aqui e...

RP - Foi um prazer!

AP - Agradeço a sua atenção...

RP - Foi um prazer!

AP - ... e o seu interesse. Desculpe aí qualquer... todas as nossas trapalhadas, aí!
Encerramentos aqui a nossa entrevista. Até a próxima!

RP - Muito obrigado!